

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

ALDERICO SEGUNDO SANTOS ALMEIDA

(ENTRE) LINHAS E DISCURSOS:

Estudo sobre homossexualidade e homofobia em livros de Sexualidade e Educação Sexual do ensino médio em escolas públicas de São Luís, Maranhão

São Luís

2021

ALDERICO SEGUNDO SANTOS ALMEIDA

(ENTRE)LINHAS E DISCURSOS:

Estudo sobre homossexualidade e homofobia em livros de Sexualidade e Educação Sexual do ensino médio em escolas públicas de São Luís, Maranhão

Dissertação apresentada para defesa no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional.

Linha de Pesquisa: Formação de professores e práticas educativas

Orientador: Prof. Dr. Jackson Ronie Sá da Silva

São Luís

2021

ALDERICO SEGUNDO SANTOS ALMEIDA

(ENTRE)LINHAS E DISCURSOS:

Estudo sobre homossexualidade e homofobia em livros de Sexualidade e Educação Sexual do ensino médio em escolas públicas de São Luís, Maranhão

Dissertação apresentada para defesa no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional.

Linha de Pesquisa: Formação de professores e práticas educativas

Aprovado em: 15/02/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Jackson Ronie Sá da Silva (Orientador) – PPGE/UEMA



Profa. Dra. Márcia Cristina Gomes – PPGE/UEMA



Profa. Dra. Nilvanete Gomes – IFMA

Dedico a todas as pessoas LGBTQIA+, pretas e femininas e afeminadas, que são diariamente desrespeitadas, invisibilizadas, violentadas e assassinadas no Brasil. À todas crianças e adolescentes consideradas “viadas” ou que, assumidamente, se veem como “viadas”, pois a resistência delas na escola me motiva a escrever, sobretudo, para que esse espaço escolar seja mais acolhedor não só para quem estuda, mas para quem também trabalha.

AGRADECIMENTOS

A Oxalá, pai de todes nós! Saravá!

A Oxum e Oxóssi, donos de minha cabeça, senhores de tudo o que faço, fiz e farei! Que seja farta minha vida em prosperidade, saúde e força! Que do ouro que sai de teu rio seja feita a armadura que me defende de todo o mal!

A Maria das Graças, São Sebastião e todas as demais entidades de luz, por terem me concedido paz e sabedoria que me mantiveram firme durante todo esse processo de estudo e pesquisa no mestrado e fora dele! Axé!

À minha mãe, Maria Ribamar Silva, pela revisão ortográfica e gramatical de todo o texto, e por todos os conselhos e proteções ao longo de minha vida, sem a senhora eu não teria me reerguido por tantas vezes; obrigado pelas palavras e atitudes enérgicas que somente uma mãe poderia fazer para ver seu filho de pé, mesmo não sendo o mais adequado naquele momento, mas eu compreendo. Te amo!

Ao meu pai, Alderico José Santos Almeida (Dedequinho), a quem tenho a honra de carregar o mesmo nome, e ser colega de profissão. Um sujeito inspirador, que despertou em mim, assim como minha mãe, o gosto pela leitura e escrita, pelas artes e pela cultura popular. Obrigado não só pelos ensinamentos e conselhos, mas pelo abrigo e aconchego. Pela ternura e leveza ao me levantar do chão, tantas vezes, nessa dura caminhada, mostrando que, por vezes, a chave de tudo está em mim mesmo! Te amo!

A minha madrastra Socorro Castelo Branco (Nina) por ter sido tantas vezes uma mãe para mim, seja num momento de conselho seja num momento de doença, ou uma bronca que merecia ouvir. A ti sou grato pelo maior de todos os presentes que poderias me dar, a Yasmim, que, além de irmã, você me entregou a responsabilidade de ser seu padrinho; então, assim, quero honrar esse nosso laço eterno! Te amo!

Agradeço a meus irmãos, Adroaldo, Marcony, Sam e Yasmim pelo respeito e acolhimento à minha orientação sexual; que vem a ser fundamental na minha vida, enquanto pessoa homossexual, levando em consideração que muitas pessoas LGBTQIA+ são expulsas de casa. E minha irmã Telícia, que se faz sempre presente em espírito!

À minha madrinha Lena e ao meu padrinho José Carlos, que me adotaram como afilhado, que apostam em mim e me ajudam de forma muito especial. Obrigado pelas conversas, orientações e aconselhamentos. Obrigado pela torcida! Amo vocês!

Ao orientador desta pesquisa, prof. Dr. Jackson Ronie Sá da Silva, por acreditar em mim e ter depositado sua confiança em meu profissionalismo e estudo. Obrigado pelas conversas intimistas, que algumas vezes me emocionaram, pois aprendi com o senhor que “uma precisa da outra”; então, estamos aqui, seguindo juntos nessa jornada que não é fácil, mas se torna mais leve quando se está entre iguais. Gratidão, professor!

Ao Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCEX), em particular, aos bolsistas de iniciação científica, Gleicyane Martins Soares Silva (curso de Pedagogia/UEMA), Gabriel Felipe Serra de Sousa (Curso de Ciências Biológicas/UEMA); à profª. Vitória Raquel Pereira de Sousa, e ao prof. Otávio Augusto de Moraes, pela dedicação e muita colaboração nas leituras e pesquisa e, também, pelas conversas informais que acabaram por nos unir e nos ajudar a seguir em frente, diante das adversidades apresentadas ao longo do caminho em tempos de pandemia!

De modo muito especial, agradeço ao bolsista de iniciação científica Lucas Mendes Silva (Curso de Ciências Biológicas /UEMA) por me ajudar no processo de construção do e-book que vem a ser meu produto final de mestrado. Sua dedicação e cuidado para comigo e esta pesquisa me emociona e me faz acreditar que o trabalho coletivo é essencial! Obrigado amigo!

À Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPEMA) e à Universidade Estadual do Maranhão, pelo financiamento dessa pesquisa, por meio das bolsas de iniciação científica e pela aprovação do projeto maior, coordenado pelo prof. Dr. Jackson Ronie Sá da Silva!

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, por meio do Curso de Mestrado Profissional em Educação, bem como a suas professoras e seus professores que muito bem conduziram suas práticas docentes, permitindo, a mim, um amadurecimento acadêmico teórico e metodológico!

Aos professores e manas Carlos Wellington (obrigado pela normalização do texto, apoio emocional, logístico e empréstimo de livro!), e Luinaldo “Lui” (obrigado pela revisão do capítulo 5!). A ajuda profissional e amizade de vocês foi fundamental nessa construção coletiva de minha dissertação. Axé!

À colega mestrande e amiga-irmã, professora Wendla Borges, que foi um apoio fundamental durante toda minha jornada no mestrado e fora dele, quer seja nos estudos referentes às disciplinas quer na construção dessa pesquisa ou numa simples conversa sobre coisas da vida. Compartilhamos de um sentimento muito íntimo e profundo em nossas pesquisas, por vezes choramos separados, por vezes sorrimos juntos. Nem sempre concordando, mas sempre aprendendo, num jeito único de falar o que o outro/a outra precisa escutar. Para mim, você é um símbolo de luta que está não só em sua feminilidade, mas em seu feminismo,

sua cor, sua história social e cultural e em sua fé. Um exemplo de mãe, de estudiosa, de esposa, de amiga. Uma irmã que a vida me deu e que marcará toda minha história! Ubuntu!

Ao amigo e mana Tarcísio Welvis, que por diversas vezes segurou minha mão nessa jornada, fazendo o papel que muitas vezes nem um irmão de sangue faz! A você toda minha eterna gratidão! Sua história de homem preto, periférico e homossexual me inspira todos os dias na luta para que nossa comunidade LGBTQIA+ possa ser respeitada e, mais ainda, me inspira a ajudar essas mesmas pessoas a chegarem aonde chegamos, na qualidade de acadêmicos. Motumbá!

Ao prof. Pasini (in memoriam) que muito gentilmente me emprestou material para a construção de meu produto, mas não pude devolver. Não deu tempo! Uma saudade se faz em meio peito, mas com a certeza que te carregarei aonde eu for, em meus estudos e pesquisas! Evoé!

Ao professor e mana Nando Nascimento, pela parceria na Arte, Educação e na vida! Você me inspira muito! Mesmo de longe trocamos uma energia que nos mantém vivas! Lá se vão uns bons anos de amizade e cuidado entre nós! Deixo registrado meu amor imenso por te e minha saudade!

À Gabriella Pinheiro, João Barros, Ana Cristina Perdigão, Stefany Lima, Eriveth Teixeira, Sabrina Tangerina, Jessica Alencar, Júlia Naomí, Adam Mattos e Ricardo Bruno Santana (RB), que me inspiram com suas histórias de luta e resistência!

“Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.

Michel Foucault

RESUMO

Esta pesquisa teve como aporte teórico os Estudos Culturais em Educação, na perspectiva pós-estruturalista e, como principal ferramenta metodológica, a pesquisa documental, em que quinze livros paradidáticos, pertencentes ao acervo das bibliotecas das escolas: Centro de Ensino “Liceu Maranhense, Centro de Ensino Benedito Leite “Escola Modelo” e Centro Integrado do Rio Anil - CINTRA, foram analisados, trazendo como resultado a construção de seis categorias, ilustrando, assim, que os discursos sobre homossexualidade nesses livros, são identificados dentro de uma visão sociocultural, biomédica e psicológica. Verifiquei, também, nesses livros, diferentes visões sobre aquilo que entendemos por homofobia e educação homofóbica/sexista. E alguns desses livros analisados apresentaram um discurso que promove a educação para diversidade, fator que tem nos ajudado na construção de um produto final que possa auxiliar pedagogicamente professores e professoras das redes de ensino, pública e privada, nas discussões sobre sexualidade e educação sexual.

Palavras-chave: Homossexualidade. Homofobia. Educação para Diversidade.

ABSTRACT

This research had as theoretical contribution the Cultural Studies in Education, in the post-structuralist perspective and, as main methodological tool, the documental research, in which fifteen paradidactic books, belonging to the collection of the school libraries: Teaching Center “Liceu Maranhense, Centro Benedito Leite “Escola Modelo” and Centro Integrado do Rio Anil - CINTRA, were analyzed, resulting in the construction of six categories, thus illustrating that the speeches about homosexuality in these books are identified within a socio-cultural, biomedical vision and psychological. I also noticed, in these books, different views on what we mean by homophobia and homophobic / sexist education. And some of these analyzed books presented a discourse that promotes education for diversity, a factor that has helped us in the construction of a final product that can pedagogically assist teachers and teachers from public and private education networks, in discussions about sexuality and sexual education.

Keywords: Homosexuality. Homophobia. Education for Diversity

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descrição dos livros analisados	23
Quadro 2 - Divisão tipológica dos livros	
Quadro 3 - Legenda para categorização	26
Quadro 4 - Síntese do livro de SOUSA, Valquíria Alencar de. Por uma educação escolar não sexista . Organizadoras: Valquíria Alencar de Sousa, Maria Eulina de Carvalho. – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.	60
Quadro 5 - Síntese do livro de BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. Sexo e juventude : como discutir a sexualidade em sua casa e na escola. Organizadoras: Carmem Barroso, Cristiane Bruschini. – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2000. (Bibliotexa da Educação – série 1 – escola – vol 13)	61
Quadro 6 – Síntese do livro de PINTO, Ênio Brito. Orientação sexual na escola : a importância da psicopedagogia nessa nova realidade. São Paulo: Editora Gente, 1999	63
Quadro 7 - Síntese do livro de AQUINO, Julio Groppa. et al. Sexualidade na escola : alternativas e práticas. Coordenação: Julio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1997.	64
Quadro 8 - Síntese do livro de CUNHA, Beatriz Monteiro da. Amor e Sexo : assunto complexo? – Editora Evoluir: São Paulo, 2000.	66
Quadro 9 - Síntese do livro de ABROMOVAY, Miriam. Juventudes e sexualidade . Coordenadoras: Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.	67
Quadro 10 - Síntese do livro de MCLURKIN, Denise L. Questões sociais desafiadoras na escola : guia prático para professores. Tradução: Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Celso Avelino Antunes. AMGH: Porto Alegre, 2015.	69
Quadro 11 - Síntese do livro de PICAZIO, Cláudio. Sexo secreto : temas polêmicos da sexualidade. / Cláudio Picazio; com colaboração de Eduardo Bittencourt, Rogério Brugnera e Alexandre R. Araujo. – São Paulo: Summus, 1998.	70
Quadro 12 - Síntese do livro de PICAZIO, Cláudio. Diferentes desejos : adolescentes homo, bi e heterossexuais. Editora Summus: São Paulo, 1998.	72
Quadro 13 - Síntese do livro de ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. Ritos e ditos de jovens gays . Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.	75
Quadro 14 - Síntese do livro de SUPLICY, Marta. Conversando sobre sexo . 19 ed. Edição da Autora; Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1994.	78
Quadro 15 - Síntese do livro de SUPLICY, Marta. Sexo se aprende na escola . 2ª ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.	84
Quadro 16 - Síntese do livro de MEYER, Dagmar E. Estermann. et al. Saúde e sexualidade na escola . Editora Mediação: Porto Alegre, 1988.	88
Quadro 17 - Síntese do livro de FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. Sexualidade prazer em conhecer . Fundação Roberto Marinho, 2001.	92

LISTA DE SIGLAS

CCB	–	Centro de Ciências Biológicas.
CECEN	–	Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais.
CEGEDE	–	Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola.
CINTRA	–	Centro Integrado Rio Anil.
GGB	–	Grupo Gay da Bahia.
GEMGE	–	Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero.
GPENCEX	–	Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade.
LGBTQIA+	–	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexo e Assexuais
MA	–	Maranhão
MHS	-	Movimento Homossexual Brasileiro
OMS	–	Organização Mundial da Saúde.
MST	–	Movimento dos Sem Terra.
PPGE	–	Programa de Pós-Graduação em Educação.
UEMA	–	Universidade Estadual do Maranhão.
UFMA	–	Universidade Federal do Maranhão.
SECTI	–	Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado.
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 A CAMINHADA: NOTAS INTRODUTÓRIAS.....	12
2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	18
2.1 Da perspectiva teórico-metodológica.....	18
2.2 Ferramentas e pesquisa documental.....	21
2.3 Construindo o produto.....	27
3 A HOMOSSEXUALIDADE NAS DISCUSSÕES EDUCACIONAIS.....	29
4 A HOMOFOBIA E SEUS EFEITOS NA EDUCAÇÃO.....	40
5 DISCUSSÃO SOBRE O TEMA HOMOSSEXUALIDADE E O COMBATE À HOMOFOBIA EM LIVROS PARADIDÁTICOS DE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL.....	53
5.1 O tema da Homossexualidade em livros de Educação Sexual.....	58
5.2 O tema da Homossexualidade em livros Sexualidade.....	73
5.3 O tema da Homofobia em livros de Educação Sexual.....	95
5.4 O tema da Homofobia em livros de Sexualidade.....	102
6 PENSANDO NUMA EDUCAÇÃO PARA DIVERSIDADE.....	115
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS.....	131
APÊNDICES	

1 A CAMINHADA: NOTAS INTRODUTÓRIAS

Tenho adquirido, ao longo de minha vida, vivências em leituras de mundo, diálogos, observações, textos escritos, estudos, paixões, angústias, prazeres, tristezas, alegrias, fracassos e vitórias que são fatores fundamentais na minha construção, enquanto sujeito homossexual, umbandista, afeminado, negro, pobre, nordestino e jovem pesquisador dos aspectos que compõem a diversidade, tais como: o gênero e a sexualidade. Então, nesta seção, faço um esforço de não apenas relembrar a construção de projetos e realizações, mas também de destacar os percalços, as escolhas pessoais e profissionais que compõem hoje o mosaico de minha trajetória acadêmica. Levando em conta justamente essa relação entre passado e presente, apresento esta pesquisa que ora se inicia com meu ingresso no curso de Mestrado Profissional em Educação, por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Em 2007, quando me tornei aluno da primeira turma do Curso de Ciências Sociais – Bacharelado e Licenciatura – da UEMA, pela primeira vez me foi apresentado o tema “gênero e sexualidade”, por meio de uma atividade de campo, proposta pela disciplina Antropologia. Assim que fui a campo para tal pesquisa, percebi a complexidade em tratar desse assunto, pois, por eu ser um sujeito homossexual, julguei que esse fator me possibilitaria uma aproximação mais conveniente ao objeto de estudo. Mas, na verdade, ser homossexual não me isentava de atitudes preconceituosas e discriminatórias. Essas que, na maioria das vezes, reproduzimos em nossas práticas cotidianas. E foi dessa forma que escrevi um artigo repleto de “achismos”. Meu grande e primeiro erro metodológico.

Já, no terceiro período, um pouco mais firmado nos debates acadêmicos e na condição de aluno bolsista de iniciação científica, BIC-UEMA, desenvolvi uma pesquisa junto ao Movimento dos Sem Terra (MST), o que me possibilitou um convívio com a militância, embasado de um estudo sistemático de leituras sobre formação política e movimentos sociais. Nesse mesmo período comecei a participar dos movimentos sociais gays, de São Luís, mais precisamente do Grupo Gayvota.

Nessa pesquisa de iniciação científica, intitulada *Agricultura familiar e o Movimento dos Sem Terra: uma análise a partir dos assentamentos rurais no Maranhão*¹, tive a possibilidade de investigar a participação das mulheres e do seguimento LGBTQIA+² no

¹ (ALMEIDA, 2008).

² De acordo com o site da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Assexuais e Intersexuais - ABGLT, a sigla se recria a cada momento, mas todos os gêneros e as identidades são acolhidas

Movimento das Margaridas. Ali, pude compreender melhor as diversidades e diferenças, por meio de diálogos e de críticas propositivas. Percebi, então, que poderíamos intervir positivamente na sociedade, revelando fatos ocultos e mal compreendidos. Defendi tal trabalho na Semana de Iniciação Científica da UEMA, realizada em 2009, o que me rendeu uma Menção Honrosa, dada por esta instituição de ensino superior. Não posso deixar de registrar, também, a felicidade que senti nessa minha primeira conquista acadêmica.

No ano de 2011, fiz a defesa de minha monografia de graduação, intitulada *“Maranhensidade” na Casa de Nhozinho: uma análise de Antropologia Política*. Este trabalho culminou na apresentação de um artigo no X Encontro Humanístico, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em 2012, intitulado *O discurso do poder e o poder do discurso: a construção da identidade “maranhense” a partir do museu Casa de Nhozinho em São Luís do Maranhão*. Trata-se de meu primeiro artigo científico, que me projetou para os estudos de Michel Foucault.

Essa contribuição das Ciências Sociais, em relação a diversidade e diferença, estimulou-me a continuar os estudos em gênero e sexualidade. Assim, em 2013, ingressei na primeira turma do curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola – CEGeDE, na UFMA. E, por meio do convite de uma das professoras, eu me inseri no Grupo de Estudo sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero – GEMGE.

Na especialização, tive a disciplina: Gênero e Educação que me possibilitou a elaboração de um estudo sistemático, no que diz respeito à contextualização e historicização, pertinentes às questões de gênero e sexualidade na escola. A partir disso, compreendi, de forma dinâmica e pedagógica, a abordagem de tais assuntos em sala de aula, seja com estudantes seja com professoras/es. Essa construção culminou com a defesa de meu TCC da especialização, intitulado *A presença de Afrodite no ginásio de Atena: um estudo sobre sexualidade e orientação sexual no Centro de Ensino “Liceu Maranhense”*³, defendido no final do ano 2015, e que me rendeu mais uma honraria, no ano seguinte (2016), recebida diretamente das mãos do então Governador do Estado do Maranhão, Flávio Dino, a medalha e troféu “Maria Aragão”, bem como o diploma de mérito, no Prêmio Construindo Igualdade de Gênero, promovido pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado/SECTI.

nessa nova configuração que acrescenta sinal “+”, tais como não-binários, agêneros, polisssexuais, demisssexuais e etc. Portanto, é essa sigla que irei utilizar ao longo do texto: LGBTQIA+ e explicarei melhor na seção 4.

³ (ALMEIDA, 2014).

Paralelamente a essa rotina acadêmica, estive em processo de construção de minha identidade profissional. Por isso, enquanto professor, eu me senti incomodado várias vezes, ao observar a forma como o sistema educacional, quer seja ele público ou privado, oprime, marginaliza, minoriza, exclui, adocece e mata as pessoas LGBTQIA+, sejam elas crianças, jovens ou adultas/os.

Então, nesse viés, quando eu podia, “sabotava” o sistema e desenvolvia técnicas pedagógicas baseadas em “materiais proibidos” pelo olhar conservador. Fazia uso de filmes, revistas, livros, entre outros recursos que ajudavam essas pessoas a se sentirem mais acolhidas e mais integradas ao espaço escolar. Em todos os ambientes onde trabalhei (Ongs, escolas, associações, secretarias municipais e estaduais), presenciei depoimentos sobre violências de todos os tipos, acometidas a populações minorizadas: mulheres, negros, índios, pobres e LGBTQIA+. Relatos que me encorajaram a fazer alguma coisa por esses grupos.

Nesse propósito, em 2014, fundei o Projeto Curta Diversidade, que tinha como objetivo fazer com que, de maneira geral, a sociedade se sensibilizasse e tivesse conhecimento das diversas formas de violência, sofridas pela população LGBTQIA+, no Brasil e, principalmente, no Maranhão. Para isso, a linguagem da “sétima arte” era usada como proposta pedagógica. E o filme de curta-metragem era o ponto de partida. Além disso, havia um/a convidado/a que conduzia rodas de debates com os/as expectadores/as, de acordo com a transversalidade das temáticas abordadas. Vale destacar que, em consequência do trabalho exercido, por meio desse Coletivo, ganhei o Prêmio Gayvota de Direitos Humanos, promovido pela 15ª Semana da Parada do Orgulho LGBT, de São Luís, em agosto de 2018. Entretanto, por falta de recursos e apoio, infelizmente, o Projeto foi provisoriamente desativado. Mesmo assim, eu queria continuar “fazendo algo” pela população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais, assexuais e demais.

Foi então que construí o projeto de pesquisa, intitulado *Curta Diversidade*, para eu concorrer a uma vaga no curso de Mestrado Profissional do PPGE/UEMA, além do que eu tinha como objetivo compreender de que forma as escolas públicas de Ensino Médio, na cidade de São Luís do Maranhão, têm trabalhado para inibir as práticas LGBTfóbicas, dentro do seu espaço escolar. Em minha fase de entrevista, lembro-me de que fui questionado se aquilo a que me predispunha a realizar, como pesquisa, seria possível, tendo em vista o termo LGBTQIA+ envolver vários tipos de identidade de gênero e de orientação sexual e, consequentemente, inúmeros sujeitos a serem pesquisados, o que geraria muito material a ser produzido, lido, analisado e escrito em 2 (dois) anos (prazo máximo para defesa da dissertação). Apesar desse questionamento, felizmente, fui aprovado.

Então, já cursando as disciplinas do mestrado, meu orientador, Prof. Dr. Jackson Ronie Sá da Silva, que naquele momento estava como professor da disciplina Pesquisa em Educação, sugeriu repensar o objeto de pesquisa – que veio a ser os discursos sobre o tema da homossexualidade e homofobia inscritos nos livros de Sexualidade e Educação Sexual, catalogados nas bibliotecas das escolas públicas de ensino médio – e, também, as posições teórico-metodológicas das/os autoras/es dos livros de Sexualidade e Educação Sexual sobre o tema da homossexualidade e homofobia.

Dessa forma, construí outro projeto no qual eu passaria a dialogar com os estudos pós-estruturalistas, pós-coloniais, estudos gays e *queers*, mais precisamente os Estudos Culturais em Educação. E, como técnica metodológica, eu me utilizaria da pesquisa qualitativa documental.

No meu entendimento, havia um mito construído na época de graduação de que este tipo de pesquisa era considerado “mais fácil” de ser conduzido; entretanto, percebi, na prática, que é preciso ter muito cuidado com a manipulação de documentos. Fazer apenas uma leitura superficial dos textos, por exemplo, é cair num risco profundo de uma pesquisa medíocre. Nesse sentido, a leitura aprofundada, a conversa coletiva sobre as categorias construídas, a esquematização dessas categorias e análises textuais, a sistematização das ideias e análises das categorias, foram importantes para a construção dos resultados finais.

Contudo, apesar de todos esses desafios, eu me mantive focado nos estudos e no aprofundamento teórico-conceitual que me fizeram refletir acerca do objeto em questão, despertando uma nova problematização com os seguintes questionamentos norteadores: Na medida em que existe uma diferença tipológica, a homossexualidade é discursada da mesma forma nos livros de Sexualidade e Educação Sexual? De que forma o conteúdo “homossexualidade” vem sendo apresentado em livros de Sexualidade e Educação Sexual, disponíveis em bibliotecas de escolas públicas do ensino médio de São Luís? Que ideias e representações sobre o tema “homossexualidade” são divulgadas nesses livros? Quais os tipos de discursos que são anunciados pelos/as autores/as, ao fazerem a exposição do tema “homossexualidade”? Os referidos livros trazem uma discussão social sobre a homofobia? Existe alguma proposta pedagógica que aponte para uma educação para diversidade nesses livros?

Portanto, como um profissional da educação, percebo o quanto o currículo da educação básica, e mais especificamente do ensino médio, pode colaborar para uma educação sexual contextual, crítica e problematizadora sobre as questões relacionadas à sexualidade. Isso porque, problematizar a homossexualidade é mais do que saber suas causas e determinações

biológicas e psicológicas. “Devemos, pois, confrontar quais ideologias reduzem as possibilidades da homossexualidade, como campo restrito aos saberes biomédicos, sendo necessário compreendê-la também pela perspectiva sociocultural” (SURAYA; CONCEIÇÃO, 2005, p. 140).

Assim, nasce minha pesquisa de mestrado, intitulada *(ENTRE)LINHAS E DISCURSOS: estudo sobre homossexualidade e homofobia em livros de sexualidade e Educação Sexual do ensino médio em escolas públicas de São Luís /MA*. Quando escolho usar o termo “(entre)linhas”, é em alusão ao dito (palavras, frases, parágrafos etc.) e o não dito (as entrelinhas) que compõem o discurso textual dos/as autores/as sobre o tema da homossexualidade e homofobia.

De maneira geral, meu objetivo é analisar os discursos sobre os temas da homossexualidade e homofobia, constantes em livros de Sexualidade e Educação Sexual, presentes nos acervos de bibliotecas de escolas públicas de São Luís/MA, a partir da perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais em Educação. Nesse viés, como objetivos específicos, me predispus a:

a) descrever os discursos sobre o tema da homossexualidade, constantes nos livros de Sexualidade e Educação Sexual, catalogados nas bibliotecas das escolas públicas de ensino médio;

b) compreender as posições teórico-metodológicas dos/as autores/as dos livros de Sexualidade e Educação Sexual sobre o tema da homossexualidade;

c) problematizar os sentidos dados ao tema da homossexualidade pelos/as autores/as, e os encaminhamentos pedagógicos, metodológicos e didáticos que são referidos, acerca da temática social denominada homofobia;

d) construir uma proposta pedagógica, em formato de artigo, contribuindo para o enfrentamento de práticas homofóbicas no espaço escolar, bem como facilitando a compreensão sobre o tema homossexualidade.

Justifica-se, então, a análise de livros de Sexualidade e Educação Sexual, por eu entender que este conteúdo é de extrema importância na aprendizagem dos/as estudantes, visto que os discursos sobre a homossexualidade influenciam maneiras de perceber a sociedade e os indivíduos – lembremos como eu mesmo cometi equívocos em minha primeira observação de campo com a comunidade LGBTQIA+ –, pois há uma cultura que forma o olhar de cada pessoa, e que é reproduzida com muita “naturalidade”.

Dessa forma, a compreensão de como o tema homossexualidade se apresenta em livros de Sexualidade e Educação Sexual é produtivo e de extrema importância por tratar-se de

um instrumento didático de comunicação e informação no processo de aprendizagem dos/as estudantes do ensino médio e que pode contribuir na discussão sobre as desigualdades sexuais e mais especificamente acerca da homofobia. Por isso, professoras e professores, alunas e alunos e seus familiares precisam compreender que a homossexualidade é um tema importante, apesar de complexo.

A homossexualidade é um discurso que perpassa pela representação social, um discurso que é político e ideológico. Portanto, analisar como este tema vem sendo apresentado em livros de Sexualidade e Educação Sexual é uma forma produtiva de perceber nessas produções a manutenção de estereótipos, preconceitos, estigmas, discriminações e processos de exclusão que as pessoas, qualificadas como homossexuais, vivenciam no cotidiano.

Então, em meu texto, procuro fazer uma construção epistêmica, com rigor científico e compromisso ético, onde, também, faço reflexões críticas do discurso e metodologias, usadas pelas autoras e pelos autores, nos livros de Sexualidade e Educação Sexual, acerca do tema homossexualidade e homofobia.

Nesse sentido, dividi esse texto da seguinte forma: esta primeira seção é um resumo de minha trajetória acadêmico-profissional levando em consideração minha condição de sujeito homossexual e pesquisador das questões de gênero e sexualidade na escola, nessa seção também apresento meus objetivos, contextualizo meus objetos de pesquisa, justifico e apresento a relevância dessa pesquisa. Na seção 2, *Considerações Metodológicas*, faço um detalhamento da pesquisa, apresentando as ferramentas e a metodologia usadas; trago informações específicas dos materiais que analisei; apresento os/as autores/as que me deram suporte teórico-metodológico; e apresento a construção do meu produto educacional.

Já, na seção 3, *A homossexualidade nas discussões educacionais*, reflito sobre o conceito de homossexualidade, contextualizando esse sujeito na escola e como ele/ela se posicionam na história. Na seção 4, *A homofobia e seus efeitos na educação* trago informações sobre as discriminações e estigmas que as pessoas homossexuais sofrem; e também localizo o conceito de homofobia.

Na seção 5, *A homossexualidade e a homofobia em livros de sexualidade e educação sexual: primeiras aproximações*, trago as análises documentais dos materiais coletados nas escolas Centro Integrado Rio Anil - CINTRA e Centro de Ensino Liceu Maranhense. Na última seção, *Pensando numa educação para diversidade*, apresento minha reflexão sobre como penso uma educação com propostas pedagógicas e possível de serem executadas na escola de maneira interdisciplinar e com apoio dos movimentos sociais, família e poder público, esta seção é o princípio de meu produto educacional.

2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

2.1 Da perspectiva teórico-metodológica

No campo das Ciências Sociais, as discussões em torno dos conceitos vivenciados no cotidiano servem para nortear as análises feitas pelos estudiosos dessa área – no que se refere ao campo social. Como afirma Durkheim (p. 44, 2007) “os fenômenos sociais são passíveis de serem investigados cientificamente” e o cenário das implicações percebidas na sociedade devem ser tomadas como objeto de estudo dessas Ciências, por meio da “neutralidade científica”.

No entanto, para os Estudos Culturais, do ponto de vista metodológico, não temos uma metodologia distinta, nenhuma análise estatística, etnometodológica ou textual singular que possamos reivindicar como exclusivas destes estudos culturais. Tal posicionamento metodológico define a importância da relação entre os problemas de pesquisa e o contexto no qual esses problemas emergem, ao mesmo tempo que o/a pesquisador/a assume o risco da posição tomada e associação a múltiplos métodos, seja pelas dificuldades em relação à ação dos sujeitos seja pelo comprometimento com o rigor necessário na produção de conhecimentos. A “neutralidade” não é rigorosamente aplicável nesses estudos, pois o/a pesquisador/a é também um sujeito pesquisado. Há uma relação próxima entre sujeito e objeto de estudo.

Nesta pesquisa, então, aproprio-me dos Estudos Culturais como aporte teórico, fonte de análise e discussão. Meu primeiro contato com essa corrente intelectual foi por meio de textos isolados, do Stuart Hall, quando da graduação em Ciências Sociais, em 2008, na disciplina Multiculturalismo, e textos da Guacira Lopes Louro, no CEGeDE⁴, na disciplina Gênero. Entretanto, foi no PPGE/UEMA que me aprofundei junto a outros/as autores/as nessa corrente intelectual. Então, no exercício de saber suas características, perguntei a mim mesmo, antes de tudo, o que são os Estudos Culturais?

Em sua dissertação, Yuri Almeida da Silva (2018, p. 25) considera que “[...] essa é uma questão problemática, visto que é difícil encontrar uma definição para um campo não disciplinar”. Assim, ao estudar sua origem histórica, pude observar que os Estudos Culturais surgem no panorama político do pós-guerra, na Inglaterra, em meados do século XX, onde as

⁴Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Este curso apresenta como objetivo principal a qualificação de profissionais que atuam no âmbito educacional para questões relativas ao gênero e diversidade sexual, com foco em sua interface no ambiente escolar. E foi ofertado entre os anos de 2014 e 2015 pelo Departamento de Educação II da Universidade Federal do Maranhão.

preocupações intelectuais, ao que parece, se concentram em problematizações da cultura, agora entendida em um espectro mais amplo de possibilidades no qual despontam os domínios do popular. De acordo com Costa; Silveira e Sommer (2003, p. 37):

Os Estudos Culturais (EC) vão surgir em meio às movimentações de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso. Uma educação em que as pessoas comuns, o povo, pudessem ter seus saberes valorizados e seus interesses contemplados.

A ideia, portanto, dos EC é se contrapor ao sistema binário elitista do pensamento sobre cultura; seria uma forma de argumentar a separação entre popular e erudito, entre a alta cultura e a cultura de massa etc.; pensar que a cultura não é produzida de maneira verticalizada, hierarquizada, mas de forma horizontal, onde todos os grupos sociais, produzem cultura a partir de seus saberes locais, de suas identidades territoriais, linguagem, entre outros artefatos culturais.

A multiplicidade de objetos de investigação também caracteriza os EC que, de acordo com Baptista (2009), são os estudos dos fenômenos de mercantilização; Estado e sociedade capitalista; construção política e social das identidades; estudo dos fenômenos de globalização; estudos de gênero, sexualidade, raça, etnia; ressignificação de questões, discursos e artefatos relacionados ao campo pedagógico; pedagogias culturais em operação nos diversificados espaços contemporâneos; e abordagens de identidade e diferença no campo da educação no Brasil. Nesse sentido, Tomaz Tadeu da Silva (2001, p. 9) diz que:

É nossa tarefa e nosso trabalho, como educadores e educadoras críticos, abrir o campo do social e do político para a produtividade e a polissemia, para a ambiguidade e a indeterminação, para a multiplicidade e a disseminação do processo de significação e de produção de sentido.

Conforme destaca Costa, Silveira e Sommer (2003), a teoria dos EC se configura como área de militância e atuação política. Portanto, é nela que também me apoio, uma vez que tenho como pretensão discutir, criticar, historicizar e desnaturalizar o objeto, através dos olhares pós-estruturalistas e demais autoras/es pós-modernos, além de rejeitar a noção tradicional de cultura.

Sendo assim, entendo que a cultura, o discurso e a representação estão articulados com o campo pedagógico. Dessa maneira, os Estudos Culturais buscam entender a diversidade inserida em cada cultura e suas multiplicidades e complexidades (WORTMANN, 2007), e se tornam peças-chave na discussão deste tema, por se constituir num conjunto de abordagens,

problematizações e reflexões, situadas nas diversas áreas do conhecimento, com o intuito de desmistificar ou (re)significar conceitos, principalmente os advindos da cultura. Assim, é possível afirmar que “a educação se dá em diferentes espaços do mundo contemporâneo, sendo a escola apenas um deles, ou seja, somos educados por imagens, filmes, textos escritos, pela propaganda, pelas charges, jornais e principalmente televisão” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 22).

Nesse sentido, é preciso estar atenta/o ao que é transmitido como verdade educativa, como valores, como moralidade, como o certo ou errado nesses canais de comunicação. Essa contribuição dos EC, no campo da educação, está no fato de compreender que não posso separar questões culturais de questões de poder. A “diversidade” cultural é, segundo o autor anteriormente citado, “fabricada”. Um exemplo pontual dessa “cultura fabricada” é o uso dos meios de comunicação em massa – que são objetos de estudo e análise dos Estudos Culturais, em sua concepção –, mais especificamente a televisão, como poderosos instrumentos de homogeneização cultural do mundo. Essa ideia homogeneizante, distribuída e vendida pela televisão, está em propagandas, novelas, noticiários, até em filmes selecionados que são exibidos em canal aberto, tudo remete à cultura europeia e, particularmente, à estadunidense. Ou seja, há uma intencionalidade colonizadora nessas “escolhas” daquilo que deverá ser consumido por todas e todos.

É nesse contexto que devemos analisar as conexões entre o currículo educacional e o multiculturalismo. Segundo Tadeu da Silva (1999), o fenômeno chamado multiculturalismo tem sua origem nos países dominantes do norte e é discutido atualmente em duas vertentes: como um “[...] movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados no interior dos países do norte para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional [...]” (SILVA, 1999, p. 85); ou como uma “[...] solução para os ‘problemas’ que a presença de grupos raciais, étnicos colocam no interior daqueles países para a cultura nacional dominante [...]” (SILVA, 1999, p. 85).

Nesse sentido, os Estudos Culturais nos ajudam a pensar que, para ambas as vertentes, o multiculturalismo representa um importante instrumento de luta política, pois ele remete aos seguintes questionamentos no campo da educação: o que conta como conhecimento oficial? O que devemos aprender nas escolas? A quem o currículo educacional e a escola se destinam? A escola, por ser composta de pessoas heterogêneas, respeita a diversidade existente no seu espaço? Portanto, o multiculturalismo nos alerta que “a igualdade não se obtém simplesmente através da igualdade de acesso ao currículo hegemônico” (SILVA, 1994, p. 90), é preciso, pois, mudanças substanciais do currículo escolar existente.

De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (1999), a pedagogia feminista nos possibilita um novo olhar em relação às formas de reprodução e produção de desigualdades sociais, por meio das questões de gênero, ampliando, assim, o processo de produção cultural para além da dinâmica de classe que, há muito, é pensado pelas teorias críticas/marxistas, mas que ignoram outras dimensões que levam à desigualdade social, como a de gênero.

Para Stuart Hall (1996) – um dos intelectuais mais proeminentes e um dos mais conhecidos analistas contemporâneos da cultura –, os Estudos Culturais se constituíram como um projeto político de oposição, e suas movimentações “sempre foram acompanhadas de transtorno, discussão, ansiedades instáveis e um silêncio inquietante” (HALL, 1996, p. 263).

É no meio cultural que os grupos socialmente designados como subalternos fazem frente a exigências e coações de significados que nutrem os interesses dos grupos hegemonicamente poderosos. Diante disso, a cultura deve ser estudada e entendida em virtude de tudo o que está associado a ela, bem como o papel que a mesma assumiu na vida social em todos os aspectos. Tal centralização epistemológica na cultura, como eixo de discursos de poder que a circundam, vem sendo denominada de virada cultural. Desse modo, músicas, noticiários, jornais, publicidade ou imagens e gráficos de um livro didático não serão apenas manifestações culturais, mas artefatos que produzem representações e inventam sentidos nas arenas culturais (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003).

2.2 Das ferramentas e pesquisa documental

Levando em consideração que meu objeto de pesquisa foi construído pela subjetividade, e que nele são empregadas múltiplas representações sociais e discursos dos mais variados campos do saber, optei por uma pesquisa de ordem qualitativa documental.

Este tipo de pesquisa atende, também, aos objetivos que foram propostos. Ela preza por um olhar mais interpretativo e descritivo do/a pesquisador/a que incorpora os sujeitos como atrizes e atores sociais e entende suas práticas enquanto socialmente construídas (SOUZA, 2010). De acordo com Mota et al. (2017, p. 696), a pesquisa qualitativa “longe de produzir medições, enumerações e estatísticas tem no contato direto do pesquisador com a comunidade ou a situação estudada a sua característica mais marcante”. Dessa forma, há um aprofundamento do sujeito pesquisador no objeto pesquisado.

Conforme dito anteriormente optamos pela pesquisa do tipo documental, em que o/a pesquisador/a “utiliza documentos objetivando extrair dele informações, e o faz investigando, examinando, usando técnicas apropriadas para seu manuseio e análise”

(ALMEIDA; GUINDANI; SÁ-SILVA, 2009, p. 4). Esses documentos podem ser fontes contemporâneas ou antigas; todavia, os documentos utilizados na pesquisa documental extrapolam a ideia de materiais textuais escritos e impressos, ou seja, além de livros, revistas, cartas e leis, também abrangem arquivos de mídia, tais como filmes, vídeos, fotografias, slides, dentre outros, como fontes de informação. Para Sá-Silva (2017, p. 116), esse tipo de análise “possibilita a observação do processo contraditório e dinâmico da evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas culturais etc.”.

É importante perceber que algumas/alguns autoras/autores consideram a pesquisa documental como sinônimo da pesquisa bibliográfica; portanto, trabalho nesta pesquisa com o entendimento dos autores Almeida, Guindani e Sá-Silva, (2009) que apontam:

A pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias (ALMEIDA; GUINDANI; SÁ-SILVA, 2009, p. 6).

Os tipos de fonte, primárias e secundárias, correspondem respectivamente aos dados originais, que estão sendo analisados, *a priori*, e informações que já foram trabalhadas por outros estudiosos, publicadas e de domínio científico (ALMEIDA; GUINDANI; SÁ-SILVA, 2009). Desse modo, a pesquisa bibliográfica, diferente da documental, restringe-se a artigos, periódicos, ensaios, enciclopédias, livros e dicionários, sendo conhecida também como estado da arte do conhecimento.

A metodologia da pesquisa documental “segue etapas e procedimentos; organiza informações a serem categorizadas e posteriormente analisadas; por fim, elabora sínteses, ou seja, na realidade, as ações dos investigadores – cujos objetos são documentos” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 4).

Sendo assim, o primeiro momento desta pesquisa foi o levantamento bibliográfico sistemático da homossexualidade e homofobia no campo da educação. Meu orientador junto com o estudante e bolsista de iniciação científica, Gabriel Felipe Serra de Sousa (Curso de Biologia/UEMA) fizeram visitas ao Centro de Ensino Médio “Liceu” Maranhense, Centro de Ensino Médio Benedito Leite “Escola Modelo” e ao Centro Integrado do Rio Anil – CINTRA, escolas públicas da cidade de São Luís/MA, para terem acesso ao acervo das bibliotecas e realizarem os procedimentos iniciais da pesquisa documental – organização, catalogação e produção do corpus investigativo, a partir das análises dos livros de Sexualidade e Educação Sexual, disponibilizados. Nessa tarefa eu ainda não tinha iniciado o mestrado.

As escolas visitadas tinham, em suas bibliotecas, livros de Sexualidade e Educação Sexual, direcionados aos temas “sexualidade”, “homossexualidade” e/ou “homofobia”. Vejamos a seguir:

Quadro 1 - Descrição dos livros analisados

ESCOLA	REFERÊNCIA DO LIVRO
Liceu	CARVALHO, Maria Eulina de; SOUSA, Valquíria Alencar de. Por uma educação escolar não sexista . Organizadoras: Valquíria Alencar de Sousa, Maria Eulina de Carvalho. – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
	BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. Sexo e juventude : como discutir a sexualidade em sua casa e na escola. Organizadoras: Carmem Barroso, Cristiane Bruschini. – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2000. (Biblioteca da Educação – série 1 – escola – vol 13)
	FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. Sexualidade prazer em conhecer . Fundação Roberto Marinho, 2001.
CINTRA	PICAZIO, Cláudio. Sexo secreto : temas polêmicos da sexualidade. / Cláudio Picazio; com colaboração de Eduardo Bittencourt, Rogério Brugnera e Alexandre R. Araujo. – São Paulo: Summus, 1998.
	ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. Ritos e ditos de jovens gays . Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.
	PINTO, Ênio Brito. Orientação sexual na escola : a importância da psicopedagogia nessa nova realidade. São Paulo: Editora Gente, 1999.
	SUPLICY, Marta. Conversando sobre sexo . 19 ed. Edição da Autora; Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1994.
	AQUINO, Julio Groppa. et al. Sexualidade na escola : alternativas e práticas. Coordenação: Julio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1997.
Modelo	ABROMOVAY, Miriam. Juventudes e sexualidade . Coordenadoras: Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
	SUPLICY, Marta. Sexo se aprende na escola . 2ª ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.
	CUNHA, Beatriz Monteiro da. Amor e Sexo : assunto complexo? – Editora Evoluir: São Paulo, 2000.
	PICAZIO, Cláudio. Diferentes desejos : adolescentes homo, bi e heterossexuais. Editora Summus: São Paulo, 1998.
	MCLURKIN, Denise L. Questões sociais desafiadoras na escola : guia prático para professores. Tradução: Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Celso Avelino Antunes. AMGH: Porto Alegre, 2015
	MEYER, Dagmar E. Estermann. et al. Saúde e sexualidade na escola . Editora Mediação: Porto Alegre, 1988.

A segunda ação da pesquisa documental foi a catalogação e organização dos livros de Sexualidade e Educação Sexual para a realização da análise documental. Todos os conteúdos relacionados ao tema “homossexualidade” passaram pelo processo minucioso de cópia (ou digitalização), para facilitar o acesso de todas/os as/os envolvidas/os nessa pesquisa. Outro estudante-bolsista de iniciação científica, Lucas Mendes Silva (Curso de Biologia/UEMA), ajudou-nos nessa parte. Também, separamos os livros pela tipologia⁵, levando em consideração o que dizia sua ficha catalográfica, por isso, a divisão dessa primeira fase de pesquisa ficou da seguinte forma:

Quadro 2 - Divisão tipológica dos livros

Livros de Sexualidade	Livros de Educação Sexual
ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. Ritos e ditos de jovens gays . Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.	BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. Sexo e juventude : como discutir a sexualidade em sua casa e na escola. Organizadoras: Carmem Barroso, Cristiane Bruschini. – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2000. (Bibliotexa da Educação – série 1 – escola – vol 13)
MEYER, Dagmar E. Estermann. et al. Saúde e sexualidade na escola . Editora Mediação: Porto Alegre, 1988.	PICAZIO, Cláudio. Sexo secreto : temas polêmicos da sexualidade. / Cláudio Picazio; com colaboração de Eduardo Bittencourt, Rogério Brugnera e Alexandre R. Araujo. – São Paulo: Summus, 1998.
FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. Sexualidade prazer em conhecer . Fundação Roberto Marinho, 2001.	PICAZIO, Cláudio. Diferente desejos: adolescentes homo, bi e heterossexuais. Editora Summus: São Paulo, 1998.
SUPLICY, Marta. Conversando sobre sexo . 19 ed. Edição da Autora; Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1994.	AQUINO, Julio Groppa. Et al. Sexualidade na escola : alternativas e práticas. Coordenação: JulioGroppa Aquino. São Paulo: Summus, 1997
	CARVALHO, Maria Eulina de; SOUSA, Valquíria Alencar de. Por uma educação escolar não sexista . Organizadoras: Valquíria Alencar de Sousa, Maria Eulina de Carvalho. – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

⁵ A divisão obedeceu àquilo que foi localizado na ficha catalográfica dos livros.

<p>SUPLICY. Sexo se aprende na escola. 2ª ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.</p>	<p>ABROMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia SILVA, Lorena Bernadete. Juventudes e sexualidade. Coordenadoras: Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena B. da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.</p>
	<p>MCLURKIN, Denise L. Questões sociais desafiadoras na escola: guia prático para professores. Tradução: Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Celso Avelino Antunes. AMGH: Porto Alegre, 2015</p>
	<p>CUNHA, Beatriz Monteiro da. Amor e Sexo: assunto complexo? – Editora Evoluir: São Paulo, 2000.</p>
	<p>PINTO, Ênio Brito. Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade. São Paulo: Editora Gente, 1999.</p>

Fonte: GP-ENCEX, 2019

A terceira ação da pesquisa documental foi a leitura flutuante e a leitura em profundidade de todos os conteúdos selecionados dos livros de Sexualidade e Educação Sexual, catalogados nas escolas objeto da investigação. A análise do conteúdo de todos os livros catalogados foi feita a partir das proposições de Bardin (2011, p. 148), que consiste em “uma operação de classificação de elementos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por agrupamento, segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos”. Desse modo, optei por fazer a análise dos livros e capítulos de livros dessas escolas junto a meus colegas do Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GPENCEX).

A equipe, portanto, foi formada por dois colegas mestrands e três estudantes-bolsistas de iniciação científica: dois deles anteriormente citados, juntamente com a Glayciane Martins Soares Silva (do curso de Pedagogia/UEMA). Dessa forma, acordamos que, individualmente, cada um faria sua leitura flutuante e aprofundada e, posteriormente, nós nos reuniríamos no Laboratório de Metodologia e Prática de Ensino de Ciências e Biologia do Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais (CECEN), localizado no prédio do Centro de Ciências Biológicas (CCB), para debatermos os textos, já fazendo a categorização de maneira coletiva. Para melhor visualização das categorias nos textos, fomos grifando os trechos

correspondentes, ou seja, a parte mais bruta da pesquisa documental, seguindo a legenda a seguir:

Quadro 3 - Legenda para categorização

LEGENDA PARA CATEGORIZAÇÃO	
Categoria: educação para diversidade	
Categoria: educação sexista/ educação homofóbica	
Categoria: homossexualidade na visão sociocultural	
Categoria: homossexualidade na visão psicológica	
Categoria: homossexualidade na visão biomédica	
Categoria: visões sobre homofobia	

Fonte: GP-ENCEX, 2019

Com as categorias devidamente localizadas, iríamos construindo os quadros-resumo, de acordo com o modelo idealizado por Sá-Silva (2012), e que serão visualizados na seção 5 desta dissertação. Esses quadros serviram de base para nossa análise mais pontual das categorias que apareceram em nossa pesquisa e que, de acordo com o quadro acima, totalizam 6 (seis).

A quarta ação da minha pesquisa documental, portanto, é a análise do conteúdo e construção das categorias de análise (MINAYO, 2014). Este processo de categorização foi dividido em duas etapas:

- 1) Construção do inventário e
- 2) Classificação

A primeira etapa dessa quarta ação (construção do inventário) consistiu na extração de dados e isolamento. Na segunda etapa (a classificação), os dados obtidos foram classificados em categorias.

A quinta e última ação da pesquisa documental foi a discussão e teorização das categorias de análise, onde fui pontuando as categorias que mais ganharam força na construção em cada livro. E, também, onde me debrucei a compreender as principais categorias que norteiam essa pesquisa, que são homossexualidade e homofobia.

2.3 Construindo o produto

O objetivo do Mestrado Profissional é formar professoras/es para expandir o ensino superior e abrir cominhos para o desenvolvimento das pesquisas científicas, além de qualificar para o mercado de trabalho, ou seja, tem como objetivo formar profissionais que, no futuro, saibam utilizar a pesquisa de modo a agregar valor a suas atividades docentes (CEVALLOS, 2011) (OSTERMANN, 2009).

Portanto, os resultados da minha pesquisa contribuirão para uma reflexão sobre a escolha de livros de Sexualidade e Educação Sexual a serem utilizados no ensino médio e que os mesmos possam discutir a homossexualidade para além dos biologicismos e determinismos que ainda se apresentam, com muita produtividade, nas produções didáticas e em outros veículos de informação. Professoras, professoras e professores, estudantes e seus familiares precisam compreender a homossexualidade para além da Biologia e Psicologia.

Dessa forma, ao analisar, descrever e compreender como a homossexualidade vem sendo apresentada em livros de Sexualidade e Educação Sexual, podemos contribuir na divulgação ética, respeitosa e cidadã deste tema em diferentes veículos (artigos, livros, mídias etc.), estimulando o cuidado que professoras/ies/es da educação básica devem ter na escolha desses livros.

A pesquisa promoverá a produção de conhecimento no campo dos estudos de Sexualidade e Educação, a ser utilizado na crítica ao preconceito e discriminação produzidos nessas obras de cunho educacional e que ressoam nos espaços escolares.

Os produtos da investigação, gerados nesta pesquisa documental, impactarão no sentido de alertar pesquisadoras/es do campo educacional, assim como profissionais da educação superior e básica a perceberem que nessas produções pode existir a manutenção de estereótipos, preconceitos, estigmas, discriminações e processos de exclusão sutis em que o tema da homossexualidade aparece. E, assim, numa perspectiva de desconstrução, produzirem e utilizarem livros que contemplem discussões interdisciplinares, problematizadoras, cidadãs e éticas, ao tratarem dos temas que envolvam discursos sobre a homossexualidade.

Sendo assim, o currículo do ensino médio precisa utilizar recursos didáticos que fomentem o diálogo, a inclusão e, principalmente, que divulguem a importância das diferenças e o respeito à diversidade sexual e de gênero.

Outro mecanismo de transferência de resultados e socialização do conhecimento produzido será propor, a partir dos resultados da investigação, outras formas pedagógicas de apresentar o conteúdo homossexualidade em livros de Sexualidade e Educação Sexual, tendo

como centralidade discursiva a homofobia como uma materialidade que incorpora sentidos biológicos, psicológicos, culturais, sociais e econômicos. Esta proposição será em formato acadêmico de uma proposta pedagógica, baseada nas indicações didáticas de Abrantes, Santos e Sá-Silva (2015, p. 17):

[...] é um texto que relata um trabalho pedagógico, ou experiência didática, a ser realizado num ambiente de intervenção, que pode ser uma escola, uma comunidade, igreja, associação, ONGs, o qual deve ser teorizado e argumentado, uma proposta pedagógica é um texto que remete para a possibilidade de execução de um fazer pedagógico que tenta inovar sobre o que existe e está posto. (ABRANTES, SANTOS, SÁ-SILVA, 2015, p.17).

Produtos educacionais podem ser caracterizados como processos ou produtos educativos, em condições reais de ensino, como protótipo ou de cunho artesanal. De acordo com a CAPES (2016, p. 53), existem vários tipos de produtos advindos do Mestrado Profissional: “a) mídias educacionais; b) protótipos educacionais; c) propostas de ensino; d) material textual; e) atividade de extensão; f) desenvolvimento de APP; g) organização de evento; h) programa de rádio ou Tv; i) relatório de pesquisa; j) patentes; k) serviços técnicos”.

Portanto, meu produto final é um protótipo educacional com propostas pedagógicas em formato de e-book, numa perspectiva conceitual e teórica, abrindo a discussão de como a análise de livros pode ser realizada na perspectiva desconstrucionista e por uma educação para a diversidade.

Justifica-se essa escolha pela possibilidade de a professora e o professor do ensino médio discutirem o tema homossexualidade e homofobia quando surgirem em sala de aula ou em qualquer outro espaço da escola. É necessário dizer que essa proposta pedagógica tem o sentido e a importância de se desenvolver a discussão dessa temática em sala, a fim de evitar processos dolorosos de violências na escola, sejam por estudantes sejam para funcionários/as, professorias/es/as etc. Isso porque, a sociedade brasileira ainda sustenta em seu seio a manutenção de estereótipos, preconceitos, estigmas, discriminações e processos de exclusão de pessoas qualificadas como homossexuais, ou seja, a homofobia.

Meu protótipo tem 60 (sessenta) páginas. Nessas páginas, apresentaremos não só uma reflexão teórico-conceitual, mas propostas pedagógicas interdisciplinares (teatro, cinema e linguagens) de como fazer a discussão do tema homossexualidade na escola. São possibilidades, nenhuma tentativa aqui será de entregar algo pronto a ser “puramente” executado em sala de aula, pois, entendo que cada realidade institucional se apresenta de forma diferente, tendo seu corpo discente também de forma complexa e heterogênea. Cabe ao corpo docente aplicar e modificar, se preciso, as aulas aqui sugeridas de acordo com sua necessidade.

3 A HOMOSSEXUALIDADE NAS DISCUSSÕES EDUCACIONAIS

O segundo artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma que toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos neste documento e sem distinção de qualquer espécie, “seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição”.

Entre as temáticas no âmbito dos Direitos Humanos que a sociedade brasileira coloca em discussão, em especial nas últimas décadas, estão as questões relacionadas à sexualidade e ao gênero. Considero, portanto, que este debate seja urgente e muito necessário, tendo em vista a sua grande relevância no cenário educacional, principalmente no que diz respeito à formação de professoras e professores na temática da Educação Sexual que contempla as diversidades.

É, também, importante, que essa formação aconteça dentro de uma política pública de estado, onde as/os profissionais da educação e, também, estudantes, não dependam somente dos planos de governos “preocupados” com o bem-estar social, pois este tipo de plano é passageiro e, na maioria das vezes, reduzido a pequenas ações que não dão conta de um todo complexo e afetado pela exclusão social.

Sendo assim, o direito à educação por pessoas homossexuais visa garantir que o espaço escolar seja efetivamente um locus privilegiado de combate à homofobia (conceito que vamos aprofundar na seção seguinte) e a todas as formas de discriminação. Portanto, falar em homossexualidade é falar primeiro em construção de um conceito fundamental para sua compreensão, este conceito é o de gênero:

Longe de ser uma criação da agenda feminista dos anos 60, a categoria gênero pertence ao discurso biotecnológico do final dos anos 40 (...). Para a rigidez do sexo do século XIX, John Money, o psicólogo infantil encarregado do tratamento de bebês intersexuais, vai opor a plasticidade tecnológica do gênero. Utiliza (ele) pela primeira vez a noção de gênero em 1947 e a desenvolve clinicamente mais tarde com Anke Ehrhardt e Joan e John Hampson para falar da possibilidade de modificar hormonal e cirurgicamente o sexo dos bebês nascidos com órgãos genitais e/ou cromossomos que a medicina, com seus critérios visuais e discursivos, não pode classificar só como feminismos ou masculinos (PRECIADO, 2008, p. 81).

Para as Ciências Sociais e Humanas, o conceito de gênero se refere à construção social da dimensão social. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana. No entanto,

os diferentes sistemas de gênero e de formas de operar nas relações sociais de poder entre homens e mulheres é realizada pela cultura.

Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não em decorrência da anatomia de seus corpos. À primeira vista, pode parecer que as escolhas ou os modos de inserção no mundo do trabalho, por exemplo, sejam reflexos de preferências naturais, aptidões natas, capacidades e desempenhos distintos entre homens e mulheres. Porém, se observarmos com atenção, veremos que a distribuição de homens e mulheres no mercado de trabalho e as desigualdades decorrentes podem ser socialmente compreendidas e atribuídas às assimetrias de gênero⁶.

Ou seja, o modo, como homens e mulheres se comportam em sociedade, corresponde a um imenso aprendizado sociocultural que nos ensina a agir conforme as prescrições de cada gênero. Há uma expectativa social sobre a maneira como homens e mulheres devem andar, falar, sentar, mostrar seu corpo, se vestir, brincar, dançar, namorar, cuidar do/a outro/a, etc. Conforme o gênero, também, há modos específicos de escolher sua profissão, ensinar, dirigir um carro, gastar o dinheiro, ingerir bebidas, entre outras atividades.

Na sociedade brasileira, culturalmente, há um processo de naturalização de gênero, levando em consideração o binarismo mulher e homem baseado em dois sexos (fêmea e macho), separados dicotomicamente de acordo com características sexuais primárias (aparelhos reprodutores: pênis/homens e vagina/mulheres), secundárias (pelos, voz, forma do corpo, seios) e distintas. Entretanto,

podemos referir-nos a um “dado” sexo ou um “dado” gênero, sem primeiro investigar como são dados o sexo e/ou gênero? Por que meios? E o que é, afinal, o “sexo”? É ele natural, anatômico, cromossômico ou hormonal, e como deve a crítica feminista avaliar os discursos científicos que alegam tais “fatos” para nós? Teria sexo uma história? Possuiria cada sexo uma história ou histórias diferentes? Haveria uma história de como se estabeleceu a dualidade do sexo, uma genealogia capaz de expor as opções binárias como uma construção variável? Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? (BUTLER, 2010, p.25)

E, nessa busca pelo entendimento entre as desigualdades entre homens e mulheres, em algum momento, a ciência médica buscou explicações baseadas no funcionamento do cérebro, nos hormônios, nas células, no sangue etc. É notório que ainda observo uma perspectiva de gênero dentro da visão biomédica sobre a humanidade, o que pode gerar vários

⁶ Desigualdade de oportunidades, condições e direitos entre homens e mulheres, gerando uma hierarquia de gênero.

conflitos de ordem violenta na construção da sexualidade das pessoas, principalmente, naqueles indivíduos transgressores da “normalidade” ou do padrão heteronormativo⁷.

Nesse sentido, de acordo com Joan Scott (1995, p. 85-86), as relações de gênero são constitutivas “das relações sociais e nelas podemos encontrar mecanismos e formas de relações de poder”, nas quais mulheres e homens são organizados dentro de um conjunto específico de características que definem padrões idealizados daquilo que conhecemos como feminino e masculino. Portanto, compreendo a categoria gênero como:

[...] uma sofisticada tecnologia social heteronormativa, operacionalizada pelas instituições médicas, linguísticas, domésticas, escolares e que produzem constantemente corpos-homens e corpos-mulheres. Uma das formas para se reproduzir a heterossexualidade consiste em cultivar os corpos em sexos diferentes, com aparências “naturais” e disposições sexuais diferentes. (BENTO, 2006, p. 1).

As questões de gênero, portanto, refletem o modo como diferentes povos, comunidades⁸, grupos sociais, sociedades, em diversos períodos históricos, classificam as atividades de trabalho na esfera pública e privada, os atributos pessoais e os encargos destinados a homens e a mulheres no campo da religião, da política, do lazer, da educação, dos cuidados com saúde, da sexualidade etc. De acordo com Siqueira (2020) pensar as relações de gênero na sociedade contemporânea é questionar os discursos postos como naturais das relações humanas, afetivas e sociais:

Ao desconstruirmos discursos de grupos dominantes que marginalizaram e excluíram indivíduos LGBTQIA+ de participarem da construção do cotidiano, direcionando homens e mulheres a pensar em um único modo de conduzirem suas práticas cotidianas e sexuais, especificando o papel do homem e da mulher, colocamos em cheque tal construção e propomos uma ruptura da ordem que se materializa por meio do discurso. E quando o discurso não é o bastante para manter a naturalização da ordem social vigente, utilizam da violência para que sua ideologia possa continuar a vigorar na sociedade. (SIQUEIRA, 2020, p. 30)

Ao adentrar no campo da sexualidade, percebo um universo de significados multifacetado e construído individual ou coletivamente. Mergulhar em tais significados é compreender a construção da sexualidade, os discursos históricos de determinadas épocas,

⁷ A heteronormatividade será melhor explicada na seção seguinte quando tratarei conceitualmente sobre Homofobia.

⁸ É importante dizer que aqui falaremos da comunidade LGBTQIA+, que em seu interior possui diferentes visões e discursos sobre a homossexualidade e a homofobia. São os contraditórios que nos possibilitam entender o pensamento pós-moderno e pós-estruturalista. A nova comunidade explosiva, que Bauman emprega o nome *cloakroom communities*, desenlaçam os indivíduos, em vez de juntá-los e organizá-los, pois elas evitam o nascimento de comunidades duradouras, na medida em que espalham e desmembram os interesses de seus membros. A sociabilidade é espalhada, não condensada. Portanto, a possibilidade da emergência de uma formação fixa é minada: a comunidade na pós-modernidade não está fora das regras de existência de todas as outras instituições ditas líquidas pelo sociólogo. A comunidade é parte da desordem social, não uma forma de resolvê-la. É uma vã tentativa (BAUMAN, 2001).

observando as posições políticas, econômicas e culturais. Conforme provoca Michel Foucault: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (FOUCAULT, 2005, p. 08).

Para Foucault (2005), os discursos podem integrar várias dimensões e sua genealogia forma-se em diversos campos. O discurso em torno da sexualidade é acometido por interdição, ou seja, não se pode falar de tudo ou quase tudo em determinados lugares, ficando a responsabilidade para seu/sua locutor/a. Sendo assim, quando se fala sobre sexualidade, utilizam-se outros tipos de linguagens, inibindo ou liberando o falar sobre sexualidade:

A reprodução de normas, valores ou regras apregoadas, consciente ou inconscientemente, por uma ideologia dominante e repressora, aparece quando se utiliza a linguagem, verbal ou escrita, em relação à sexualidade, nos sinônimos que geralmente as pessoas atribuem a esse universo, revelando um modelo de repressão e até desconhecimento, por parte da maioria delas. (MAIO, 2011, p. 73)

Michel Foucault (1993) indica a invenção da sexualidade enquanto um “dispositivo” histórico capaz de assegurar a gestão individual do corpo e das populações, uma vez que se constitui de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, normatizam; que instauram e produzem verdades:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas [...] o dito e o não-dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 1993, p. 244)

A sexualidade, ainda segundo Foucault (2015), refere-se às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai evoluindo e que está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações, e que se encontra vinculado a debates e a disputas políticas. Sexualidade é, pois, assunto tanto pessoal quanto político.

Compreendo, então, a sexualidade como uma dimensão das experiências construídas socialmente por homens e por mulheres ao longo da vida, tais como: desejos, crenças, prazeres, vontades, emoções, fantasias, modelos, proibições e sensações que se modificam, conforme os discursos políticos, e as relações de poderes postos na sociedade, influenciando atos sexuais nos atos corpóreos e no seu pertencimento ao social (PRADO; MACHADO, 2012)

Dentro da construção das sexualidades, a homossexualidade pertence a um quadro de orientações sexuais e identidades de gênero que compõe o nome não somente da comunidade, mas também do movimento LGBTQIA+. A história desse movimento social é mais recente, se comparada ao movimento feminista. A versão mais difundida entre pessoas militantes e pesquisadoras é a de que o movimento começa a se organizar após a conhecida Revolta de Stonewall, nos Estados Unidos. Alessandro Soares da Silva (2011) pondera que essa versão é parcialmente verdadeira, porque já existiam coletivos organizados na Alemanha do século XIX. Em 28 de junho de 1968, as pessoas que frequentavam o bar Stonewall Inn, em Nova York, em sua maioria travestis, drags e gays precarizados, se revoltaram contra as insistentes batidas policiais no estabelecimento. O confronto durou dias e foi encerrado com uma marcha pelas ruas da cidade. Silva (2011) conta que as batidas policiais eram constantes nos locais de sociabilidade gay e serviam para que policiais corruptos arrecadassem dinheiro.

O Brasil precisou de mais dez anos depois de Stonewall para assistir à criação de um grupo homossexual organizado. Trata-se do grupo Somos, que funcionou de 1978 a 1983. O Grupo Gay da Bahia (GGB) foi fundado em 1980 e é a mais antiga associação, em funcionamento, de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil. O GGB foi registrado como sociedade civil, sem fins lucrativos, em 1983. A partir dos anos 90, segundo vários estudiosos do tema, a exemplo de Regina Facchini (2005), o então Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) começa a se diversificar, com a criação de coletivos de lésbicas e travestis. Aqui no Maranhão, cria-se primeiramente o Grupo Timbiras que, posteriormente, dá origem a outros grupos como Gayvota, LEMA e ATRAMA (hoje conhecida como AMATRA).

Então, como se configura o atual movimento conhecido como LGBTQIA+? E o que seria cada uma dessas letras? Primeiro é preciso refletir sobre o que chamamos de orientação sexual. De acordo com Marcos Siqueira (2020) a compreensão de orientação sexual refere-se ao sexo das pessoas que elegemos para nos relacionarmos afetivamente.

No entanto, não há uma única forma de construção da sexualidade, nem mesmo quando reduzimos, o entendimento de sexualidade à identidade de gênero e orientação sexual. A exemplo disso, além da forma de construção heterossexual, dada de maneira naturalizada e impositiva, temos a construção de infinitas possibilidades afetivas e sexuais entre pessoas, tais como a própria homossexualidade, tema central de minha pesquisa; ou seja, há várias formas de ser uma pessoa homossexual.

Nesse sentido, penso que o debate sobre homossexualidade não pode ser pensado numa dimensão essencialista da coisa, ou seja, quando afirmo o que seja o homossexual, em

uma dada essência do que é ser homossexual, deixo de pensar que pessoas homofóbicas, por exemplo, não são assim porque nasceram assim, mas porque reproduzem um comportamento estrutural. Portanto, aqui vou refletir sobre esses conceitos numa dimensão não essencialista.

Para a teoria *queer*, é preciso olhar para esses conceitos e tentar perceber que, de forma alguma, não se trata de uma essência, ou mesmo, que não há uma ontologia do todo, mas, no máximo, uma relação de mediação cultural dos marcadores biológicos. “Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, diz Louro (2015, p. 38). “Queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (BUTLER, 2010, p. 58).

Dessa forma, os ativismos e estudos passam a entender *queer* como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas. Nesse sentido, um dos maiores esforços reside na crítica ao que se convencionou chamar de heteronormatividade, defendida por aqueles que veem o modelo heterossexual como o único correto, saudável e possível.

De acordo com Paul Preciado (2014), é uma teoria de empoderamento dos corpos subalternos, e não o empoderamento assimilacionista. Ou seja, o empoderamento que nos faz fortes em nossas margens, ou como eu gosto de chamar, em nossa marginalidade, e no faz ocupar os espaços com nossos corpos transviados.

Então, é preciso questionar o que está posto como natural em nossa sociedade, dando voz às atrizes e aos atores sociais tidas/os como subalternas/os, que foram excluídas/os de seus direitos, por uma ideologia dominante, ficando à margem da construção do cotidiano. Percebo, assim, que “são os homens que, ao modificar o modo de produzir as suas vidas, produzem novos métodos como expressões das suas próprias transformações” (FIGUEIRA, 1997, p.39).

Nós todos temos uma certa tendência a considerar o mundo que nos cerca como natural. Como se dá isto? Por exemplo, nós tendemos a achar que a família, na forma em que nós conhecemos, é a forma natural de ser família. Acerca da escola, por exemplo, também nós pensamos o mesmo, isto é, que a forma atual de ser escola é a forma natural da escola ser. Mesmo os homens, nós tendemos a considerar que a forma que nós existimos é a forma natural da existência humana. (FIGUEIRA, 1997, p. 37)

Quando recorro à História para compreender certos discursos construídos e reafirmados em nosso cotidiano, observo que as relações sociais sofrem transformações. Entretanto, quando se diz que a sexualidade não sofre transformações, assimila-se um discurso que naturaliza, neutraliza e classifica as relações em que a pessoa não se transforma e nem se modifica, de certa forma, coloca-se a posição de uma única forma de sexualidade (SIQUEIRA, 2020).

Na atualidade, o tema da homossexualidade abarca diversos estudos teóricos e empíricos, principalmente na área das ciências humanas e sociais. Estudos estes que visam investigar tal orientação sexual e suas variadas formas de expressão, bem como o impacto social que pode provocar para aquelas pessoas homossexuais quando elas “revelam” sua orientação sexual.

Michel Foucault (2015) nos diz que, a partir do século XVII, instituições (a Igreja, o Direito, a Medicina, por exemplo), movidas pela vontade de saber, a partir dos discursos relatados por pessoas em situações confessionais em que confessavam seus desejos e suas práticas sexuais, produziram ao longo dos séculos um saber sobre a sexualidade que, através do poder que circulava por essas instituições, foi (e ainda é) capaz de regular a sexualidade das pessoas. Trata-se de um dispositivo de sexualidade produzido discursivamente através dos mecanismos de saber-poder, exercidos por essas instituições, e que determinam a heterossexualidade como uma norma, como o correto, a sexualidade ideal, diante de outras chamadas pelo autor de sexualidades periféricas.

Ainda segundo Foucault (2015), no século XVIII, os Estados passaram a se preocupar com a população no que diz respeito à constituição de famílias, práticas sexuais e reprodução, o que refletiria em produtividade, ou seja, heterossexuais formam famílias e aumentam a população.

É verdade que por muito tempo afirmou-se que um país deveria ser povoado se quisesse ser rico e poderoso. Pelo menos de maneira constante, uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados não somente ao número e à virtude dos cidadãos, não apenas às regras de casamentos e à organização familiar, mas à maneira como cada qual usa seu sexo. (FOUCAULT, 2015, p. 29).

A partir do século XIX, a Igreja começa a perder parte de sua insistência no que diz respeito às “‘fraudes’ contra a procriação” (FOUCAULT, 2015, p. 45) e a justiça cede nas suas considerações acerca dos “delitos sexuais” em “proveito da medicina” que começou a classificar e patologizar as “práticas sexuais ‘incompletas’” (FOUCAULT, 2015, p. 45). A medicina “classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexos; integrou-os ao ‘desenvolvimento’ e às ‘perturbações’ do instinto; empreendeu a gestão de todos eles” (FOUCAULT, 2015, p. 45-46).

Esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e a nova especificação dos indivíduos. A sodomia – a dos antigos direitos civil ou canônico – era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma

anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo, uma vez que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza, singular. É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada – o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as “sensações sexuais contrárias” pode servir de data natalícia – menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (FOUCAULT, 2015, p. 47-48).

Nesse sentido, podemos encontrar explicações sobre o tema homossexualidade na pedagogia dos manuais médicos, conceito proposto nos estudos realizados por Sá-Silva (2012). Em sua tese de doutoramento, o autor analisou abordagens sobre homossexualidade em livros de medicina, psicologia e educação, publicados entre as décadas de 1920 e 1970. Os diversos livros apontam possíveis causas da homossexualidade (hereditária, hormonal, problemas relacionados ao desenvolvimento da criança, adquirida por fatores ambientais diversos, psicológicas) e trazem informações e orientações sobre tratamento e prevenção dessa “patologia”.

Os livros são destinados, principalmente a médicos e psicólogos, e também a educadoras/es, mães e pais. Ao conjunto de orientações para “solucionar o problema” da homossexualidade ou “preveni-la”, Sá-Silva (2012) denominou pedagogia dos manuais médicos, uma vez que os efeitos de tal pedagogia foram observados quando analisados os livros de Educação – destinados a mães/pais e professoras/es – que não somente apenas incorporaram o discurso médico sobre as causas, tratamentos e prevenções da homossexualidade, mas também o reproduzem com eficiência.

Pedagogia, essa, que existe desde a classificação das “sexualidades periféricas” no século XIX, como uma forma de disciplinar a sexualidade, produzindo “discursos carregados da autoridade da ciência. Discursos que se confrontam ou se combinam com os da igreja, da moral e da lei” (LOURO, 2015, p.81-82). Pedagogia que ainda tem seus/suas adeptos/as e é solicitada quando a sexualidade “natural” se sente ameaçada. Pedagogia que normaliza, que exercita a norma, que se respalda no saber-poder da medicina, para sustentar a identidade heterossexual como a correta, a ideal, a saudável, a normal, a natural, pois é inata. Pedagogia que ainda tem “a vontade de saber” (FOUCAULT, 2015).

A vontade de saber a respeito necessita que se fale sobre, para que seja produzido um saber. A sexualidade não tem sido silenciada. Tem sido produzida. Este texto dissertativo

inscreve-se no campo das pesquisas educacionais que tentam compreender os discursos sobre temas de relevância social, inscritos em livros de Sexualidade e Educação Sexual, e que têm sido objeto de investigação no campo de estudos do currículo na perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais em Educação.

Os livros de Sexualidade e Educação Sexual são artefatos culturais que veiculam inúmeras representações sobre gênero e sexualidade e que influenciam nas aprendizagens, nas ações e em modos de pensar e agir das pessoas. Dentre os materiais pedagógicos, que podem ser utilizados para a discussão de conteúdos sobre o tema homossexualidade no ensino médio, estão os livros de Sexualidade e Educação Sexual. Eles são tidos como um dos principais instrumentos didáticos usados por professores e professoras.

Frenedo et al. (2005) afirma que os livros que trazem a discussão de conteúdos complexos como a homossexualidade, por exemplo, deveriam trazer na sua essência alguns elementos importantes como: “conhecimento, valores, capacidade de resolver problemas, aprender a aprender, assim como alfabetização científica e tecnológica” (FRENEDO et al., 2005, p.2), o que necessariamente iria colaborar para o desenvolvimento do conteúdo de forma que envolvesse não só o conhecimento biológico, mas fizesse um elo com as questões sociais, culturais, econômicas e políticas.

Os livros, inclusive, podem reproduzir um discurso de preconceito e discriminação, chancelado pelos órgãos e pessoas competentes que se utilizam de seu poder de escolha para utilizá-los em sala de aula. É preciso, então, que estejamos atentas/os e que pesquisemos sobre os conteúdos que compõem seu interior.

Pensar, então, a importância da discussão sobre sexualidade e educação sexual no currículo escolar é compreender que a pedagogia do insulto se faz presente no espaço escolar. Segundo o professor Rogério Junqueira (2007), essa pedagogia tem afastado lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, entre outras pessoas, de sua formação intelectual, pois ela, a pedagogia do insulto, utiliza a oratória para inferiorizar, ridicularizar e, até mesmo, silenciar esse assunto e sua finalidade além de insultar e excluir as pessoas LGBTQIA+ do acesso à educação.

Nesse processo, de acordo com Siqueira (2020), a escola é um território de táticas e estratégias. Táticas no sentido de que grupos dominantes utilizam-se do aparelho público escolar para disseminar seus pensamentos e suas ideias. Estratégias porque, ao formar um cidadão de acordo com os valores desses grupos, as pessoas irão defender em sua territorialidade um discurso que não pertence a sua realidade, mas que é realidade daquele que

o construiu; ou seja, a escola passa a ser um território que prepara os seus indivíduos para a vida em sociedade, vida essa que pertence a terceiros (CERTEAU, 2005).

Nesse sentido, instituições de ensino como a escola e as/os profissionais da educação reafirmam discursos não ditos, classificando, nomeando e hierarquizando as pessoas. As escolas, muitas vezes, reproduzem discursos de terceiros, repletos de ideologias arquitetadas constantemente em seu cotidiano e que reforçam a divisão sexual e a exclusão de muitas crianças e adolescentes, levando a uma evasão escolar, ou porque não dizer, expulsão escolar intencional, tendo em vista que essas/esses jovens, em sua maioria, têm sonhos de continuar seus estudos e se formar nas mais diversas áreas do conhecimento. Dessa maneira, discutir a sexualidade ou as sexualidades na educação é investigar a formação docente, rompendo com os muros da escola, pois:

[...] sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (FOUCAULT, 2005, p. 43-44)

Conforme Siqueira (2020), investigar os discursos que permeiam o cotidiano educacional é entender a violência contra a diversidade sexual, no que tange à construção dos discursos de ódio. São formas diversas de ódio que historicamente são utilizadas como forma de inferiorização e exclusão das homossexualidades na participação e edificação dos direitos e das cidadanias. A esse tipo específico de ódio, chamarei de homofobia e será melhor discutido na seção seguinte. Portanto, dentro desse formato, a educação, de certa forma, pode ser moldada aos interesses de cada época, sustentando ideologias de dominação e conduta (BORRILLO, 2010).

Jimena Furlani (2011) observa que a formação das professoras e dos professores não foge da lógica de sua trajetória como indivíduo na sociedade e como profissional. Por esse motivo, não podemos descartar que a pluralidade de discursos, que têm ocupado o cotidiano dessas/es profissionais por meio das diversas mídias e de suas linguagens, sendo campo de troca, pois o mesmo universo que habita a/o estudante habita a/o professor/a, e ambos têm reflexões diferentes sobre essa territorialidade. No atual cenário político brasileiro, podemos observar isso de maneira nítida, quando temos a chancela da Ministra dos Direitos Humanos expurgando toda e qualquer discussão sobre gênero e sexualidade nas escolas, uma vez que ela não pensa e age como ministra, mas como líder religiosa de uma igreja cristã evangélica. Dessa

forma, aquelas/es profissionais da educação que se identificarem com tal representatividade farão o mesmo em suas localidades escolares.

4 A HOMOFOBIA E SEUS EFEITOS NA EDUCAÇÃO

No Brasil, nos últimos cinco anos, aproximadamente, percebemos uma crescente onda de violência de todos os tipos manifestada, principalmente, por meio das redes sociais, que foi potencializada no período de campanha eleitoral para presidente da República no ano de 2018, protagonizada por um candidato que se assume de extrema direita e que propaga o ódio, o fascismo, o autoritarismo, a perseguição, o preconceito, o racismo, a misoginia, a homofobia e o desrespeito às instituições democráticas, tendo influenciado milhões de eleitores/as com tal postura. Mas entendo que, por um lado, essas manifestações violentas não são de agora; são frutos de um processo histórico e sociocultural e ganharam força, porque aquele/a que antes estava reprimido/a pelo politicamente correto agora se sente à vontade para ser livre em suas convicções, tendo como ponto de apoio a figura “mitológica” que governa o país.

De acordo com o relatório intitulado *Mortes violentas de Lgbt+ no Brasil*, produzido pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), 420 (quatrocentos e vinte) pessoas LGBTQIA+ morreram no Brasil em 2019 vítimas da homo-bi-lesbo-transfobia⁹. Ainda segundo o coordenador da pesquisa, o antropólogo Luiz Motti (2019), 320 (trezentos e vinte) homicídios que correspondem a setenta e seis por cento dos casos (76%) e 100 (cem) suicídios que correspondem a vinte e quatro por cento (24%). Uma pequena redução de seis por cento (6%) em relação a 2018, quando se registraram 445 (quatrocentos e quarenta e cinco) mortes, um quantitativo recorde desde que o GGB iniciou esse banco de dados no ano de 2000.

Ainda, segundo o relatório anteriormente citado, a cada 20 horas uma pessoa LGBTQIA+ é barbaramente assassinada ou se suicida vítima da LGBTfobia¹⁰, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Segundo agências internacionais de direitos humanos, matam-se muitíssimo mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África, onde há pena de morte contra os/as LGBTQIA+.

O contexto da pandemia parece ter agravado a situação. Quando no Boletim de nº 2 divulgado em 2020 pela Agência Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) informa que

⁹ É entendido pelos movimentos sociais LGBTQIA+ as especificidades das violências contra essa comunidade, tais como lesbofobia é o entendimento de agressões contra mulheres lésbicas, transfobia para pessoas transexuais e travestis, bifobia para bissexuais e homofobia para homens gays.

¹⁰ Termo geral usado, em específico, nesse relatório, para se referir aos atos violentos de qualquer ordem à comunidade de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, assexuais, queers e afins.

o Brasil apresentou aumento de 90% no número de casos de assassinatos à comunidade LGBTQIA+ em relação ao mesmo período de 2019.

No dia 13 de junho de 2019 o Supremo Tribunal Federal entendeu que, especificamente, a homofobia e a transfobia enquadram-se no artigo 20 da Lei 7.716/1989, que criminaliza o racismo. No entanto, alguns críticos e militantes da causa LGBTQIA+ afirmam que isso não é o suficiente, tendo em vista que este tipo de injúria não se enquadra no Código Penal, com punições mais específicas e que entenda o que seja homo-bi-lesbo-transfobia.

Numa perspectiva jurídica constitucional, Barroso (2011) lembra que não possibilitar às pessoas a oportunidade de vivenciar sua orientação sexual (gênero ou identidade gênero) em todos os seus desmembramentos é privá-las de uma das dimensões que dão sentido à sua vida. Ou seja, parece-me que a inserção da homofobia e da transfobia, como crimes de racismo, não atende à especificidade da demanda de toda uma comunidade LGBTQIA+, levando em consideração suas orientações sexuais, identidades de gênero e vivências. A impossibilidade de experimentar tal vivência está em profundo desacordo com o que prevê a Constituição Federal Brasileira, que tem como um de seus fundamentos “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Brasil, 1988, p. 01).

Na educação, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que define ações de aprendizagens essenciais para Educação Básica, assegurando os direitos de aprendizagem em conformidade ao Plano Nacional de Educação (PNE). E é orientada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/1996), em que a formação humana e construção de uma sociedade justa é visionada, fundamentando-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DNE). A BNCC ainda possui competências e habilidades que asseguram uma formação cidadã e de exercícios éticos aos/as estudantes (BRASIL, 2017). Porém, o documentado excluiu os termos ‘orientação sexual’ e ‘homofobia’ para discussão no ambiente escolar, dando a entender que os/as cidadãos/cidadãs sejam educados/as para a lógica heteronormativa (CUNHA; SÁ-SILVA, 2018).

Já o Programa *Escola sem Partido* (Lei 867/2015), proposto pelo Deputado Izalci (PSDB/DF), que deveria ser incorporado à LDB nº 9394/1996, a princípio considerado inconstitucional pelos defensores da Educação do Brasil, limita o/a professor/a em sala de aula, afirmando que as intenções nas aulas é doutrinar politicamente e ideologizar os/as educandos/as, deliberando a pais, mães, funcionários/as da educação, e comunidade a autonomia de reclamar para as Secretarias de Educação os que fogem ao que o projeto propõe (SÁ-SILVA; SILVA, 2018).

Enquanto há projetos que visam o retrocesso e o silenciamento, que enaltecem a heterossexualidade, há outros que respeitam a diferença e que, por meio da educação, problematizam assuntos transversais da sexualidade, como o *Escola sem Homofobia*. Foi um projeto que teve apoio da Secretaria de Educação Continuada/Ministério da Educação, que objetivou produzir, apresentar e formar professor/a, estudantes e comunidade escolar sobre a homossexualidade, de caráter defensivo da diversidade de orientação sexual. O documento iniciou-se no governo do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em parceria com instituições não-governamentais, sistematizado com mais detalhes no governo da ex-presidenta Dilma Rousseff, sendo denominado erroneamente e ignorantemente de “Kit gay” ou “Kit anti-homofobia”. Muitos foram as *fakes news*¹¹ disseminadas na população brasileira, e foi então que a pressão dos conservadores e da bancada religiosa da Câmara Nacional proibiu a divulgação e distribuição do material (ALMEIDA; BEZERRA, 2018).

Então, por que, mesmo com a existência de leis específicas que juridicamente ordenam punição para crimes como a homofobia, o número de agressões contra essa população continua? Por que o/a agressor/a não tem medo das consequências de seus atos violentos? Por que o desejo de matar é tão forte? Talvez eu não consiga responder, aqui, a subjetividade de um/a agressor/a potencialmente assassino/a, pois é um universo dolorido de invadir e investigar, mas passível de análise e observação por parte não só da psicologia, mas da sociologia, antropologia e demais ciências humanas e sociais.

As relações interpessoais que se dão em nosso contexto histórico-social, político e cultural brasileiro são caracterizadas como processos relacionados a disputas em torno de redes de significados, sistemas de disposições, quadros institucionais, saberes, metodologias e cotidianidades que se constituem ao sabor da heteronormatividade.

Essa categoria pode ser entendida como a existência de uma hierarquia das sexualidades em que a heterossexualidade ocupa a posição superior, a mais privilegiada; e as outras formas de viver a sexualidade são consideradas, na melhor das hipóteses, incompletas, acidentais e perversas e, na pior, patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização (BORRILLO,2010). De acordo com Roger Rios (2007) o heterossexismo (heteronormatividade) também pode ser entendido como um sistema onde a heterossexualidade é institucionalizada como norma social, política, econômica e jurídica, não importando se de modo explícito ou implícito.

¹¹ *Fake News* são notícias incoerentes com a realidade, que difamam, humilham e resultam em preconceitos e violência.

Uma vez institucionalizada, a heteronormatividade manifesta-se em instituições culturais e organizações burocráticas, tais como a linguagem e o sistema jurídico. Isso acarretará, de um lado, superioridade e privilégios a todos/as aqueles/as que se adequam a ou se encaixam em tal parâmetro; e, de outro, violências (homofobia) a pessoas homossexuais e até mesmo a heterossexuais que venham a se afastar dos padrões e regras impostos para a heterossexualidade.

Nossa sociedade não é apenas heterossexual, mas marcadamente heteronormativa (BUTLER, 2010; RIOS, 2007). Nos livros didáticos, o caráter heteronormativo das relações sociais está presente nos padrões de representação de gênero e o de organizações familiares, nos discursos sobre afetos e na ausência do tema diversidade sexual. A heteronormatividade impõe um silêncio, não existem corporificações para além do binarismo de gênero, por isso não se fala de homossexualidade, bissexualidade, transgêneros ou transsexuais (BUTLER, 2010). O silêncio é a estratégia discursiva dominante, tornando nebulosa a fronteira entre heteronormatividade e homofobia.

Paralelamente ao cenário de violência explícita contra as pessoas LGBTQIA+ que temos acompanhado pela mídia, é frequente nas escolas e em outros espaços sociais um outro tipo de violência, dita simbólica, tão ou mais devastadora que a agressão física, uma vez que atinge a autoestima e, por conseguinte, os direitos mais básicos do ser humano, como o respeito, a confiança e a autodeterminação.

Judith Butler, na adolescência, foi caracterizada como a fora dos padrões por não seguir regras, sendo que, na escola, mesmo considerada inteligente e indagadora de professores/ies/as, não tinha a credibilidade do diretor, visto que costumava desviar o caminho da escola e não atendia às ordens. A penalidade para suas ações foi sua retirada do ambiente escolar para que não se tornasse uma delinquente, segundo o gestor. Nas aulas particulares, descobriu, construiu e desconstruiu temas que para sua idade não costumavam ser problematizados. Uma garota incomum tornou-se uma adulta questionadora, determinada e aguda nas suas escritas, tendo a fama de questionamentos mais significativos que suas respostas ou soluções (LOURO, 2013).

Uma vez que notarmos as características dadas a Judith, em sua vida escolar e em seus comportamentos, percebemos as vozes da heteronormatividade guiando os sujeitos sociais, e que não diferem de muitos outros milhões de casos no Brasil e internacionalmente. As meninas precisam “aprender a se comportar como meninas, falar como meninas e andar como meninas” são os argumentos mais escutados e ditos por instituições sociais que demarcam muito, assim como a família. Dessa forma, as ideias de fragilidade, de submissão, delicadeza

são perpetuadas por longos anos na vida das mulheres. Para os homens isso não é diferente, caso saiam do perfil sério, do comportamento centrado, das áreas profissionais ligadas às exatas, das vestimentas, do modo de falar e caso apresentem sentimentalismo, delicadeza, postura flexível, seu rótulo não será outro que não seja homossexual. Vejamos o que Cunha (2019, p. 72) fala a respeito disso:

Gestos, vestimentas, maquiagem, jeito de falar de muitos homens gays são características significadas como marcas e percebidas como femininas, terminam por denunciar os homossexuais sobre sua sexualidade. Essas marcas classificam e reduzem o sujeito que passa a ser visto de forma negativa e inferior pela sociedade, uma vez que marcas culturais os distinguem dos sujeitos considerados normais – os heterossexuais – e se configuram em “marcas de poder”.

Entendendo que as diferenças existem, que a realidade de um/uma não é igual à do/da outro/outra, que os desejos, as vontades de seguir e serem o que quiserem existem e devem ser obedecidas, porque somos sujeitos livres, vivendo numa sociedade livre, eu me pergunto: por que tantos estereótipos? Por que esses discursos são tão reforçados? Onde que são renovados? Cadê as instituições que podem discutir sobre equidade de gênero, sobre respeito às orientações sexuais, sobre o direito de viver sob suas escolhas? A escola como formadora cidadã está se posicionando em que discurso?

Os sujeitos vivem suas sexualidades de diversas formas, relacionando-se com pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto ou com nenhum/a parceiro/a. As identidades de gênero não se relacionam diretamente com a identidade sexual, visto que os indivíduos são e vem de culturas diferentes e de constantes transformações, permitindo que as escolhas de orientação sexual sejam livres (CUNHA, 2019).

É fato que, por muitos anos ou séculos, as pessoas LGBTQIA+ foram perseguidas e criminalizadas, sendo forçadas a viver na clandestinidade, na marginalidade das cidades, nos guetos; vistas como pessoas doentes e que contaminavam e disseminavam a imoralidade e a perversão; esse estigma se deu mais forte nos anos 1980 com a epidemia da AIDS.

Uma das principais conquistas das pessoas homossexuais foi a retirada do termo “homossexualismo”, em 1990, e do termo “transexualismo”, em 2019, pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Entretanto essas pessoas, por meio do ativismo político, continuam lutando por sua visibilidade, pelo respeito, por mais direitos e pela sua segurança.

Amplamente situamos todos os casos de discriminação e preconceito contra pessoas LGBTQIA+ como homofobia. No entanto, essa categoria passa por frequentes discussões e controvérsias teóricas (JUNQUEIRA, 2007). Nesse sentido, o que entendemos por Homofobia? Algo patológico psiquiátrico, social, cultural, psicológico, sociológico? Um fenômeno

individual, coletivo ou institucional? E do ponto de vista acadêmico, ainda é válido empregar o conceito de homofobia? O conceito de homofobia deveria ser ressignificado, abandonado, substituído ou, quem sabe, pensado em conjunto com outros conceitos?

Num primeiro momento, segundo Junqueira (2007), a homofobia foi encarada como algo patológico/psiquiátrico, mas ela reduziu a responsabilidade individual para as consequências do preconceito e reconhece o comportamento discriminatório como imutável e inevitável, encorajando, portanto, as pessoas agressoras a alegarem insanidade mental ou problemas psicológicos.

Ainda segundo o autor anteriormente citado, os estudos críticos de gênero vão compor o discurso político do ativismo e movimento LGBTQIA+, onde a homofobia passa a representar um símbolo de reivindicação por direitos e compreensão do preconceito a que essas pessoas são submetidas (anos de 1960 e 1970). Numa perspectiva da Psicologia, Sussal (1988) estabelece que a homofobia é:

Uma manifestação cultural e social, que pode ser comparada ao racismo ou ao antissemitismo. As relações homofóbicas mais violentas provêm, em geral, de indivíduos que lutam contra seus próprios desejos homossexuais. A violência irracional contra gays é o resultado da projeção de um sentido insuportável de identificação inconsciente com a homossexualidade, de tal modo que o homossexual colocaria o homofóbico diante de sua própria homossexualidade experimentada como tolerável. A violência contra os homossexuais seria apenas a manifestação do ódio de si mesmo ou, melhor dizendo, da parte homossexual que a pessoa teria vontade de eliminar. Sendo assim, a homofobia seria uma disfunção psicológica, resultante de um conflito mal resolvido durante a infância e que provocaria uma projeção inconsciente contra pessoas supostamente homossexuais. Esse mecanismo de defesa permitiria reduzir a angústia interior de se imaginar em via de desejar um indivíduo do mesmo sexo. (SUSSAL, 1988, p. 203-214)

Já, numa perspectiva sociocultural, de acordo com Borrillo (2010), nossa sociedade – moderna, elitista, escravocrata, capitalista, neoliberal, americanizada, embranquecida, fundamentalista religiosa, neofascista – é, também, androcêntrica, e afirma que, em grupos marcados pela dominação masculina, a homofobia organiza a vigilância de gênero.

Para este autor, existe uma lógica binária de construção da identidade sexual em que a mulher está oposta ao homem, assim como o homossexual está ao heterossexual. A identidade sexual masculina é, então, construída de maneira a negar o feminino e rejeitar a homossexualidade.

Ele segue sua análise considerando que a homofobia é um elemento constitutivo da identidade masculina e que sexismo e homofobia são faces de um mesmo fenômeno social, sendo assim, “a homofobia – e, em particular, a masculina – desempenha a função de policiamento da sexualidade ao reprimir qualquer comportamento, gesto ou desejo que

transborde as fronteiras impermeáveis dos sexos” (BORRILLO, 2010, p.90). Dessa forma, acredito que a homofobia produz efeitos diretamente relacionados a estratégias do biopoder:

Por meio da temática do biopoder, Foucault percorre duas linhas de forças envolvidas na produção de subjetividades: De um lado, o poder totalizante, o qual cria aparatos estatais capazes de governar populações, levando a um processo crescente de massificação e burocratização da sociedade; de outro, complementar a esse poder, encontram-se as técnicas individualizantes, consistentes em saberes e práticas destinadas a dirigirem os sujeitos de modo permanente e detalhado. O conceito de biopoder mostra-se relevante para a compreensão da sociedade atual, pois permite evidenciar a ação das duas linhas de forças, tendo em vista a importância assumida pelas ciências biomédicas e pela biotecnologia nas últimas décadas. Desde o período histórico retratado aqui, o qual se estende do século XVII ao início do século XX, os saberes e as técnicas de manipulação da vida conheceram um vertiginoso desenvolvimento. Desenvolvimento que requer instrumentos de análise aptos a elucidar seus riscos e benefícios. (CAMILO e FURTADO, p. 41, 2016)

Nesse sentido, falar de homofobia significa, portanto, falar de medo; não o medo patológico individual, a que o termo “fobia” se refere, mas a produção social de insegurança e temor. Para Batista (2003), este processo produtivo se dá através de discursos e práticas cotidianas, justificando e legitimando políticas públicas de repressão e extermínio contra determinadas populações (índios, negros, judeus, mulheres, homossexuais).

O medo, então, atravessa a construção das performances de gênero¹² e provoca um esvaziamento de espaços públicos, pois marca os encontros, a circulação na cidade e a existência em alguns territórios como perigosos e inadequados – para determinadas pessoas. Torna-se, assim, um atravessamento muito potente na produção de existir e produz efeitos no mundo. De acordo com Batista (2003, p. 86) “sociedades assombradas produzem políticas históricas de perseguição e aniquilamento [...] a consciência do exagero dos rumores não diminuiria a intensidade da repressão”.

Por isso, podemos perceber, por meio das notícias em jornais, por exemplo, que a homofobia segue agindo diariamente em nossa sociedade que está “assombrada” pelos inúmeros casos de violência contra a população LGBT e também contra a própria população heterossexual, a exemplo do rapaz que levou 4 (quatro) tiros ao beijar seu companheiro em um

¹² As performances, diz Butler (2010), são capazes de inverter as distinções e binaridades – entre elas, a de “interno/externo”, “pessoal/social” ou “natural/cultural” – e obrigam a repensar nossas premissas psicológicas para compreender o humano em sua sexualidade ou “identidade”, ao mesmo tempo que revelam o caráter performativo do gênero ao considerar a instabilidade de masculino e feminino. Ao compreendermos que as identidades não são fixas e estáveis, permitimos, ainda, com que os sujeitos sejam reconhecidos em sua agência, admitindo sua capacidade de subverter e desafiar as estruturas de poder que lhes regem. Vale acrescentar, ainda, que essa “inadequação” das categorias não é fruto de um tempo “pós-moderno”, como se costuma dizer; pode até ser que o seja também, mas, mais do que isso, é o tempo que vivemos hoje que permite que reavaliemos a necessidade de construir universalidades como por tanto tempo a ciência ocidental o fez; não porque o mundo fosse dividido em categorias estáveis, mas porque os olhos do pensador o eram.

bar no estado da Bahia¹³; ou da travesti Dandara que foi brutalmente linchada no Ceará¹⁴; entre outros tantos exemplos que afetam, inclusive, pessoas heterossexuais, como no caso do pai e filho que estavam abraçados e foram “confundidos” como um casal homoafetivo numa festa no interior de São Paulo, onde o pai teve parte da orelha decepada¹⁵.

Nesse sentido, de acordo com Cassal e Bicalho (2011, p.85), “a homofobia não se traduz apenas no desconforto individual. Precisamos levar em consideração sua produção coletiva”. Portanto, a homossexualidade e seus efeitos (homofobia, por exemplo) existem por conta das relações de poder. É o que Foucault (2015, p.114) aponta:

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias.

Sendo assim, o medo da homofobia se espalha como um dado natural e reafirma as estratégias do biopoder. Pelo medo e para “proteção”, crianças aprendem desde a infância a não parecerem homossexuais. Adolescentes e/ou adultos procuram consultórios psicológicos por conta de sua homossexualidade. Famílias se preocupam com a/o jovem LGBTQIA+ que sai sozinha/o. E políticas autoritárias de controle social se estabelecem em nome de um ‘bem maior’ (BATISTA, 2003), como não falar sobre educação sexual nas escolas, porque o assunto é visto como “ideologia” que, de acordo com a bancada fundamentalista do Congresso Nacional brasileiro, ensina os estudantes a serem homossexuais, incita à prática precoce do sexo, entre outras hipóteses equivocadas.

A homofobia, pois, tem uma dimensão também institucionalizada. Portanto, daquilo que vimos refletindo até aqui, fica evidente que a escola, que é a instituição-parte da sociedade, seja afetada por ela (homofobia). O poder exercido pela instituição escolar agrupa os alunos pelo que, de maneira suposta, são e, principalmente, pelo que podem vir a ser. Tal instrumento institucional estigmatiza-os numa condição de desvio do padrão de aluno ideal (FOUCAULT, 2005).

As pessoas que compõem o espaço escolar são influenciadas pelo modo de pensar e de se relacionar da/na sociedade, ao mesmo tempo em que a influenciam, contribuindo para suas transformações. Nesse contexto, o discurso de meritocracia, o discurso de escolha, as “brincadeiras”, a visão patológica são questões, ainda, relacionadas ao sujeito homossexual e

¹³ <https://catracalivre.com.br/cidadania/homem-leva-4-tiros-apos-beijar-companheiro-em-bar-na-bahia/>

¹⁴ <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>

¹⁵ <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/07/19/confundidos-com-casal-gay-pai-e-filho-sao-agredidos-no-interior-de-sp-homem-perdeu-parte-da-orelha.htm>

que impactam de forma cruel e perversa, ferindo a identidade desse sujeito. Então, ao identificarmos o cenário de discriminações e preconceitos, vemos no espaço da escola as possibilidades de ela contribuir para a transformação desse processo de reprodução da homofobia.

Desde a nossa concepção ao desenvolvimento no útero, nossos corpos são marcados. E a primeira coisa que os pais querem saber é o sexo do bebê, se é “menino” ou “menina”. Compramos o enxoval, geralmente, associando cores e imagens ao que é dito como masculino ou feminino e pensamos no nome seguindo a mesma lógica. Mas, afinal, o que é masculino? O que é feminino? O que determina? Quem determina? Nossos corpos e nossa vida parecem ter um destino, uma programação antes mesmo de abirmos os olhos e enxergarmos o mundo. Tudo está definido. Tudo está marcado. Mas que marcas são essas? O que, supostamente, elas mostram? De acordo com Guacira Lopes Louro (2000, p. 61):

As marcas devem nos "falar" dos sujeitos. Esperamos que elas nos indiquem - sem ambiguidade - suas identidades. Gênero? Sexualidade? Raça? Aparentemente seriam evidentes, "deduzidos" das marcas dos corpos. Teríamos apenas de ler ou interpretar marcas que, em princípio, estão lá, fixadas, de uma vez e para sempre.

Essas marcas geram desconfortos quando os sujeitos não se percebem dentro delas. Quando esse universo marcado está em desajuste com sua maneira de falar, de vestir, de andar, de ver o mundo. As marcas que nos deixam quando pensamos por nós, antes mesmo de nascermos, causam, por vezes, frustrações e grandes decepções. Marcas que geram feridas e que demoram para cicatrizar. Estigmas que ficam para o resto de uma vida e que causam, de maneira violenta, às vezes, até uma autoagressão.

Portanto, os valores e os modelos de conduta produzidos na escola e transmitidos por ela, tanto por meio dos conteúdos da educação formal (currículo), como através da interação cotidiana com alunos/as, pessoal de apoio, administrativo, direção/supervisão pedagógica, professoras e professores (prática de ensino), parecem encarnar as crenças, os preconceitos, as discriminações, as desigualdades, os estigmas que são comuns em nossa sociedade.

Por exemplo, será que um simples gesto de afeto como andar de mãos dadas nos corredores da escola ou um selinho entre casais do mesmo gênero é bem visto por todos os atores que compõem o cenário da escola? De acordo com Almeida (2014) aos homossexuais são restritos os banheiros da escola para esses “encontros”. “Os banheiros nos mostram aquilo que não pode ser visualizado nas salas de aula ou nos corredores na hora do intervalo. É no banheiro que registramos a demonstração mais clara e espontânea da Sexualidade e Orientação

Sexual” (ALMEIDA, 2014, p.19). Essas práticas, tendem a se repetir, quando em fase adulta, gerando ainda mais estigmas nos sujeitos homossexuais, como o da promiscuidade.

De acordo com Raposo e Teixeira (2013, p.97) “os banheiros garantem privacidade e anonimato, ainda que em ambientes públicos, permitindo assim transgressões e manifestações de impulsos sexuais. Destas possibilidades nascem fantasias e receios (...)”. Os banheiros, nessa perspectiva, mais do que simples lugares destinados às necessidades fisiológicas, naturais do ser humano, é um espaço no qual se transgride. As autoras continuam:

Os banheiros são espaços de alta densidade simbólica para a investigação das relações de gênero e sexualidade no contexto público e escolar. Materializam e expressam concepções e práticas de cuidado do corpo e do meio ambiente - já que são locais de depósito das excreções – marcadas por significados de sexo e gênero: como são arquitetados e organizados? Como são usados? Quem os mantém limpos? Tais questões sugerem reflexões que articula gênero, sexualidade, corpo e educação. (RAPOSO e TEIXEIRA; 2013. p. 1).

Entretanto, embora o banheiro seja espaço de “refúgio”, ele também é um espaço de agressão. Se fizermos uma visita rápida às escolas, poderemos observar, nas paredes, nas carteiras, nos bancos e nos banheiros, palavras como “viado”, “bicha”, “qualira”, “gayzinho”, “sapatão”, “traveco”, pinchadas, ao se referirem a “identidades estigmatizadas” ou marcadas, e ilustram as relações de desigualdade social dentro do espaço escolar, a partir das diferenças entre as pessoas (alunos/as, professore/as, funcionários, etc.) que nela se encontram.

A grosso modo, percebo, a partir de minhas vivências como profissional da educação e pesquisador, que “máscaras” parecem ser criadas dentro do espaço escolar, onde se finge que a educação é igual para todos e todas; no entanto, ela é utilizada como ferramenta de construção e reprodução das “normalidades” e dos padrões existentes em nossa sociedade. E o que é ser normal? Qual a condição para ser aceito dentro da sala de aula ou nos corredores da escola? Ser diferente não é o comum? Ou será que temos que ser como robôs, iguais até mesmo na aparência e função?

Podemos refletir, nesse sentido, sobre a formação naturalizada que alguns/algumas professores e professoras têm ao discutir sobre homossexualidade em sala de aula. Mas teria culpa todos/as eles/elas? Acredito que não, trata-se de pessoas que trazem consigo toda uma formação e vivência cultural conservadora e/ou uma formação fundamentalista religiosa. Valores, esses, adquiridos dentro do seio familiar e que, por uma questão de ordem moral e princípios tradicionalistas, acabam fazendo parte de práticas educacionais de muitos professores e professoras. Uma questão que pode ser entendida pela sociologia por meio do *habitus*:

O habitus, que é princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, é produto de toda a história individual, bem como através das experiências formadoras da primeira infância, de toda história coletiva da família e da classe; em particular, das experiências em que se exprime o declínio da trajetória de toda uma linhagem e que podem tomar a forma visível e brutal de uma falência ou, ao contrário, manifestar-se apenas como regressões insensíveis (BOURDIEU, 2003, p.131).

O *habitus* funciona, portanto, como esquema de ação, de percepção, de reflexão, encarnado no corpo e na mente, de forma durável e com o contorno de disposições permanentes por meio de gestos, posturas, formas de ver o mundo, de classificar a si próprio e seus pares por meio de suas próprias classificações. É algo adquirido nas estruturas sociais e históricas de cada um dos campos e de cada um dos agentes e decorrente delas.

Nesse propósito, o *habitus* apresenta-se ao mesmo tempo como social e individual, reportando a sistemas de classificações, que são evidenciados pelas posições sociais, nos quais, a estrutura objetiva de distribuição dos bens materiais e simbólicos, na sociedade, ocorre, fundada em parâmetros de desigualdade. Essas classificações é que podem conceber os estereótipos e os estigmas dentro da escola, quer seja entre os/as colegas de turma quer seja por meio das práticas de ensino.

Sobre isso, Bourdieu e Passerón (1992, p.20) consideram que “toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural” e a violência simbólica ocorre toda vez que se impõe um significado como legítimo e verdadeiro. Já Guacira Lopes Louro (2013, p. 60), em seu artigo *Corpo, Escola e Identidade*, ao se reportar à autora Bell Hooks, abre a discussão considerando que

as teorias educacionais e as inúmeras disciplinas que constituem os cursos de formação docente pouco ou nada nos dizem sobre os corpos - dos estudantes ou dos nossos. Com exceção da Educação Física, que faz do corpo e de seu adestramento o foco central de seu agir, todas as demais áreas ou disciplinas parecem ter conseguido produzir seu "corpo de conhecimento" sem o corpo. No "sagrado" campo da educação não apenas separamos mente e corpo, mas, mais do que isso, suspeitamos do corpo. Aparentemente estamos, nas escolas e universidades, lidando exclusivamente com ideias e conceitos que de algum modo fluem de seres incorpóreos.

Na obra clássica de Michel Foucault (1987), *Vigiar e Punir*, é possível perceber as inúmeras estratégias e técnicas inventadas para esquadrihar os corpos, para conhecê-los e escolarizá-los; para produzir gestos, posturas e movimentos educados, cristãos, civilizados, urbanizados, dóceis; para construir hábitos saudáveis, higiênicos, adequados, dignos. Na verdade, nos textos antigos é possível perceber, explicitamente, o quanto o corpo "fala" sobre a alma, o quanto ele está implicado e envolvido na sua construção (e também na construção da

inteligência, da razão, enfim, na construção do sujeito). "Uma postura reta", diz um antigo texto marista, supõe muito mais do que uma forma de posicionar as costas ou os membros ao longo do corpo, ela é indicativa de uma "retidão de caráter" (LOURO, 2008, p. 93).

Nesse sentido, a autora Fátima de Freitas (2011) diz que a educação conservadora e seu modelo de ensino perpetuam todas as diferenças, principalmente a de gênero, tendo como maior prejudicada – a mulher, por ser considerada frágil e inferior ao homem. Contudo, eu acredito que tudo o que for feminino ou que foge do aspecto biofísico masculino é descartado nesse tipo de educação (gays afeminados, travestis, mulheres trans, drag queens, crossdress, etc.).

Diante desse processo de estigmatização e discriminação social que afeta diretamente os sujeitos homossexuais, a escola aparece como “um espaço de transformação e de redenção social” (SILVA, p. 30, 1994). Esse autor abre uma reflexão de como a própria escola, com suas normas, rotinas e ambiências, produz e reproduz concepções e lógicas discriminatórias da sociedade. Assim, a escola é um dos locais onde as pressões e vigilâncias se manifestam mais visivelmente, por se tratar de um espaço onde as relações de poder sobre questões de gênero/sexualidade, raça/etnia, entre outras, e se reproduzem.

Romper com esse tipo de educação é um grande desafio, pois implica criar novas concepções das relações de gênero, pautadas na equidade. Como diz Scott (1995, p.73) “as categorias gênero e etnia são cruciais para a escrita de uma nova história, que inclui as narrativas dos oprimidos e das oprimidas e uma análise da natureza de sua opressão, a fim de que se possam compreender as desigualdades existentes”.

Portanto, é preciso, sim, compreender que culturalmente essas desigualdades e as características conservadoras, fundamentalistas e violentas estão enraizadas no sistema educacional brasileiro e que representam um dos grandes entraves de uma educação escolar que seja acolhedora, emancipatória, reflexiva, crítica e para a diversidade.

Muitos estudantes sofrem por apelidos, devido ao formato do corpo, pelo gingado diferente, por serem calados/as ou muito expressivos/as, e são essas questões que construirão um adulto que, em alguns casos, tem medo da sociedade.

De acordo com Sá-Silva (2012), por meio de funcionários, professores e professoras, que em seus discursos reverberam estigmas, preconceitos e agressões, podem tornar o ambiente escolar num local indesejável a quem precisa da educação e procura por ela.

Então, como tornar esse espaço agradável para a população minorizada¹⁶ e marginalizada, como os/as homossexuais?

Reconhecendo os fundamentos das diferentes áreas de conhecimento e a necessidade de pensar a Educação como campo formativo, a sexualidade e suas diferentes experiências e expressões são características constituintes de uma formação para o pleno desenvolvimento da pessoa e seu exercício para a cidadania. É feliz o trabalho que empreendem as pessoas que organizam e as autorias em propor olhares por outras perspectivas (TAKARA, 2020).

A educação sexual é o processo humano pelo qual as pessoas compartilham conhecimentos relacionados ao sexo e à sexualidade: ao afeto, ao prazer, ao sentimento, ao autoconhecimento e aos valores construídos sócio historicamente. Acontece nos mais variados espaços de aprendizagem, formal e informalmente, planejada ou não planejada, pois, como seres humanos sexuados a educação está sempre presente, mesmo que se fiquemos calados/as quando o assunto é sexo ou sexualidade.

A coragem, como a violência e o silêncio, como a força e a ordem, está do lado de vocês [...] desejo que inventem novos e frágeis usos para seus corpos vulneráveis. É por amá-los que os desejo frágeis e não corajosos. Porque a revolução atua através da fragilidade”. (PRECIADO, 2019, p. 136).

Transgredir como prática de ensino é uma tática de ensino que convida quem aprende a reconhecer os traumas, os preconceitos, os limites e as dificuldades impostas por esse sistema. Bell Hooks (2013, p. 273) propôs a educação como tarefa de criar coletivamente “[...] esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir”. Desse modo, educação para as sexualidades é o conjunto de práticas que vêm dialogar sobre sexo, orientação sexual, discursos, poder, opressão e direitos humanos e sexuais, compreendendo o ser humano para além dos aspectos biológicos (FURLANI, 2011).

Produzir modos de vida outros perpassa a difícil tarefa de reconhecer que esse sistema inferioriza, silencia e fragiliza. Caso venha de outros campos do saber, saiba que seu papel também é pedagógico. Ser outro modo de viver no mundo corrobora com tantas outras formas de vida que não têm referências para se compreender como vida possível.

¹⁶ Aqui eu tenho um entendimento de que não cabe o termo minorias, mas reflito que as comunidades de pessoas negras, LGBTQIA+, indígenas, camponesas, em situação de rua, mulheres, entre outros/as/es são comunidades minorizadas, ou seja, reduzidas a uma minoria que na realidade não existe, pois, aqui no Brasil, representam mais da metade da população. Portanto, é o discurso do opressor branco, elite e masculinizado que marginaliza o que não pertence ao seu padrão.

5 DISCUSSÃO SOBRE O TEMA HOMOSSEXUALIDADE E O COMBATE À HOMOFOBIA EM LIVROS PARADIDÁTICOS DE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

Nesta pesquisa, meu desafio foi analisar livros paradidáticos de Educação Sexual e Sexualidade, compreendendo como autoras e autores dialogam sobre esses temas, bem como perceber a existência de proposições pedagógicas que apontassem para o campo da Educação para a Diversidade, possibilitando, assim, o combate à Homofobia na escola. E, a partir desta análise, elaborei um produto, em formato e-book, que orientará professoras e professores na condução da temática educação sexual e sexualidade, em sala de aula.

De acordo com Laguna (2001), no Brasil, os livros paradidáticos, a partir dos anos 1970 do século passado, nasceram das discussões sobre a necessidade de autoras/es brasileiras/os produzirem para crianças e jovens a fim de formar, através deles, o desejo, o gosto e o prazer de ler. Livros com textos mais acessíveis que serviriam para introduzir o/a estudante no mundo da leitura e prepará-los/as para leituras mais complexas, como as de Arthur Azevedo, por exemplo.

Dessa forma, compreendo que os livros paradidáticos guardam uma leitura necessária e importante para o desenvolvimento intelectual de nossas/os estudantes, não sendo menos importantes que os livros didáticos. Ambos são complementares em sala de aula e devem ser lidos com a máxima cautela e senso crítico que o rigor científico exige.

Neste sentido, destaco que, falar sobre sexo, o corpo, ou a identidade sexual e de gênero das pessoas, ainda é motivo de estranhamento e, por vezes, esses temas são observados com certa polêmica e medo. Medo que silencia na escola possíveis diálogos que ajudariam no enfrentamento, por exemplo, de práticas homofóbicas, de gravidez precoce, de doenças sexualmente transmissíveis, homossexualidade, entre outros pontos pertinentes à Sexualidade e Educação Sexual.

Penso que os temas, como a Sexualidade e Educação Sexual, que são tomados pelo senso comum ou até mesmo pela comunidade científica como polêmicos, são temas que, de certa forma, causam incômodo, desconforto e desnaturalização de conceitos e normas. E isso é muito pertinente nos estudos pós-críticos, pois, na medida em que se sai da zona de conforto intelectual, religiosa, social, cultural e política, é feito um convite a estudar, observar, analisar. Então, o que antes era tomado como polêmico passa a ser percebido como categorias científicas pertinentes à construção de sujeitos de pesquisa, tais como, a título de exemplo, homossexuais.

Portanto, como dito nos aspectos metodológicos para a construção desta pesquisa, os livros catalogados foram lidos de maneira aprofundada. E, no decorrer dessas leituras, seis categorias ganharam força ao longo de nossas análises documentais: *educação para diversidade*, *educação sexista/educação homofóbica*, *homossexualidade na visão sociocultural*, *homossexualidade na visão psicológica*, *homossexualidade na visão biomédica* e *visões sobre homofobia*.

A categoria ***educação para diversidade*** diz respeito não só às propostas pedagógicas apresentadas pelas/os autoras/es, mas, também, aos discursos de formas de inclusão, igualdade e alteridade, incentivando ou apresentando propostas para se trabalhar a homossexualidade e o combate à homofobia na escola. Observe um trecho de um dos livros analisados e que sustenta a construção dessa categoria:

A professora e o professor podem fazer muito para mudar a situação de desigualdade na escola a partir da sua prática pedagógica cotidiana, estimulando meninos e meninas a experimentarem as mesmas atividades, a desenvolverem as mesmas habilidades e a compartilharem suas descobertas, superando as diferenças individuais supostamente baseadas no sexo. Através da educação não-sexista de crianças e jovens, a professora e o professor estarão criando um novo modelo de educação e sociedade (SOUSA e CARVALHO, 2003, p. 15).

A Educação Física, que é uma das disciplinas mais temidas entre as/os jovens adolescentes homossexuais, por exemplo, em suas aulas práticas, deve desconstruir por meio de problematizações e questionamentos os esportes que são considerados de homens e os que são considerados de mulheres, demonstrando que não há diferença, que o esporte é único e que as escolhas de práticas devem ser feitas livremente.

Daniel Cunha (2019) socializa as marcas que a Educação Física deixou em sua vida, porque, ao jogar “queimada” com suas amigas, recebia muitos olhares destorcidos, silenciados, que representavam sentidos diversos, entre eles o de que não era um jogo para meninos. O impacto foi maior quando a professora o obrigou a jogar futebol, “esporte masculino”, com os rapazes de sua sala; não sendo o que queria fazer, preferiu se isolar; e, a partir daquele momento, além de a cena não sair de sua cabeça, compreendeu os significados do que a educadora quis passar a ele. Esses discursos sobre a diferença entre os gêneros se repetem em todas as instituições, inclusive, na escola. (ALVES REIS; SILVA DUARTE; SÁ-SILVA, 2019)

Sá-Silva (2012) alerta que nas escolas a utilização dos termos ‘qualira’ e ‘qualhira’, que designam homens afeminados, refletem agressões físicas, verbais e simbólicas. Determinados usos de termos semelhantes, para localizar a pessoa homossexual, despertam em quem escuta uma ofensa a sua integridade, que humilha, marginaliza e exclui. Esse processo de

exclusão, marginalizante e humilhante, justifica a prática e a reflexão de duas importantes categorias construídas em nossa pesquisa: a categoria *educação sexista/educação homofóbica*. Estas categorias refletem as discussões que visam separar os gêneros e destinar um olhar heteronormativo para as pessoas, seja no espaço da educação formal (escola) seja no espaço da educação informal: família, amigos ou igreja, por exemplo. Veja o trecho de um dos livros analisados que sustenta a construção dessa categoria:

Sempre tem [preconceito]. Eu acho que é, tipo assim, como um trauma assim, que existe em algumas pessoas: "Ah, eu não gosto de negro. Ah, eu não gosto de gay, sabe?". É alguma coisa que aconteceu com ele, sabe? Não tem explicação, embora eu não goste de nenhum gay e se não chegar perto, mas se chegar também, eu fico com raiva, eu não gosto, eu conheço vários sapatão, mas eu não gosto, sabe? Se quiser ser, tudo bem, né? Mas ele lá e eu aqui, converso numa boa, tenho vários amigos assim, só que ele lá e eu aqui. (Grupo focal com alunos, escola pública, Cuiabá)" (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 283)

Já a categoria *visões sobre homofobia* baseia-se nos discursos e práticas que refletem ignorância, desconhecimento, preconceito, discriminação, marginalização, exclusão e agressões físicas, psicológicas, sexuais por parte de pessoas que não respeitam homossexuais (homens e mulheres). Leia o trecho de um dos livros analisados que sustenta a construção dessa categoria:

Mas, ainda que se focalize aqui mais a questão da homofobia, são diversos os preconceitos, discriminações que em nome da sexualidade desrespeitam, ferem a dignidade do outro, constituindo, muitas vezes para quem é o objeto desses, sofrimentos e revoltas. São legitimados por padrões culturais que cultivam simbólica e explicitamente hierarquias e moralismos em nome da virilidade, da masculinidade e da rigidez que codifica uma determinada vivência da sexualidade como a normal, a consentida. Muitas expressões de preconceito e discriminações em torno do sexual tendem a ser naturalizadas, até prestigiadas e não entendidas necessariamente como violências. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 279)

As pessoas não deveriam ser estereotipadas pelo que expressam, pois os corpos carregam ideias, valores, referências de socialização de uma cultura (LOURO, 2015). Entretanto, qualquer homem ou mulher que tenha uma postura diferenciada do padrão estabelecido pela cultura heteronormativa é estigmatizado/a ou, nas palavras da autora supracitada, "marcado/a". E são essas marcas que contribuíram para a construção das categorias que refletem as visões sobre a homossexualidade.

A categoria *homossexualidade na visão sociocultural* expressa como a homossexualidade foi sendo construída ao longo da história da humanidade, não só pelas pessoas homossexuais, mas também pelas "características" ou estereótipos atribuídos a essas

pessoas. Observe o trecho de um dos livros analisados que sustenta a construção dessa categoria:

Precisamos reconhecer que a homossexualidade não é uma questão ou um assunto que interesse apenas a uma minoria. As distintas formas de viver a sexualidade interferem umas nas outras, são interdependentes. Provavelmente os conservadores estão com cavaco quando dizem que, nos dias de hoje, há uma espécie de "celebração" de homossexuais e que isso está "afetando a família". (LOURO in MEYER, 1998, p. 92 e 93)

Na Grécia Antiga, por exemplo, as pessoas viviam suas experiências afetivas e sexuais conforme suas vontades; os relacionamentos homoafetivos, exemplificando, não estereotipavam ninguém. A cultura dos gregos antigos possibilitava que essas relações fossem vistas de maneira muito natural, afinal cabia aos homens mais velhos o ensino de todas as coisas aos jovens (crianças e adolescentes, conforme conhecemos hoje em dia); o nome desse processo educativo entre os homens era conhecido como pederastia.

Com o avanço dos domínios da Igreja Católica, os avanços morais sobre o entendimento dos papéis masculinos e femininos ganharam outro sentido e quem violasse o estabelecido pelas escrituras sagradas estava sujeito a punições. Desse modo, o discurso moralista tomou forma e poder, principalmente entre as classes mais afeiçãoadas de posses, ou seja, brancos nobres. As sociedades colonizadas, como a nossa brasileira, são fundamentadas nesse tipo de discurso e comportamento.

A categoria *homossexualidade na visão psicológica* expressa como a homossexualidade é vista a partir do comportamento ou conduta das pessoas. Veja o trecho de um dos livros analisados que sustenta a construção dessa categoria:

Não gosto de futebol, converso muito com as meninas, não sou de briga. As pessoas pensam que eu sou gay. Será que vou ter que me forçar a fazer coisas de que não gosto para que meus amigos não me encham? (André, 16 anos). (PICAZIO, 1998, p. 51)

Um beijo ou mesmo um ato sexual entre pessoas do mesmo sexo/gênero não definem que elas sejam homossexuais. Gostar de rosa ou brincar de boneca faz parte dos nossos gostos pelas cores e brincadeiras, por exemplo. Nada disso define uma pessoa como homossexual. Na verdade, elas se tornam marcas de poder; e Daniel Cunha (2019) nos informa que essas marcas visam padronizar as pessoas e trazem uma negatividade muito grande a essas vidas:

As características do comportamento sexual dos homens e das mulheres de hoje parecem ser bastante remotas. Através da evolução, nosso ancestrais nos legaram a sexualidade com todos os comportamentos que encontramos atualmente: o olhar, o

namoro, o desejo, o orgasmo, o prazer, a infidelidade, a homossexualidade, a masturbação e tudo o mais (JUNIOR in AQUINO, 1997, p. 91).

A categoria *homossexualidade na visão biomédica* é compreendida por meio das explicações que a Biologia e Medicina determinam sobre a sexualidade das pessoas homossexuais. Vejamos trecho de um dos livros analisados que sustenta a construção dessa categoria:

A principal causa do homossexualismo é o desequilíbrio hormonal. Homens e mulheres são homossexuais porque nasceram assim. Nos casais homossexuais um dos parceiros assume sempre o papel ativo, enquanto o outro desempenha sempre o papel passivo. Os homossexuais, em geral, têm muita criatividade e jeito especial para as carreiras artísticas. (BARROSO e BRUSCHINI, 2000, p.77).

Segundo Foucault (2015), as instâncias, como as Ciências Médicas e a Psicanalítica, estudaram e afirmaram nos últimos séculos como a homossexualidade ocorre e quais os sintomas, para saber as formas de prevenção, cura e perpetuar a heteronormatividade. A homossexualidade era entendida como patologia psíquica. A divulgação freudiana predominava nos conteúdos retratados em documentos, como livros de Medicina, Psicologia e Educação, embora o olhar do determinismo biológico influenciasse muitos autores e autoras na ideia de que as glândulas endócrinas alimentavam a propagação de homossexuais (SÁ-SILVA, 2012).

A educação moralista e sexual reforça esse discurso biomédico e contém estratégias heteronormativas, com o propósito de conter os desejos sexuais entre as mulheres e, também, “curar” a homossexualidade. A preocupação da heteronormatividade em perder os espaços para a homossexualidade se intensificou, sobretudo, nas escolas e internatos, quando, nestes espaços, professores e professoras, freiras e outras/os funcionárias/os ficavam de olho nas/os jovens que em momento nenhum poderiam ficar a sós, pois poderia haver uma prática homossexual (SÁ-SILVA, 2012).

Ao nos conscientizarmos de que essa pluralidade nos caracteriza como sociedade e como indivíduos, somos impelidos/as a procurar novas formas de configurar um fator de enriquecimento e de desestabilização de sistemas de representações que hierarquizam termos e identidade(s) como naturais e inevitáveis, estigmatizam identidades contrárias e subvertem outros conceitos (JUNQUEIRA, 2007; 2009).

Nesse caso, Guacira Lopes Louro (2015) diz que o trabalho pedagógico deve ser contínuo, interminável e mutável, respeitando as realidades das/dos estudantes, mas que

inflame um acolhimento, uma inclusão, que mostre que a sociedade é de todas, todos e todes¹⁷ e para todas, todos e todes.

Portanto, o desenvolvimento do plano de trabalho desta pesquisa aconteceu num momento muito oportuno, para problematizar a homossexualidade nos livros de educação sexual, visto que o cenário brasileiro tem desvalorizado essa educação e divulgado discursos de ódio, opressão e exclusão para com aqueles/as que expressam sua sexualidade diferente das normas sociais, advindos de pessoas públicas e notórias ao cargo público que exercem. Entretanto, ao mesmo tempo que a sociedade tenta se afastar da sua realidade, as Ciências Humanas e Sociais têm endossado as discussões de gênero e sexualidade em espaços acadêmicos e fora deles, como as redes sociais. Para melhor compreensão na leitura dos resultados, optei por subdividi-los em seções.

5.1 O tema da Homossexualidade em livros de Educação Sexual


Os conceitos iniciais, apresentados no livro *Por uma educação escolar não sexista*, escrito por Valquíria Alencar de Sousa e Maria Eulina Pessoa de Carvalho (2003), tais como sexismo, gênero, patriarcado e feminismo, estimulam os leitores a entenderem a obra não apenas pela capa. As autoras, ao longo de todo o texto, abordam como a heteronormatividade classificou e dividiu as pessoas, tendo como marcador o “gênero”, quando, na escola, meninas ficam de um lado e os meninos de outro. O tema da homossexualidade não é debatido nesse livro, mas como veremos na subseção, as autoras abrem para o debate sobre *educação para diversidade e educação sexista/homofóbica*.

O livro catalogado no Centro de Ensino Liceu Maranhense é, na verdade, uma cartilha que propõe uma intervenção nas práticas educacionais que criam ou reforçam as desigualdades entre alunas e alunos e a iniquidade de gênero:

Quadro 4 - Síntese do livro de SOUSA, Valquíria Alencar de. **Por uma educação escolar não sexista**. Organizadoras: Valquíria Alencar de Sousa, Maria Eulina de Carvalho. – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

Livro	Dados gerais do livro	Perspectiva da abordagem
-------	-----------------------	--------------------------


¹⁷ Ao longo de todo esse texto, escrevo dentro de uma linguagem binária, trazendo as pessoas masculinas e femininas, entretanto, em meu capítulo final, faço uma provocativa não só aos leitores e leitoras, mas a mim mesmo, que (re) pensemos a inclusão das pessoas não binárias, conforme propõe o artigo da Marcela Mok’wa (2019), disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2019/02/o-papel-e-a-funcao-da-linguagem-nao-binaria-ou-neutral-no-contexto-das-redes-online/>. A linguagem não-binária é uma proposta que necessita de prática, tanto dentro quanto fora da comunidade LGBT+.

	<p>Autoras: Valquíria Alencar de Sousa e Maria Eulina Pessoa de Carvalho.</p> <p>Ano de publicação: 2003</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>A abordagem é de perspectiva sociocultural, desconstrucionista e feminista sobre a educação sexual e sexualidade.</p>
Características gerais do livro		Conteúdo sobre a homossexualidade
<p>As autoras fazem uma crítica sobre os processos educativos que levam à construção de uma educação homofóbica e sexista. Além disso, descrevem possibilidades para pensar uma educação sexual para a diversidade, pontuando formas de dizer e fazer. Outros aspectos relevantes da obra são as articulações desconstrucionistas, realizadas para viabilizar uma visão sobre sexo e gênero que ultrapassa a perspectiva biologicista.</p>		<p>O livro não problematiza o tema da homossexualidade de forma explícita e direta. No entanto, as autoras apresentam ideias sobre sexualidade, gênero e educação sexual que traduzem uma dimensão pedagógica para a discussão da homossexualidade.</p>
Proposições pedagógicas		
<p>O livro apresenta várias proposições pedagógicas para a discussão plural de gênero e sexualidade, demarcando a personificação do sujeito feminino. Tais formas de dizer estão articuladas ao campo da escola, da família e em outros espaços sociais. As autoras reforçam a todo momento uma educação para a diversidade, indicando metodologias e recursos didáticos de uso possível.</p>		

No Centro de Ensino Liceu Maranhense também encontrei o texto de Barroso e Bruschini (2000), intitulado *Homossexualidade*, presente no livro *Sexo e Juventude: como discutir a sexualidade em sua casa e na escola*, e que trata a homossexualidade de forma dinâmica, uma vez que divulga os contextos históricos, culturais e sociais da gênese da temática, e os contextos atuais, como os mitos que foram criados e que a Ciência já respondeu sobre o assunto, incentivando o respeito às diversas formas de vida.

Um desses mitos é que o tipo de roupa que uma pessoa usa, seu modo de falar, mexer as mãos, as atividades profissionais que realiza, a orientação ideológica que tem, sua solidez moral, honestidade, confiabilidade e sua estabilidade emocional podem determinar sua orientação sexual e identidade de gênero.

Quadro 5 - Síntese do livro de BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e juventude:** como discutir a sexualidade em sua casa e na escola. Organizadoras: Carmem Barroso, Cristiane Bruschini. – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2000. (Bibliotexa da Educação – série 1 – escola – vol 13).

Livro	Dados gerais do livro	Perspectiva da abordagem
	<p>Organizadores do livro: Carmem Barroso e Cristina Bruschini.</p> <p>Título do capítulo: Homossexualidade.</p> <p>Autor e autora do capítulo: Rafael Mazín e Cristina Bruschini.</p> <p>Ano de publicação: 2000</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>Obra de discussão sociocultural e problematizadora sobre a homossexualidade. Coloca em destaque a ideia de ampliarmos o olhar para a temática.</p>
Características gerais do livro		Conteúdo sobre a homossexualidade
<p>A autora e o autor do capítulo trazem uma análise sociocultural sobre o tema de sexualidade, fazendo a construção histórica do pensamento homofóbico e, ao final, realizam uma proposição de abordagem de como tratar o tema na escola.</p>		<p>O capítulo do livro problematiza o tema da homossexualidade, de forma explícita e direta. Há um relato dos aspectos históricos, a desconstrução de alguns mitos sobre homossexualidade e apresenta uma proposta pedagógica/estratégica, incentivando o debate sobre o tema.</p>
Proposições pedagógicas		
<p>O capítulo do livro apresenta algumas propostas metodológicas para discutir o tema da homossexualidade em sala de aula. De forma mais específica, apresenta um questionário norteador metodológico, a ser desenvolvido com os estudantes, em que o docente pode tematizar a homossexualidade, a fim de realizar um debate que fomente o respeito ao diferente, à discussão daquilo qualificado como mítico e fixo sobre a homossexualidade, bem como o entendimento do tema em diferentes épocas e lugares.</p>		

Nesse sentido, o texto nos provoca um entendimento da *homossexualidade na visão biomédica*:

[...] pois enquanto alguns partem do fato de que os homossexuais nascem com essa forma de comportamento sexual já determinada (determinismo biológico), outros consideram que é um fenômeno de indução, quer pela iniciação por um corruptor, quer pela falta de uma imagem paterna adequada ou pela presença de uma mãe dominante ou ainda pelo exagerado ou deficiente dos seus sistemas endócrinos. Evidentemente a homossexualidade pode assim ser encarada como doença, vício, desajustamento ou neurose. (BARROSO e BRUSCHINI, 2000, p. 76)

Em contrapartida, ele também nos apresenta a *homossexualidade na visão sociocultural*:

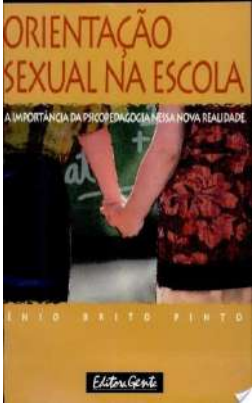
À conduta sexual humana tem-se tentado associar outros fenômenos comportamentais, bem como procurar causas e consequências de tais ou quais práticas. Em relação à homossexualidade, já se levantaram inúmeras hipóteses e discussões. Já foi considerada neurose, sintoma de imaturidade, pecado, doença endócrina, fraqueza genético-constitutiva, perversão, alternativa de vida ou até forma de vida requintada. Os enfoques perante um fenômeno humano mudam em relação ao nível de conhecimento que dele se tem, do momento histórico em que se vive e do lugar em que se está. A homossexualidade representa um exemplo típico (BARROSO e BRUSCHINI, 2000, p. 76)

O texto é curto, mas deixa uma mensagem positiva e estimula os professores e as professoras a discutirem a “homossexualidade”, por meio da aplicação de um questionário (elaborado pelo próprio autor). Esse documento, que deverá ser respondido de forma anônima além de propor maneiras e soluções para os debates, promove as práticas de alteridade e respeito às diferenças, contribuindo para a construção de uma Educação para a Diversidade.

No Centro de Ensino Integrado Rio Anil – CINTRA, encontrei o livro de Ênio Brito Pinto (1999), intitulado *Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade*. O livro traz, em seu capítulo 8, algumas ideias para aulas de orientação sexual. Apresenta a orientação sexual como parte de um programa escolar, bem como proposições e ideias de sistematizações para trabalhar determinados assuntos ligados à sexualidade.


Entretanto, não discute explicitamente sobre a homossexualidade, mas suas falas de inclusão, autonomia e alteridade identificam nas entrelinhas o cuidado que o professor e a professora precisam ter com a homossexualidade.

Quadro 6 – Síntese do livro de PINTO, Ênio Brito. **Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade**. São Paulo: Editora Gente, 1999.

Livro	Dados Gerais do Livro	Perspectiva da abordagem
	<p>Autor do livro e do capítulo: Ênio Brito Pinto.</p> <p>Título do capítulo: Algumas ideias para aulas de orientação sexual.</p> <p>Ano de publicação: 1999.</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>A abordagem do capítulo é de perspectiva psicossocial sobre sexualidade, com proposições que estão diretamente ligadas à educação para a diversidade.</p>
Características gerais do livro		Conteúdo sobre a homossexualidade
<p>O autor do livro propõe que se deva realizar um trabalho de orientação sexual que não se atenha apenas aos aspectos informativos ou biológicos acerca do tema, mas que abra espaços para que os/as jovens possam debater os tabus, os preconceitos e a educação sexual, de forma geral, buscando ampliar seus conhecimentos sobre a vida sexual e sobre sua própria sexualidade. Ele faz uma distinção entre orientação e educação sexual; nesse sentido, o autor faz uma breve passagem pela história da psicopedagogia, a fim de mostrar seu caráter interdisciplinar e seu foco nos problemas de aprendizagem, sempre buscando nela as fundamentações teóricas.</p>		<p>O capítulo não fala diretamente nem indiretamente sobre o tema “homossexualidade”, mas propõe de maneira intensiva que o assunto da orientação sexual seja trabalhado de forma mais ativa e contínua no espaço escolar.</p>
Proposições pedagógicas		
<p>Ao longo de todo o capítulo, o autor traz propostas pedagógicas, para que o professor de orientação sexual desenvolva no espaço escolar uma reflexão sobre como pode ser trabalhado o processo de orientação sexual na escola, com base em um procedimento psicopedagógico preventivo. Ele nos mostra, ainda, que se deve convidar para esse debate, além dos/das estudantes, os demais colegas docentes, a gestão escolar, funcionários e a família.</p>		

Álvaro Lorencini Junior (1997), autor do capítulo “*Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação*”, pertencente ao livro *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*, catalogado no CINTRA, aborda a evolução do sexo a partir da perspectiva da evolução dos macacos e pongídeos (gorilas, orangotangos e chimpanzés), assim como determinadas estruturas e sensores biológicos do sexo se localizaram ao longo do tempo nos corpos animais e humanos.

Quadro 7 - Síntese do livro de AQUINO, Julio Groppa. et al. **Sexualidade na escola: alternativas e práticas**. Coordenação: Julio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1997.

Livro	Dados gerais do livro	Perspectiva da abordagem
	<p>Autor do livro: Júlio Groppa Aquino.</p> <p>Autor do capítulo: Álvaro Lorencini Júnior.</p> <p>Título do capítulo: Os sentidos da sexualidade, natureza, cultura e educação.</p> <p>Ano de publicação: 1997</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>A abordagem é de perspectiva biomédica, numa visão evolucionista e positivista da sexualidade humana.</p>
Características gerais do livro		Conteúdo sobre a homossexualidade
<p>Trata-se de um livro sobre as múltiplas possibilidades de tangenciamento teórico e prático das manifestações da sexualidade no cotidiano escolar.</p>		<p>O capítulo não fala diretamente sobre o tema “homossexualidade”. No entanto, apresenta um trecho dentro de uma lógica biomédica sobre a homossexualidade. Também não fala sobre homofobia.</p>
Proposições pedagógicas		
<p>O capítulo traz em sua parte final propostas pedagógicas direcionadas a uma educação para diversidade, que possibilite uma postura crítica e democrática por parte do/a professor/a, considerando os aspectos emocionais, culturais e éticos que envolvem os temas abordados.</p>		

Quando os componentes biológicos e culturais se veiculam, os estímulos para o desenvolvimento humano são mais intensos (SILVA, 2018). O que me deu indícios para a construção da categoria *homossexualidade na visão biomédica*:

As características do comportamento sexual dos homens e mulheres de hoje parecem ser bastante remotas. Através da evolução, nossos ancestrais nos legaram a sexualidade como todos os comportamentos que encontramos atualmente: o olhar, o namoro o desejo, orgasmo, o prazer, a infidelidade, o homossexualismo, a masturbação e tudo mais. (JUNIOR in AQUINO, 1997, p.91)


Embora Júnior siga por esse percurso do biológico, ele direciona professoras e professores a trabalharem em sala de aula a Sexualidade, democratizando os discursos das/os

estudantes a partir da ludicidade. O autor acredita que a sala de aula representa um espaço onde diferentes aspectos, que configuram a cultura, estão presentes, tais como: valores, interesses, ideologias, costumes, crenças, atitudes, tipos de organização familiar, econômica e social, como também diferentes padrões de comportamento sexual. Desse modo, afirma Júnior, a sala de aula passa a ser um ambiente cultural onde encontramos tensões, contradições e conflitos.

O livro *Amor e Sexo: assuntos complexos?*, escrito por Beatriz Cunha (2000) e catalogado na Escola Modelo, traz alguns significados de palavras que devem ser discutidas na Educação Sexual, numa perspectiva desconstrucionista, como masturbação, virgindade e vida sexual; e dentre elas aparece o “homossexualismo”, que a própria autora diz ter caído em desuso pelo sentido de doença a que remete.

Entretanto, a homossexualidade não ganha uma discussão detalhada, esclarecedora e inclusiva, é apenas citada timidamente, numa *visão sociocultural*. Ainda no capítulo, a autora diz que muitas questões podem ser levantadas e que todas/todos temos o direito de sermos felizes, já que vivemos em um “mistério”, porém não especifica quais. Sem proposições pedagógicas deixa em aberto a didática que a/o professora/professor pode utilizar em sala de aula, a partir da realidade de suas/seus discentes. Trata-se de um livro prático e inteligente, que traz no final uma relação de instituições que trabalham com o tema da educação sexual.

Quadro 8 - Síntese do livro de CUNHA, Beatriz Monteiro da. **Amor e Sexo: assunto complexo?** – Editora Evoluir: São Paulo, 2000.


Livro	Dados gerais do livro	Perspectiva da abordagem
	<p>Autora do livro: Beatriz Monteiro da Cunha.</p> <p>Ano de publicação: 2000.</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>Possui abordagem sociocultural sobre a homossexualidade e com perspectivas para uma educação para a diversidade.</p>

Características gerais do livro		Conteúdo sobre a homossexualidade
A autora conversa com o/a leitor(a) de maneira clara e precisa, leve, bem-humorada e descontraída. Trata-se de um livro prático e inteligente, que traz no final uma relação de instituições que trabalham com o tema da educação sexual.		O capítulo contempla a homossexualidade de forma tímida, numa visão histórica, além de preconizar uma abordagem acolhedora.
Proposições pedagógicas		
Sem proposições pedagógicas, porém deixa em aberto a didática que o/a professor/professora pode utilizar de acordo com sua realidade.		

Na Escola Modelo, encontrei o livro *Juventudes e Sexualidade*, organizado por Miriam Abromovay, Mary Castro e Lorena da Silva (2004). O livro traz uma pesquisa realizada em 14 cidades brasileiras sobre *Violência, Aids e Drogas nas Escolas*, realizada em 2001. Destaquei a seção 6.2 do livro, intitulada *Preconceitos e Discriminações: o caso da Homofobia*, que traz dados preocupantes, já naquele período, sobre a situação da população homossexual nas escolas.

Quadro 9 - Síntese do livro de ABROMOVAY, Miriam. **Juventudes e sexualidade**. **Coordenadoras:** Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

Livro	Dados gerais do livro	Perspectiva da abordagem
--------------	------------------------------	---------------------------------

	<p>Autoras do livro e capítulo: Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva.</p> <p>Título do capítulo: Preconceitos e discriminações: o caso da homofobia.</p> <p>Ano de publicação: 2004.</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>O capítulo apresenta uma perspectiva psicológica e sociocultural sobre a homossexualidade.</p>
Características gerais do livro		Conteúdo sobre a homossexualidade
<p>As autoras buscam, por meio de evidências em pesquisas da UNESCO, apresentar e discutir dados sobre o processo de construção de práticas, relações e representações de gênero-sexualidade (situando a violência, AIDS e drogas nas escolas), registrando sua ocorrência em diferentes espaços sociais: na família, na comunidade, no trabalho e, também, na escola. O capítulo expõe as contradições de uma sociedade, cujas diferenças regionais são marcantes, pois, embora pareça mais propensa a tratar da sexualidade, não consegue responder aos anseios dos/as jovens. O tema desperta curiosidade, prazer e amorosidade e também suscita temores e dúvidas tanto entre os/as jovens quanto entre os/as adultos/as, responsáveis por sua formação.</p>		<p>O capítulo traz visões gerais sobre homofobia, educação sexista/homofóbica, além de apresentar uma visão moral sobre homossexualidade.</p>
Proposições pedagógicas		
<p>O livro não apresenta preposições pedagógicas direta e explicitamente para uma atividade problematizadora da homossexualidade, porém alguns depoimentos podem permitir ideias para discussões sobre a temática.</p>		

Muitos dados apontam para o não convívio harmonioso entre heterossexuais e homossexuais, nos espaços escolares dessas cidades, além da intolerância e da rejeição aos

homossexuais. Alguns depoimentos de jovens indicam ideias preconcebidas que geram estigmas e estereótipos. É um dos poucos textos analisados que traz a perspectiva da homossexualidade feminina (lésbicas). Sobre a *homossexualidade na visão sociocultural*:

Tinha um menino sabe, ele era um menino delicado, você entende? Homem não é assim, não aceitaria isso. Mas era o jeito dele, não era porque ele era gay e tal, afeminado, ele era uma pessoa assim que, sabe? Ele era completamente diferente de um menino, assim, ele não é diferente as atitudes dele, o jeito dele agir, ele não tinha aquele machismo, ele tratava as pessoas mais com clareza. A amizade com os meninos sabe, ele não tinha, porque todo mundo falava que ele era gay e chegou assim a ter um caso assim altamente drástico dentro da sala, ele falou que ia parar de estudar por causa disso. (Grupo focal com alunos, escola pública, Rio Branco) (ABROMOVAY, CASTRO e SILVA, 2004, p. 287)


Em resumo, Abromovay, Castro e Silva (2004) apresentam resultados e discussões de uma pesquisa sobre a homossexualidade e a homofobia, realizada em algumas escolas de cidades brasileiras. A homossexualidade é discorrida pelos participantes (professores/as, pais/mães, responsáveis, alunas/os, diretores/as), na maioria das entrevistas, numa perspectiva de ignorância, repúdio, discriminação, exclusão e que não deve ser discutida no ambiente escolar.

Em contrapartida, em poucas falas, professores/as, diretores/as dizem que fazem um trabalho de problematização, de respeito, mesmo que não seja tão completo e complexo. O livro não apresenta proposições pedagógicas diretas e explícitas para uma atividade problematizadora da homossexualidade e homofobia em um contexto escolar, porém, alguns depoimentos permitem uma discussão interessante, mostrando que ainda se tem muito o que trabalhar para desmitificar preconceitos e ignorâncias.

No capítulo 8, do livro *Questões Sociais Desafiadoras na Escola*, de Denise McLurkin (2015), intitulado *Orientação Sexual*, são realizadas três reflexões textuais que envolvem a homossexualidade; os textos são acompanhados de perguntas a serem debatidas em sala de aula. Este exemplar também foi catalogado na Escola Modelo e é o mais contemporâneo de todos os livros analisados.

Quadro 10 - Síntese do livro de MCLURKIN, Denise L. **Questões sociais desafiadoras na escola**: guia prático para professores. Tradução: Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Celso Avelino Antunes. AMGH: Porto Alegre, 2015.

Livro	Dados gerais do livro	Perspectiva da abordagem
-------	-----------------------	--------------------------


	<p>Autora do livro e do capítulo: Denise L. McLurkin.</p> <p>Título do capítulo: Orientação Sexual.</p> <p>Ano de publicação: 2015.</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>Apresenta uma perspectiva sociocultural sobre a sexualidade.</p>
Características gerais do livro		Conteúdo sobre a homossexualidade
<p>Como os professores devem abordar temas como discriminação, bullying, orientação sexual, uso de drogas, violência e diversidade cultural em sala de aula. Este guia prático prepara profissionais da educação para lidar com essas e outras questões sociais desafiadoras que fazem parte da realidade do ensino de crianças e jovens no século XXI. A partir de relatos de situações reais, vividas por professores e professoras, a autora discute questões complexas, trazendo conselhos e sugestões de docentes, experientes sobre como trabalhar esses temas em sala de aula. Esta obra é um excelente ponto de partida para refletir sobre questões sociais contemporâneas e aprimorar as práticas de ensino no dia a dia, trazendo o debate para dentro da escola.</p>		<p>O capítulo não traz um conteúdo específico sobre homossexualidade, mas apresenta uma visão sociocultural sobre a categoria. Trazendo uma visão geral sobre homofobia e educação sexista/homofóbica.</p>
Proposições pedagógicas		
<p>As proposições pedagógicas são direcionadas a uma educação para a diversidade, por meio de reflexões dos relatos históricos e das questões para debate, permitindo a professoras e professores trabalharem segundo sua realidade.</p>		

McLurkin (2015) expressa uns relatos históricos de uma professora do ensino fundamental, frente à discussão de assuntos em sala de aula, ligados à sexualidade, demonstrando a desmitificação que realizou com suas/seus alunas/alunos, numa perspectiva de respeito e igualdade. A homossexualidade é apresentada de maneira explícita e direta numa *visão sociocultural*, em que se pode observar, em um dos relatos, uma ação de desconstrução pedagógica, tanto para alunas/os quanto para uma mãe que aparece questionadora em uma das

histórias. As proposições pedagógicas são direcionadas a uma educação para a diversidade, por meio de reflexões que as questões pós-relatos impulsionam, e através de um tópico especial no final do livro, voltado para professores/as, sobre orientação sexual.

Por fim, no que diz respeito aos livros de Educação Sexual, analiso duas obras do autor Cláudio Picazio. A primeira delas chamada *Sexo secreto, temas polêmicos da sexualidade* (1988), catalogada na escola CINTRA. Desse livro, destaquei o capítulo 2, intitulado *Homossexualidade*, que traz reflexões e esclarecimentos sobre as possíveis fantasias que as/os estudantes tenham a respeito dessa orientação sexual, além de colaborar com a aceitação das/os colegas de turma se, porventura, algum/a aluna/o for homossexual.

Quadro 11 - Síntese do livro de PICAZIO, Cláudio. **Sexo secreto:** temas polêmicos da sexualidade. / Cláudio Picazio; com colaboração de Eduardo Bittencourt, Rogério Brugnera e Alexandre R. Araujo. – São Paulo: Summus, 1998.

Livro	Dados gerais do livro	Perspectiva da abordagem
	<p>Autor do livro e do capítulo: Cláudio Picazio.</p> <p>Título do capítulo: Homossexualidade.</p> <p>Ano de publicação: 1998.</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>A abordagem é de perspectiva psicossocial, com propostas socioculturais sobre a homossexualidade.</p>
Características gerais do livro		Conteúdo sobre a homossexualidade
<p>O autor apresenta as possíveis fantasias que alunas e alunos tenham a respeito dessa orientação de desejo sexual, colaborando, assim, com a aceitação da classe se, porventura, algum/a estudante for homossexual. Este livro traz temas, frequentemente expostos pela mídia, e que são distorcidos por ela, tais como os papéis sexuais, a homo e bissexualidade, garotos de programa, travestis, drags, perversões sexuais, entre outros. O autor, nesse contexto, organiza a matéria para que educadores possam usá-la na disciplina de orientação sexual e para tirar</p>		<p>O capítulo problematiza o tema da homossexualidade, de forma explícita e direta. Há uma preocupação por parte do autor de preservar a identidade do sujeito homossexual, retirando o sufixo “-ismo” do termo “homossexualismo” e conceituando a homossexualidade sem “opção sexual”. O autor, inclusive, aborda os impactos que a</p>

dúvidas de maneira clara e despreconceituosa, abrindo caminho para um exercício da sexualidade mais responsável e consciente pelos/pelas adolescentes.	homofobia causa nas pessoas homossexuais.
Proposições pedagógicas	
O capítulo apresenta três sugestões pedagógicas; a primeira é abordar o tema dinamicamente e convocar os/as estudantes para assistirem a um filme pertinente à temática; após a exibição, promover uma discussão sobre o conceito de homossexualidade e destacando as questões da dificuldade de se viver uma orientação sexual diferente da maioria. A segunda proposição é uma dinâmica envolvendo uma reflexão do texto “No país de Blowmink”, acompanhada de questões abertas em relação ao texto. A terceira, consiste num questionário que tem por objetivo “diagnosticar” o conhecimento das/dos alunas e alunos sobre alguns conceitos pertinentes à temática da orientação sexual.	

Este capítulo, embora bem curto, contribui de forma significativa na construção de uma prática docente que favoreça a Educação para a Diversidade. Destacamos as principais categorias predominantes no texto:

Homossexualidade na visão psicológica:


Um homossexual não é um hétero frustrado. A frustração dos homossexuais pode residir no fato de não terem a mesma aprovação social que os héteros. (PICAZIO, 1998, p. 32)

Homossexualidade na visão sociocultural:

A maioria das pessoas diagnostica alguém como homossexual pela sua forma de se comportar socialmente, se homens, mais efeminados, e se mulheres, mais masculinizadas, o que consiste em um grande erro, uma vez que já vimos que uma pessoa pode ter a sua orientação de desejo direcionada para uma pessoa do sexo oposto e ter esses mesmos comportamentos. Por exemplo: um cabeleireiro pode ser tanto hétero como homossexual; um homem que não goste de futebol tanto pode ser hétero quanto homossexual. É extremamente importante que não nos detenhamos nos papéis sexuais para determinar se esta ou aquela pessoa é hétero ou homossexual. (PICAZIO, 1998, p. 30)

Já o livro *Diferentes Desejos: adolescentes homo, bi e heterossexuais* (1998), catalogado na Escola Modelo, foi analisado na íntegra. É um dos dois livros mais marcantes, em minha análise, pois traz a fala das personagens reais, ou seja, o autor se propõe a responder de maneira bem simples e objetiva a diversas perguntas enviadas a ele. São questionamentos de adolescentes e, também, de mães e pais, sobre assuntos relacionados à sexualidade. Além das perguntas, o livro apresenta depoimentos, carregados de emoção, de pessoas homossexuais.

Quadro 12 - Síntese do livro de PICAZIO, Cláudio. **Diferentes desejos**: adolescentes homo, bi e heterossexuais. Editora Summus: São Paulo, 1998.

Livro	Dados gerais do livro	Perspectiva da abordagem
	<p>Autor do livro: Cláudio Picazio</p> <p>Ano de publicação: 1998</p> <p>Tipologia: Educação Sexual</p>	<p>Traz uma perspectiva psicológica com proposições de teor sociocultural sobre a sexualidade.</p>
Características gerais do livro		Conteúdo sobre a homossexualidade
<p>O autor discute as “confusões sobre a homossexualidade”, revelando e refletindo criticamente por meio de algumas entrevistas, realizadas com jovens estudantes entre 14 a 18 anos, questões marcadas pelo sexismo, pelo racismo, pela misoginia e pela heteronormatividade, que não é uma realidade apenas da escola, mas que tem nas raízes fincadas uma dimensão sociocultural (re)construída na sociedade.</p>		<p>A homossexualidade é discutida numa perspectiva cultural, social e política, respeitando a expressividade de cada sujeito, incentivando um debate sobre a temática. Além de apresentar visões sobre a homofobia.</p>
Proposições pedagógicas		
<p>As proposições pedagógicas não são explícitas, porém podemos entender que tais discussões permitem um debate em sala de aula, como atividade problematizadora, por exemplo, mas fica a cargo do/da professor/professora as metodologias a serem utilizadas, despertando para uma educação para a diversidade.</p>		

Este livro, por ser volumoso em seu conteúdo, nos fornece informações robustas para construção de outras categorias.

Vejamos, *homossexualidade na visão sociocultural*:

A homossexualidade não é simplesmente uma prática sexual com um indivíduo fisicamente igual. A homossexualidade é um desejo de se vincular emocional e

sexualmente com alguém do mesmo sexo. Em muitos casos as pessoas não se permitem esse sentimento, tentando aliviar seu desejo por vínculos amorosos com mais práticas-sexuais. (PICAZIO, 1998, p. 25)

Homossexualidade na visão psicológica:

Peguei minha filha na cama com a amiga dela, estavam se beijando. Ela tem que ter um desvio psicológico, isso não pode ser normal. Levei-a ao psicólogo e ele me disse que ela não tem nenhum problema. Não posso acreditar nisso. Devo levá-la a um psiquiatra? (PICAZIO, 1998, p. 110)

Picazio (1998) divulgou um trabalho bem interessante sobre a homossexualidade e a homofobia, visto que, de forma acolhedora, compreensiva, desconstrucionista, inclusiva e de alteridade, pontua caminhos para uma discussão sobre a diversidade, para o enfrentamento da LGBTfobia e para a garantia do direito e igualdade de todas/todos. A homossexualidade ganha uma narrativa cultural, histórica, política e social, em que coloca todas/os num mesmo espaço, numa mesma linguagem., incentivando debates sobre as temáticas. As proposições pedagógicas não são explícitas, porém podemos entender que tais narrativas corroboram para uma discussão em sala de aula, por meio de atividades problematizadoras, deixando o/a professor/a livre em suas didáticas.

Destarte, podemos entender que a linguagem, nos livros aqui apresentados e em outros materiais pedagógicos, expressa intencionalidades no corpo de seu texto; algumas permitindo e descrevendo saberes discutíveis, e outras que se limitam em suas exposições. Por isso, é importante que professores/as, mães/pais, alunas/os, funcionárias/os da escola compreendam como os discursos de exclusão estão sendo formados na instituição escolar, desde os ditos aos não ditos, de materiais didáticos ou de pessoas, para não enfatizar relações de poder e estranhar políticas “incontestáveis”. As falas podem gerar uma desvalorização social de desejos subjetivos e de identidade dos/das cidadãos/cidadãs (ALMEIDA; BEZERRA, 2018).

A análise do conteúdo evidenciou que a homossexualidade, nos livros de Educação Sexual analisados, apresenta-se de diferentes perspectivas, visto que algumas/alguns autoras/autores partem da historicidade, cultura, política e do social para uma discussão específica, detalhada, propondo maneiras de trabalhar a temática em sala de aula e de inseri-la no planejamento escolar, enquanto outras/os não se aprofundam no conteúdo, discutem por meio das experiências, da realidade das/os alunas/os e de fenômenos evolutivos a ideia de desconstrução dos papéis de gênero e equidade nas relações e atividades.

Os livros que descreveram sobre a homossexualidade, numa visão social, cultural, histórica e política, são dos/das autores/autoras: Picazio (1998); Mazin e Bruschini (2000); Abromovay, Castro e Silva (2004); e McLurkin (2015), que trouxeram uma linguagem clara e

problematizadora sobre a temática, além das proposições explícitas ou implícitas que facilitam o trabalho docente na sala de aula.

De acordo com algumas/alguns autoras/autores desses livros, a sala de aula é um local de aprendizado, onde o protagonismo estudantil precisa acontecer; é o local onde as ideias e os argumentos devem ser (re)produzidos na garantia de uma valorização à democracia e ao respeito às diferenças, e que, a partir da professora e do professor, as formas de ensinar-aprender sejam facilitadoras para o entendimento da diversidade, seja por meio de um debate, seja por meio de jogos ou de outras atividades.

A diferença é um marcador fundamental para compreender a diversidade e, assim, entender que não somos iguais, portanto, não há necessidade de ofender a/o outra/o, quando também possuímos diferenças, que podem (mas, não deveriam) ser usadas para justificar um ato violento contra nós. Percebe-se, então, que a Educação Sexual é um mecanismo que visa combater a ignorância e o preconceito, isto porque é através dela que significados e reformulações são passados adiante.

5.2 O tema da Homossexualidade em livros de Sexualidade

O tema Sexualidade faz parte do dia a dia de milhares de pessoas pelo mundo afora. Ele se faz presente em diversos espaços como em festas, ambientes escolares ou no trabalho. É evidenciado em conversas entre jovens, adolescentes, meninas e meninos; faz-se presente em diálogos, programas de TV, novelas, séries, filmes, livros, etc. Entretanto, este tema sofre repreensão, quando tratado em sala de aula, por ser, ainda e em muitos lugares, considerado um tabu ou por ausência de docentes sensíveis no trato com esse trabalho, talvez por sentirem a pressão da sociedade, talvez por haver um melindre em tocar nesse tema de forma pedagógica.

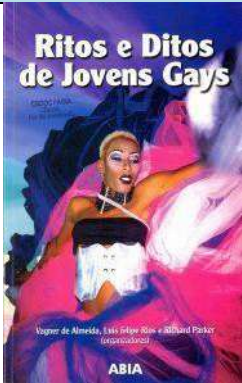
Louro (1997) trata dessa questão indicando que, independente de se apresentar de forma manifesta ou explícita, ou de compor o conteúdo de algum projeto de educação sexual, as sexualidades transitam pelos espaços escolares, à medida que são parte constituinte das identidades dos agentes sociais que frequentam esses espaços. E tudo isso ainda acontece, apesar de, recentemente, o tema Sexualidade ser instituído nos Parâmetros Curriculares Nacionais, como tema transversal (BRASIL, 1998).

A escola é um instrumento veiculador de informações sobre formas de prevenções. Chega-se ao ponto de afirmar que quanto menor a instrução maior a taxa de gravidez entre adolescentes. Por esse motivo, nota-se que este tema, apesar de bastante estigmatizado e sofrer repreensão, torna-se um veículo carregado de informações que são e devem ser destinadas a

jovens e adultos, tanto por conta da pertinência, quanto pela sede de informações que muitos têm em torno da sua própria sexualidade.

Em vista às informações mencionadas, trazemos para discussão o livro *Ritos e Ditos de Jovens Gays*, em que encontrei nos conteúdos a disseminação de informações voltadas para a sexualidade:

Quadro 13 - Síntese do livro de ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. **Ritos e ditos de jovens gays**. Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.

Livro	Dados gerais do livro	Perspectiva da abordagem
	<p>Autores do livro: Vagner de Almeida, Luís Felipe Rios e Richard Parker.</p> <p>Ano de publicação: 2004.</p> <p>Tipologia: Sexualidade.</p>	<p>A abordagem é de perspectiva sociocultural sobre a homossexualidade.</p>
Características gerais do livro		Conteúdo sobre a homossexualidade
<p>O livro é carregado de depoimentos de jovens homossexuais, que contam sobre suas experiências sexuais, decepções familiares, situações de homofobia; relatam sua vida de dor, sonhos, desejos e também de alegrias e, acima de tudo, contam corajosamente sua forma de enfrentar, com dignidade e honestidade, uma sociedade, tantas vezes injusta e opressora. Os autores abrem espaço para dialogar sobre educação preventiva e educação para a diversidade.</p>		<p>Os autores falam diretamente e explicitamente sobre a homossexualidade. Abordam os impactos que a família, a religião e a escola têm sobre esse tema, levando a maioria dos jovens homossexuais à depressão, envolvimento com drogas e suicídio como refúgio de suas dores.</p>
Proposições pedagógicas		
<p>O livro traz proposições metodológicas para o assunto no campo da educação não-formal, a partir de intervenções diretas nas ruas, boates, clubes, locais de prostituição e praças, com distribuição de panfletos/convite, para as oficinas, e de preservativos, direcionadas para esse grupo de adolescentes. Uma dessas oficinas envolve o teatro e</p>		

a produção de vídeos. Os autores também enfatizam que o uso da linguagem mais próxima do cotidiano desses jovens facilita o processo de comunicação.

O livro *Ritos e ditos gays*, organizado por Almeida, Rios e Parker (2004) foi o livro de Sexualidade mais marcante para mim, tendo em vista que a obra é composta de depoimentos de jovens homossexuais, que compartilham um pouco de sua trajetória, convivência, desejos, decepções, dificuldades e sonhos; que comentam sobre a escola, a igreja, e a família e como essas entidades impactam sobre suas vidas, a partir do momento em que resolveram expressar sua sexualidade. Os depoimentos são publicados, sem qualquer alteração ou edição nas palavras e termos usados pelas personagens, e trazem marcas profundas de violência, solidão e até desespero por parte de pessoas LGBTs, principalmente homossexuais.

Assim, apresenta, a partir dessa estrutura do texto, traços socioculturais marcantes, onde nos faz imaginar as situações vividas por esses jovens e até mesmo sentir com bastante profundidade as dores relatadas por eles, tendo em vista as agressões psicológicas e corporais, tudo isso pelo simples fato de manifestarem identidades adversas as preestabelecidas.

Questiono, então, por qual motivo se tem tanta aversão às coisas diferentes, aversão àquilo que foge aos padrões, e compreendo, a partir de Tomaz Tadeu da Silva (2000), que “a identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação que adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem” (SILVA, 2000, p.78).

Em sua complexidade, percebo que a sociedade está ancorada na cultura da estigmatização e repreensão àqueles que escolhem voltar-se, mediante preceitos ditos como “normais”, com a proposta de “normalizar” o “anormal” e trazer assim inclusão, em todas as ramificações que configuram a sociedade, para aqueles que hoje ainda se encontram como marginais, mas que, cada vez mais, conseguem seu espaço; com isso, torna-se mais importante discutir sobre as formas de desconstruir e normalizar as práticas que rompam os limites estabelecidos, adotando ainda mais o “multiculturalismo”, calcado nas ideias de Tomaz Tadeu da Silva (2000, p.73), em que se configuram em “apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença”.

Almeida, Rios e Parker (2004) trazem consigo esta proposta, pois, apresentando o ponto de vista daqueles que sofrem com a repressão, torna-se mais fácil ater-se às dificuldades que enfrentam em todos os campos sociais, ao exporem algumas das vivências expressas por jovens homossexuais, a partir de alguns depoimentos.

A indiferença dos dirigentes e professores, a falta de preparo para tratarem algumas situações pontuadas como irrelevantes e a falta de apoio ao jovem, o qual se sente perdido em meio a outros jovens, fazem com que o desânimo e o medo se instalem nesses indivíduos. Ele não pode frequentar o banheiro masculino, pois corre risco de ser estuprado e violentado de todas as formas possíveis. Não pode fazer parte do time da escola, pois é tido como delicado demais, segundo a visão dos seus companheiros da mesma idade e de escola. O jovem homossexual se sente sem um ponto de apoio, sem uma referência, mesmo querendo se inserir no contexto da comunidade escolar. O resultado dessa exclusão é o abandono dos estudos e de uma estrutura que poderiam trazer benefícios futuros. Preferem não frequentá-la (ALMEIDA; RIOS; PARKER; 2004, p. 22).

Os autores Almeida, Rios e Parker (2004) denunciam a exclusão e falta de respeito da sociedade para com quem faz escolhas diferentes; assim, utilizam os relatos contidos em seu livro para mostrarem a realidade dura de milhares de adolescentes que não têm a devida atenção e que são colocados à margem, por não seguirem os padrões heteronormativos, impostos socialmente, muitas vezes perdendo direitos simples como a proteção e a educação.

Porém, apesar de toda a intolerância que sofrem vindo da sociedade, que carrega uma *visão sociocultural* heteronormativa e que não lhes concerne a priori benefício algum, alguns jovens continuam lutando com a perspectiva de que, um dia, o mundo melhore e as diferenças sejam insignificantes ou até mesmo nulas, que os indivíduos possam gozar de suas sexualidades, sem sofrer repressão, sem serem estigmatizados, por terem escolhas diferentes daquelas tratadas como comuns, ou melhor, estabelecidas como um padrão a ser cumprido por todos e todas. Esse otimismo, em relação a uma sociedade justa, menos preconceituosa e a favor das diferenças, pode ser visto nas palavras de um dos jovens que, em seu relato, diz que:

Repressão, creio que já deva ter sentido várias, muitas, mas resisti a todas. Como falei com os meus pais, não há dor ou vergonha no mundo que não passe. Então, as deles terão de passar. Vou ser o que eu quero para a minha vida e não vou permitir viver do jeito que eles queiram que eu viva. Sou homossexual assumidíssimo, pago os dívidos da vida por isso, mas creio que um dia, muito em breve, essa luta acabará e que as pessoas aprenderão a conviver com as diferenças, inclusive com a homossexualidade - Fabio, ativista gay, 20 anos (ALMEIDA; RIOS; PARKER; 2004, p. 6).

Para que se possa vencer as barreiras que configuram a diferença como um fator predominante, no que tange o estigma às diferentes sexualidades, devem-se adotar estratégias para sanar as necessidades das pessoas; é necessário usar um arcabouço de utensílios especiais, pois “esse tipo de luta requer armas peculiares. Supõe estratégias mais sutis e engenhosas” (LOURO, 2008, p.20), e essas estratégias agem onde há mais carência – quando se trata dos homossexuais – de informação e conhecimento que se têm em relação a esse grupo.

Nessa perspectiva, diversos materiais já foram produzidos com a proposta de mudar essa realidade e trazer informações que possam ser disponibilizadas a todos e todas. Um exemplo disso são as discussões acerca dos temas feitos em novelas de canais de TV, intervenções que são feitas há alguns anos. Tendo em vista esse ponto, em específico a disseminação de informações em meios de comunicação, apresentamos o livro da autora Suplicy (1994), intitulado *Conversando sobre sexo*:

Quadro 14 - Síntese do livro de SUP LIC Y, Marta. **Conversando sobre sexo**. 19 ed. Edição da Autora; Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1994.

Livro	Dados gerais do livro	Perspectiva da abordagem
	<p>Autora do livro e do capítulo: Marta Suplicy.</p> <p>Título do capítulo: Homossexualidade.</p> <p>Ano de publicação: 1994.</p> <p>Tipologia: Sexualidade.</p>	<p>A abordagem do capítulo é de perspectiva psicossocial e biomédica sobre a homossexualidade.</p>
Características gerais do livro		Conteúdo sobre a homossexualidade
<p>É uma obra ilustrada que apresenta cartas tiradas do fichário do programa TV Mulher, onde Marta Suplicy tinha um quadro de apresentação diária, o Comportamento Sexual na década de 1980. O livro é subdividido em 24 capítulos que relatam sobre assuntos que vão desde como conversar sobre sexo, passando por todas as etapas do desenvolvimento humano apresentando características de cada fase: doenças, drogas e disfunções, parafilias, métodos contraceptivos, sexualidade da pessoa deficiente e da terceira idade, até o seu encerramento falando sobre o Amor. A autora, no decorrer das descrições do assunto, passa algumas informações importantes, como o Disk deficiência, o COAS, dicas de outros livros e vários depoimentos de pessoas com “problemas” na área da sexualidade, bem como Instituições que trabalham na área, como a Semina. É falado também a respeito dos hormônios que atuam no desenvolvimento da sexualidade humana e como eles atuam em cada período do desenvolvimento da pessoa.</p>		<p>O capítulo fala diretamente e explicitamente sobre o tema homossexualidade, em que cada seção do capítulo traz cartas de pessoas buscando orientações acerca de sua sexualidade e vivências sexuais. A autora dialoga com essas cartas considerando uma perspectiva psicológica e biomédica da homossexualidade. Por vezes, percebemos nos discursos tanto das cartas quanto do referencial teórico que a autora nos mostra a presença da moralidade e religiosidade, como instrumentos de regulação da homossexualidade. É falado, também, sobre homofobia,</p>

	tendo exemplificação de um caso.
Proposições pedagógicas	
O capítulo não traz proposições metodológicas para o assunto no campo da educação.	

Em 1980, Marta Suplicy apresentava o programa *Comportamento Sexual*, na TV *Mulher*, um programa exibido naquele período, na Rede Globo, dedicado às mulheres. O quadro possuía uma audiência média diária de dois milhões de telespectadores, tornando-se um dos mais conhecidos programas da emissora. Entre os temas, estavam a gravidez na adolescência, orgasmo, impotência e impulso sexual. Como apresentadora, causou polêmica, ao enfrentar o conservadorismo e defender abertamente assuntos controversos, como a emancipação e os direitos da mulher, o aborto, os movimentos feministas e Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis (LGBT). Com um viés educacional, o programa tinha a proposta de nortear e orientar aqueles que relatavam sobre as suas experiências e dúvidas em relação à expressão de sua sexualidade.

A autora analisa, de forma explícita, o conteúdo da sexualidade em seu livro, sendo composto por depoimentos de pessoas que possuem dúvidas em relação à sua sexualidade na complexidade de suas vidas pessoais, dúvidas estas muitas vezes advindas pela ausência de diálogos sobre o tema, nas instituições familiares, e o acultramento de valores singulares.

A forma como cada um age e pensa nem sempre é respeitada, principalmente as diferenças individuais. Assim, as dúvidas em relação a si próprio/a ficam sufocadas e se tornam cada vez mais difíceis de expressar; por esse motivo, procuram orientação a respeito de suas experiências na visão e concepção da autora Marta Suplicy (1994) que dialoga com as cartas, enviadas pelas/os telespectadoras/es, e apresenta possíveis formas de ajudar a sanar as interrogações que permeiam os pensamentos dessas/desses. Marta, apresentava possíveis medidas interventivas que são comentadas no programa de TV.

As discussões contidas na narrativa da autora têm um caráter instrutivo, pois esclarecem várias dúvidas a respeito da sexualidade, uma vez que a autora quase sempre fundamenta sua preleção com vertentes que se aproximam da psicanálise, para tentar desvendar a relação de causa e efeito dos impactos que a expressão (muitas vezes frustrada) da sexualidade de seus ouvinte se materializara em divergências e dúvidas sobre suas próprias identidades, criando assim visões e atribuições distorcidas em virtude do pouco – ou até nenhum – diálogo sobre a sexualidade, como algo primordial na construção de sua *persona*. E isso é marcante, como podemos observar em um trecho de uma das cartas enviadas para a análise:

[...] Eu por toda a vida senti e sinto um desejo incontrollável pelo mesmo sexo. Seria alguma degeneração moral, física psíquica? Sinceramente até aqui ainda não obtive uma resposta, nem mesmo algo que me desse uma visão do que está errado ou não. A única coisa que sei é que, por muito tempo, fui encorajada a pensar e a sentir como se tudo fosse normal. Até que percebi que algo estava errado, é que o afago do 1º namorado ao invés de trazer aquele prazer sonhado e por vezes comentado entre as amiguinhas não me dizia nada, a única coisa que trazia eram mil questões sem respostas. E o pior de tudo, a marginalização, pelos pseudos amigos e pela própria família. Nesta altura percebi que algo estava errado, mas aonde e o que? Não sabia e não sei. Sabe cara amiga, a pior coisa que fiz sobre esse assunto, foi pedir um conselho para minha mãe. A resposta foi algo que além de agredir me marcou para o resto da vida. "Você é uma Tarada" e o que precisa não é de um médico, mas sim de uma boa surra, a surra veio com hematomas e tudo o mais. Daí, cara Marta, começou a caminhada solitária e dolorosa, marcada pela palavra Tarada, seria eu um ser maníaco? Então, 1º um clínico geral, daí para um psiquiatra, psicólogo etc. E em meio a este calvário encontro meu marido, apaixono-me e faço a minha escolha, e opto pelo casamento, uma família, a qual graças a Deus é maravilhosa. Mas minha Cara Amiga, eu estou dissonante com toda essa harmonia, não me enquadro nesta maravilha, porque e mim arde toda a ânsia todo desejo extra. O neurologista com quem trato-me, disse-me para não pensar no que sinto como um problema e sim uma condição de vida, e mais, que a vida é feita de momentos e para eu vivê-los intensamente, porque o amor não tem explicação, seja ele de que tipo for, dentro ou fora do casamento, tudo isto depois de eu ter conversado por vários meses com uma psicóloga da equipe dele e o pior, estarmos nos envolvendo. Sabe minha amiga, o que mais me atormenta e confunde é que eu sinto prazer com o meu marido e é bom, mas quando tenho relações com outra mulher este prazer se redobra e realmente a plenitude é a paz. COMO PODE? O que realmente estou pedindo cara amiga é socorro, se possível me ajude a chegar a uma definição concreta. Teria razão o Doutor no que disse? Força para lutar creio ainda ter, mas se esta luta for inútil diga-me. Seja sincera comigo. Cara Marta esperando contar com a sua atenção, antecipadamente agradeço por tudo. Maria do Carmo (SUPLICY, 1994, p.263, p.264, p.265.)

Tendo como aporte teórico a perspectiva Freudiana e em resposta aos conflitos internos dessa telespectadora, a autora Marta Suplicy (1994) analisa de maneira sistemática o texto, bem como as impressões que não são ditas, mas que a mesma foi capaz de identificar na essência do texto; vale ressaltar que Marta se utiliza da psicanálise e faz a arguição do texto em uma visão psicológica e, por meio dos artifícios da psicologia, propõe uma possível solução aos anseios da telespectadora. A autora do livro esclarece as divergências que sofre uma pessoa que se encontra perdida em meio aos próprios conflitos internos e que ainda se recusa permitir viver a própria verdade, uma vez que está ancorada em um conjunto de valores pré-estabelecidos socialmente e na família. Desse modo, a categoria *homossexualidade na visão psicológica* é muito forte nesse livro:

A homossexualidade é parte da personalidade do indivíduo, cresce e se desenvolve com ele, sendo ou não assumida ou expressa abertamente. Geralmente o homossexual reconhece a realidade emocional e sexual da sua orientação. Frequentemente ele luta contra este desejo, sente medo dele, da frustração que causará aos pais, e da pressão que sofrerá da sociedade. Muitas vezes casa para esconder o que lhe é penoso, difícil de enfrentar (SUPLICY, 1994, p.268).

Apesar do programa ter tratado abertamente sobre o tema da homossexualidade, não recebia apenas cartas de pessoas que estavam com dúvidas em relação a sua sexualidade. Marta Suplicy sofreu várias denúncias e reclamações por parte de pessoas que não queriam que aqueles assuntos fossem falados, principalmente num programa de TV.

As proposições impostas nas narrativas dos/as telespectadores/as atentam para as ideias heteronormativas, calcadas na ideia de reprodução, de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filha/o). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável, por parte de todos os membros da sociedade, com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais (FOSTER, 2001, p. 19).

Tendo em vista uma realidade política heteronormativa, percebe-se que isso remete aos dispositivos da sexualidade, onde aquela se dá, por “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode manter entre esses elementos (FOUCAULT, 2015, p. 70).

A expressão da sexualidade é algo que está intrínseco ao ser humano, principalmente na fase da adolescência. É quando os hormônios estão mais aflorados, quando as múltiplas identificações que envolvem a aceitação ou não da própria imagem corporal acontece; é quando acontece o desejo pelo outro, como elemento de amor ou desejo, do encontrar-se e das relações com os familiares e demais grupos ou instituições. É o momento em que os adolescentes estão cheios de dúvidas e sedentos por respostas, o que muitas vezes lhes são omitidas.

Compreende-se a sexualidade como uma dimensão fundamental de todas as etapas da vida de mulheres e homens, pois envolvem práticas e desejos relacionados à satisfação, ao prazer, aos sentimentos, e à saúde. É um componente trivial do ser humano, superando o aspecto biológico, revelando-se também como um fenômeno psicológico e social, influenciado pelas crenças, valores pessoais, familiares, normas morais e tabus da sociedade. Na adolescência configura-se como um elemento que contribui para a formação da identidade do adolescente.

No entanto, ainda hoje, abordar sobre o tema da sexualidade é, por vezes, delicado e difícil, está obscuro nas entrelinhas dos discursos empreendidos entre alguns pais e filhos. Observa-se que pais e mães deixam essa responsabilidade para os educadores, que diante dessa realidade são forçados a discutir o assunto, mesmo sem estarem preparados, uma vez que o

tema sexualidade ainda é velado no contexto escolar e encontra-se cercado de mistérios e tabus, dificultando com isso discussões. Ao longo dos anos, com a proposta de modificar esse quadro, muitos materiais pedagógicos foram e são criados para tentar desconstruir essa barreira histórica, social e cultural, estruturada sobre a sexualidade ou simplesmente assuntos voltados para o sexo e orientação sexual.

Tendo em vista estes fatores, trouxe para a discussão o livro *Sexualidade prazer me conhecer*, em que fora analisado apenas um capítulo que abordava o objeto de estudo da pesquisa. Com proposta problematizadora sobre os temas da sexualidade, objetivando informar adolescentes, jovens, adultos e professores sobre a importância de tratar esses temas, de maneira responsável, utilizando as epistemes de diversas áreas para dar suporte a um debate inteligível, necessário entre os mesmos, amenizando e desmitificando, assim, as barreiras do preconceito e da desinformação sobre os conceitos, muitas vezes calcados em valores morais, dentro dos diversos grupos sociais, seja ele o ambiente familiar ou escolar.

A sexualidade constitui-se de um constructo histórico, cultural e social. Com isso, pode-se considerar que se configura como uma categoria de análise mais ampla, que considera os referenciais de classe, gênero, raça, etnia e diversidade sexual, bem como as relações de poder, os aspectos históricos, políticos, econômicos, éticos, étnicos, religiosos e sociais. A sexualidade também compreende os conceitos de linguagem, corpo e cultura; assim como outros saberes, não é dada ou “natural”, mas sim construída pelas sociedades ao longo dos anos.

Nas discussões sobre sexualidade existe também uma ampla variedade de concepções. Alguns referenciais, principalmente os provenientes da psicologia e psicanálise, podem conferir o entendimento da sexualidade como energia vital ou como sentimentos e comportamentos e, não raras vezes, trabalham com dinâmicas de grupo e atividades de cunho psicologizante nas escolas.


Com a mesma perspectiva de inserção de temas sensíveis nos mais diversos campos de atuação, a autora Marta Suplicy (1994), sendo uma educadora sexual, como mencionado neste contexto, teve sua participação na mídia e atuando fortemente na televisão brasileira, onde trazia uma proposta maior do que só falar sobre sexo, pois, enquanto sexóloga na televisão, cumpria um papel social necessário de educadora em um período de transição para o país, no que se refere aos valores, à cultura, à sociedade ou à política, os quais se emaranham neste tema.

Desta maneira, sua atuação se estabeleceu como oportunidade histórica em ser uma das primeiras mulheres a falar de sexo educacional na TV, objetivando informar, mas também conscientizar mulheres e homens sobre a liberalização de seus papéis quanto ao amar e assumir

identidades próprias; libertarem-se afetivamente e economicamente, sem se preocuparem com status sociais, renda e poder.

Neste cenário, trouxe à baila mais um livro desta autora. Esse livro é fruto de um grupo de pesquisa, intitulado Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS), que atuou em um Projeto de Orientação Sexual, de 1989 a 1992, junto à Rede Municipal de Ensino de São Paulo. A produção teve o intuito de fazer os indivíduos visualizarem como a orientação sexual, dentro das escolas, é apenas um complemento, pois a mesma deve se iniciar dentro de casa pelas famílias. Por isso, este trabalho serve de material e análise para professoras e professores, a fim de que consigam refletir e propor intervenções pedagógicas para a disseminação desses conhecimentos, dentro e fora de sala de aula, além de instigar alunas e alunos a pesquisarem e discutirem de maneira ética e organizada esses temas tão sensíveis/emergentes e, muitas vezes, tratados como tabu dentro das instituições de ensino.

Quadro 15 - Síntese do livro de SUPPLY, Marta. **Sexo se aprende na escola**. 2ª ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.

Livro	Dados gerais do livro	Perspectiva da abordagem
	<p>Autora do livro e do capítulo: Marta Suplicy.</p> <p>Título do capítulo: Homossexualidade.</p> <p>Ano de publicação: 1999.</p> <p>Tipologia: Sexualidade.</p>	<p>O livro traz uma perspectiva psicológica sobre a homossexualidade e com proposições para uma educação para a diversidade.</p>
Características gerais do livro		Conteúdo sobre a homossexualidade

<p>Este livro nasceu da atuação do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, de 1989 a 1992, junto à rede municipal de ensino de São Paulo. A obra tem o objetivo de mostrar que a Orientação Sexual nas escolas é um complemento para a Educação Sexual que, a princípio e segundo a autora, deve ser iniciada nas famílias. É dedicado, também, aos professores, a fim de que possam refletir e propor ações didático-pedagógicas que fomentem o debate e o entendimento sobre o tema da homossexualidade.</p>	<p>A homossexualidade é apresentada de forma histórico-social como expressividade da sexualidade.</p>
<p style="text-align: center;">Proposições pedagógicas</p>	
<p>As proposições pedagógicas que sugerem os objetivos do capítulo são de compreender como o/a professor/professora aborda o tema da Sexualidade, de forma a oferecer alguns subsídios teóricos que o auxiliem na organização de estratégias para trabalhar com o assunto, discutindo, também, encaminhamentos metodológicos possíveis para além da sala de aula. A autora traz uma sugestão didática a ser trabalhada com adolescentes no sentido de que eles/elas compreendam a existência da diversidade e aprendam a respeitá-la e conviver com ela.</p>	

Mediante concepção da autora, pode-se compreender que a sexualidade, inerente aos sujeitos, está presente na sociedade e nas diversas instituições sociais, dentre essas, a escola. Como é observado a partir do quadro síntese 4, vê-se que, apesar de trazer em seu conteúdo uma perspectiva psicológica, seguindo os atos do ofício, Suplicy (1999), em suas obras, tenta de diversas maneiras romper o paradigma que ainda existe no ambiente escolar quando se trata de assuntos relacionados à sexualidade. De acordo com Louro (1998), “para que se compreenda o lugar e as relações de mulheres e homens numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”, e o ambiente escolar se constitui em um contexto propício, não só para a propagação de concepções sociais fundamentadas em referenciais hegemônicos, mas também das ali produzidas, que promovem as diferenças como produtoras de desigualdades sociais (LOURO, 1998, p. 21).

A partir dessa concepção, pode-se, também, compreender que a sexualidade, inerente aos sujeitos, está presente na sociedade e nas diversas instituições sociais, dentre essas, a escola. Numa perspectiva foucaultiana, um elemento determinante para uma análise mais crítica dessas relações é o conceito de poder como relação, difuso, cambiante e pulverizado na sociedade e nas instituições disciplinadoras e normalizantes, como por exemplo a própria escola. De acordo com Louro (2000), a escola reflete e reproduz as concepções sociais de

gênero e sexualidade, mas também as produz: “Podemos estender as análises de Foucault, que demonstraram o quanto as escolas ocidentais se ocuparam de tais questões desde seus primeiros tempos, aos cotidianos escolares atuais, nos quais podemos perceber o quanto e como se está tratando (e constituindo) as sexualidades dos sujeitos” (LOURO, 2000, p. 81).

O ambiente escolar daquela época, no que concerne a convivência de diversos grupos humanos, tendo em vista as mudanças sociais, evidencia o surgimento de conflitos de ideias, no que se refere à pluralidade e multiplicidade de relações interpessoais na escola. Em relação às sexualidades e às relações entre os gêneros, as discussões presentes nos contextos da escola sejam talvez as mais polêmicas e difíceis, por envolverem não só conceitos científicos diversos, como também aqueles imbricados em dogmas religiosos, senso comum, preconceitos e discriminações, muitas vezes calcados em valores sociais e morais que, aliados a uma formação inicial e continuada incipiente de professores e professoras, geram a apropriação e aplicação de um currículo escolar que ignora e/ou trata com superficialidade e preconceito o assunto.

Tendo em vista esse cenário, medidas precisariam ser tomadas para que mudanças substanciais acontecessem. Nesse sentido, a autora direciona totalmente as discussões, no livro, para alunas e alunos que carecem de orientações em relação a sua sexualidade, seja ela homo, bi ou trans. Com isso, a autora propõe primeiramente que professores/professoras busquem (re)construir conhecimentos; a autora comenta que:

Para nos orientarmos e assim diminuir nossas ideias preconceituosas, primeiro é preciso obter informações básicas. A seguir, precisamos olhar com outros olhos o aluno e a aluna quanto a comportamentos ligados ao seu gênero (masculino ou feminino). Por último, é importante conhecer um pouco mais o mundo homossexual, para desmistificar preconceitos e facilitar a relação com alunos e filhos. (SUPLICY, 1999, p. 69)

Ao considerar a escola, um espaço social privilegiado para a discussão dos conhecimentos históricos, socialmente produzidos, sobre uma ótica padronizada, esclarece que as diferenças estão presentes no mundo e é, a partir delas, que se constituem as identidades das diferentes pessoas, dos diferentes grupos humanos, e da forma como se apresentam na sociedade. Ainda nesse contexto, faz uma reflexão muito interessante, porque traz para mais próximos dos alunos, sobretudo crianças, a possibilidade de tratar de assuntos relacionados a sua sexualidade, dentro de sala de aula, por meio de dinâmicas de grupo; menciona que:

A infância é momento de circular com maior desenvoltura pelo mundo masculino e feminino. Falando desta questão com adolescentes, o importante é que o professor dê a eles espaço para expor e trocar ideias, refletir sobre o tema, reconhecer e tentar

eliminar tabus e preconceitos, à luz de informações científicas atuais. (SUPLICY,1999, p. 72)

Ainda discute a possibilidade de atividades de grupo, sendo elas, apresentar um texto com conteúdo relacionado à homossexualidade e, após a leitura, que respondam a uma atividade, para que, a partir dela, se iniciem discussões, o que serve para tentar incentivar e encorajar alunas e alunos a se posicionarem e apresentarem suas dúvidas em relação a sua sexualidade:

Após a discussão nos subgrupos, a partir das conclusões que eles levantarem, será possível ampliar o debate, problematizando sobre essas questões e suas respostas, não para chegar a conclusões definitivas, mas para explicitar melhor os preconceitos e poder combatê-los. É importante que os alunos saibam que não há conclusão definitiva sobre a gênese da homossexualidade, que as teorias existentes não abarcam a amplitude do fenômeno e que a compreensão e aceitação da homossexualidade como expressão da sexualidade vêm avançando continuamente na sociedade moderna. (SUPLICY,1999, p. 73-74)

Seguindo os moldes das discussões do tema da sexualidade, notamos que, desde a Antiguidade, a sexualidade vem gerando polêmicas, mexendo com as diversas sensações e excitando a fantasia das pessoas, associando-as muitas vezes a coisas profanas, impróprias, sujas, proibidas. Apesar da revolução sexual, industrial e a crescente disseminação de informação nos meios de comunicação terem possibilitado mais visibilidade a essa questão – por vezes até contribuindo para uma modificação nas atitudes morais e nas questões ligadas ao sexo e sexualidade – este tema ainda assim continua sendo um tabu.

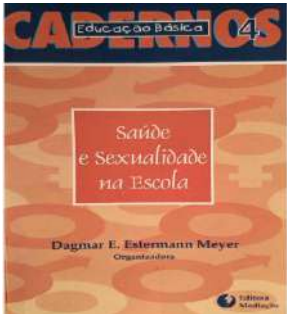
O entendimento da sexualidade envolve o crescimento global do indivíduo, tanto intelectual quanto físico, afetivo-emocional e sexual propriamente dito. A maioria dos pais consideram constrangedor conversar sobre sexo com seus filhos, ora pela orientação moral e a educação recebida de seus pais ora pela repressão ou por não saberem como abordar o tema. Assim, os filhos, na maioria das vezes, ficam sem respostas para suas dúvidas, gerando conflitos ou acidentes inesperados, por terem informações errôneas, ao consultar variadas fontes inapropriadas.

A maioria de crianças e adolescentes passa grande parte de seu tempo na escola, onde começam a se sociabilizar, aflorando sua sexualidade devido ao desenvolvimento corporal, gerado pelos hormônios. A escola é o ambiente onde a interação com o mundo ao redor e com diversos tipos de corpos e opiniões acontece. Depois do ambiente familiar é a escola que complementa a educação iniciada pela família, em que são abordados temas mais complexos que no dia a dia não são ensinados e aprendidos; então, a escola tem imensa responsabilidade na formação afetiva e emocional de seus alunos. E quanto ao assunto sexo e

sexualidade? Qual o papel da escola frente a esse tema? A escola não deve nem vai tomar o lugar da família, mas cabe a ela possibilitar uma aprendizagem correta, já que essa instituição visa à formação integral para a vida em sociedade.

Tendo em vista essas indagações, a autora Dagmar Estermann, em conjunto com outras autoras, dentre elas, a Guacira Lopes Louro (que conta com um capítulo a ser analisado nesta pesquisa) escreveram esse livro, cujo conteúdo busca refletir sobre o que vem sendo entendido na escola como saúde e sexualidade? A que conceito de cidadania se vincula o direito à educação e à saúde de que tratam hoje os currículos e programas? Essas e outras questões subjazem aos textos que compõem este livro.

Quadro 16 - Síntese do livro de MEYER, Dagmar E. Estermann. et al. **Saúde e sexualidade na escola**. Editora Mediação: Porto Alegre, 1998.

Livro	Dados gerais do livro	Perspectiva da abordagem
	<p>Autoras do livro: Dagmar E. Estermann Meyer, Maria Isabel H. Dalla Zen, Maria Luisa M. De Freitas Xavier.</p> <p>Autora do capítulo: Guacira Lopes Louro.</p> <p>Título do capítulo: Sexualidade, lições da escola.</p> <p>Ano de publicação: 1998.</p> <p>Tipologia: Sexualidade.</p>	<p>O capítulo apresenta uma perspectiva sociocultural sobre a sexualidade.</p>
Características gerais do livro		Conteúdo sobre a homossexualidade

<p>A autora do capítulo discute o tema da Sexualidade, refletindo sobre alguns documentos normativos e de abordagem prescritiva (PCNs e DCE), os quais indica como elementos de políticas públicas educacionais. Explora o conceito de sexualidade numa perspectiva sócio-histórico e cultural, além de discutir o tema no currículo escolar. Compreende que esta temática é evidenciada epistemologicamente, teórico-metodológica e pedagogicamente do tema Sexualidade, apontando sugestões didático-pedagógicas dos diferentes saberes. Drogas, violência, sexualidade são assuntos polêmicos nas escolas de hoje. Apesar da sua importância, muitos professores não os consideram de sua responsabilidade. Mas como educar jovens, sem compreendê-los ou levar em conta tais aspectos? Essa é a discussão presente neste caderno. O tema perpassa todas as áreas do currículo, apresentando reflexões teóricas e experiências pedagógicas de especialistas na área.</p>	<p>O capítulo não aborda, especificamente, a homossexualidade; no entanto, nos mostra uma visão sociocultural sobre a homossexualidade, além de apresentar visões sobre homofobia e falar sobre Educação Sexista/homofóbica.</p>
<p style="text-align: center;">Proposições pedagógicas</p>	
<p>O capítulo não traz proposições pedagógicas, mas abre reflexões para uma educação para a Diversidade.</p>	

A escola é o espaço apropriado por excelência para que se cumpram as funções da educação e da aprendizagem dos conhecimentos das artes, ciências e tecnologia, assim destina-se a subsidiar a prática pedagógica sobre a educação em sexualidade, saúde e prevenções. Os materiais didáticos e paradidáticos auxiliam na discussão e reflexão mais profundas, em relação à temática, e possibilitam trabalhar a saúde sexual e a saúde reprodutiva, em termos mais abrangentes, propiciando aprendizado, não só na aquisição de conteúdo, mas também nas relações, atitudes e desenvolvimento da autonomia, na tomada de decisão, comunicação e negociação, para a redução de riscos em relação à infecção pelo HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis - IST, ao uso do álcool e outras drogas, nas situações de violência, dentre outros. Louro, em sua discussão no capítulo desta obra, destaca que:

É forçoso reconhecer, nessas e em outras situações, que escola lida com seus alunos e alunas como se esses/as não tivessem qualquer conhecimento sobre sexualidade. Os discursos dominantes afirmam a inocência das crianças e jovens e a conveniência de manter essa inocência. (LOURO in MEYER, 1998, p. 93)

Mas, apesar das diversas mudanças e transformações sociais e culturais, a sociedade e uma grande parte do corpo docente ainda preferem ignorar os temas voltados para a sexualidade, o gênero, o corpo como um objeto cultural, deixando no obscurantismo muitos alunos que carecem dessas informações. O corpo parece ter ficado fora da escola, ao longo da história. Essa é, usualmente, a primeira impressão que se tem diante de algumas consagradas teorias educacionais ou os cursos de preparação de docentes. E talvez isso não seja uma surpresa, uma vez que a formação docente opera, em sua grande maioria, no contexto filosófico do dualismo ocidental, levando a operar, em princípio, com a noção de uma separação entre corpo e mente. É como se professoras e professores, ao entrarem em sala de aula, estivessem apenas com a mente presente, como se fossem todos “espíritos descorporificados” (HOOKS, 2013, p. 115). Porém, como esclarece Louro (2008),

Por outro lado, a história da educação nos mostra que tudo isso está muito longe da verdade: a preocupação com o corpo sempre foi central no engendramento dos processos, das estratégias e das práticas pedagógicas. O disciplinamento dos corpos acompanhou, historicamente, o disciplinamento das mentes. Todos os processos de escolarização sempre estiveram - e ainda estão - preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, de jovens homens e mulheres. (LOURO, 2008, p.60)

Num contexto marcado por transformações de cunho histórico-social no campo educacional, onde o disciplinamento do corpo ainda é vivenciado, inclusive nos espaços escolares, temos boas novas, apesar de temas ainda “sensíveis” para a sociedade, como afirma Louro (2008), ao esclarecer que as transformações histórico-culturais se apresentam mais visíveis, pois

Proliferaram vozes e verdades. Novos saberes, novas técnicas, novos comportamentos, novas formas de relacionamentos e novos estilos de vida foram postos em ação e tornaram evidente uma diversidade cultural que não parecia existir. Cada vez mais perturbadoras, essas transformações passaram a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais. (LOURO, 2008, p.19)

Dentro das discussões trazidas no conteúdo do livro, o capítulo debate a exploração em relação ao conceito de sexualidade, numa perspectiva sócio-histórico-cultural, além de discutir o tema no currículo escolar; tenta fazer com que seus leitores compreendam que esta temática é evidenciada epistemologicamente, teórico-metodologicamente e pedagogicamente do tema sexualidade. Assim, é importante compreender a constituição da sexualidade em duas alçadas sociais distintas: a pessoal e a privada, na qual “a escola como um espaço social de

formação, voltado para a vida coletiva, entende que cabe exclusivamente à família se ocupar da educação sexual das crianças e jovens” (LOURO in MAYER, 1998, p. 87).

O capítulo aponta sugestões didático-pedagógicas dos diferentes saberes. Drogas, violência, sexualidade são assuntos polêmicos nas escolas de hoje. Apesar da sua importância, alguns professores não os consideram de sua responsabilidade, como tema a ser abordado didaticamente em sala de aula. Mas como educar jovens, sem compreendê-los ou levar em conta tais aspectos? Essa é a discussão presente neste capítulo do livro. O tema perpassa todas as áreas do currículo, apresentando reflexões teóricas e experiências pedagógicas de especialistas na área, contribuindo assim para uma educação para a diversidade.

Nessa direção, a escola precisa compreender sua função social como promotora para a formação integral do sujeito, corroborando para que sejam entendidos os significados conceituais, atitudinais e procedimentais que o apoie na (re)construção de sentidos, valorizando a convivência consigo e com os outros, afirmando sua autonomia e estabelecendo respeito, valores, ao exercer sua liberdade; logo, são construções que se instituem no âmbito da escola e que excedem seus muros, permitindo que os conhecimentos adquiridos melhorem sua atuação na vida cotidiana.

Portanto, o tema da sexualidade, não deve ser impulsionado/debatido na escola por pressão dos meios midiáticos, mas por ser um conteúdo essencial para a constituição do ser integral (corpo e mente). Professores e professoras devem estar atentos a sua formação continuada, para que analisem criticamente os conteúdos postos na Educação para Diversidade, no intuito de desmitificarem a concepção psicologizante e biomédica, na qual a educação sexual foi firmada, analisando profundamente as bases edificadas nos programas educacionais, quando abordam gênero e sexualidade, aos critérios que são tomados para o estabelecimento de fronteiras entre saúde/doença, normal/anormal, permitido/proibido; atentos para o fato de que tudo em educação é intencional, mas que defendemos uma prática educativa emancipatória, crítica reflexiva que respeite a diversidade dos sujeitos, no que tange a formação de identidades sexuais e de gênero (LOURO in MEYER, 1998).

Contudo, apesar de não tratar como centralidade discursiva o tema da homossexualidade, o livro possui discussões bastante pertinentes no campo da educação. Possui em seu conteúdo uma tentativa de desconstruir valores morais estabelecidos, quebrar barreiras que ainda impedem que pais e professores tratem de forma mais aberta o tema da sexualidade e suas diferentes denominações.

A Fundação Roberto Marinho produziu um livro chamado *Sexualidade: prazer em conhecer*, catalogado na escola Liceu, que traz um capítulo do Marcos Ribeiro (2001),

intitulado *Diferente Formas de Amar: diversidade e orientação sexual*. O texto apresenta um posicionamento psicossocial sobre o tema da Sexualidade, ao falar especificamente sobre a homossexualidade; a *visão sociocultural e a psicológica* predominam. Com proposta problematizadora sobre os temas da sexualidade, objetivando informar adolescentes, jovens, adultos e professores sobre a importância de tratar esses temas de maneira responsável, utilizando as epistemes de diversas áreas, para dar suporte a um debate inteligível necessário entre os mesmos, amenizando e desmitificando, assim, barreiras do preconceito e da desinformação sobre os conceitos, muitas vezes calcados em valores morais, dentro dos diversos grupos sociais, seja no ambiente familiar ou escolar. Vejamos:


homossexualidade na visão psicológica (grifo meu): É comum na adolescência surgir a dúvida: sou ou não homossexual? Muitos adolescentes experimentam algum tipo de atração e até mesmo de experiência sexual com pessoas do mesmo sexo. Na maioria das vezes, trata-se apenas de uma forma de descoberta da sexualidade. Somente na idade adulta podemos saber se a nossa orientação é homossexual ou heterossexual. Muitas vezes, a atração por uma pessoa do mesmo sexo, geralmente mais velha, tem mais o caráter de admiração de um modelo do que de atração sexual. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 176)

homossexualidade na visão sociocultural (grifo meu): O princípio básico para acabar com o preconceito contra à homossexualidade é entender que as noções de sexualidade feminina e sexualidade masculina não são instintivas, mas construções sociais. Os gregos antigos, por exemplo, cultivavam a relação homossexual e acreditavam que esta era muito mais nobre do que o relacionamento entre homem e mulher. Era esperado que um grego da alta sociedade se apaixonasse por um rapaz, mas não que fosse apaixonado por sua esposa. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 176)

É interessante perceber que essa fundação é mantida pelo grupo Globo de comunicação. O mesmo grupo que produz novelas, jornais e demais programas de entretenimento, dentro de uma perspectiva, por vezes, machista, misógina, racista e homofóbica. Reproduzindo estereótipos e estigmas em suas falas, discursos, personagens e condutas.

Quadro 17 - Síntese do livro de FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Sexualidade prazer em conhecer**. Fundação Roberto Marinho, 2001.

Livro	Dados gerais do livro	Perspectiva da abordagem
-------	-----------------------	--------------------------

	<p>Autor do livro: Fundação Roberto Marinho.</p> <p>Título do capítulo: Diferentes formas de amar/ diversidade e orientação sexual.</p> <p>Autor do capítulo: Marcos Ribeiro.</p> <p>Ano de publicação: 2001.</p> <p>Tipologia: Sexualidade.</p>	<p>O capítulo do livro aborda de forma crítica e didática o tema da sexualidade, trazendo indicações para a discussão de gênero e sexualidade na escola.</p>
Características gerais do livro		Conteúdo sobre a homossexualidade
<p>O capítulo demonstra a importância da centralidade do professor, como mediador, para desmistificar o entendimento sobre homossexualidade. Aborda uma perspectiva da educação para a diversidade e para a pluralidade, como um direito fundamental, chamando a atenção para a sexualidade como um processo de construção social.</p>		<p>O livro problematiza o tema da homossexualidade, de forma explícita e direta, realizando diferenciação de conceitos e abordando detalhadamente a relação entre os conceitos.</p>
Proposições pedagógicas		
<p>O capítulo realiza um indicativo de proposição pedagógica, fazendo a orientações de temas para serem problematizados na escola por meio de planejamentos sistemáticos.</p>		

De acordo com o autor, para o/a professor/a entender o que é diversidade, basta observar as/os próprios/as estudantes, eles representam uma população de origem bastante diversificada. Inclusive, nós, professores/as, temos uma história e uma construção identitária e cultural, muito diversificada.

Uma observação importante sobre esse capítulo é que ele traz um recorte histórico sobre a homossexualidade feminina, quando se reporta à Ilha de Lesbos, ou seja, sobre a origem

do termo lésbicas, visto que, segundo Ribeiro in Fundação Roberto Marinho (2001), essa palavra tem um sentido de liberdade e reforça a consciência de luta e resistência entre as pessoas do gênero feminino. É um texto curto, porém carregado de informações que despertam para uma Educação para Diversidade.

O capítulo possui conteúdo estruturado didaticamente que facilita o entendimento em relação ao tema da sexualidade. Apesar de não usar apenas a homossexualidade como centralidade discursiva, propõe uma visão que agrega conceitos de cunho científico e psicológico, mostrando a importância dos profissionais da educação como mediadores para nortear e desmitologizar os preceitos instituídos pela sociedade, em relação ao tema da sexualidade. O autor, de forma breve, discute algo que, nos dias de hoje ainda gera dúvidas em muitos jovens, no que tange ao sexo e à sexualidade; explica que:

Mas sexo e sexualidade são coisas diferentes. A determinação da sexualidade vai muito além das características físicas de uma pessoa. Ao longo de seu desenvolvimento, as crianças aprendem a se comportar de acordo o que a sociedade - a família, seus amigos, a escola - espera de uma pessoa do seu sexo. Assim, a criança aprende sua identidade de gênero, ou seja, ela passa a se identificar com o gênero masculino ou feminino reproduzindo O comportamento de homens e mulheres à sua volta. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 177)

Em suma, sexo é o conjunto de características anatômicas e fisiológicas. Sexualidade é a própria vida. Envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001).

Atualmente, para os jovens e adolescentes se torna imprescindível o conhecimento sobre o funcionamento do corpo, no que se refere à anatomia e fisiologia. Torna-se uma busca interessante e necessária, já que os relacionamentos afloram nessa faixa de idade, aumentando a curiosidade sobre assuntos relativos a menstruação, concepção, gravidez, métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis. Porém, o que o capítulo nos mostra é que o corpo não é apenas um amontoado de moléculas complexas, “o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o invertem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (FOUCAULT, 1987, p. 28).

Nesse cenário, destaca-se a escola como um ambiente que promove conhecimento, saberes, vivências; local onde os adolescentes, que compõem uma diversidade, em relação às sexualidades, convivem e passam um período considerável do seu dia e, muitas vezes, o único local onde podem expressar suas dúvidas, medos e sentimentos. E, para que as dúvidas sejam

sanadas da melhor forma possível, é necessário que os professores estejam atentos e compreendam que essa diversidade necessita de atenção. No espaço escolar as práticas educativas favorecem reflexões e discussões que ampliam o campo de conhecimento, ao abordarem questões do seu cotidiano, entre elas a sexualidade e as vulnerabilidades dessa fase da vida. Ao considerar a diversidade expressa na sociedade, o autor nos faz pensar, a partir da micro célula desta representação, que é a própria escola, assim

Para entender o que é diversidade, basta observar nossos próprios alunos. Eles representam “uma população de origem bastante diversificada, raças/etnias variadas, culturas diversas. Cada componente de uma sala de aula - inclusive o professor - tem uma história, ou várias: história da raça ou da etnia a que pertence; a história do País ou região de onde veio a sua família. Existem ainda arranjos familiares diferentes, classes sociais, religiões, profissões e estilos de vida e inúmeras outras diferenças que precisam ser valorizadas e respeitadas, pois fazem parte do todo que é a sociedade brasileira. Muitas vezes essa diversidade é marcada pelo preconceito e pela discriminação. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 175)

Entretanto, proporcionar educação sexual de forma integral, ética e com uma perspectiva cidadã na escola envolve conhecimentos específicos, habilidades didáticas, disponibilidade e afinidade do professor para abordar o assunto. Em outras palavras, envolve um arcabouço de competências. Esses elementos parecem ainda estar regulados, a partir de uma ênfase marcada pelo campo das ciências biológicas e naturais, priorizando ensinamentos que envolvem as questões do corpo e seu funcionamento, mostrando a sua desarticulação com os interesses específicos dos próprios adolescentes.

Por esse motivo, o autor, demonstra a importância da escola como um ambiente que pode encampar debate crítico-reflexivo e (re)elaborar conhecimentos, disseminando-os, a partir de um posicionamento de respeito à diversidade e pluralidade existente na sociedade, assim sugere que se invista em políticas públicas que planejem

cursos regulares de Educação Sexual, cientificamente planejados, ministrados desde a pré-escola, terão um impacto crucial na transformação moral da nossa população. Os cursos devem ensinar, sem hipocrisia e falso moralismo, tudo o que um jovem adulto precisa saber sobre sexo: sua anatomia, sua higiene, prevenção das DST, como evitar abuso e assédio sexual, como impedir a gravidez indesejada, o respeito que todos nós devemos ter em relação à orientação sexual dos outros, como um direito humano fundamental. Além da Educação Sexual científica, urge que o poder público puna exemplarmente os que violam os direitos sexuais alheios: assédio e o abuso sexual, a discriminação baseada no sexo e na orientação sexual. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 180)

E, ainda, discute temas recorrentes, como a questão do preconceito, destacando a responsabilidade da escola:

Justamente por abrigar uma amostra preciosa dessa diversidade cultural e étnica, as escolas não podem permitir que se cultivem o preconceito e o desrespeito a si próprio e ao outro. Muito pelo contrário, em função dessa pluralidade tão próxima, é dever da escola contribuir para garantir os direitos fundamentais a todo mundo, inclusive o respeito às diferentes formas de orientação sexual. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 175)

Essas questões ainda são observadas em alguns contextos escolares em que a sexualidade continua sendo trabalhada sob o enfoque do risco, tomando por base a promoção da saúde sexual e prevenção da gestação e de doenças, a partir de práticas educativas que enfocam esse direcionamento. Essas práticas são orientadas por um viés individualista, utilizando abordagens pedagógicas ainda centradas na conscientização do risco e na necessidade de negociar o sexo seguro com o parceiro. Deixam para um segundo plano as necessidades pessoais do adolescente e as questões culturais que fazem parte da sua formação e influenciam o seu comportamento.

Por fim, os livros de Sexualidade analisados, reverberam uma perspectiva sociocultural de enfrentamento à discriminação, buscando apontar pistas para a amenização dessa problemática, por meio do debate sistemático e informativo, respeitando as diferenças e apresentando, à sociedade, possibilidades de interpretação e convivência, ao argumentar conceitos de homofobia na visão daqueles que a sofrem.

Assim, de acordo com os quadro-sínteses, já elaborados na pesquisa, percebemos que as visões sobre a homossexualidade são demonstradas de maneiras distintas, que apresentam os discursos inclusivos e comprometidos em disseminar ideias, inclusive no campo da educação, que ajudem a desenvolver atividades pedagógicas, na busca de compreender que a sexualidade é uma (re)construção do sujeito, portanto é necessário que seja bem planejada e desenvolvida durante todo o período letivo de forma interdisciplinar, rompendo com a rigidez curricular imposta, às vezes, pelas instituições ou até pelos profissionais que não se sentem aptos para o debate do tema.

Dessa forma, analiso o conteúdo dos discursos dos/as autores/as, numa perspectiva inclusiva, que possa permear os diversos espaços sociais, culturais, políticos e econômicos, sobretudo o ambiente escolar, e o mais interessante, sem necessitar de um espaço específico para que o assunto seja tratado; ou seja, rompem-se os limites da teorização e discussão sobre o tema da Sexualidade, que não se limite somente às salas de aula, mas que considere o desenvolvimento humano numa perspectiva ética.

5.3 O tema da Homofobia em livros de Educação Sexual

O livro, *Por uma educação escolar não sexista*, escrito por Valquíria Alencar de Sousa e Maria Eulina Pessoa de Carvalho (2003), não problematiza o tema da homossexualidade de forma explícita e direta, portanto, a categoria mais marcante em todo ele é *educação para diversidade*, o que indica que o texto apresenta propostas pedagógicas a professoras e professores, de modo que esses profissionais da educação compreendam as relações de gênero e invistam em ações para superar a desigualdade no ambiente escolar:

A professora e o professor podem fazer muito para mudar a situação de desigualdade na escola a partir da sua prática pedagógica cotidiana, estimulando meninos e meninas a experimentarem as mesmas atividades, a desenvolverem as mesmas habilidades e a compartilharem suas descobertas, superando as diferenças individuais supostamente baseadas no sexo. Através da educação não-sexista de crianças e jovens, a professora e o professor estarão criando um novo modelo de educação e de sociedade. (CARVALHO e SOUSA, 2003, p. 15)

As autoras também discutem, ao longo do texto, as características típicas da figura masculina, tais como a agressividade, competitividade e força; enquanto que as mulheres são tidas como sensíveis, passivas e dependentes. Ou seja, a educação sexista tem sido sistematicamente apontada como um dos obstáculos mais fortes para a construção de uma sociedade democrática, na qual mulheres e homens têm os mesmos direitos, e a equidade de gênero seja a base das relações entre as pessoas. Assim, o livro apresenta a categoria *educação sexista/educação homofóbica* de forma atuante:

As diferenças de sexo e gênero têm favorecido os homens em detrimento das mulheres. Isto porque as relações de gênero são relações de poder: as diferenças construídas entre homens e mulheres transformam-se em hierarquias, justificadas pela maior valorização das qualidades masculinas, que são atribuídas exclusivamente aos homens”. (CARVALHO e SOUSA, 2003, p.16)

Dessa forma a educação, tal como é praticada, vem contribuindo para prolongar as divisões sociais que perpetuam a estrutura de poder masculino, pois está cheia de valores e ideias que mostram o mundo masculino como superior ao feminino, um mundo que limita o potencial e a autonomia das mulheres, traduzindo as diferenças em desigualdades sociais, que são reforçadas pelo sistema heteronormativo e patriarcal:

Patriarcado: é o modelo de sociedade baseado na autoridade paterna, na supremacia da figura masculina, daí ser chamada sociedade patriarcal. Segundo a crítica feminista radical, o patriarcado é um sistema social sustentado ideologicamente pela heterossexualidade compulsória, violência masculina, socialização de papéis de gênero. [...] A tradição ocidental patriarcal, um legado de longa data, estabelece um certo padrão de relação entre homens e mulheres, definindo os seus papéis na vida: aos homens, cabem a decisão, a chefia, o poder; às mulheres, cabem o domínio da

casa, a educação dos filhos, as tarefas domésticas, o que gera um profundo desequilíbrio na humanidade. (SOUSA, 2003, p. 8, 9 e 10)

As autoras trazem à tona conceitos, discussões e explicações de como a sociedade machista e patriarcal foi formada, citando, por exemplo, os conceitos que serão abordados no livro e fazendo uma pequena definição desses conceitos. Há uma ausência sobre o tema da homofobia, pois as autoras optaram por discutir os bilateralismos do masculino/feminino e mulher/homem, não discutindo sobre aspectos relativos à comunidade LGBTQIA+.

A partir desses aspectos, os desafios são vários. Entretanto, CARVALHO e SOUSA (2003) considera que a educação tem um papel transformador no que diz respeito à contribuição para a igualdade de oportunidades, além de impulsionar o desenvolvimento pessoal de meninos e meninas, homens e mulheres, para a formação de cidadãos e cidadãs.

O capítulo 6, desse livro, apresenta propostas pedagógicas que auxiliam professoras e professores na maneira de dialogar sobre as relações de gênero com alunas e alunos, de acordo com a realidade desses/dessas estudantes (regional, comunitária e escolar), problematizando sempre essas relações de modo a tornar visíveis a desigualdade e a iniquidade. Entre as propostas, estão o exercício de criatividade, interdisciplinaridade, uso de ilustrações do livro didático, além de textos reflexivos, grupos de debate e pesquisa científica sobre a temática das relações de gênero.

Já, no capítulo do livro *Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em sua casa e na escola*, intitulado *Homossexualidade*, de Rafael Barroso e Cristina Bruschini (2000), é vigente o androcentrismo. Os autores dizem que a homossexualidade feminina (as lésbicas) é quase totalmente ignorada e, possivelmente, como aponta o pesquisador norte-americano Vern Bullough, como consequência do preconceito amplamente difundido que sustenta qualquer tipo de atividade sexual precisar da participação de um pênis; portanto, um envolvimento sexual entre duas mulheres nem sequer é considerado possível; ele é negado. Isto, no fundo, não deixa de ser uma atitude altamente repressiva e sexista, quer entre aqueles povos que toleram a homossexualidade masculina quer entre aqueles que a condenam.

Na verdade, em quase todos os textos analisados, a gente percebe a ausência dessa homossexualidade feminina, pouco ou quase nada se fala sobre as mulheres lésbicas e, quando é falado, é pelas próprias autoras mulheres, como no caso dos livros anteriormente citados.

Esse capítulo de livro, escrito por Barroso e Bruschini (2000), trata explicitamente sobre o tema da homofobia. A autora traz a discussão social sobre a homofobia, mostrando como as pessoas homossexuais são tratadas, explicando a base do preconceito e trazendo no corpo do texto as expressões utilizadas por pessoas homofóbicas, a fim de demonstrar que

muito do que falamos cotidianamente reflete a homofobia, às vezes, até “sem querer”. O texto traz a informação de como a homossexualidade passou a ser considerada um desvio de comportamento. Contudo, poderíamos inverter a situação, subverter o pensamento, conforme aponta Guacira Lopes Louro:

Numa investigação que se ocupe da sexualidade, em vez de examinarmos sexualidades ‘desviantes’ em contraposição à heterossexualidade (tomada como padrão), estaríamos interessados em saber como a heterossexualidade se tornou ‘isso’, ou seja, o padrão de normalidade. Dito de um modo mais contundente: através de que processos a heterossexualidade se tornou ‘natural’? Que discursos permitiram que essa verdade fosse admitida como única, singular e universal? Que discursos foram silenciados neste processo? (LOURO 2008, p. 241).

Assim, pode-se não pensar como a homossexualidade passou a ser considerada como anormalidade, mas questionar como a masculinidade e a heterossexualidade passaram a ser consideradas um padrão a ser seguido?

Neste mesmo capítulo, o autor e a autora, compreendem que a homofobia é uma relação complexa, expressa pelo meio social em que o indivíduo está inserido, ou seja, demonstra no texto uma visão predominantemente sociocultural; ocorre também que “muitas pessoas, que se presume, por causa de algum detalhe no seu comportamento, ‘poderiam ser’ homossexuais são objetos de pressão e repressão social” (BARROSO e BRUSCHINI, 2000, p. 79).

O capítulo pode ser utilizado por professoras e professores para discutirem a homofobia e a homossexualidade, pois abrange diversos aspectos que permeiam dúvidas cotidianas da população. Há uma preocupação dos autores que fica evidente ao final do texto, em trazer uma contribuição pedagógica aos professores, pois elaboram um questionário para permear as discussões na sala de aula, abordando questões de homofobia e preconceito.

Ênio Pinto (1999), embora não fale diretamente sobre homofobia em seu livro *Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade*, mostra que, quando um determinado tema é enfatizado com mais detalhes e ideias inclusivas, as pessoas são convencidas a discutirem e pesquisarem sobre. O capítulo é curto, mas cheio de informações que o autor resgata de suas vivências, enquanto professor da disciplina Orientação Sexual em determinadas escolas, informando que a realidade de uma turma norteará os caminhos dos estudos, permitindo que alunas e alunos sejam as/os protagonistas.

A categoria marcante nesse texto é a *educação para diversidade*, o que encaixa esse material no hall de livros paradidáticos a serem trabalhados nessa perspectiva da inclusão e respeito às diferenças.

O autor Álvaro Lorencini Júnior, no livro de Júlio Groppa Aquino (1997), intitulado *Sexualidade na escola: alternativas e práticas*, não trata diretamente do tema da homofobia, voltando-se a uma educação sexual de forma mais ampla. O autor relata sobre o sexo e a sexualidade com explicações biológicas, apesar de considerar alguns fatores sociais, portanto percebemos que este livro não contempla a categoria sobre as visões da homofobia no seu discurso.

Claudio Picazio (1998), psicólogo com especialização em Sexualidade, no seu livro *Diferentes Desejos*, responde a questionamentos comuns e proporciona exemplos cotidianos, realizando a delimitação conceitual de preconceito e do que é problema. O livro traz, em forma de texto, perguntas/dúvidas de jovens adolescentes sobre a homossexualidade. As perguntas, carregadas de estigmas a respeito da homossexualidade, são respondidas, visando à educação para diversidade, ratificando a atenção para o preconceito existente entre os jovens, suas famílias e os lugares em que habitam.

De acordo com Picazio (1998), o preconceito contra a homossexualidade esconde a inquietude que muitos heterossexuais sentem em relação a sua própria orientação sexual. Se uma pessoa não tem dúvidas quanto a seu desejo, ela não precisa se defender de outra que tenha desejos diferentes do seu. Uma outra crença também preconceituosa é a de que o homem mais efeminado é sexualmente passivo, reproduzindo um modelo tradicional de relação heterossexual em que um seria a mulher e o outro o homem. Neste caso, o ativo seria heterossexual, o que simplesmente não é verdadeiro. Durante o ato sexual, não importa quem penetre ou seja penetrado, os dois são pessoas que sentem prazer com o mesmo sexo e, conseqüentemente, são ambos homossexuais:

Não é fácil para uma pessoa admitir a sua homossexualidade. Perceber-se sentindo desejo por um igual, em uma sociedade onde isto ainda é visto, no mínimo, como inferioridade, é muito complicado. De repente, a pessoa sente coisas que provavelmente ela mesma condena nos outros. Suas impressões a respeito de si mesma, conjugadas ao preconceito vigente, desvalorizam a si própria, fazendo com que se negue como pessoa e fuja de si mesma, muitas vezes atacando um outro homossexual para, assim, tentar distanciar-se do seu desejo. (PICAZIO, 1998, p. 31)

O livro é do final do século XX, porém bastante atual, tanto na condução das respostas, como na apresentação das perguntas e depoimentos. Uma obra que contribui para a construção de uma Educação para a Diversidade e que deveria ser utilizada em sala de aula por profissionais da educação de diferentes saberes. Portanto, a categoria predominante, ao longo de todo o livro, é *educação para diversidade*, localizada, principalmente, nas respostas do autor. Além de serem muito fortes e presentes as categóricas *visões sobre homofobia e educação sexista/educação homofóbica*.

Em outro livro de Cláudio Picazio (1988), *Sexo Secreto: temas polêmicos da sexualidade*, notamos que a preocupação com a homofobia não assusta as pessoas homossexuais no espaço externo; muitas/os fogem de casa, porque não encontram, nesta instituição tão importante para o desenvolvimento humano, o acolhimento necessário para permanecer. Nesse livro, há diversos trechos que categorizamos como “visões sobre a homofobia”, sendo que o autor relata claramente sobre o preconceito e a homofobia:

Na grande maioria das vezes, os homossexuais se distanciam da família por sentirem que ela rejeita o seu desejo. Como decorrência, procuram guetos onde encontrem aceitação e respeito por sua orientação sexual. O mais doloroso para homens e mulheres homossexuais é serem discriminados como se a forma de se relacionarem afetiva e sexualmente estivesse errada. Chegam a acreditar nessa premissa, o que lhes trazem uma dor psíquica imensa, pois a área afetiva e sexual é muito valorizada pela cultura e, conseqüentemente, impõe-se enquanto desejo interno a ser satisfeito (PICAZIO, 1998, p.32).

No trecho abaixo, deve-se ter especial atenção, pois, de maneira sutil, toca em um ponto sensível que adentra aos poucos as escolas, mas permanece adormecido socialmente. Foi realizada uma extensa pesquisa sobre o tema do suicídio na população LGBTQIA+ e relata que:

O suicídio de pessoas LGBTQIA+ é um assunto ainda pouco debatido nas esferas públicas (como na formulação de políticas e pesquisas acadêmicas). Não existem dados e pouco se sabe dessa realidade, mas se sabe que ela é recorrente, que muitas pessoas da sigla já pensaram ou tentaram se matar; muitas conseguiram. Algumas pesquisas apontam que a suicidabilidade das pessoas LGBTQIA+ pode ser de duas a sete vezes maior que de homens e mulheres heterossexuais; isso quer dizer que não apenas realizem mais tentativas, como também costumam usar modos com maior probabilidade de um resultado fatal. (ADORNO e NAGAFUCHI 2016, p.23)

Adorno e Nagafuchi (2016) também consideram o suicídio um processo cultural e social e utilizam na sua pesquisa dos pressupostos Foucaultianos. Desse modo, apontam que a discussão do suicídio nesta população deve ser trabalhado pelas políticas públicas e por trabalhos acadêmicos, longe de estruturas normativas e padrões machistas; que este tema deve transcender as discussões formais e se inserir em discussões particulares, pensando no sujeito como um efeito das linguagens, dos discursos, dos textos, das representações, das enunciações, dos modos de subjetivação, dos modos de endereçamentos, das relações de poder de diferentes tipos – classe, gênero, sexualidade, idade, raça, etnia, geração e cultura, conforme aponta Meyer e Paraíso (2012).

Sexo Secreto: temas polêmicos da sexualidade foi escrito há 20 anos e permanece atual para ser trabalhado com professoras e professores, alunas e alunos; não se pode deixar de considerar a necessidade de trabalhar esses temas em sala de aula, mas é perceptível o apagamento de temas como gênero, sexualidade, homofobia, meio ambiente, saúde, educação

especial e cultura, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e, conseqüentemente, em salas de aula de todo o Brasil. Minha perspectiva não é trazer generalizações ou normas universais. Entretanto, estudos na área de currículo apontam o esvaziamento dessas discussões nos próximos anos, enquanto trabalhos acadêmicos e notícias midiáticas surgirem enfatizando a necessidade de se rever os currículos, os livros didáticos, as propostas pedagógicas e a própria sociedade. Ressalto que o apagamento das discussões é uma ação elaborada e intencional; assim, cabe questionar a sua intencionalidade e compreender os seus impactos na vida de cada um dos estudantes.

O livro *Juventudes e Sexualidades* de Abromovay, Castro e Silva (2004) prende a atenção, ao chamar para a conversa a temática da homofobia. Como já mencionado ao longo da pesquisa, a escola acaba por silenciar discriminações/preconceitos para com jovens homossexuais e ainda colabora ativamente na reprodução de tais violências.

É fato que os preconceitos e as discriminações se distanciam de conhecimentos sobre o tema, e muitos atores reconhecem que pouco sabem sobre homossexualidade; mas, por outro lado, várias de suas declarações sugerem sem autocrítica expressar seus preconceitos. Segundo Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva (2004, p. 299):

Em todas essas situações de violências envolvendo jovens, chama a atenção a fragilidade desses, que não dispõem de mecanismos que amparem suas queixas e denúncias. Impera, em muitos casos, a "lei do silêncio", na qual jovens e adultos, por medo, ameaças ou mesmo indiferença, se calam. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA 2004, p. 299)

Na escola, as autoras confirmam que, de acordo com a pesquisa apresentada no livro, a discriminação contra alunas/os, considerados homossexuais por parte das/os colegas, ocorre principalmente de forma velada/disfarçada, por meio de referências preconceituosas.

De acordo com depoimentos de alguns diretores e professores, principalmente os meninos têm esse tipo de atitude, como forma de constrangimento e intimidação àqueles que têm uma orientação sexual diferente da sua, ou cuja aparência não se enquadra ao padrão esperado do ser homem. Enquanto alguns consideram que as brincadeiras não são manifestações de agressão, naturalizando e banalizando as expressões de preconceitos, há os que enfatizam que as piadinhas ofendem e partem, frequentemente, dos meninos e rapazes(...). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 289).

O capítulo analisado nesse livro expõe as contradições de uma sociedade cujas diferenças regionais são marcantes: embora pareça mais propensa a tratar da sexualidade, não consegue responder aos anseios das/os jovens. A partir dos dados levantados pela pesquisa,

realizada pela autora, percebemos a cultura de normalização de atos de violência contra homossexuais. Percebe-se, também, que as meninas são menos preconceituosas em relação aos meninos, e ainda inferioriza o lesbianismo, dando menor visibilidade para entender a censura social.

As autoras têm uma preocupação em apresentar propostas e reflexões para que professoras e professores possam contribuir em suas práticas pedagógicas, conforme aponta a existência da categoria *educação para diversidade*:

A recorrência à linguagem pejorativa é comum nas violências contra homossexuais. É importante destacar a linguagem porque por ela se apresentam visões de mundo, representações e também a nomeação do Outro por formas negativas ou contrárias à sua vontade, com o intuito de humilhar, discriminar, ofender, ignorar, isolar, tyrannizar e ameaçar. No caso da escola, em que o verbo é matéria prima, o cuidado com a linguagem, com os discursos de alunos e de professores ganha mais relevância, indicando problemas no objetivo do projeto escolar, de formar mentalidades por parâmetros de igualdade. Vários autores ressaltam tal importância do estudo de linguagens no âmbito escolar, em particular sobre sexualidade. (ABROMOVAY, CASTRO e SILVA, 2004, p. 286)

Além da intolerância e rejeição ao homossexual, percebemos ideias preconcebidas e estereótipos. O resultado de situações como essa, no espaço escolar, é o abandono dos estudos, ou seja, a evasão escolar. Percebemos, também, nas leituras, o quão de dificuldade alguns professores/ algumas professoras têm para lidar com o assunto da homossexualidade; e outros assumem uma postura de distanciamento. O livro de Miriam Abromovay, Mary Castro e Lorena Silva (2004) confirma essa “situação embaraçosa” de nossos profissionais da educação:

Alguns professores comentam que, apesar de abordarem a questão da homossexualidade pelo lado do respeito humano, é bastante difícil lidar com o assunto, pois os alunos sempre levam para a brincadeira. Já outros assumem uma postura de distanciamento e assim de cumplicidade passiva com a violência contra jovens tidos como homossexuais- cada um é, pode ser como quiser ou como um tema que não é de sua alçada. Dessa forma, omite-se o debate sobre assuntos que são engendrados por preconceitos e discriminações, quando muito pregando uma abstrata tolerância, em que cada um poderia ser o que quisesse, quando, na prática, não é isso que ocorre." (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 288)

Em todas essas situações de violência, chama a atenção a fragilidade desses que não dispõem de mecanismo que amparem suas queixas e denúncias. Dessa forma, reconhecemos a importância da escola em assumir um papel mais ativo contra tais violências, dialogando a homossexualidade com alunos, pais e professores.

Por fim, o livro *Questões desafiadoras na escola: guia prático para professores*, de McLurkin (2015), propõe uma espécie de cartilha prática para professoras e professores,

para que estes profissionais possam refletir, junto aos estudantes, a Sexualidade, num sentido de promoção de uma *educação para diversidade*.

5.4 O tema da Homofobia em livros de Sexualidade

O livro *Ritos e ditos de jovens gays*, de Almeida, Parker, Rios (2004), mostra de forma mais real os preconceitos e a homofobia presentes na sociedade, pois durante a sua escrita foram sendo colocados diversos depoimentos de pessoas, relatando suas convivências sociais, desejos, decepções, dificuldades, sonhos; comentando sobre a escola, a igreja e a família. Os autores perpassam os mais diversos pontos sobre sexualidade, gênero e homofobia, sem se utilizarem necessariamente da conceituação dos termos. Esse é o documento analisado em que a visão sobre a homofobia é mais presente, e também possui um viés sociocultural.

O livro mostra a realidade difícil e limitada de muitos adolescentes que não têm a devida atenção e são colocados de lado, por não seguirem os padrões heteronormativos, impostos socialmente, muitas vezes perdendo direitos simples como a proteção e a educação. O que nos aponta para a construção da categoria mais marcante no livro, *visões sobre homofobia*:

Minha mãe não entendia o porquê da minha fuga da escola. Ela sabia que eu era muito inteligente e que aprendia muito mais rápido do que todos os meus irmãos e do que os alunos de sala de aula. Ela não sabia o que eu passava com os meninos nos pátios e nas filas. No banheiro eu nem ia, pois todos me passavam a mão e ficavam a exhibir a genitália para mim. Os professores faziam algumas piadas e eu servia de referência para as gargalhadas. Me chamavam de nomes de que eu não gostava e nem permitia, mas gritavam em coro e eu morria de vergonha e ódio. A minha maior raiva era que a minha mãe e irmãos, pois eu não tenho pai, me chamavam também dentro de casa dos mesmos nomes que eu era chamado na escola. O meu irmão mais velho me mostrava a genitália e pedia para eu tocá-la com a mão e com a boca. Eu era forçado e fazia. Morria de medo, mas, com o meu irmão, eu estava dentro de casa, mas, na escola, eu ficava apavorado e dizia para as pessoas que eu não era veado, mariquinha, boiola.... Eu não queria ir na escola, mas a minha mãe me obrigava, me batia, me infernizava a vida e eu tinha que ir. Passei a mentir que ia e não ia mais. Ficava perambulando pela rua com os livros e cadernos dentro da minha pasta. Tinha saudades da escola, mas ninguém me defendia lá. Os mais machistas me batiam, e a escola não fazia nada. Saí da escola, minha mãe desistiu de me mandar para lá, e, até hoje, não consegui terminar o meu primeiro grau. Parei na quinta série. Escola para mim era sinônimo de inferno! (Luís, camelô, 19 anos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p.24)

O livro ainda apresenta, em seu conteúdo, que se deve adotar estratégias pedagógicas, a fim de sanar as necessidades das pessoas homossexuais, diminuir as barreiras que se configuram com a diferença e com os estigmas direcionados às diferentes formas de amar e viver a sexualidade. Deve-se, portanto, usar um arcabouço de utensílios especiais, pois “esse tipo de luta requer armas peculiares. Supõe estratégias mais sutis e engenhosas” (LOURO,

2008, p.20), e essas estratégias agem onde há mais carência de informação e conhecimento, relacionados a esse grupo, especificamente quando se trata de homossexuais. Portanto, a categoria *educação para diversidade* é, também, muito presente no texto:

O trabalho de educação sexual nas escolas implica planejamento e ação pedagógica sistemáticos, o que envolve espaço no currículo escolar. Não se trata de fenômeno episódico, como uma palestra ou uma semana especial de atividade, mas de abrir o canal para o debate permanente com crianças e jovens, acerca das questões da sexualidade. A compreensão dos pais sobre a importância do trabalho com a sexualidade infantil e jovem fortalece o trabalho de educação sexual e pode abrir novas perspectivas de diálogo na própria família. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 25)

Nessa perspectiva, os autores Almeida, Rios e Parker (2004) realizam uma intervenção em relação à deficiência das entidades em dialogar sobre conteúdo de sexualidade nas escolas, fazendo uma ponte para o conhecimento do corpo, para além dos traços biologicistas – que se afastam daquelas vertentes que tratam o corpo como uma entidade biológica universal – a fim de teorizá-lo como um construto sociocultural e linguístico, produto e efeito de relações de poder; assim, o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção implicadas em processos que diferenciam mulheres de homens.

Para tal realizam oficinas em diversos pontos, sejam em praças, escolas, boates, becos ou periferias, onde as conversações servem de abrigo para os que se sentem perdidos, mediante uma trajetória marcada pelo medo, preconceito e repreensão, ou para aqueles jovens que ainda se encontram desamparados e com dúvidas sobre a própria sexualidade.

O trabalho de educação sexual nas escolas implica planejamento e ação pedagógica sistemáticos, o que envolve espaço no currículo escolar. Não se trata de fenômeno episódico, como uma palestra ou uma semana especial de atividade, mas de abrir o canal para o debate permanente com crianças e jovens acerca das questões da sexualidade. A compreensão dos pais sobre a importância do trabalho com a sexualidade infantil e jovem fortalece o trabalho de educação sexual e pode abrir novas perspectivas de diálogo na própria família (ALMEIDA; RIOS; PARKER; 2004, p. 25).

Os autores alertam para a ineficácia dos trabalhos sobre educação sexual nas escolas. Explicam que tal atividade, muitas vezes, se torna improdutivo, porque geralmente não conta com uma sistematização séria, adequada e contínua, que abranja todos os campos relacionados a essa discussão riquíssima, vasta e diversificada e que, ainda hoje, se encontra com dificuldade para atingir maior “relevância”.

Contudo, com a metodologia dos encontros, das oficinas para a discussão da sexualidade em vários pontos da cidade e a utilização de uma linguagem que se aproxima

bastante da dos jovens, os autores conseguiram reunir diversos adolescentes para disseminar conhecimento em relação à sexualidade, com a proposta de sanar as possíveis dúvidas.

A oficina é um local onde os participantes se sentem seguros e à vontade. Os encontros são sempre uma surpresa, falamos abertamente de nossos anseios e desejos, medos e frustrações, como também de nosso mundo de prazeres e descobertas - Gustavo, 20 anos (ALMEIDA; RIOS; PARKER; 2004, p. 74).

Essa também é uma forma de promover a interação desse público, na perspectiva de mostrar a eles que não estão sozinhos e que, mesmo evadidos do ambiente escolar, poderão encontrar respostas, em outros lugares, sobre quem são, por meio de um constructo de informações que os norteiam; além do que, as oficinas também disseminavam informações sobre os métodos contraceptivos, visto que, muitos dos jovens que participavam, são garotos de programa ou estavam praticando o intercuro sexual sem a utilização de preservativos.

Trabalhar com jovens não é uma tarefa difícil, chega a ser muito gratificante e prazerosa. Mas o trabalho com jovens homossexuais, nas oficinas de juventude e diversidade sexual e em locais onde se faz prevenção, tem nos mostrado que essa é uma tarefa um pouco complexa, já que eles vivenciam cotidianamente os constrangimentos impostos pela sociedade, diferentes discriminações, medos de serem identificados enquanto homens que fazem sexo com homens no meio onde necessitam sobreviver, incluindo a relação com a família, a escola, o trabalho etc. (ALMEIDA; RIOS; PARKER; 2004, p. 76)

A abordagem utilizada para tratar os conteúdos sobre sexualidade pelos autores se dá de maneira contínua, sistemática, corajosa, honesta e politicamente interessada com a crítica desses modelos de desigualdade sexual, de gênero, de etnia/raça, de geração, de classe, de religião, entre outros, culminando assim num projeto que leva à educação para diversidade.

Nesse sentido, os autores questionam a indiferença dos dirigentes de escola bem como das/os professoras e professores quanto às questões pertinentes à sexualidade, homossexualidade e educação sexual. A falta de preparo para tratarem algumas situações, pontuadas como irrelevantes, e a falta de apoio ao jovem, que se sente perdido em meio a outros jovens, fazem com que o desânimo e o medo se instalem nesses indivíduos:

Ele não pode frequentar o banheiro masculino, pois corre risco de ser estuprado e violentado de todas as formas possíveis. Não pode fazer parte do time da escola, pois é tido como delicado demais, segundo a visão dos seus companheiros da mesma idade e de escola. O jovem homossexual se sente sem um ponto de apoio, sem uma referência, mesmo querendo se inserir no contexto da comunidade escolar. O resultado dessa exclusão é o abandono dos estudos e de uma estrutura que poderiam trazer benefícios futuros. Preferem não frequentá-la. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p.22)

A proposta de disseminação de conteúdo plural nem sempre é bem vista; o preconceito, as visões sobre homofobia ainda são bastante gritantes, sobretudo quando o enfoque das discussões se refere a esses temas que, por mais que estejam presentes nos meios sociais, ainda se encontram desolados, pouco debatidos e compreendidos, nas instituições.

Ao tratarem da Homofobia, os autores extrapolam o convencional e mostram, além de agressões psicológicas e preconceitos, depoimento de agressões físicas, proporciona, assim, ao leitor uma imersão nos sentimentos dos depoentes:

‘O tempo é algo que não volta atrás, portanto, plante o seu jardim e decore a sua alma, ao invés de esperar que alguém lhe mande flores. “Essas palavras são de William Shakespeare, e as li em um livro, no mesmo dia em que meus pais disseram para eu ir embora de casa com a minha vergonha e a minha homossexualidade. Ainda vivo lá em casa, mas aliviado, pois sei o que eu sou: jovem, homossexual assumido e estou decorando a minha vida para melhor. Não é fácil, fica difícil até mandar flores para mim mesmo, mas estou resistindo, me impondo e sei que vencerei essa batalha. (Fernando, estudante, 18 anos).’ (ALMEIDA, RIOS, PARKER, 2004, p.6)

‘Apanhei muito, muito mesmo, do meu pai e dos meus irmãos para aprender a ser homem. Fui levado à beira da loucura para aprender a ser macho, fui castigado, fui violentado, fui massacrado, mas venci, saí de casa, esqueci os que me maltrataram, porém não esqueci os maus-tratos. Sou travesti, cabeleireira e manicure, sou gente, procuro ser feliz, tenho um parceiro da minha idade que é o meu pai, minha mãe, minha família. (Lili, travesti, 21 anos)’ (ALMEIDA, RIOS, PARKER, 2004, p.8)
Na família não tem veado, caso tenha algum, eu mato, coloco na rua, esfolo o rabo dele até aprender a ser macho! (Pais homófobos).’ (ALMEIDA, RIOS, PARKER, 2004, p.11)

Além destes depoimentos há diversos outros que demonstram a homofobia na sua mais perversa face, a da família. Os autores (ALMEIDA, RIOS E PARKER, 2004) afirmam que as escolas e as igrejas acabam agravando a situação, pois tentam encaixar os jovens em um sistema patriarcal heteronormativo, que não condiz com a realidade dos jovens.

‘Cresci dentro de um sistema hipócrita, chamado grupo familiar. Éramos vários dentro de casa, incluindo a minha mãe. Meu pai tinha outros tantos filhos paralelos e outras mulheres, como a minha mãe dentro de casa, na rua. A família vivia sob as regras do meu pai machista, egoísta e inseguro com a sua virilidade. Um núcleo completamente falido. Pai, mãe, irmão, irmã, cachorros, gatos, galinhas e eu. Simplesmente, eu, depois de todos, incluindo os animais da casa, por ser delicado demais. A vergonha da família, a coisa estranha no ninho! (Estudante, 20 anos)’ (ALMEIDA, RIOS, PARKER, 2004, p.13)

Nesta perspectiva deve-se questionar qual o conceito de família presente na sociedade? Família é pai e mãe ou família é sinônimo de amor? Qual é o papel social da escola perante os pais? E perante o próprio sujeito? Qual contribuição os currículos têm dado ao autoconhecimento, à autoaceitação e à compreensão das necessidades do próximo? Algumas igrejas reproduzem o papel machista e patriarcal na sociedade? As igrejas e as escolas possuem

papéis opostos na formação da sexualidade? E tantas outras perguntas que demoraríamos muito para escrever e mais ainda para alcançar algumas verdades. De certo, precisamos discutir e incentivar a educação sexual na escola a fim de cessar um ciclo histórico de violência. Nesse aspecto, Pombo (2019, p. 5) relata que precisamos

problematizar o conceito de diferença sexual na contemporaneidade, porque determinados discursos tidos como verdadeiros, ao sustentarem uma interpretação estruturalista e a *histórica* da diferença sexual, acabam por prescrever as boas condições de subjetivação e por estabelecer distinções entre formas normais e formas desviantes de subjetividade, sexualidade e família. Consequentemente, afetam o modo como os indivíduos são vistos e tratados na cultura. (POMBO, 2019, p. 5)

No documento analisado, é abordado o modo como os indivíduos são tratados socialmente, que tais ações influenciam na própria subjetividade com que encaram o mundo, gerando, portanto, a depressão, necessidade de uso de drogas e, até, o suicídio.

Outro livro que pode ser utilizado no combate à homofobia na escola é o da Fundação Roberto Marinho (2001), *Sexualidade prazer em conhecer*, onde o autor Marcos Ribeiro reflete especificamente sobre orientação sexual:

A chegada da adolescência traz uma nova questão para a sexualidade. Além da identificação de gênero, o adolescente tem de lidar com o desejo que começa a aparecer. Só que, em muitos casos, esse desejo contraria aquele comportamento de gênero que foi aprendido na infância, que teve como primeiro modelo a relação entre os pais. Daí podem surgir grandes conflitos, tanto familiares e entre amigos quanto conflitos internos, de medo, culpa, incerteza, baixa autoestima. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p.177)

A descoberta de pertencer a esta minoria sexual geralmente é traumática, pois nossa cultura machista e heterossexista reprime, insulta, agride e tenta destruir os praticantes do ‘amor que não ousava dizer o nome’. Quando uma criança ou adolescente sente desejos homoeróticos ou deseja viver o papel de gênero oposto ao que sua cultura prescreve para o seu sexo biológico, ou seja, quer ser travesti ou transexual, geralmente desenvolverá mecanismos de autodefesa, vivendo na clandestinidade tais desejos e emoções, muitas vezes internalizando a homofobia dominante na sociedade global, recalçando esse desejo proibido. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p.180)

Devemos ressaltar que a menção dos grupos de travesti ou transexuais, em que se considera ser estas duas divisões a minoria entre a própria minoria; assim, é importante dar voz aos sujeitos para que sejam lembrados nos livros didáticos e paradidáticos das escolas. Ratificamos o pensamento de Louro sobre a visibilidade dos grupos minoritários, em que:

A maior visibilidade de gays e lésbicas, bem como a expressão pública dos movimentos sexuais, coloca, hoje, essas questões em bases novas: por um lado, em determinados círculos, são abandonadas as formas de desprezo e de rejeição e

incorporados alguns traços de comportamento, estilo de vida, moda, roupas ou adornos característicos dos grupos homossexuais; por outro lado, essa mesma visibilidade tem acirrado as manifestações antigays e antilésbicas, estimulado a organização de grupos hiper-masculinos (geralmente violentos) e provocado um revigoramento de campanhas conservadoras de toda ordem. (LOURO, 2000, 32)

Apesar da visibilidade gerar maior aversão em grupos conservadores, acredita-se que seja necessário realizar a desconstrução de pensamentos pré-estabelecidos, realizar um movimento contra o sistema homofóbico dominante e dar voz aos sujeitos que historicamente foram colocados à margem da sociedade. E o enfrentamento, para que o pensamento homofóbico não se torne “dominante da sociedade global”.

O autor reflete, ainda, que a/o homossexual, assim com todo mundo, tem a mesma vontade de se dar bem na profissão, de encontrar um par, fazer planos, se realizar na vida, inclusive sexualmente. Elas/Eles vivem conflitos como todas/os/Es, mas, enfrentam barras poderosas, como, por exemplo, não poder demonstrar em público, através de carinhos o que sentem pela pessoa amada:

Piadas, fofocas, olhares maliciosos podem ser sinais de um preconceito leve, mas ainda preconceito. É o mesmo preconceito que leva grupos radicais a praticar atos criminosos contra homossexuais, que podem levar até à morte”. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 177)

Ainda nesse contexto do suicídio, o livro *Ritos e ditos de jovens gays*, apresentado anteriormente, nos causa um impacto profundo, quando traz a fala das pessoas homossexuais sobre suas vivências e experiências:

Já tentei o suicídio seis vezes, acreditando chamar a atenção para mim, pois ninguém me respeita. Olham para mim como se eu não existisse, na primeira vez, tomei um vidro de pinho sol todinho, mas não morri; na segunda, comi umas folhas de comigo-ninguém-pode, também não morri.... Na terceira, foi a tentativa de chumbinho para matar rato.... Em todas as vezes que me vejo completamente acuado, eu tento me matar. Nessa última vez, eu quase fui. Cortei os meus pulsos na frente de todo mundo e, mesmo assim, eu fui chamado de estranho, maluco e me deram sedativo e fizeram um curativo nos meus pulsos, desde pequeno sou excluído, todo mundo faz piadas, eu não vejo muita razão para ficar por aqui não. (Luís, camelô, 19 anos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 44)

Os autores Almeida, Parker e Rios (2004) consideram que a vergonha faz com que a/o jovem se recolha em depressão, pois, a discriminação contra a sua pessoa é muito grande, e a falta de apoio psicológico faz com que mais uma vez se sinta fora de um contexto social coletivo. A discriminação por ser homossexual leva o/a jovem a se culpar, sua autoestima

desaparece, o pavor da violência verbal e física a/o deixa completamente inoperante dentro do sistema.

Sobre essa vigilância ou fobia de se falar sobre sexualidade e educação sexual, Guacira Lopes Louro nos indica que:

Nessa vigilância constante, está presente um sentimento de homofobia, ou seja, de medo ou de repulsa à identidade homossexual. Vários estudiosos e estudiosas (Britzman, 1996, Weeks, 1993, Louro, 1997) comentam que transgredir as fronteiras do gênero, comportar-se de formas diversas das socialmente esperadas e admitidas para seu gênero parece ser a mais grave das transgressões, 95 o pecado inadmissível. Sentimento que faz com que muitas pessoas (incluindo professoras e professores) prefiram não se envolver na discussão dessas questões, ou, mais especialmente, evitem demonstrar qualquer atitude simpática à homossexualidade. Mostrar-se simpático/a pode ser interpretado como se o próprio/a professor/a fosse homossexual ou como se esse adulto estivesse induzindo seus/suas estudantes a contemplar favoravelmente e a desejar uma forma de sexualidade desviante. (LOURO in MEYER, 1998, pág.93)

A sociedade capitalista ocidental apresenta rigidez nos papéis de gênero, na maneira como se é homem ou mulher, e uma fobia à homossexualidade. Isto acarreta o crescente confinamento daqueles que, de alguma forma, não fazem a passagem por determinados ritos, como o casamento, a geração de filhos, exigidos para a entrada no grupo social "normal". Diferentes modos de entender a homossexualidade e relacionar-se com ela podem ser identificados em diferentes culturas, embora predomine alguma forma de exclusão ou discriminação.

Guacira Lopes Louro, no livro organizado por Dagmar E. Estermann Meyer (1998), considera que a escola (da mesma forma que outras instituições sociais) constrói seus discursos e argumentações com base em pares opostos: masculino/feminino; heterossexual/homossexual, normal/anormal, saudável/doente; público/privado; decente/indecente; moral/imoral.

O texto apresenta conceitos como identidade de gênero, identidade sexual, hierarquia de gênero e também contribui na construção categórica sobre *educação sexista/educação homofóbica*:

Trabalhar questões de sexo e sexualidade na escola ainda é alvo de discussão e polêmica, pois há os/as que afirmam que tais assuntos devam ser discutidos no âmbito privado, sendo, portanto, responsabilidade apenas das famílias. Outros/as temem que, ao se falar de sexo na escola, as crianças sejam despertadas precocemente para o assunto, pois ainda se tem a ideia de que elas devam ser preservadas em sua "ingenuidade", mesmo que tenham acesso à informação, mesmo que sejam bombardeadas com inúmeras imagens, através do contato diário com filmes, propagandas, novelas e programas veiculados pela TV, ou que vejam e ouçam coisas à sua volta diretamente relacionadas com sexo. Muitos pais, mães ou responsáveis ainda se sentem constrangidos/as ao terem que falar destes assuntos, em função da repressão a que foram submetidos/as, o que certamente pode ter contribuído para a falta de informação sobre questões ligadas à sexualidade. No entanto, quando as

famílias e as escolas procuram assumir este tema como parte integrante do seu cotidiano, geralmente o fazem por uma via marcadamente biológica, em muitos casos pautada pela disseminação do medo e da doença, principalmente. (LOURO in MEYER, 1998, p. 122)

Nesses conjuntos, a primazia é dada ao primeiro elemento do par, que constitui a referência e o padrão e do qual o outro elemento é derivado. Algumas vezes não apenas se secundariza o segundo elemento, mas, de um modo ainda mais contundente, ele é negado ou é silenciado; por esse tipo de operação lógica, a escola simplesmente não fala da homossexualidade ou da bissexualidade; a escola desconhece ou esconde meninos, meninas, jovens e adultos homossexuais:

A heterossexualidade é considerada não apenas normal, mas natural, ela é compreendida como a "verdadeira" forma de manifestação do desejo sexual entre as pessoas normais sadias. Há um processo de naturalização de uma única forma de sexualidade, rejeitando a ideia de que todas as formas são socialmente produzidas. Assim procedendo, a escola empurra para o lugar do patológico, do anormal ou da perversão qualquer outra manifestação do desejo. Uma outra questão incômoda poderia ser aqui colocada: afinal, se a heterossexualidade é "natural", por que há tanto cuidado para garanti-la? Não bastaria deixar aos cuidados da "natureza" o desenvolvimento de crianças e de jovens? Por que se vigia tanto os/as estudantes para impedi-los de atitudes, interesses ou comportamentos homossexuais?" (LOURO in MEYER, 1998, pág.91 e 92)

Nesse sentido, ocultar ou silenciar o debate sobre homossexualidade também é uma forma de contribuir para a homofobia. O livro, em geral, pode estar disponível nas prateleiras das bibliotecas de ensino médio. Em virtude de trazer diversos depoimentos faz com que a leitura seja mais densa e pode gerar discussões em sala de aula, pois sua posição é muito marcante na defesa dos homossexuais, articulando as vivências com os mecanismos sociais vigentes. Este livro relata sobre homofobia de forma indireta conforme o trecho:

A chegada da adolescência traz uma nova questão para a sexualidade. Além da identificação de gênero, o adolescente tem de lidar com o desejo que começa a aparecer. Só que, em muitos casos, esse desejo contraria aquele comportamento de gênero que foi aprendido na infância, que teve como primeiro modelo a relação entre os pais. Daí podem surgir grandes conflitos, tanto familiares e entre amigos quanto conflitos internos, de medo, culpa, incerteza, baixa auto-estima. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p.177)

Deste modo a autora relata sobre a homossexualidade de forma direta, mas não utiliza o enfoque da homofobia de forma explícita. Porém em um segundo trecho a autora se utiliza da psicologia, aliada de fatores sociais, para justificar o sentimento de não pertencimento e de aversão aos homossexuais, assim relata mais fortemente a *visão sobre homofobia* da sociedade

Numa sociedade repressora que não aceita a diversidade sexual, os nomes e apelidos dados aos homossexuais são vistos como ofensa e muitas vezes são usados mesmo para ofender, ferir e estigmatizar os homossexuais. Homossexuais masculinos “VIADO, BICHA, FRUTA, BOFE, MICHÊ. BAITOLA, ENTENDIDO, GAY”. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 178)

Homossexuais femininas “LESBICA, FANCHONA, MACHONA, SAPATÃO, MULHER-MACHO, ENTENDIDA, GAY”. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 179)

Devemos ressaltar que a menção dos grupos de travesti ou transexuais, em que consideramos ser estas duas divisões a minoria entre a própria minoria; assim, é importante dar voz aos sujeitos para que sejam lembrados nos livros didáticos e paradidáticos das escolas. Apesar da visibilidade gerar maior aversão em grupos conservadores, acredita-se ser necessário realizar a desconstrução de pensamentos pré-estabelecidos, realizar um movimento contra o sistema homofóbico dominante e dar voz aos sujeitos que historicamente foram colocados à margem da sociedade. E o enfrentamento, para que o pensamento homofóbico não se torne “dominante da sociedade global”.

O capítulo traz como proposta o tema da Sexualidade, a autora explora o conceito de sexualidade e como trabalhar no espaço escolar, mas faz crítica também como a escola muitas vezes se silencia diante do tema.

A escola ensina que apenas uma forma de sexualidade é “normal”. Quando fala em vida sexual, é somente na esfera do casamento, e entende-a como restrita a um homem e a uma mulher heterossexuais e adultos. Há um processo de naturalização de uma única forma de sexualidade, rejeitando a ideia de que todas as formas são socialmente produzidas. A autora enfatiza que a importância da homossexualidade, no ambiente escolar, não é um assunto que interesse apenas a uma minoria, mas, inclusive, à maioria tomada pela heterossexualidade.

Já, no livro *Conversando sobre sexo* de Suplicy (1994), analisei o capítulo 16 do livro, intitulado “Homossexualidade”, cabe ressaltar que este livro possui 26 anos da data de publicação, tomei um cuidado especial para não cometer anacronismo em suas análises, ou seja, deve-se compreender a temporalidade em que este livro foi escrito, pois “não são apenas as concepções sobre sexualidade que mudam, mas também a própria sexualidade e o comportamento sexual” (HEKMA, 1985, p. 259). Assim já considero que Suplicy (1994) utiliza o termo sexualismo erroneamente, pois o termo foi retirado da lista de doenças mentais pela Associação Americana de Psiquiatria, em 1973. Então, mesmo que o livro tenha sido escrito em 1994, já deveria constar no vocabulário da autora o termo homossexualidade.

A autora do livro é conhecida como Marta Suplicy, é psicanalista, sexóloga e política brasileira, sendo conhecida nos cargos políticos que ocupou como senadora, deputada

federal, ministra da cultura, ministra do turismo e prefeita de São Paulo. Além disso foi apresentadora do quadro, Comportamento Sexual, na TV Mulher, em 1980, programa transferido para a TV Manchete em 1986, que ficou no ar até 1988. Na TV Bandeirantes, apresentou o programa Jogo Aberto, também com temas envolvendo a sexualidade, no ano de 1999. Foi partindo desse contexto de apresentadora televisiva que recebia cartas da população e debatia as dúvidas no programa. E, neste mesmo contexto, escreveu o livro “Conversando sobre sexo”, que esta pesquisa se dispôs a analisar. O livro é composto por cartas com dúvidas sobre as quais a autora tece as respostas. Devido à própria formação da autora, o livro analisado apresenta um enfoque psicossocial e biomédico.

Como o livro é construído em cima das cartas enviadas, aborda diversos temas como autoaceitação, suicídio, desejos, família. A autora traz como um subtópico as “Causas da Homossexualidade”, fazendo a contextualização história e cultural da homossexualidade e relata fatores biológicos e psicossociais da homossexualidade; contudo, afirma não ter comprovação da relação hormonal/biológica com a homossexualidade, mesmo se utilizando de Freud para explicar alguns comportamentos.

Durante o desenvolvimento do livro a autora tangencia a homofobia em alguns casos, até uma carta relatar abertamente sobre a homofobia.

‘Cara Sr^a o que tenho a lhe falar é pouco, mas gostaria que a sra. parasse e refletisse bem sobre o mal que a sra. está fazendo para todas essas cabecinhas jovens em formação e que estão assistindo a seu programa todos os dias.
Eu não assisti à peça "Bent", mas li quase tudo em revistas, sabe Dona Martha eu sou uma jovem- bem informada de cabeça feita, educação boa e suficiente e cônica daquilo que é certo ou errado.
E acredito ser a sra. uma peste perniciososa como se fosse um veneno mal no sangue.
O povo brasileiro é um povo que infelizmente tem a tendência de seguir sempre um líder, ou de concordar com as ideias de algum maluco brilhante.
Agora pelo amor que a sra. tem a Deus e à algum ente querido seu, ou pelo seu caráter mesmo, não dê mais apoio ao homossexualismo no Brasil. (...) A sra. está colaborando para que essa aberração da Natureza se prolifere + e +, pois Deus foi soberbo e perfeito na sua criação. (...) A.L.B.’
(SUPPLY, 1994, p.279-280).

A autora Suplicy (1994) conceitua homofobia e, de forma psicomédica, relata que a aversão ao homossexual pode ser uma: (i) insegurança sexual, (ii) doutrinação religiosa ou (iii) ignorância. Em seguida a autora reforça a importância do convívio com o diferente e, apesar de usar o termo homossexualismo, afirma que ser homossexual não é uma doença, não é contagioso.

Nesse trecho, a autora da carta demonstra uma visão conservadora religiosa, perante a homossexualidade, sendo o tema considerado impróprio para a discussão. O pensamento da autora da carta demonstra o pensamento de parte da população que acredita que discussões de

gênero e sexualidade não devem ser realizadas socialmente. Sobre este aspecto, Silvino e Henrique (2017, p. 3) consideram que:

desde cedo, a escola, juntamente com a família, igreja etc., são lugares ou espaços de convivência e interações dos indivíduos em sociedade. A educação tradicional, na qual convivemos, separa e cria distinções entre meninos/meninas, rapazes/moças, através de ações, atividades, formas de se comportar e “ditam regras” baseadas em padrões estabelecidos pela ordem dominante. Com isso produzindo diferenças entre os sujeitos no caso, eles/elas. Cabe-nos essa indagação, para quem serve essa educação escolar habitual, que separa, classifica, considera como normal e natural às relações sociais desiguais entre homens e mulheres? (SILVINO E HENRIQUE 2017, p. 3)

Nesta desconstrução de conceitos deve-se questionar para quem o discurso conservador serve hoje? Assim, nota-se que, desde 1994, o discurso conservador é rebatido por visões mais progressistas; porém, hoje, precisa-se constantemente reforçar os conceitos de respeito à diversidade e anti-homofobia nas escolas.

Em seu outro livro *Sexo se aprende na escola*, no capítulo 8, intitulado *Homossexualidade*, Suplicy (1999) traz o tema da homossexualidade para o ambiente escolar, a fim de explicá-la, como orientação sexual e não como um determinismo biológico ou hipóteses baseadas na psicanálise. É importante conhecer o mundo homossexual para desmistificar preconceitos, evitar reforçar a ação da homofobia e facilitar a relação pais, alunos e escola.

Não há nada específico sobre homofobia, mas desperta ao longo de todo o texto para a construção categórica da educação para diversidade, a partir de uma visão sobre homofobia que a autora também possibilita visualizarmos.

Diversas vulnerabilidades incluem-se atualmente como temas nos livros paradidáticos, utilizados nas escolas, seja da desigualdade de gênero seja em função da condição étnico-racial, econômica ou de deficiência. Em relação à abordagem da sexualidade e da educação sexual, prevalece a timidez, sobretudo por controvérsias morais sobre a pertinência de se tratar a questão com adolescentes. No entanto, os livros aqui analisados apresentam temas em Sexualidade e Educação Sexual, no que diz respeito à saúde, tais como a promoção da saúde sexual, prevenção às DSTs/aids e à gravidez não planejada, bem como fatores históricos, sociais e políticos, como o debate sobre o posicionamento de outros povos sobre a homossexualidade.

Embora haja, nos livros analisados, afirmações sobre a necessidade da desconstrução da cultura machista e de opressão contra as mulheres na sociedade, bem como dos estereótipos de gênero, essa desconstrução requer mais do que questionar a desigualdade social entre homens e mulheres. É preciso reconhecer que as expressões do feminino têm sido

historicamente inferiorizadas, alargando o campo de subordinação a vários atores sociais que se associam à marca do feminino, tais como gays, travestis e transexuais, além de lésbicas.

Por fim, a diversidade sexual comparece nas escolas e nos instrumentos pedagógicos de modo diferenciado. Tende a ser invisibilizada, é escassamente tematizada como conteúdo didático pedagógico e, frequentemente, a homofobia é subestimada em seus efeitos danosos a crianças e adolescentes. Não se sabe, a princípio, quem é ou não homossexual. Muitos adolescentes que começam a reconhecer desejo por pessoas do mesmo sexo se sentem constrangidos pela desvalorização corriqueira da homossexualidade e tendem a omitir sua condição, não encontrando na escola ou no/a docente uma referência para compartilhar suas dúvidas sobre sexualidade. Esse segredo em relação à própria vivência da sexualidade tem consequências para a saúde: não se pode saber ou ter informações sobre aquilo que não pode ser dito. Prevalece a exigência do silêncio sobre a diversidade, em matéria de sexualidade. Essa omissão denuncia uma tendência à censura implícita ao tema. A sexualidade não-heterossexual, em sua dimensão de superação da lógica reprodutiva e supostamente natural, é um interdito, constituindo-se em um tabu.

Nos livros paradidáticos, a Sexualidade e a Educação Sexual somente são passíveis de enunciação quando remetem ao coito heterossexual e à compreensão de seus efeitos reprodutivos. No entanto, enquanto não se reconhece a diversidade sexual, a heterossexualidade é reiteradamente afirmada na dinâmica das relações sociais, nas concepções de família e conjugalidade ou na explicação biológica e naturalizada da relação sexual, como o encontro dos corpos com efeitos procriativos. Aliada à censura implícita à diversidade sexual, encontra-se afirmada a compulsoriedade da heterossexualidade. Essa exigência normativa tem como efeito a desqualificação de outros modos de viver a sexualidade, gerando a prática discriminatória homofóbica.

Nesse sentido, considerando a função primordial da formação escolar para o exercício da cidadania, temas de relevância social e que desafiam a ética democrática, por meio da manutenção de prejuízos sociais injustificáveis, devem ganhar espaço formal não só nos livros paradidáticos, como nos didáticos, pois os livros didáticos são instrumentos pedagógicos fundamentais para formalizar a inserção de conteúdos específicos na formação de estudantes.

A questão crucial é que a sociedade é plural. A diversidade sexual não é um tema a ser forçosamente discutido em sala de aula devido a concepções teóricas sobre o ser humano. Já os temas da Sexualidade e Educação Sexual devem ser discutidos, porque se fazem presentes na realidade social, e sua presença é marcada por uma moralidade hegemônica heteronormativa, que se desdobra em sérios prejuízos sociais e violação de direitos para muitas/muitos.

Construir as possibilidades para o reconhecimento da diversidade sexual, na educação, implica uma visão de conjunto e um quadro de referências, alimentados pelo diálogo, por princípios de justiça e equidade, por valores democráticos e pela compreensão do papel da diversidade e do pluralismo no processo educacional. Aí, é oportuno não apenas evitar, mas também desestabilizar posturas balizadas por pressupostos assimilacionistas, essencializantes ou medicalizados, bem como posicionamentos embalados por disposições diferencialistas, particularistas, regressivas ou separatistas.

Tampouco se pode esquecer que tão deletérios quanto os discursos que procuram na natureza sua base de legitimação, podem ser os posicionamentos caracterizados por uma miséria ética, por meio da qual o que é concebido como cultural é passível de ser recebido, aceito ou aclamado de forma linear e desatenta aos efeitos de poder, gerados pelo enfrentamento de um quadro de opressão. Trata-se de investir em um processo de reconfiguração simbólica e política que, como tudo o que concerne à democratização das relações e à institucionalização de novas práticas pedagógicas, é contínuo, inacabado, sempre suscetível de ser revisto, ampliado e aperfeiçoado. E, por também estar sujeito a ameaças e a retrocessos, esse processo requer sempre maior empenho, capacidade de articulação, criatividade, responsabilidade e ousadia, em diversos espaços, níveis, direções e sentidos.

6 PENSANDO NUMA EDUCAÇÃO PARA DIVERSIDADE

Na Grécia antiga, o berço da civilização, a educação era destinada apenas aos homens, eles eram os cidadãos da época. Às mulheres era destinado o espaço de casa, reservado às tarefas domésticas, aos cuidados do lar, dos filhos e marido. Dessa forma, a educação ocidental já “nasce” segregada, uma educação sexista e misógina. Mas, é bem verdade que dos tempos antigos à atualidade, as mulheres vêm ocupando o espaço escolar, seja como alunas ou como professoras; também é verdade que essa inserção da figura feminina nesse espaço trouxe um entrave constante entre meninos e meninas, continuando assim a “guerra dos sexos” que antes era externo e que, agora, acontece dentro da escola (ALMEIDA, 2014).

Na era moderna podemos localizar três tipos de teorias para o campo da educação. No campo do sistema tradicional de ensino – que ainda insiste em nos “assombrar”, a educação se caracteriza pela eficiência, eficácia, qualidade total, racionalidade e produtividade na escola, que deve funcionar como uma empresa. É de responsabilidade da escola a preparação moral e intelectual dos indivíduos para assumirem seu lugar na sociedade de consumo, onde a aprendizagem deve ser avaliada por meio de aspectos quantitativos, notas e memorização. Nesse caso, o/a professor/a deve ser o centro do saber, há uma relação autoritária, técnica e disciplinar, enquanto que o/a “aluno/a” um sujeito passivo, uma tábula rasa, pronta pra ser “preenchida” e “desenhada”.

Para Weber (1991) a ação social tradicional tem como fonte motivadora os costumes e hábitos arraigados principalmente nas relações familiares e que podem ser percebidas, também, na sociedade. Então, me parece meio lógico que as pessoas trazem seus valores, costumes e hábitos tradicionais, e que podem ser, também, conservadores, para dentro da escola – é o que dizem os crítico-reprodutivistas.

Então, é nesse sentido que os estudos críticos e pós-críticos parecem resistir – uma educação que há tempos educa para a classe hegemônica, para aqueles que governam e têm o total poder em suas mãos; na cultura ocidental o educar é para homens e brancos.

De acordo com Paulo Freire (2007), a educação é instrumento de transformação do mundo e das próprias pessoas. A educação reconhece, portanto, a presença do oprimido e do opressor, ao passo que convida-nos a essa libertação, inicialmente pela libertação do opressor que reside em cada um de nós, ou seja, “a transformação da educação não pode antecipar-se à

transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação” (FREIRE, 2007, p. 84).

Nesse sentido, a escola deveria ser um espaço socializador dos conhecimentos e saberes universais, um local de articulação entre o ato político e o ato pedagógico; onde as culturas plurais são incorporadas no currículo e a avaliação não serve para subjugar os/as estudantes, mas para obter informações sobre o desenvolvimento da prática pedagógica, para a reformulação e intervenção dessa prática e dos processos de aprendizagem. Há uma relação, então, de ensino-aprendizagem entre professores/as e os/as estudantes, sendo estes últimos sujeitos mais ativos e críticos de sua realidade social.

Para os estudos críticos, a educação deve ser de cunho libertário e emancipatório, mas a dinâmica do espaço escolar atende apenas a uma lógica, que é a de reprodução do capitalismo, baseada no conceito de classe social. Ou seja, a educação escolar, para aqueles, é um “aparelho” a serviço do Estado liberal ou neoliberal.

Entretanto, para a corrente pós-crítica, a classe social não é o fator determinante das desigualdades sociais, mas um dos vários elementos que as ocasionam; portanto, gênero, etnia, raça e sexualidade também são instrumentos usados para oprimir, excluir, marginalizar e discriminar as pessoas.

De acordo com os estudos pós-críticos e Estudos Culturais, os aspectos culturais e os mecanismos de poder, existentes na sociedade, estão presentes no “currículo oculto”, teorizados na perspectiva crítica da educação. Ou seja, as correntes pós-modernas observam que o processo de reprodução do machismo, misoginia, racismo e homofobia – entre outros pontos de desigualdade existentes na sociedade – não se expressam apenas dentro do currículo “oficial”, aquele chancelado pelas normas legais do sistema educacional e regimentos internos das escolas, mas percebem que as desigualdades se manifestam, também, pelas relações sociais na e da escola, nos discursos, no dito e não-dito, nas “pinçações”, nas escolhas dos grupos de amigos, nas escolhas dos “melhores” da classe, nas premiações de gincana, nos olhares, no afeto ou desafeto, nos livros didáticos ou paradidáticos etc.

Desse modo, de acordo com Sá-Silva (2018, p. 15), “educação é processo, e os produtos advindos passam por renovações porque a cultura humana é movediça, instável e metamorfoseante”. O que significa dizer que trabalhar com uma ideia padronizante sobre objetos educacionais é impossível, simplesmente porque quando falamos de educação, falamos de pessoas e identidades; e pessoas são instáveis, imprevisíveis, elas fervem subjetividades.

Sujeitos são construídos e desconstruídos em minutos, horas, dias, meses, anos; dessa maneira, suas identidades também são “cambiantes, mutáveis, instáveis, porosas,

líquidas, etéreas” (SÁ-SILVA, 2018, p. 15). Qualquer tentativa de padronização de sujeitos, por ações “educativas”, despertará uma força de resistência, tal qual fazem os movimentos sociais, por exemplo. No entanto, janelas se abrirão, janelas que “mostrarão possibilidades diversas de ensinar e aprender e que se desdobrarão em outras entradas e saídas, fluxos que indicarão rumos ainda não pensados por aqueles e aquelas que lidam dia a dia com o ensino e a aprendizagem” (SÁ-SILVA, 2018, p. 16).

Pensar educação é refletir, também, sobre as nossas práticas pedagógicas, é saber de qual educação estamos falando, em qual tempo, a qual espaço nos referimos. Sobre isso, trago as reflexões apresentadas por Sá-Silva (2018, p. 16):

Pedagogias corretivas produzem pedagogias que não deixam corrigir. Pedagogias padronizantes potencializam pedagogias errantes. Pedagogias do certo e do errado inflam pedagogias relativizantes. A pedagogia vista como a ação de condução dos sujeitos deve ser repensada. Conduzir pra quê? Direcionar por quê? Qual o sentido de homogeneizar as pessoas? Educação para a padronização? Educação para a docilidade estigmatizante? Educação para a exclusão? Educação para a inclusão excludente? Educação para o exercício da separação? Educação para reforçar as distinções entre as classes sociais? Educação para o reforço das desigualdades econômicas, sociais e culturais? Educação para uma vida misógina, racista, homofóbica, xenofóbica? Quais educações estamos (re)produzindo?

Acredito que devemos pensar que a educação seja, sobretudo, uma ferramenta utilizada dentro de um olhar para o diferente, para o contraditório, para o não comum, para aquilo que seja “inadequado”, para a diversidade. Pensar que ela seja a chave fundamental para o rompimento de uma polaridade que nos cerca, principalmente em dias atuais no Brasil, onde estamos divididos em extremos: “certo-errado”, “normal-anormal”, “bom-mau”, “inteligente-burro”, “esforçado-desinteressado”, “lúcido-louco”, “esquerda-direita”, “homem-mulher”, “hetero-homo”, “científico-senso comum”, “flamengo-contra todos” etc.

Reconheço, porém, que a escola tem uma antiga tradição normatizadora e homogeneizadora que precisa ser revista. O ideal de homogeneização leva a crer que os/as estudantes negros/as, indígenas, transexuais e homossexuais devem se adaptar às normas e à normalidade, por meio da repetição de imagens, linguagens, contos e repressão aos comportamentos “anormais” (ser um menino afeminado ou que brinca de boneca, por exemplo); comportamentos, estes, considerados “desviantes” à integração ao grupo, passando da minimização à eliminação das diferenças que, carregadas de estigmas e estereótipos, são vistas, na maioria das vezes, como defeitos. Dentro desse sistema educacional tradicional conservador, espera-se, pois, que o/a discriminado/a (o/a diferente) se esforce e se adapte às regras, para que seja tratado/a como “igual”. Nessa visão, “se o aluno for eliminando suas singularidades indesejáveis, será aceito em sua plenitude” (CASTRO, 2006, p.217).

Essa concepção de educação escolar justifica a fala de educadores e educadoras quando, mesmo que reconheça a existência de discriminações dentro e fora da escola, acreditam que é melhor “ficar em silêncio”. Falar do tema seria acordar preconceitos antes adormecidos, podendo provocar um efeito contrário: em vez de diminuí-los, aumentá-los. E, nos silêncios, no “currículo explícito e oculto”, vão se reproduzindo desigualdades:

Há que se estimular os professores e professoras para estarem alertas, para o exercício de uma educação por cidadanias e diversidade em cada contato, na sala de aula ou fora dela, em uma brigada vigilante antirracista, antissexista, anti-homofóbica e de respeito aos direitos da criança e jovens, tanto em ser, como em vir a ser; não permitindo a reprodução de piadas que estigmatizam, tratamento pejorativo (...). o racismo, o sexismo, a homofobia, o adultismo que temos em nós que se manifesta de forma sutil; não se percebe a intencionalidade, mas dói, é sofrido por quem os recebe, então são violências. E marca de forma indelével as vítimas que de alguma forma somos todos nós, mas sempre alguns, mais que os outros, mulheres, negros, transexuais, homossexuais, os mais jovens e os mais pobres”. (CASTRO, 2005, p. 220)

Dessa maneira, acredito que a diversidade, no espaço escolar, não deve ficar restrita a alusões a datas comemorativas (dia do índio, dia de combate à homofobia, dia das mulheres etc.); isso quando não são invisibilizadas. Precisamos avançar nessas discussões, sem reafirmar o discurso de que é mais um assunto para roubar tempo e espaço dos “conteúdos” disciplinares previstos no currículo. Dessa forma, não vejo o currículo como neutro. Ou que sejamos neutros em nossas práticas pedagógicas. A diversidade está presente em cada entrelinha, em cada imagem, em cada dado; nas diferentes áreas do conhecimento, nas relações dos/as professores/as com seus/suas alunos/as ou entre os/as estudantes, quer a gente valorize ou negue sua existência.

Quando a escola não oferece possibilidades concretas de legitimação das diversidades (nas falas, nos textos escolhidos, nas imagens veiculadas na escola etc.), o que resta aos alunos e alunas, senão a luta cotidiana para adaptarem-se ao que esperam deles/as ou conformarem-se com o status de “desviante” ou reagirem aos xingamentos e piadinhas, configurando-se como indisciplinados, ou, como resultado final, abandonarem a escola?

Ao falar de educação para a diversidade, é preciso contextualizar os saberes científicos, a fim de que se possam adotar práticas de ensino que rompam com os cânones teóricos metodológicos e pedagógicos, chancelados sob a égide da perspectiva teórica, fundamentada no modelo quantitativo e cartesiano ou modelo matematizado. É preciso que se compreenda que, quando faço a crítica a esse tipo de modelo, não quero negar sua contribuição para o fazer científico, mas reconhecer os limites que ele comporta para minha pesquisa e estudo.

Dessa forma, a educação para a diversidade pensa a construção de uma nova pedagogia, de uma nova educação, levando em consideração que a educação escolar é marcada por políticas que – historicamente – produziram a exclusão de pessoas em função de suas diferenças, muitas vezes consideradas como anormais pela Ciência.

Compreender a diferença e a diversidade enquanto possibilidade da existência e experiência humana, para além dos cânones científicos, implica, também, desconstruir aquilo que já foi naturalizado, com base no discurso acadêmico. É compreender que esse tipo de discurso é produto da própria experiência humana, portanto, sua produção é carregada de cultura.

Então, a educação para a diversidade nos possibilita (re)pensar sobre nossas práticas de ensino; pensar as Ciências e a Educação enquanto ferramentas que geram políticas e comportamentos sociais que resultam em exclusões, marginalizações e sofrimentos.

A escola, por seus propósitos, pela obrigatoriedade legal e por abrigar distintas diversidades (de origem, de gênero, sexual, étnico-racial, cultural etc.), torna-se, então, responsável por construir caminhos para a eliminação de preconceitos e de práticas discriminatórias. Educar, para a valorização da diversidade não é tarefa apenas daqueles/as que fazem parte do cotidiano da escola; é responsabilidade, também, da família, da sociedade, do Estado. É nesse sentido que nos parece conveniente que haja a contribuição positiva da educação não-formal e informal no processo de diálogo sobre a diversidade.

A educação como já vimos é um fenômeno complexo, disperso, heterogêneo, permanente e quase onipresente. Há educação em todas as instituições sociais, pois ela também se verifica em museus, brinquedotecas, bibliotecas, educação à distância, organizações não governamentais, associações de bairros, movimentos sociais, entre outros. De certo modo, quem educa são pais, mães, professores, professoras; entretanto, influências formadoras podem ser exercidas por políticos, jornalistas, poetas, vizinhos, arquitetos, artistas, colegas de trabalho, amigos, vizinhos, e assim por diante.

Esse conjunto de processos, que se convencionou chamar educacionais, contém elementos tão variados que, uma vez estabelecida sua condição comum, é preciso, para continuar falando deles com algum sentido, começar a distinguir uns dos outros. É preciso estabelecer classes, diferenciá-los, segundo os tipos, separá-los, ordená-los, classificá-los, taxonomizá-los.

A educação, de forma histórica, social e cultural, que temos na atualidade, impulsiona dois caminhos totalmente paradoxais: o primeiro é o do conservadorismo, baseado nas ideias de binaridade (homossexual/heterossexual; homem/mulher); o segundo, o da

educação que visa uma transformação do indivíduo, respeitando e incluindo socialmente esses sujeitos. Assim, refletimos que, em determinados momentos, seja na autonomia escolar ou através de documentos regidos pelo Estado, as escolas construirão, e já construíram, dois modelos de currículos: um currículo pautado nas ideias doutrinadoras e conservadoras, que visa ser conteudista e de preparação apenas para o mercado, deixando lacunas no conhecimento; e um outro currículo que contemple culturas, sujeitos, espaços sociais, orientação sexual, inclusão e práticas de respeito, formando pessoas não apenas para um mercado de trabalho, mas preparando cidadãos/cidadãs que pratiquem alteridade uns/umas com os/as outros/outras (ALMEIDA; BEZERRA, 2018).

De acordo com Trilla (2008), há muito, a pedagogia vem tentando realizar essa tarefa com mais ou menos rigor. Em muitos casos, a distinção entre os diversos tipos de educação se realizou com o mero acréscimo de um adjetivo à palavra “educação”: educação familiar, educação moral, educação infantil, educação autoritária, educação física etc. Segundo Trilla (2008), foi só a partir do último terço do século XX que os rótulos “educação não-formal” e “educação informal” começaram a se fixar na linguagem da pedagogia. Portanto, o que seria a educação não-formal e informal e por que elas nos ajudam na compreensão da educação para diversidade?

De acordo com Coombs (1975, p. 27) a educação formal compreenderia “o sistema educacional altamente institucionalizado, cronologicamente graduado e hierarquicamente estruturado que vai dos primeiros anos da escola primária até os últimos da universidade”; a educação não formal é “toda atividade organizada, sistemática, educativa, realizada fora do marco do sistema oficial, para facilitar determinados tipos de aprendizagem a subgrupos específicos da população, tanto adultos como infantis”; e a educação informal, “um processo, que dura a vida inteira, em que as pessoas adquirem e acumulam conhecimentos, habilidades, atitudes e modos de discernimento, por meio das experiências diárias de sua relação com o meio”.

Com isso, um planejamento escolar é ideal para se fazer um trabalho de problematização com alunos/alunas sobre as questões da homossexualidade. O planejamento precisa ser reflexivo, processual para atender às expectativas e inserir discussões necessárias. Ele deve estar voltado para a educação, o ensino, alunos/alunas, professor/professores, disciplinas, conteúdos e para a escola em sua totalidade. Toda essa conexão torna o trabalho docente e escolar diferencial na sociedade (PADILHA, 2001).

O planejamento também não pode seguir por um padrão/norma em todas as escolas, embora existam materiais que norteiam um trabalho semelhante. Ele deve estar voltado para a

cultura local, para as falas, modos de agir, para os símbolos, que são específicos de cada escola e que configuram o trabalho docente e pedagógico de cada professor/professora. Se no planejamento a discussão de sexualidade, para questões de higiene corporal e saúde, já estão inseridos, ótimo, mas não pode parar nesse ponto. É necessário romper com a indiferença e negação para com pessoas que frequentam o espaço escolar, discutindo, também, identidade de gênero e sexualidade, bem como a orientação sexual dos/das alunos/alunas, duma maneira que não fira a dignidade humana, mas que seja democrática e ética (LIMA e PEZZI, 2019).

Quando o silêncio impera no espaço escolar, frente à problematização da homossexualidade e de outros assuntos ligados a gênero e sexualidade, o lugar de opressão, preconceito e discriminação se configura. As violências existem e os números representam isso. Muitos/muitas estudantes estão submetidos a situações de homofobia na escola pela falta de atenção e de respostas a determinadas perguntas, gerando medo, culpa, ansiedade, exclusão, advindas pelo incentivo da família, escola, religião e Estado (JUNQUEIRA, 2009).

Madureira e Branco (2015) explicam que o combate aos mecanismos excludentes, e que são presentes, muitas vezes, de maneira sutil no interior escolar, serve para criar estratégias de intervenção e tornar as pessoas sensibilizadas ao cuidado do outro no sentido de acolhimento.

Assim, as disciplinas entram como um meio de intervenção, uma vez que podem estar associadas aos saberes conservadoristas e às relações de poder, a partir de suas hierarquizações de conteúdo, fazendo-se necessário (re) pensar os objetivos. Uma disciplina que não se atente apenas a conteúdos específicos, mas que trate temas transversais e multidisciplinares, tende a propiciar saberes que estão além da sala de aula, conectando com a realidade dos alunos/alunas, as suas práticas e orientações sexuais (BARROS e COSTA, 2012).

No Brasil, observamos que o processo de descentralização da educação não descentralizou, de fato, o poder no interior das escolas. Esse poder continua nas mãos do/a diretor/a ou gestor/a, que o monopoliza, faz a pauta das reuniões dos conselhos e colegiados escolares, não a divulga com antecedência; eles/as que autorizam o que será desenvolvido dentro da escola como atividade extraclasse; eles/as que determinam o que será lido em suas bibliotecas etc. A comunidade externa, mães e pais, não dispõem de tempo e muitas vezes nem avaliam a relevância de participarem ou de estarem presentes. Além disso, usualmente, esses pais e mães não estão preparados/as para entender às questões do cotidiano das reuniões, tais como as orçamentárias ou sobre assuntos “polêmicos”, como sexualidade e educação sexual (ALMEIDA; BEZERRA, 2018).

O Supremo Tribunal Federal - STF tomou uma decisão salutar em relação ao Projeto Escola Sem Partido e às falácias de ideologia de gênero, ambos inventados e espalhados pela bancada conservadora e por pessoas que não entendem o papel social da educação. Nesse sentido, o STF derrubou as duas ideias, enfatizando que o direito à igualdade, direito à liberdade de ensinar, aprender, pesquisar e divulgar o pensamento e assuntos necessários a este são importantes para a formação e exercício da cidadania, sendo que é direito do Estado abordar conteúdos de gênero e sexualidade nos espaços formais de ensino (ANDES, 2020).

É, nesse contexto, que os movimentos sociais organizados, em particular, o movimento LGBTQIA+ e os feministas, são fundamentais para o despertar da comunidade nessas questões sociais sobre gênero, sexualidade e homofobia. Os movimentos sociais têm um papel de tornar esse sujeito “passivo” em sujeito ativo na participação política, econômica, cultural e social de sua realidade, de seu bairro, comunidade, cidade, escola etc.

Os Movimentos são elementos e fontes de inovação e mudanças sociais, eles detêm um saber, decorrente de suas práticas cotidianas, passíveis de serem apropriadas e transformadas em força produtiva. Os movimentos sociais são elementos fundamentais na sociedade moderna, agentes construtores de uma nova ordem social e não agentes de perturbação da ordem, como descrevem as antigas análises conservadoras escritas nos manuais antigos, ou como ainda são tratados na atualidade por políticos tradicionais (GOHN, 2010).

Assim, esses movimentos podem suscitar que os projetos políticos escolares sejam construídos coletivamente, rompendo assim com o controle que é exercido pela direção ou gestão da escola, garantindo, portanto, que os princípios democráticos e a equidade sejam respeitados. Entretanto, a escola não pode jogar simplesmente a total responsabilidade para a família, tampouco a família para a escola. O diálogo deve acontecer de maneira coletiva.

A concepção de educação que a sociedade, inclusive a própria escola, precisa ter é uma educação voltada para os compromissos éticos, críticos, a fim de que haja cidadãos e cidadãs que compreendam as culturas, para viabilizar a formação de sujeitos que respeitem a si e aos outros nas dimensões plúrais e políticas. O sentido educacional é a aprendizagem, e o foco deve ser o aluno, para que o aguçamento das habilidades e competências direcionem para uma realização enquanto sujeito, independentemente de suas escolhas.

Dessa forma, a Educação Sexual, como parte do currículo, não deve se atentar apenas às temáticas de saúde, como Infecções Sexualmente Transmitidas, cuidado com o corpo, uso de preservativos, pelo contrário, precisa fazer um discurso com aspectos culturais, sociais e políticos de outros temas como a homossexualidade, enfatizando o respeito por si, pelo/pela

outro/outra, sem aconselhamento individual e psicológico, mas que atenda às necessidades reais que os/as alunos/alunas vivenciam (MAIA; RIBEIRO, 2011).

Trabalhar assuntos de gênero, sexualidade, como a homossexualidade, não é fácil, principalmente quando o público advém de processos heteronormativos, mas também não é impossível. Os questionamentos iniciais, vindos da leitura de um texto ou pelo compartilhamento de casos, faz-se necessário para chamar a atenção. Explicar que histórica, cultural e politicamente as pessoas são diferentes facilita ainda mais essa compreensão.

Contudo, o/a professor/professora não pode se atentar apenas a isso, é necessário que busque mais, que promova atividades – debates, discussões em grupo, aulas de campo, pesquisas, leituras – que inove no desenvolvimento dessas atividades, com o intuito de agregar todos e todas, para que nenhum ou nenhuma possa se perder em pensamentos, devido a ideias normativas que insistem em resistir. É importante que o/a professor/a dê continuidade a sua formação, buscando informações que ampliem seu conhecimento para um contexto plural e voltado para seus/suas educandos/educandas, compreendendo as diferenças que existem e a forma de como melhorar as relações quanto a essas diferenças. O Estado e a Universidade precisam ser parceiros nessas formações, assumindo um compromisso coletivo em prol de uma educação para a Diversidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas três escolas visitadas para a catalogação documental, os livros paradidáticos recolhidos datam entre a década de 1970 do século XX à segunda década do século XXI; é interessante perceber, também, que mesmo em tempos de ditadura se falava abertamente sobre Sexualidade e Educação Sexual e já se produziam respectivos materiais repletos de sentidos, significados e signos. Um dos livros lançado na época de ditadura militar e que foi analisado nesta pesquisa é o *Conversando sobre Sexo*, de Marta Suplicy (1994).

Entretanto, nos dias atuais, acompanha-se um retrocesso no que diz respeito ao ocultamento dessas discussões sobre Sexualidade e Educação Sexual, quer seja nos espaços privados, como dentro de nossas casas, quer seja nos espaços públicos, como as escolas. Isto porque vivencia-se um período histórico e político onde a extrema direita ocupa o principal cargo representativo do país, que é a presidência da república.

As três escolas têm um acervo interessante a ser trabalhado e discutido entre as/os estudantes em sala de aula ou fora dela, proporcionando, potencialmente, um ambiente acolhedor, inclusivo e que respeita as diferenças existentes em seu interior, possibilitando a formação de pessoas cidadãs, comprometidas com a seguridade da/o outra/o.

De acordo com Sá-Silva (2012), o ambiente escolar, a partir de discursos que reverberam estigmas, preconceitos e agressões, por meio de funcionários, professores e professoras, pode tornar esse mesmo local como algo indesejável a quem precisa de educação e procura por ela. Portanto, a escola precisa ser de pluralidade, com ideias para o coletivo, sem o objetivo de fazer um exercício de psicologia e individual; necessita atender a todos/todas alunos/alunas, desmitificando os pensamentos preconceituosos e limitados, partindo de mecanismos que respeitem e trabalhem a realidade dos/das alunos/alunos e do entorno escolar. Para tanto, é importante que os/as professores/as deem continuidade a sua formação, para entender dos assuntos ligados à sexualidade e para fazerem um discurso de igualdade para os/as alunos/alunas, independente da orientação sexual, bem como ter materiais que explorem as temáticas, duma maneira que sane as dúvidas tanto de alunos/as e professores/as e crie um ambiente de acolhimento, utilizando metodologias fáceis e inclusivas.

Constatei que os livros catalogados, em sua maioria, trazem uma perspectiva sociocultural, em relação ao tema da homossexualidade, bem como propostas pedagógicas para lidar com o tema em questão. Percebi que, em alguns materiais, os próprios sujeitos homossexuais trazem seus relatos sobre como pensam e como vivenciaram situações de homofobia.

Nesse sentido, dois livros me marcaram muito durante a análise documental: *Ritos e Ditos de Jovens Gays*, de Almeida, Parker e Rios (2004), e *Diferentes Desejos*, de Cláudio Picazio (1998). São escritos bem contemporâneos, com ampla discussão e problematização sobre diversidade de gêneros, temas, ambientes e personagens, que possibilitam ao interlocutor uma leitura questionadora sobre a complexa realidade de pessoas homossexuais e as homofobias pelas quais elas passam em seu cotidiano, seja na família seja na escola ou em qualquer outro lugar que frequentem. Em vez de fazerem sínteses, os autores optaram por trazer a fala das personagens, procurando penetrar no ponto de vista destas e identificarem-se com seus conflitos.

Portanto, os livros utilizados pelas/os profissionais da educação podem expressar e reforçar práticas homofóbicas, visto que os conteúdos dos livros didáticos e paradidáticos apresentam, em maior ou em menor proporção, discursos discretos, quase imperceptíveis, nas entrelinhas, que reproduzem e incentivam práticas de discriminação e preconceitos, que podem ser refletidos na homofobia escolar. Sá-Silva (2012) diz que os livros e outros documentos educacionais podem produzir discursos preconceituosos e estigmatizantes e que isso precisa ser analisado e problematizado.

Posso caracterizar os livros, então, como reguladores da homofobia escolar, uma vez que meninas e meninos, por exemplo, são apresentados em distinções e espaços diferentes, usando cores estereotipadas para ambos os sexos; de uma/um homossexual que não se pronuncia ou nem aparece em determinados debates em sala de aula devido à heterossexualidade ser o ideal; de doenças estigmatizadas, como a AIDS, não terem uma discussão ampla de cunho cultural, social e político (ALMEIDA; SÁ-SILVA, 2018).

Nessa direção, Jimena Furlani (2005) apresenta o livro como constituidor do currículo, configurando-o como artefato cultural. O texto de um livro, de linguagem verbal ou ilustrativo, segundo a autora, potencializa as representações de gênero e sexuais, enfatiza a heteronormatividade, e como as pessoas devem viver suas sexualidades, produzindo a ‘verdade’ social.

E, quando se lê um livro, passa-se a tomar muito de seu conteúdo como a única verdade, principalmente livros didáticos e paradidáticos. Por isso, a importância da minha

pesquisa em possibilitar, pedagogicamente, que os profissionais de educação estejam vigilantes aos conteúdos dos livros de Sexualidade e Educação Sexual, por meio da leitura crítica dessas informações contidas neles.

A leitura é um ato político e precisa ser estimulada numa perspectiva crítica ou, até mesmo, pós-crítica da realidade, desde muito cedo. Tais habilidades de leitura precisam percorrer a vida, em casa junto à família, na creche, na educação infantil, no ensino fundamental, no nível médio e na fase da universidade. É fundamental o papel da professora e do professor na mediação entre o livro e os estudantes nesse processo de formação de leitoras e leitores.

Entretanto, o apreço pelos livros não se dá de forma natural. Nesse caso, é importante que se possa mostrar, desde a infância até a fase adulta, o que livros e leitura têm a oferecer. Cada livro traz uma ideia nova, ajuda a fazer descobertas importantes e amplia os horizontes. Histórias e livros que mães, pais e suas crianças leem juntos formam a base do sentimento em aprender a ler e a gostar dos livros, prazer que se estende por toda vida.

Em contrapartida, é preciso reconhecer que grande parte das famílias não têm uma base econômica estruturada, a ponto de disponibilizar condições necessárias para esse estímulo da leitura, desde a infância, pois muitas dessas crianças passam pela dor da fome. Portanto, impossível investir o pouco dinheiro que resta na compra de livros?

Então, cabe a nós, profissionais da educação, compreender essas situações e perceber que nem sempre esse estímulo poderá vir de casa, mas, sim, esta ação deve partir de nós. Ezequiel Silva (2003) considera que cabe à escola e aos professores e professoras decidirem se o/a leitor/a formado/a deverá ser produto de uma reprodução ingênua da sociedade ou alguém preparado/a para o enfrentamento de suas contradições e desafios.

Os conteúdos dos dois tipos de livros analisados (Sexualidade e Educação Sexual) ilustram para os/as leitores/as que há uma preocupação, por parte das autoras e dos autores, em discutir sobre a homossexualidade numa linguagem histórica, cultural, política e social – entendendo que esses fatores são diferentes, particulares e coletivos na vida de uma pessoa – além de estimular professores e professoras a discutirem em sala de aula o tema da Sexualidade e Educação Sexual, por meio de propostas pedagógicas.

A homossexualidade foi, ao longo da história da sociedade ocidental europeia e colonizadora, motivo de punição, vergonha, segregação e de violência contra todos/as aqueles/as que atravessassem a fronteira da heteronormatividade. Ainda hoje, encontra-se dificuldade em dialogar com o tema no campo da Educação, principalmente quando os/as

profissionais dessa área se sentem desconfortáveis para falar, problematizar e questionar situações que envolvem a Sexualidade e a Educação Sexual.

Ao problematizar o tema da homossexualidade, quando se trata da sua inserção em uma sociedade, calcada na tradição ocidental judaico-cristã, como a brasileira, lida-se com uma temática que foi, e ainda é, de certa forma, vista e tratada como um pecado abominável, um crime, um desvio, uma imoralidade.

O Cristianismo, em dias passados e nos atuais, foi e é a que mais persegue os homossexuais, visto que o documento que guia essa religião, a Bíblia, apresenta toda uma narrativa da criação do mundo e de como as gerações se perpetuaram, dos casamentos heterossexuais e as ações heteronormativas que são as obras de Deus, enquanto que o ser homossexual não é de sua criação, visto que ‘Deus não deixou o homem para o homem’, assim também enfatiza a sociedade. Além disso a reprodução, que é o que Deus deixou para a raça humana e animal, não acontece entre pessoas do mesmo sexo, pois durante a relação homoafetiva, os óvulos e os espermatozoide seriam desperdiçados e assim a hereditariedade não seguia (CUNHA, 2019).

Contudo, mesmo que as religiões incentivem o respeito, a paz, o amor, isso não se torna uma prática passível de ser vista cotidianamente, porque os interesses de qualificar e distanciar os sujeitos impera socialmente. Por este motivo, as discussões que fomentam o campo das pesquisas sobre temas culturais, gênero e sexualidade são necessárias, sobretudo no campo da educação, no campo de formação de indivíduos com pensamentos plurais e desconstruídos.

De acordo com o antropólogo Luiz Motti (2003), a importância de estudar sobre a homossexualidade na realidade brasileira é ter a possibilidade de desvendar as raízes do preconceito em nossa sociedade, contribuindo para erradicar a intolerância e a crueldade contra pessoas homossexuais e demais que configuram a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, agêneros, assexuais, pansexuais, entre outras – a conhecida comunidade LGBTQIA+.

A disseminação de informações a respeito da homossexualidade deve estar cada vez mais presente nas escolas, pois, além de nortear esta instituição, tem de desconstruir valores anteriormente estabelecidos e promover a inclusão de indivíduos; tarefa não apenas da escola, mas também de “família, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo” (LOURO, 2008, p.8).

Assim, a família, o Estado e as religiões, por exemplo, são instituições centrais para a manutenção de uma estrutura que tem em seu sistema valores sexistas, racistas e homofóbicos,

especializando a feminilidade e a masculinidade em identidades mutuamente excludentes e cerceadoras das possibilidades de derivação passível de apropriação pessoal, social, cultural e histórica do feminino e do masculino, por pessoas de ambos os sexos.

Construídos sob essas óticas diversas, as práticas se fundamentam na ideia de que o tema da Sexualidade e Educação Sexual devam ser tratados exclusivamente pela família. De fato, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso, porém, não o suficiente para sanar as dúvidas. Por esse motivo, a escola deve tratar desse tema ativamente de forma a romper esses paradigmas e sofrer “transformações que dizem respeito a quem está autorizado a conhecer, ao que pode ser conhecido e às formas de se chegar ao conhecimento” (LOURO, 2013, p.70).

Nos dois tipos de livros me parece claro que autoras e autores consideram que a homossexualidade não é uma doença, mas uma construção, assim como a heterossexualidade. Portanto, o biológico não determina aquilo que a pessoa desenvolverá de prática durante toda a vida; a homossexualidade não pode ser vista apenas por um ponto de interpretação; nesse sentido o biológico, o cultural, o social, o econômico, as relações de gênero, de classe, a etnia, entre outros marcadores sociais, formam o que conhecemos como homossexualidade. Essa construção faz parte do desenvolvimento humano.

A homossexualidade durante muito tempo foi considerada pela Medicina e Psicologia como doença, enaltecendo os discursos da heteronormatividade. Porém, com o passar dos anos, o avanço não significou muitas vitórias, visto que as instituições, documentos e práticas ainda expressam no indivíduo homossexual que a orientação escolhida não é a ideal. Entendendo que as pessoas são dignas de respeito, liberdade e autonomia; por isso, os discursos atuais precisam de questionamentos, problematizações e reflexões para que as respostas sejam apresentadas, de forma que respeitem uma sociedade inteira e não apenas um determinado grupo.

De acordo com algumas autoras e alguns autores dos livros pesquisados, a sala de aula é um local de aprendizado, onde quem precisa ser valorizado é o aluno e a aluna; onde o protagonismo estudantil precisa ser deles e delas; em que as ideias e os argumentos sejam de democracia e respeito; que, a partir do professor e da professora, as formas de ensinar-aprender sejam facilitadoras para o entendimento, seja por meio de um debate seja por meio de jogos.

A maioria dos livros, ao falarem de homossexualidade, aponta apenas para o universo masculino. Pouco se fala nas lésbicas, e a invisibilidade fica ainda maior quando se trata do homem trans gay ou da mulher trans lésbica. São sujeitos que ainda estão silenciados

em sua identidade, em sua existência, enquanto pessoas que também produzem cultura, portanto, também, têm sua maneira de viver e construir sua sexualidade.

As categorias criadas permitiram uma reflexão maior sobre a homossexualidade num contexto escolar, através dos discursos que os materiais abordam, para que as ideias de doença, pecado, castigo, desilusão amorosa, e concepção de errado sejam rompidas e que não gerem preconceitos e ignorância, mas, pelo contrário, possam garantir a igualdade e respeito no ambiente escolar. *Visões sobre homofobia* foi a mais marcante, ou por que não dizer, dolorosa. Não somente por acompanhar os depoimentos e os conceitos sobre a homofobia, mas por relembra de situações vivenciadas por mim na condição de pessoa homossexual. Nesse sentido, por várias vezes, tive que parar a leitura, a escrita, respirar e recomeçar. A homofobia existe e deixa profundas marcas, impossíveis de esquecer e difíceis (ou demoradas) de cicatrizar.

A Educação Sexual, portanto, torna-se um mecanismo que visa combater a ignorância e o preconceito materializados na homofobia; através dessa disciplina (Educação Sexual) que programas, significados e reformulações são passadas, porém ainda há muito a ser pensado, já que, ao discutirem determinado tema, as pessoas não podem apresentar uma ideia que desrespeite o/a outro/a e que seja baseada nas convicções de vida, ensinadas pelas instituições sociais, mas que atendam às necessidades de quem escuta ou que permita atender. Os livros utilizados para esse fim também podem interpretar uma linguagem que marginaliza, exclui e ofende pessoas, porque os objetivos que os autores querem alcançar são diferentes.

Nesse sentido, os Estudos Culturais visam questionar, a partir de análise, como os livros estão tratando um assunto em particular. Em nossa pesquisa, por exemplo, compreendemos que cada autor ou autora tem uma forma de abordagem diferente; alguns discutem sobre a homossexualidade, numa linguagem histórica, cultural, política e social. Entendo, pois, que esses fatores são diferentes, particulares e coletivos na vida de um indivíduo; há outros que timidamente apenas citam o conteúdo, mas que estimulam professores e professoras a discutirem em sala de aula.

Portanto, essa pesquisa urge, a fim de que se reflita sobre a homossexualidade, num contexto em que os sujeitos homossexuais não são respeitados em sua totalidade por aquilo que são e fazem. Isso porque, para mudar e desconstruir pensamentos acabados, é necessário iniciar uma formação cidadã ética, plural e igualitária na escola, e esta precisa entender que o seu papel é esse. Destarte, criaremos um mundo e uma sociedade brasileira em que o juízo de valor é o da felicidade e dos direitos iguais para as diversidades.

Gostaria, por fim, de salientar que as pessoas homossexuais vivem sua orientação de acordo com as suas vontades, sendo diferentes em seus espaços. A fala, a forma de se vestir,

as gesticulações, o sorriso, o cabelo, os sapatos, as cores, as áreas profissionais, nada disso caracteriza uma pessoa homossexual. O tornar-se homem, mulher, gay, lésbica, transexual, travestir, pansexual, bissexual, entre outras orientações sexuais e identidades de gênero e sexual, são escolhas que se constrói e desconstrói socialmente a todo momento e que as pessoas não podem ser estereotipadas por isso.

Se somos livres para ser, não precisamos agir de forma tão violenta e excludente, gerando dor e sofrimento, sem nenhuma necessidade.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, E. S.; SANTOS, Weyffson, H. L; SÁ-SILVA, J. R. **Guia de orientação dos trabalhos de conclusão de curso do Programa Darcy Ribeiro**. São Luís: Editora da Universidade Estadual do Maranhão, 2015.

ABROMOVAY, Miriam. **Juventudes e sexualidade**. Coordenadoras: Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira.; NAFAGUCHI, Thiago. **Suicídio, Gênero e Sexualidade na era digital**. In.: Saúde & Transformação Social/Health & Social Change, ISSN 2178-7085, Florianópolis, Santa Catarina, v.7, n.3, p.22-35, 2016.

ALMEIDA, Alderico Segundo Santos. **A presença de Afrodite no Ginásio de Atena: um estudo sobre a sexualidade e orientação sexual no Centro de Ensino “Liceu Maranhense”** / Alderico Segundo Santos Almeida. — São Luís, 2014. Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, 2014.

ALMEIDA, Anderson Nogueira; BEZERRA, Cícero Wellington Brito. **O currículo e o ensino de ciências na contemporaneidade**. In: *In: SÁ-SILVA, Jackson Ronie (Org.). Ensino de ciências e educação para a diversidade*. 1. ed. São Leopoldo: Oikos; São Luís: Editora UEMA, 2018, p.20-33.

ALMEIDA, C.D; GUINDANI, J.F; SÁ-SILVA, J.R.. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. In: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, ano I, n.1, jul., 2009.

ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. **Ritos e ditos de jovens gays**. Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.

ANDES. Vitória unânime do STF enterra a falácia da ideologia de gênero e o projeto escola sem partido. **SINDOif**. Porto Alegre: IFRS, publicação 25 abr 2020. Disponível em:<
<http://www.andes.sindoif.org.br/2020/04/25/vitoria-unanime-no-stf-enterra-a-falacia-da-ideologia-de-genero-e-o-projeto-escola-sem-partido/>> Acesso em 11 jul 2020.

AQUINO, Julio Groppa. Et al. **Sexualidade na escola**: alternativas e práticas. Coordenação: Julio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1997

ALVES REIS, Hellen José Daiane; SILVA DUARTE, Marcos Felipe; SÁ-SILVA, Jackson Ronie. **Os temas 'corpo humano', 'gênero' e 'sexualidade' em livros didáticos de ciências do ensino fundamental**. In.: Investigações em Ensino de Ciências, v. 24, n. 1, 2019.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. **O que é cisgênero. Transfeminismo?**. 23 mar. 2014. Disponível em: <<http://transfeminismo.com/o-que-e-cisgenero/>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

BAPTISTA, M. M. **Estudos Culturais**: o que e como da investigação. Carnettes, número especial, v. 2, p. 451-461. 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Suzana da Conceição de; COSTA, Paula Regina Ribeiro. **Educação para a sexualidade**: uma questão transversal ou disciplinar do currículo escolar? **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 11, n.1, 2012.

BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e juventude**: como discutir a sexualidade em sua casa e na escola. Organizadoras: Carmem Barroso, Cristiane Bruschini. – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2000. (Bibliotexa da Educação – série 1 – escola – vol 13)

BARROSO, Luís Roberto. **Diferente, mas iguais**: o reconhecimento jurídico das uniões homoafetivas no Brasil. *Revista Brasileira de Direito Constitucional*. N. 17, p. 105-138, 2011.

BATISTA, Vera Malaguti. **O medo na cidade do Rio de Janeiro:** dois tempos de uma história. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. (sexualidade, gênero e sociedade)

BORRILLO, Daniel. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (Ensaio Geral, 1)

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução.** Elementos para uma teoria do sistemas de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 6 ed. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL. **Lei Nº 7.716, DE 5 DE JANEIRO DE 1989** - Publicação Original. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1989/lei-7716-5-janeiro-1989-356354-publicacaooriginal-1-pl.html>

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educacional. Lei 9394/96**

BRASIL. **Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, DF., 26 jun 2014.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. – 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. (Sujeito e História)

CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira; FURTADO, Rafael Nogueira. **O Conceito de Biopoder no Pensamento De Michel Foucault**. Revista Subjetividades, Fortaleza, 16(3): 34-44, dezembro, 2016.

CAPES. Considerações sobre classificação de produção técnica-educacional. Brasília: MEC/CAPES, 2016.

CARVALHO, Maria Eulina de.; SOUSA, Valquíria Alencar de. **Por uma educação escolar não sexista**. Organizadoras: Valquíria Alencar de Sousa, Maria Eulina de Carvalho. – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

CASSAL, L. C. B.; BICALHO, P. P. G. “**Não importa ser ou não ser, importa parecer**”: pistas sobre violência homofóbica e educação. In: Bortolini, A. (org). *Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: Educação, Cultura, Violência e Ética*. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão/UFRJ, 2011. p.78-93

CASTRO, Mary Garcia. **Gênero e Raça: desafios à escola**. In: SANTANA, M.O. (org) lei 10639/03 – educação das relações étnico raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação fundamental. Pasta de texto da professora e do professor. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 2005.

CERTEAU, Michel de. **Táticas e estratégias**. A invenção do cotidiano. Petrópolis: vozes, 2005.

CEVALLOS, Ivete. **O Mestrado Profissional em Ensino de Matemática e o desenvolvimento profissional de professores: um desafio institucional**. 2011. 242 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação Matemática, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP, São Paulo, 2011.

COOMBS, Philip H. (1975). **La Lucha Contra la Pobreza Rural**. *El Aporte de la Educación no Formal*. Madrid: Editorial Tecnos.

COSTA. M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. **Estudos Culturais em educação e pedagogia**. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, maio/ jul./ ago., 2003.

CUNHA, Beatriz Monteiro da. **Amor e Sexo: assunto complexo?** – Editora Evoluir: São Paulo, 2000.

CUNHA, Daniel Barcelos da. **“Homossexualidade é...”**: discursos de professores e professoras de Ciências sobre o tema da homossexualidade. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Federal do Maranhão, 2019.

CUNHA, Daniel Barcelos da; SÁ-SILVA, Jackson Ronie. **A homossexualidade e o Ensino de Ciências**. In: SÁ-SILVA, Jackson Ronie (Org.). Ensino de ciências e educação para a diversidade. 1. ed. São Leopoldo: Oikos; São Luís: Editora UEMA, 2018, cap. 08, p. 116-133.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948.

DUMARESQ, Leila. **O cisgênero existe**. In: Transliteração, 2014. Disponível em: <http://transliteracao.com.br/leiladumaresq/2014/12/ocisgenero-existe/> - Acesso em: 28 ago. 2018.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FIGUEIRA, Fani G. **Reflexões sobre a história**. 1ª edição. Campo Grande: Intermeio, 1997

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Leituras Filosóficas. 12ª Ed. São Paulo: Loyola, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOSTER, D.W. **Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade en la literatura latinoamericana**. Editora FGV, 2004. p. 63-86. Letras: literatura e autoritarismo, Santa Maria, n. 22, jan./jun. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura)

FREITAS, Fátima e Silva de. **A diversidade cultural como prática na educação**. Curitiba: Ibpx, 2011.

FRENEDOZO, R. C. et al. **Análise de livro didático de Biologia para o Ensino Médio**: as abordagens e métodos aplicados ao ensino de Botânica. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 5, Bauru. Atas... Bauru: ABRAPEC, 2005.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Sexualidade prazer em conhecer**. Fundação Roberto Marinho, 2001.

FURLANI, Jimena. **O Bicho vai pegar! Um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos de educação infantil**. 2005. [Tese de Doutorado] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: PPG Edu/UFRGS.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais / Maria Glória Gohn – São Paulo: Cortez, 2010. (coleção época; v. 1)

HALL, Stuart. **Cultural studies and its theoretical legacies**. In: MORLEY, David, KUANGHSING, C. (org.). *Stuart Hall – critical dialogues in cultural studies*. London; New York: Routledge, 1996.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos** / Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Interlocuções teóricas do pensamento transfeminista**. In: JESUS, J. G. de. et al. *Transfeminismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Metanóia, 2014. p 3-18.

JUNQUEIRA, Rogério D. **O Reconhecimento da Diversidade Sexual e a Problemática da Homofobia no Contexto Escolar**. In: RIBEIRO, P. R. C., SILVA, M. R. S., SOUZA, N. G. S., GOELLNER, S. V., SOUZA, J. F. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

JUNQUEIRA, R. **Diversidade sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas** (Org.). Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia nas escolas: um problema de todos**. Brasília: MEC/UNESCO, 2009, p. 13-51.

KAAS, Hailey. **O que são pessoas cis e cissexismo? Ensaio de gênero**, 2012. Disponível em: <<https://ensaio degenero.wordpress.com/2012/09/17/o-que-sao-pessoas-cis-e-cissexismo/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

LAGUNA, Alzira Guiomar Jerez. **A contribuição do livro paradidático na formação do aluno-leitor**. *Revista Acadêmica*, São Paulo, n. 2, p. 43-52, ago. 2012.

LIMA, Cristiane Pereira.; PEZZI, Flávio. **As disputas e as relações de poder presentes na escola: percepção de professores da educação básica sobre discriminação e preconceito étnico-**

racial. In *Diálogos sobre identidade étnico-racial, gênero e sexualidade: caminhos para a transformação*. Léia Teixeira Lacerda; Bartolina Ramalho Catanante; Cristiane Pereira Lima (Orgs.) São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Segredos e mentiras no currículo**: sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luis (org.). *a escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2>.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, escola e identidade**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, p. 59-76, jul./dez. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 96p.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Ângela Uchoa. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 557-591, 2015.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paula Rennes Marçal. **Educação sexual**: princípios para ação. **Doxa**, v. 15, n.1, p.75-84, 2011.

MAIO, Eliane Rose. **O nome da coisa**. Maringá: UniCorpore, 2011.

MCLURKIN, Denise L. **Questões sociais desafiadoras na escola**: guia prático para professores. Tradução: Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Celso Avelino Antunes. AMGH: Porto Alegre, 2015

MEYER, Dagmar E. Estermann. et al. **Saúde e sexualidade na escola**. Editora Mediação: Porto Alegre, 1988.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOTA, Raquel Martins Fernandes. et al. **Pesquisa qualitativa em educação: um ensaio paradigmático**. In: **Revista Investigação Qualitativa em Educação**, v. 1, n., p. 692-702. 2017.

MOTT, Luiz. **Crônicas de um gay assumido**. Editora Record: Rio de Janeiro. 2003.

MOTT, Luiz. Et al. **MORTES VIOLENTAS DE LGBT+ NO BRASIL**. População LGBT morta no brasil – Relatório Grupo Gay da Bahia. Prefeitura do Rio de Janeiro, 2019.

OSTERMANN, F.; REZENDE, F.. **Projetos de desenvolvimento e de pesquisa na área de ensino de Ciências e Matemática: uma reflexão sobre os mestrados profissionais**. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, Florianópolis, v. 26, n. 1, p.66-80, abr. 2009. PICAZIO, Cláudio. **Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade**. / Cláudio Picazio; com colaboração de Eduardo Bittencourt, Rogério Brugnera e Alexandre R. Araujo. – São Paulo: Summus, 1998.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

PICAZIO, Cláudio. **Diferente desejos: adolescentes homo, bi e heterossexuais**. Editora Summus: São Paulo, 1998.

PINO, Nádia Perez. **A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos desfeitos**. Cadernos Pagu, Campinas, Unicamp, n. 28, p. 149-176, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/08.pdf> - Acesso em: 18 ago. 2018.

PINTO, Ênio Brito. **Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade**. São Paulo: Editora Gente, 1999.

POMBO, M. (2019). **Estrutura ou dispositivo: Como (re)pensar a diferença sexual hoje?**. *Revista Estudos Feministas*, 27(2), 1-11. doi:10.1590/1806-9584-2019v27n254194

PRADO, Marcos Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Preconceitos; v. 3)

PRECIADO, Paul B. **Testo yonqui**. Madrid: Espasa, 2008.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano travessia**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de J : crônicas da aneiro/RJ: Companhia das Letras, 2019. 11

RAPOSO, A.E.S.S.; TEIXEIRA, A.B.M.; **Banheiros escolares promotores de diferenças de gênero**. In: CRUZ, S.E. Fazendo Gênero – Corpo, Violência e Poder. A identidade no banheiro: Travestis, relações de gêneros e diferenças no cotidiano da escola. Florianópolis, 2013.

RIOS, Roger Raupp. **Conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação**. In: POCAHY, Fernando (org.) Rompenso o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Porto Alegre: Nuances, 2007. P. 27-48.

SÁ-SILVA, J. R. **Homossexuais são: revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva queer**. 2012. 400f. Dissertação (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

SÁ-SILVA, J. R. **A construção de uma pedagogia dos manuais médicos: um olhar *queer* sobre os discursos médicos da homossexualidade no século XX**. Revista Bagoas, n. 16, p. 111-136, 2017

SÁ-SILVA, J. R. et al. **Ensino de ciências e educação para a diversidade**. Organizador Jackson Ronie Sá-Silva – São Leopoldo: Oikos, 2018.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; SILVA, Raimundo José Pereira da. Infância, Educação Infantil e Educação Sexual: uma abordagem teórica a partir dos Estudos Culturais em Educação. In: SÁ-SILVA, Jackson Ronie (Org.). Ensino de ciências e educação para a diversidade. 1. ed. São Leopoldo: Oikos; São Luís: Editora UEMA, 2018, p. 152-171.

SCOTT, Joan W. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação & Realidade: gênero e educação. Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n. 2, jul/dez, 1995. p. 71-99.

SILVA, Alessandro Soares da. **Memória, Consciência e Políticas Públicas**: as Paradas do Orgulho LGBT e a construção de políticas públicas inclusivas. Revista Electrónica de Psicología Política, Año 9 N° 27 – Noviembre/Diciembre de 2011, p. 127-158.

SILVA, Ezequiel Theodore da. **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a politicado texto curricular. – 2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Yuri Almeida da. **Corpos que habitam os livros didáticos de ciências dos anos iniciais**: reflexões a partir dos estudos culturais. 320F. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

SIQUEIRA, Marcos da Cruz Alves. **Nesta escola não há lugar para bichinhas**: diversidade sexual e homofobia. – 1 ed. – Curitiba: Appris, 2020.

SOUZA, Marcelo Valente. **O corpo escrito e visto**: reflexões a partir de livros didáticos das séries iniciais. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Pará, Belém, 2010.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. 19 ed. Edição da Autora; Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1994.

SUPLICY. **Sexo se aprende na escola**. 2ª ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.

SURAYA, C.; CONCEIÇÃO, I. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica, São Paulo: EPU, 2005.

SUSSAL, C. A. **Kleinian Analysis of Homophobia**. Smith College Studies in Social Work. V. 68, n 2, p. 203-214, 1988.

TAKARA, Samila. **Práticas em Sexualidade e Educação Sexual**. In Sexualidade e educação sexual: práticas, pesquisas e inovações. Organização Ricardo Desidério, Vinícius Bastos e Virginia Maistro. 1 ed. Londrina, Paraná: Ed. Dos Autores, 2020.

TERRAY, Emmanuel. **Proposta sobre a violência simbólica**. In: ENCREVÉ, P; LAGRAVE, R. (Orgs.) *Trabalhar com Pierre Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p.303-8.

TRILLA, Jaume. **Educação formal e não-formal**: pontos e contrapontos. Jaumes Trilla, Elie Ghanem; Valéria Amorim Arantes (org.). São Paulo: Summus, 2008. (coleção pontos e contrapontos)

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Editora Universidade de Brasília, 1991. V. 1

WORTAMANN, M.L.C. **Análises culturais**: um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, M.V. **Caminhos Investigativos II**: Outros modos de pensar e fazer em pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

APÊNDICES

CATEGORIA: EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE

Texto: ABROMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G.; SILVA, Lorena B. **Juventudes e sexualidade.** Coordenadoras: Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

A recorrência à linguagem pejorativa é comum nas violências contra homossexuais. É importante destacar a linguagem porque por ela se apresentam visões de mundo, representações e também a nomeação do Outro, por formas negativas ou contrárias à sua vontade, com o intuito de humilhar, discriminar, ofender, ignorar, isolar, tyrannizar e ameaçar. No caso da escola, em que o verbo é matéria prima, o cuidado com a linguagem, com os discursos de alunos e de professores ganha mais relevância, indicando problemas no objetivo do projeto escolar, de formar mentalidades por parâmetros de igualdade. Vários autores ressaltam tal importância do estudo de linguagens no âmbito escolar, em particular sobre sexualidade. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 286)

A linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros, não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utilizam esses mecanismos em relação às raças, etnias, classes, sexualidades etc.). Além disso, tão ou mais Importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não dito, aquilo que é silenciado - os sujeitos que não são, seja porque não podem ser

associados aos atributos desejados seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados (Louro, 1997:67). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 286)

Em seminário promovido pela UNESCO, em Oslo, 1997, insiste-se contra violência nas relações sociais de gênero, o que, no plano da escola, teria como vetor discutir o incentivo ou a banalização pelo silenciamento a expressões de masculinidade que apelariam para o desrespeito ao outro. Breines, Cornell e Eide (2000) expressam que, entre as várias referências de tal seminário, a família, as relações interpessoais e a relação comunidade e escola seriam priorizadas como possíveis espaços para se construir convivências positivas, em que os seres masculino e feminino não sejam esmaecidos, mas afirmados por respeito à individualização de cada sexo/gênero e por orientação coletiva por compromissos com os direitos humanos. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 279)

A ênfase de Costa (1994) está na linguagem e na comunicação como construtos de preconceitos, E, de fato, como se tem enfatizado neste e em outros trabalhos da UNESCO, há que mais cuidar sobre a linguagem, as formas de comunicação, as brincadeiras, na escola, de teor preconceituoso e discriminatório. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 279)

Na minha sala, tinha um menino homossexual e a galera, os meninos, o perturbaram tanto até ele sair da escola, não voltou. Ele chegava assim, todo assim, e os meninos ficavam perturbando, fazendo hora, brincando. Acabou que teve de sair da escola, porque foi muito forte a história. Acho que deveria ter mais campanha na escola para alertar a galera que vivemos num país democrático. Hoje cada um é e pode ser o que quer. Ao que é importante respeitar os outros. (Grupo focal com alunos, escola pública, Salvador). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 287)

Mas há também depoimentos que sugerem que a escola pode desconstruir a discriminação, tanto por ação planejada e intencional quanto por tratamento pró-inclusão, incentivando o respeito à diversidade e ressaltando nos alunos a autoestima e qualidades, como esforço e desempenho escolar.

Temos aluno homossexual assumido. É o mais inteligente da turma, uma pessoa que não sofre preconceito da sala. (Grupo focal com professores, escola privada, Rio Branco)

No ano passado, eu tinha cinco adolescentes gays assumidos, três lésbicas assumidas na sala de aula, e todos eles com o maior respeito de toda a turma. Foram líderes de turma e botavam

a turma para frente. Sem nenhum problema. (Grupo focal com professores, escola pública, Porto Alegre)

Na medida em que a questão da discriminação não é focalizada institucionalmente, fica à deriva o registro de tendências, que segue orientações, formas de ser individuais, dependendo, portanto, de quem é o professor ou o diretor.

Mas há, também, casos em que esses reconhecem que não sabem como lidar com seus preconceitos, seus valores aprendidos, então: Como formar para uma cultura da diversidade, os seus alunos, mais além da tolerância formal?

Respeitar o negro, respeitar a mulher, respeitar o homossexual, mas tem coisas que eu mesma... eu tenho dificuldades de aceitar. Eu respeito, mas eu não aceito ainda. Eu vi dois homossexuais caminhando de mãos dadas, dois homens, aqui na frente passando, e eu fiquei olhando e não acreditava no que eu estava vendo. Mas eu sempre oriento, eu falo: tem que respeitar, eles não estão me atingindo, tudo bem, mas eu tenho dificuldade de aceitar isso. É que todos os valores que eu recebi durante a minha vida de repente se quebram. (Grupo focal com professores, escola privada, Porto Alegre). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 291;292)

Apesar do quadro mapeado de violências, preconceitos e discriminações, envolvendo todos os atores, há subliminarmente vontade e ações contra esse cenário material e simbólico. A escola é referência em tal postura. Vários professores afirmam que o preconceito deve ser combatido pela escola. As diferenças devem ser respeitadas, e os alunos devem se posicionar para não serem vítimas de discriminação, como ilustra a fala de professores de Maceió: Eu acho que a escola tem que brigar contra. Tem que fazer de tudo para acabar com o preconceito. Eu acho que esse é o papel da escola, humanizar mais as pessoas, trabalhar a diversidade, o respeito, o sexo, a classe. É, tudo. Um diretor informou que é feito um trabalho de conscientização sobre a homossexualidade junto aos alunos, na escola em que trabalha, onde é ressaltado o respeito pelas diferenças. Segundo o diretor, esse trabalho é desenvolvido principalmente por existir um número considerável de alunos e profissionais de sua escola que são homossexuais:

A gente desenvolve um trabalho no nosso jovem sobre o respeito pelo outro. Se você respeita o outro, não importa a opção sexual dele, como não importa a religião, não importa o partido político ao qual ele pertence ou a cor. Ele é um ser humano e como ser humano tem que ser respeitado(...) (Entrevista com diretor, escola pública, Salvador)

Outro diretor verbaliza o mal-estar que, possivelmente, deve ser de muitos, em não saber como tratar com sua carga cultural de preconceitos e assim vir a lidar com o tema homossexualidade na escola:

Eu vou ser sincero, não só a minha mentalidade, o meu jeito de pensar e ver que não estão tão preparados para isso, não temos segurança para tratar sobre homossexualidade, não temos conhecimento, mesmo alunos sendo preconceituosos, a gente nem sabe como orientar(...). (Entrevista com diretor, escola pública, Maceió). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 297; 298)

Discute-se, também, o lugar de instituições como a escola para um papel mais ativo contra tais violências e se ilustra, focalizando o tema homossexualidade, como a escola pode, inclusive, colaborar reprodução de preconceitos e discriminações. Se não se sabe trabalhar com a questão da homossexualidade e ter um papel mais ativo no combate aos preconceitos, cala-se, silencia-se sobre o tema, ou se faz repreensões soltas, quando há alguma expressão preconceituosa explícita.

Ha escolas que, junto com alunos, constroem novos parâmetros e regras de relações sociais, como, por exemplo, uma escola em Cuiabá que mudou o seu regimento e os próprios alunos escolheram que deveriam ter liberdade de namorar, de abraçar e de beijar, ou seja, o proibido tornou-se permitido. Nessa escola, segundo a diretora, tal negociação sobre namoro, contribuiu inclusive para a diminuição dos casos de assédio:

Nesses quase quatro anos de direção, o assédio não chegou ao nosso conhecimento, mas nós acreditamos que até não haja, porque nós permitimos até mesmo o próprio namoro, no regimento da escola, o próprio alunado escolheu que deveria ter essa liberdade de namorar, de abraçar, de beijar é permitida. (Entrevista com diretor, escola pública, Cuiabá). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 300)

Vários professores afirmam que o preconceito deve ser combatido pela escola. Há, também, depoimentos que sugerem que a escola pode desconstruir a discriminação, tanto por ação planejada e intencional quanto por tratamento pro-inclusão, incentivando o respeito à diversidade e ressaltando nos alunos a autoestima e qualidades como o esforço e o desempenho escolar. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 304)

Texto: SUPLICY. Sexo se aprende na escola. 2ª ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.

Para nos orientarmos e assim diminuir nossas ideias preconceituosas, primeiro é preciso obter informações básicas. A seguir, precisamos olhar com outros olhos o aluno e a aluna quanto a comportamentos ligados ao seu gênero (masculino ou feminino). Por último, é importante

conhecer um pouco mais o mundo homossexual para desmistificar preconceitos e facilitar a relação com alunos e filhos. (SUPLICY, 1999, p. 69)

Os homossexuais diferem dos heterossexuais tão-somente na questão da atração sexual. São antes de mais nada seres humanos, com direitos iguais aos outros e merecem nosso respeito. Há entre eles, pessoas criativas, bondosas, inteligentes, honestas, neuróticas, inseguras, maldosas. Há aqueles com aparência efeminada e aquelas com aparência masculinizada; porém, há o homem homossexual forte e viril e a mulher homossexual, ou lésbica, meiga e feminina. (SUPLICY, 1999, p.73)

Certamente, a escola pode auxiliar essas crianças. Com qual objetivo: a cura? Na verdade, ninguém está doente. O educador tem condições de facilitar o ingresso no grupo de iguais, encorajando a criança a participar em alguns momentos. O grupo também deverá ser incentivado a ser mais flexível em suas exigências. Através de jogos, brincadeiras e dramatizações, o professor poderá oferecer na sala de aula ocasiões importantes para as crianças vivenciarem a inversão de papéis. À medida que o ser humano cresce e estabelece vínculos, ele desenvolve uma série de papéis segundo sua história de vida. Esses papéis poderão ser enriquecidos com novas experiências e a oportunidade de vivenciar os papéis que se contrapõem ao seu. Assim, o papel de pai tem o contra-papel de filho; o de professora se contrapõe ao de aluno. Assim como o adulto, a criança possui dentro de si potencialidades diversas: devido à educação recebida, ela desenvolve apenas algumas delas o que, de certa forma, lhe empobrece a experiência. Educar, nesse contexto, é proporcionar ao educando um maior número de experiências para que amplie seu universo de possibilidades. É importante que na fase pré-escolar a criança possa jogar com seus papéis de uma maneira mais flexível, reunindo vivências necessárias para a construção da sua identidade de gênero. A infância é momento de circular com maior desenvoltura pelo mundo masculino e feminino. Falando desta questão com adolescentes, o importante é que o professor dê a eles espaço para exporem e trocarem ideias, refletirem sobre o tema, reconhecerem e tentarem eliminar tabus e preconceitos, à luz de informações científicas atuais. (SUPLICY, 1999, p.72)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Na discussão da homossexualidade com adolescentes, o enfoque principal é a compreensão da existência da diversidade e a capacidade de aprender a respeitá-la e conviver com ela. Sugerimos dividir a turma em pequenos grupos com um roteiro de discussão com questões-chave, como as que se seguem:

- Homossexuais são diferentes de heterossexuais? Em quê?*
- Os homossexuais masculinos têm trejeitos femininos e as lésbicas são masculinizadas?*
- A pessoa é homossexual, porque quer?*
- Homossexualidade é doença? Homossexualidade pega?*
- A atração homossexual pode mudar ao longo da vida?*
- Homossexuais devem ser respeitados? E devem ter direitos como cidadãos?*

Após a discussão nos subgrupos, a partir das conclusões que eles levantarem, será possível ampliar o debate, problematizando sobre essas questões e suas respostas, não para chegar a conclusões definitivas, mas para explicitar melhor os preconceitos e poder combatê-los. É importante que os alunos saibam que não há conclusão definitiva sobre a gênese da homossexualidade, que as teorias existentes não abarcam a amplitude do fenômeno e que a compreensão e aceitação da homossexualidade, como expressão da sexualidade, vêm avançando continuamente na sociedade moderna. (SUPLICY, 1999, p.73;74)

Texto: CUNHA, Beatriz Monteiro da. **Amor e Sexo:** assunto complexo? – Editora Evoluir: São Paulo, 2000.

Há muitas, infinitas questões que podem ser levantadas a respeito deste tema, um dos favoritos da humanidade, mas sempre haverá um quê de mistério... É assim que a vida é. Sobre algumas coisas, nossa longa caminhada, através dos tempos, já indicou a melhor solução; sobre outras, ainda temos descobertas a fazer... Mas uma coisa é certa, o que importa é sermos felizes...Todos nós!. (Cunha, 2000, p. 43)

Texto: PICAZIO, Cláudio. **Diferentes desejos:** adolescentes homo, bi e heterossexuais. Editora Summus: São Paulo, 1998.

Veado é um termo pejorativo usado como sinônimo homossexual. Popularmente, é dito que veado é a pessoa que dá. Mas, na realidade, tanto quem é passivo como quem é ativo (quem dá e quem come) têm o mesmo objeto de prazer; no caso um homem. Então, os dois estariam

praticando um ato homossexual ou, como se diz, os dois seriam veados. (PICAZIO, 1998, p. 30)

Nas relações homossexuais não existe necessariamente um padrão fixo de comportamento, existem casais que repetem o modelo heterossexual de relacionamento assim como outros que buscam uma identidade própria de relação. Se você estiver perguntando mais especificamente sobre a atividade sexual do casal, eu diria a mesma coisa. Existem casais que têm preferência por determinadas práticas sexuais, enquanto para outros casais essas práticas se alternam. Existe uma linguagem específica (um tanto quanto preconceituosa) para isso entre os gays; o ativo é o que penetra e o passivo é o que é penetrado. Ser ativo ou passivo na cama não tem correspondente na vida, nem tem ligação com a masculinidade ou a feminilidade que possam aparentar as pessoas. Homens que gostam de homens são todos gays, sejam ativos ou passivos. (PICAZIO, 1998, p. 31)

Mulheres sentem atração por outras mulheres porque é esta a sua orientação sexual, não porque tiveram experiências ruins ou pouco satisfatórias com homens. Trata-se de um desejo interior, com pouca ligação com a experiência. Diz a lenda, no entanto, que o sexo entre mulheres é o melhor que existe, justamente porque não existe a urgência de penetrar e ejacular. Mulheres costumam ser mais carinhosas, passar muito mais tempo se beijando e alisando e, na hora H, podem chegar a penetrar a companheira com a mão inteira se ela quiser. Além disso, as mulheres têm a vantagem de poder atingir orgasmos múltiplos, ou seja, não perdem a ereção logo após o gozo. É muito difícil pensar em uma relação sexual satisfatória sem a presença do pênis, mas isso não só é possível como pode em alguns casos dar até mais prazer. (PICAZIO, 1998, p.32)

Sapatona é um termo pejorativo para se referir a uma homossexual. Geralmente, vem acompanhado da ideia de uma mulher masculinizada. Mas saiba que uma grande maioria de lésbicas não são machonas. São mulheres iguais a qualquer uma que tenha uma orientação heterossexual. (PICAZIO, 1998, p.32)

Não, para uma grande maioria de gays sua identidade sexual é masculina, ou seja, eles se veem como homens e querem estar com outros homens. Leia sobre identidade sexual no começo desse livro, Você vai ter uma resposta mais detalhada sobre o assunto. (PICAZIO, 1998, p.32)

Em primeiro lugar, ninguém vira veado. O que ocorre é que a pessoa descobre o seu desejo por uma pessoa do mesmo sexo. Existe um mito de que a afetividade é a causa da homossexualidade. Não é. Homens heterossexuais podem se abraçar e se beijar o quanto quiserem que não vão virar homossexuais, como você bem disse, as mulheres são o maior exemplo disso. (PICAZIO, 1998, p. 33;34)

As pessoas dizem que é, mas isso não é verdade. O termo opção é muito utilizado, principalmente por pessoas que dizem não ter preconceitos, querendo justificar as escolhas de gays e lésbicas. Mas nenhum homossexual sente que optou por esse desejo, assim como os héteros não optaram pelo seu. O que alguns homossexuais podem dizer é que optaram por viver o seu desejo, mas não que o escolheram.

Opção implica uma escolha. Para que existisse uma escolha, seria necessário que a pessoa sentisse um desejo afetivo-sexual tanto por homens quanto por mulheres, na mesma intensidade e, aí, decidisse por quem iria se interessar. Não é isso o que acontece, a não ser em alguns casos denominados bissexuais. Os homossexuais, assim como os heterossexuais, não optam pelo caminho de seu desejo, mas descobrem, sentem, reconhecem para onde a energia afetiva sexual os leva. Hoje não se diz mais opção, mas sim de orientação afetivo-sexual. (PICAZIO, 1998, p. 34)

Que vocês podem continuar sendo amigas eu não tenho dúvidas, homossexualidade não pega. O que você deve fazer é dizer a ela que gosta muito dela, mas o seu desejo é por homens. Que você respeita o dela e gostaria que ela respeitasse o seu. Isso é ser amigo, gostar do outro levando em consideração as diferenças. Agora, quando você diz que tem medo de que ela dê uma cantada, acho que você está falando algo que pode ter duas respostas. Uma delas é que talvez, lá no fundo, você tenha medo de que isso mexa com você. Se não for isso, faça com ela como você faz quando um garoto se aproxima e você não é a fim! (PICAZIO, 1998, p. 49)

Por que será que você tem medo de que os outros pensem que você é gay? Mesmo que pensem, você sabe que não é. Pode ficar tranquilo, porque orientação sexual não passa. Nem você vai ser contaminado pela homossexualidade de seu amigo nem vai contaminá-lo com a sua heterossexualidade.

É muito difícil ser julgado e condenado por um grupo. Se você tem receio do que possam falar de você, mesmo não sendo verdade, imagine o receio de seu amigo. Pense nele. Ensine seus amigos a serem menos fechados e irem aprendendo a ver que no mundo existem diferenças, e

que todos podem se dar bem juntos, Como você bem diz, cada um na sua. (PICAZIO, 1998, p. 49)

Infelizmente, qualquer pessoa que faça sexo sem proteger-se pode pegar Aids. No caso de duas mulheres, uma pode contaminar a outra por meio dos fluidos vaginais, da menstruação, por uso em comum de seringas ou qualquer outro jeito em que os líquidos do corpo de uma entrem no corpo da outra. Veja no final dessa obra uma lista das práticas arriscadas. (PICAZIO, 1998, p.51)

Se você tiver que provar alguma coisa a alguém, que seja para você mesmo! Você já pensou na hipótese de que seus amigos talvez tenham inveja de você? Você tem facilidade de chegar nas meninas, o que provavelmente muitos deles não têm. Se você não é violento e não gosta de futebol, isso é um gosto seu, não significa ser mais ou menos homem. O seu jeito de ser é diferente do dos outros, você com certeza será uma pessoa com mais possibilidade de compreender o mundo, respeitar as diferenças e entender que cada um tem uma forma original de buscar a felicidade. O que você também está me dizendo é que a aprovação para os seus atos é muito importante. Com certeza, todos precisamos nos sentir aceitos, de alguma forma. Você deve ter algo que eles admirem e aceitem em você. Na maioria das vezes, nossa aceitação pelo mundo não é total, mas o mais importante é que nós mesmos nos aceitemos como somos. (Cláudio Picazio, 1998, Pág.51)

Gays, assim como heterossexuais, morrem de doenças diversas, inclusive Aids. Muitas pessoas associam Aids a gays porque os primeiros casos identificados foram em pacientes que, coincidentemente, eram homossexuais. As mídias então rotularam a Aids de praga gay, o que foi muito ruim, não só por ter aumentado o preconceito contra os homossexuais, como por fazer com que a população heterossexual não se protegesse. Na verdade, nunca existiu grupo de risco. O que existiu – e existe – é prática de sexo com risco de contaminação. (PICAZIO, 1998, p. 51;52)

Você teria coragem de aparecer na televisão? Provavelmente não. A maioria dos gays que aparecem na TV, justamente por serem afeminados, já foram mais expostos a um reconhecimento do público e já se acostumaram com isso. Levar uma vida exposta num país onde a grande maioria é machista não é fácil, e você deve saber disso. Mas, quando a pessoa consegue ser transparente e livre de julgamentos externos, com certeza é muito mais feliz.

Como diz Caetano Veloso, cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é. (PICAZIO, 1998, p. 52)

Porque a homossexualidade era tida como um comportamento de perversão. Antigamente as pessoas acreditavam que esse comportamento era um desvio e que só existia um comportamento natural na sexualidade. Hoje, depois de vários estudos, ficou esclarecido que a homo e a bissexualidade são apenas uma outra forma de manifestação dos desejos sexuais e afetivos, O que acontece é que as pessoas não internalizaram essa verdade e a grande maioria ainda acredita que homossexualidade é um defeito de caráter, um desvio ou um comportamento aprendido. É um preconceito ruim para todos. (Cláudio Picazio, 1998, Pág. PICAZIO, 1998, p. 52)

Alguns são e tentam negar mostrando essa atitude, é como se olhassem no espelho e vissem uma imagem de que não gostassem, outros têm muito medo de ser homossexuais, e se sentem medo é porque nunca olharam para a sua sexualidade de forma tranquila e sadia. Geralmente, esses homens baseiam a sua sexualidade não no masculino, mas num estereótipo de macho, que é aumentado sexualmente. Podemos ver que todas as pessoas que tentam ser super têm uma fraqueza muito grande em algum lugar. O macho que tenta ser super masculino na verdade deve sentir-se pequeno, impotente em relação a algo na sua sexualidade ou na sua história, porque, se assim não fosse, não precisaria ser super, bastaria ser ele próprio. O heterossexual que está tranquilo com seu desejo sexual não tem raiva e nem teme se contaminar pela homossexualidade. Ele se relaciona tranquilamente com o gay, porque tem consciência de seu desejo. (PICAZIO, 1998, p. 54;55)

Porque o humano infelizmente está mais ligado na destruição, no prazer da dor, na competição do que no amor, no sentimento, na solidariedade, na troca, no respeito. A grande maioria dos seres humanos ainda querem impor sua verdade como se existisse uma única. Não há ainda tolerância com as diferenças. O que posso dizer a você é que continue se espantando com isso, continue se sentindo agredido com a violência e não com o afeto. Só assim os valores do mundo vão ser transformados. Parabéns! (Cláudio Picazio, 1998, Pág. PICAZIO, 1998, p. 55)

Converse com seu namorado primeiro. Explique as escolhas afetivas de seus pais e diga o quanto gosta deles. Tenho certeza de que será muito bom para que seu namorado também amadureça e perceba que, no mundo, existem vários tipos de família. Não há motivos para que

seu namorado se sinta mal com isso. Ele vai lidar bem com o fato se você também lida bem com isso. Muitos dos preconceitos e dificuldades que o outro possa ter são causados pelo fato de o problema não estar bem resolvido dentro de nós. Peça ajuda a seus pais, eles com certeza devem saber melhor do que ninguém como ajudá-lo nesse caso, devem entender de discriminação e preconceito melhor do que qualquer um. (PICAZIO, 1998, p. 55;56)

Todos nós temos uma capacidade afetiva, é inerente do ser humano ter vontade de dar e receber afeto. Quando gostamos de alguém, sentimos a necessidade de estar próximos e demonstrar esse carinho. Essas demonstrações só favorecem a você, a praticar para outros vínculos que com certeza terá na vida. Infelizmente, em nossa cultura dois homens que se gostam são quase que proibidos de demonstrar afeto, por puro preconceito. Mas a emoção tem que sair e sai, geralmente na forma de leves agressões físicas ou de palavrões, ditos num tom de brincadeira, o que é muito estranho, porque vai sendo registrado na nossa vida que afeto e carinho só podem ser demonstrados junto com agressão. É comum homens, que sentem vontade de demonstrar afeto um pelo outro, acharem que são homossexuais. Só a vontade de abraçar o seu amigo não faz de você um homossexual. Para ser homossexual, você teria também que sentir um desejo erótico, que é uma atração física recheada de anseio por intimidade sexual com a outra pessoa. Veja as mulheres, elas demonstram carinho, afeto, trocam toques físicos afetuosos e isso não as transforma em homossexuais. (PICAZIO, 1998, p.58;59)

Pode ser que sim, pode ser que não. Por algum motivo você deve ter eliminado de sua vida a questão erótica e sexual. Não ter uma prática sexual não é problema, desde que seja por opção e não por uma sensação de incapacidade. Agora, é importante que você localize dentro de você para onde vai o seu desejo. Essa inibição em relação ao seu prazer afetivo-sexual pode lhe causar outras dificuldades na vida, como por exemplo se sentir muito diferente de seus amigos, e, conseqüentemente, ir se isolando das pessoas à sua volta. Olhe para você e veja com quem você gostaria de namorar, com quem você gostaria de ter mais intimidade e trocar mais experiências, isso talvez seja o começo de uma descoberta que lhe faça muito bem. (PICAZIO, 1998, p. 59)

Errado não é, você é livre para fazer sexo com quem quiser, desde que seja consentido pela outra pessoa. Acho importante você perceber por que acha mais fácil sair com gays afeminados ou travestis. Se você deseja mulheres, mas tem dificuldades em relação a elas, é importante resolvê-las. Muitas pessoas fazem sexo com quem não se vinculariam emocionalmente. Pode

ser simplesmente por gosto, e talvez isso não lhe cause nenhuma outra consequência, pode ser por dificuldade de envolvimento. Observe-se. (PICAZIO, 1998, p. 60)

Muitas pessoas têm essa dúvida e fazem essa associação. Estão enganadas. Ser gay não é ter vontade de estar com uma mulher e não conseguir, para ser gay você tem que sentir um desejo afetivo-sexual por homens. O que não é seu caso. Você deve estar com perda de ereção, mas não se assuste, isso é comum, apesar de muita gente não ter coragem de enfrentar. Existe solução para o seu problema, que pode ter alguma origem física. É importante que você consulte um médico urologista, para eliminar ou confirmar essa hipótese. Se não existir nada físico, pode ser psicológico. Os motivos mais comuns são: uma inibição em relação à sua performance sexual, ou uma expectativa muito grande para com seu desempenho. Pode ser também culpa por estar fazendo sexo com alguém. Muitas famílias passam a ideia de que fazer sexo é fazer mal ao outro, consulte seu interior, e se não conseguir achar uma resposta, procure um psicólogo para ajudá-lo a resolver isso. (PICAZIO, 1998, p. 60)

O fato de não gostar de ser penetrada não tem associação nem com hétero nem com homossexualidade. Para ser homossexual, você teria que sentir desejos eróticos, afetivos e sexuais em relação a uma outra mulher. Além disso, as lésbicas gostam de penetração. A sua falta de desejo de penetração pode ser por algum problema no seu canal vaginal, você deveria ir a um ginecologista verificar se é isso. Existem muitas mulheres que, por um problema estrutural, sentem um incômodo muito grande na hora da penetração. Eliminada essa hipótese, você tem muitas outras alternativas em que pensar: será que o tamanho do pênis do seu namorado a incomoda? Você se sente à vontade com ele? Transar está resolvido dentro de você? Você não tem medo de engravidar ou pegar uma doença qualquer? Muitas vezes, as pessoas transam e se sentem culpadas, invadidas, o que é sinal de que é melhor olhar para dentro e ver o que esse ato representa na sua mente. Fazer sexo é bom para quem está com desejo e livre para sentir prazer, sem culpas e com responsabilidade. (PICAZIO, 1998, p. 61)

Acredito que você esteja confundido papéis sociais com homossexualidade. Ser homossexual significa ter desejos afetivos e sexuais por alguém do mesmo sexo. Homossexuais, tanto homens quanto mulheres, também têm o desejo de se casarem. O que acontece é que a sociedade ainda exige da mulher que ela se case com um homem, tenha filhos e cuide do marido e, se sobrar um tempinho, só então faça o que tem vontade. É dito para a mulher que, se ela não cumprir com isso, não se realizará, Mas isso é um engano. Mulheres se realizam casando quando têm

essa vontade. Outras se realizam de outras formas. Se você descobriu o que deseja, vá em frente, com certeza você será uma mulher realizada. (PICAZIO, 1998, p. 61)

Existe o mito de que só os gays sentem prazer nessa região. Todos nós sentimos prazer no corpo todo, cada parte de nosso corpo, quando bem estimulada, pode aumentar o nosso prazer. O contato físico já é um estímulo por si só de prazer. A pele das áreas que não ficam tão expostas são mais sensíveis, assim como as regiões onde há uma maior irrigação sanguínea, por isso dão mais prazer, é uma questão física. Existem pessoas que bloqueiam mentalmente essas sensações por preconceito e medo de homossexualidade. Talvez para você seja novidade, mas saiba que existem muitos homossexuais que não sentem nada quando estimulados nessa região. Isso varia de pessoa para pessoa e da capacidade que ela tem de se soltar ao prazer. Ser homossexual não está vinculado a uma região do corpo em que se sente prazer, mas com quem se quer ter esse prazer. (PICAZIO, 1998, p. 66)

Tanto é possível que, infelizmente, vocês estão contaminados. Ele também deve estar mal, porque acreditou no mesmo que você. A mídia foi muito cruel ao dizer que Aids era uma doença de gays, não existe vírus que tenha cérebro e pense: Você é gay? Então, vou entrar em você. Você é heterossexual? Então vou embora. Parece meio infantil, mas é assim que muita gente ainda pensa, as primeiras pessoas a apresentarem a doença eram homossexuais que faziam sexo indiscriminadamente, todo mundo ficou querendo acreditar que Aids era doença de gays promíscuos. A nossa cultura vende a imagem de que o amor pode tudo. Tem muito namorado que fala para a namorada que prova de amor é transar sem camisinha. E, infelizmente, muitas acreditam e correm o risco de se contaminar. Prova de amor é fazer sexo seguro, porque quando amamos alguém queremos o melhor para ele, e não só para nós. Seu namorado pode e deve estar falando a verdade, não teria por que mentir. Ele pode perfeitamente ter se contaminado com uma ex-namorada dele. Investiguem se tiverem vontade, mas acreditar nele também fará muito bem para a relação de vocês. (PICAZIO, 1998, p. 66;67)

Não necessariamente, a maioria de nós tem muita curiosidade a respeito do nosso corpo e do corpo do outro, ficar se comparando faz parte do nosso desenvolvimento físico. Você deve ficar é fazendo inveja para seus amigos. Agora, se sua vontade é de fazer outras coisas com o pinto deles, isso pode significar uma tendência à homossexualidade. (PICAZIO, 1998, p. 67)

Parece que seu amigo tem uma dificuldade grande de assumir o desejo dele. Existe a crença de que só é gay quem dá, mas é um engano. É gay quem sente desejo em relação a outro homem, não importando se ele come. O seu amigo deve ter se assustado quando percebeu que você também tinha vontade e que percebia o prazer dele. Isso deve tê-lo assustado muito. Nem todo mundo reage da mesma forma que você. Você teve coragem de assumir o seu desejo, o que é muito bom para você. Talvez ele demore mais um tempo para assumir o tesão que sentiu, ou iniba esse desejo levando uma vida com medo de suas possibilidades em relação à sua sexualidade. (PICAZIO, 1998, p. 67;68)

Não necessariamente. Você já se perguntou se a sua avó também era lésbica? Hoje em dia as pesquisas estão descobrindo que existe um fator hereditário na homossexualidade, mas não se sabe ainda a extensão disso. E, mesmo que seja verdade, isso não significa que você obrigatoriamente terá a mesma orientação que a sua mãe. Acredita-se que a herança genética propicie uma predisposição e não uma garantia. É necessário levar em conta outros fatores, como os psicológicos e os sociais. Mais importante é você perceber que sua mãe é uma pessoa de coragem e que batalha pelas verdades. Aprenda isso com ela, com certeza você será uma pessoa também muito legal, independentemente da orientação que tenha. Não fique com medo de ser isso ou aquilo, o importante é ser verdadeira e honesta consigo mesma, como sua mãe está sendo com ela e com você. (PICAZIO, 1998, p. 68)

Você tem uma atitude sexual homossexual e uma atitude afetiva heterossexual. Duas coisas podem estar acontecendo. A primeira delas é que fazer sexo com outro homem pode não fazer você sentir-se homossexual, só quando deseja também emocionalmente esse homem, é que viria o sentimento de ser gay, você pode estar negando isso.

Outra hipótese, é que pode ser difícil para você entrar em contato com o corpo de uma mulher, por receio de seu desempenho pelo desconhecido, por uma sensação que não vai satisfazê-la, ou talvez porque você tenha tido uma educação rígida a respeito de como o homem deve respeitar uma mulher. Pense nessas hipóteses. (PICAZIO, 1998, p. 68;69)

Não sei se você está falando de um jeito mais afeminado de seu amigo ou se está falando que ele gosta de homens para ter relacionamentos mais íntimos. Se ele gosta de homens para relacionamentos íntimos, você só será igual se também tiver o mesmo desejo. Quanto ao jeito meio veadinho, que chamo de afeminado, você só terá se imitá-lo, assim como a gente imita o

jeito de nossos pais, de um ídolo, de um personagem de televisão etc. (PICAZIO, 1998, p. 69)

Não necessariamente. Dar um beijo, sentir um carinho especial não é a mesma coisa que ser homossexual. Você pode só estar tendo formas mais livres que as outras pessoas para manifestar o seu afeto. O que poderia determinar, se o seu desejo é homossexual, seria se essa demonstração viesse recheada de conteúdos eróticos. (PICAZIO, 1998, p. 69)

Associa-se homossexual ao papel de homem sensível. Muitos gays até são sensíveis mesmo, mas existe uma grande parte que não é romântica e nem vaidosa. Para ser homossexual, você teria que ter desejos afetivos e sexuais por outro homem. O que deve ocorrer é você mesmo ou outras pessoas cobrarem de você comportamento típico do macho, que é insensível, o bruto, o nada romântico, continue gostando e sendo do seu jeito, não importando se você é ou não homossexual. Com certeza você encontrará pessoas parecidas com você e que vão gostar do seu jeito. (PICAZIO, 1998, p. 69;70)

Em primeiro lugar, parece que o seu problema não é com apertos, mas sim com quem aperta você. Acredito que algo deve estar acontecendo em relação aos meninos dentro de você. Acho importante você olhar e ver o motivo de tamanha rejeição e da dificuldade em lidar com eles. Ser homossexual não significa rejeitar o sexo oposto, mas não ter desejo por ele. Reflita sobre isso. Se não conseguir esclarecer sozinha, procure ajuda de um profissional. (PICAZIO, 1998, p.70)

Ninguém vira nada, o que pode acontecer é você desvendar esse sentimento dentro de você, se ele realmente existir. Também pode ser apenas uma curiosidade, e você simplesmente desencanar depois de experimentar. Mas tem outra coisa importante acontecendo: a sua amiga está amando você. Cuidado para não entrar com curiosidade e ela pensar que você está correspondendo a esse amor. O seu sentimento pode ser só de amizade. É muito importante termos honestidade emocional com a gente e com o outro. (PICAZIO, 1998, p.70)

Não, o fato de uma mulher gostar de um esporte que até há pouco era praticado só por homens não a torna uma lésbica, e sim uma mulher que gosta de jogar futebol. A homossexualidade feminina não está vinculada a comportamentos tidos como típicos masculinos, ela está no desejo afetivo-sexual em relação a uma outra mulher. (PICAZIO, 1998, p. 71)

Virar ela não virou, quando muito, sempre foi. Mas podemos levantar duas possibilidades: a primeira é que, se for verdade a sua hipótese, ela está tendo um comportamento favorável para que você pergunte. Ela não parece estar escondendo nada, só não declarou verbalmente isso a você. Pode estar esperando que você queira saber a resposta. A segunda é que a sua mãe acabou de se separar de seu pai, e talvez esteja precisando de uma amiga para desabafar. Olhe para estas duas opções e vá em frente. Converse com ela. É muito importante que vocês se aproximem, principalmente agora que seus pais se separaram. (PICAZIO, 1998, p. 71)

É difícil ter desejos diferentes daqueles que a sociedade determina como certos ou errados, masculinos ou femininos. É um direito seu não gostar de certas peças ou adornos típicos femininos; ainda se diz às meninas que ser mulher é ser delicada, meiga, doce, que ser mulher é ter uma família, marido e filhos, cuidar da casa e talvez, se sobrar um tempinho, ter um trabalho, mas que não atrapalhe seus deveres de esposa e mãe. Pode ser que seu desejo seja o de ser esposa e mãe, não tem problema nenhum se realmente o for. Mas, ser mulher não é corresponder às expectativas em desempenhar papéis de vida esperados. Ser mulher é ter vontade e ser quem você quer ser. Ser mulher é conseguir o que seu desejo lhe pede. Você já está sendo. (PICAZIO, 1998, p. 71;72)

Ótimo você ter amigos gays, isso demonstra que você é uma mulher de conceitos e não de preconceitos. Eles devem gostar muito de você e fazer brincadeiras com relação ao seu desejo. Vejo que isso não é problema para você, porque na verdade gosta de homens, só que de homens que não pode ter. Isso sim é importante e merece ser visto. Alguma coisa a deve estar impedindo de ter sucesso num relacionamento amoroso. Pode ser que essa vontade de estar com um gay esteja vinculada ao modo como ele lhe demonstra carinho, afeto. Talvez você esteja procurando um namorado assim como seu amigo, que respeite o seu movimento em relação ao sexo. É raro encontrar homens héteros assim, mas não é impossível. Existem aqueles que não têm medo de ser afetuosos e de demonstrar seus sentimentos. Procure, você deve ser especial, com certeza encontrará alguém. (PICAZIO, 1998, p.72)

Você não querer transar com ele é uma opção sua, a relação sexual deve ser praticada com quem temos vontade e quando estamos prontos para isso. Sexo não é prova de amor. É prova de tensão, e não é sempre que queremos vivê-lo. Seu namorado está fazendo chantagem com

você, parece que ele quer confundi-la para alcançar o objetivo dele. Pense que talvez o seu problema seja o namorado e não o que ele te diz. (PICAZIO, 1998, p. 72;73)

Não necessariamente. Em fantasia tudo é possível e acontece do jeito que imaginamos. Já na realidade as coisas são diferentes, existe o desejo do outro e fatores externos que não controlamos. Não querer viver essa fantasia pode ser sinal de que você tem consciência do que quer na realidade. Outra alternativa é a de que você esteja negando agir conforme seu desejo. Reflita, seja sincera com você mesma e terá uma resposta. (PICAZIO, 1998, p.73)

Com certeza você gosta de seu amigo. Além de sentir amor por ele, essa situação o estimula e provoca em você prazer erótico. (PICAZIO, 1998, p. 78)

É muito bom que você já saiba o que quer, é o primeiro passo para conseguir encontrar alguém. Existem bares e boates em que a maioria dos frequentadores são homossexuais, pode ser uma experiência interessante para você conhecer algum. Mas lembre-se de que muita gente à sua volta é homossexual, só que ainda sem reconhecer, talvez disfarçando. É muito provável que nem todas as suas colegas estejam tão interessadas assim por meninos, fique alerta e alguém vai aparecer. (PICAZIO, 1998, p. 78)

Claro que sim, você já deve ter claro o seu desejo. Compare-se com seus amigos, não são vários que querem uma menina, sem nunca terem transado com uma? É a mesma coisa. Você sabe que deseja um homem, tem vontade de namorar um, mesmo sem nunca ter tido uma experiência. Procure alguém legal e viva a sua verdade. Boa sorte. (PICAZIO, 1998, p.79)

Porque, para ele, assumir o desejo sexual deve ser muito complicado. Você deve lembrá-lo de algo de que ele está tentando fugir. Ele xinga você, como se estivesse olhando para o espelho, você é a imagem que ele não quer ver. Muitas pessoas que negam o desejo têm atitudes semelhantes às desse rapaz e, quando o desejo transborda, elas perdem o controle e vivem desenfreadamente a sua sexualidade. Por exemplo, existem muitos homens casados que falam mal e fazem piadas de gays, tentando negar o seu próprio desejo. Só que vontade é vontade e chega uma hora em que vivem da forma mais desorientada possível, saindo com rapazes de programa, indo a saunas e a outras tantas alternativas. Você está sabendo lidar melhor com a sua sexualidade do que seu colega. Parabéns. (PICAZIO, 1998, p. 79)

Sem dúvida ele já era gay. O que talvez tenha ocorrido é que ele ainda não Tinha isso claro dentro dele. São diferentes os caminhos de aceitação de cada um. É importante você perdoá-lo e quem sabe, hoje, não poderiam ser bons amigos. Quanto a raiva de gays, tilUit0S tem essa raiva por medo de serem. Talvez eles façam u til monte de confusões a esse respeito, como, por exemplo, se eles forem sensíveis é porque são veados... e outros porque realmente são e não conseguem admitir isso para eles. Quem está tranquilo com sua sexualidade não tem medo de ser gay. Sabe que não gosta então não corre 0 riscos de se descobrir. (PICAZIO, 1998, p. 81;82)

Primeiro, perceba que você não a tem como gostaria. Depois, reorganize a sua perda. Se você está demorando tanto tempo para contar a ela, é porque talvez saiba que, no fundo, ela não gostaria de você como namorada, e sim só como amiga. Se você ainda tem dúvidas, vá devagar. Pergunte o que ela acha de duas mulheres juntas e, pela resposta, meça se você pode ter um pouco mais de segurança, caso venha revelar a sua paixão. Sei que paixão não se questiona, mas pense sobre o motivo de você estar ligada a alguém que não consegue ter. Isso pode ser uma forma de você esconder algo que não tem muita coragem de viver. Você pode ter assumido um desejo, mas estar com dificuldade de assumir uma ação. (PICAZIO, 1998, p. .82)

Não, a culpa não é de ninguém, O que seu amigo pode ter feito é despertado algo em você que de qualquer jeito um dia despertaria. Ter essa vontade com outras pessoas é consequência de uma emoção que vem de dentro de você, não é uma pressão externa. Veja se seu desejo com as meninas mudou, ou se você descobriu uma forma a mais de sentir prazer. Algumas pessoas nascem com a capacidade de gostar de homens e de mulheres, igualmente. Converse com você mesmo. Se não conseguir respostas, procure um profissional ou alguém que você ache que tenha uma cabeça aberta e que possa ajudar a clarear mais os seus sentimentos. (PICAZIO, 1998, p. 82;83)

Porque a criança não tem o erotismo desenvolvido como o adulto. A carga erótica dos atos está vinculada a um processo de amadurecimento biológico, chamado puberdade, que é a fase em que os hormônios começam a circular no sangue em maior quantidade, definindo as características secundárias sexuais, como barba nos meninos e mamas nas meninas. A pessoa vai ficando pronta para uma resposta sexual adulta, acompanhada de sensações que antes não tinha. Com este amadurecimento, o troca-troca não se caracteriza mais como uma brincadeira infantil, e sim como uma relação homossexual, porque já existe uma carga erótica e uma

prontidão física para uma resposta sexual plena. Mas ela continua sendo natural e pode, sim, ser praticada. (PICAZIO, 1998, p. 83)

Não, não é verdade. Existem pessoas que pensam mais em sexo que outras, independentemente de sua orientação sexual. No caso dos gays, o que acontece é que se trata de uma cultura exclusivamente masculina, e homens, tanto hétero como homossexuais, são educados para viver e falar mais de sua sexualidade que as mulheres. Nos casais heterossexuais, as mulheres refreiam um pouco esse impulso, não porque elas não pensem ou não falem de seus desejos, mas porque foram criadas dessa maneira. Nos casais de gays, não há essa inibição, e o comportamento masculino fica mais evidente. (PICAZIO, 1998, p. 83;84)

Pode ser que alguns de seus colegas o tenham procurado por curiosidade. Outros por também serem gays, mas não conseguem admiti-lo na frente dos outros. Muitas vezes, as pessoas têm relações sexuais com outras motivadas não pelo desejo erótico, mas sim para compensarem outras frustrações e complexos com os quais não conseguem lidar. É comum verem-se héteros procurando homossexuais, para a prática de sexo, motivados por uma sensação de incapacidade em relação às mulheres, para punir o gay, para reforçar sua masculinidade. Importante é você perceber qual a real intenção de seus colegas. (PICAZIO, 1998, p. 84)

O esforço que seus pais tiveram talvez tenha sido bom, porque você aprendeu vários esportes e defesa pessoal. Talvez você tenha até perdido um pouco seu jeito afeminado, mas seu desejo continuou intacto. O que poderia transformá-lo em heterossexual seria um transplante de desejo, mas isso não existe. Muitas vezes as pessoas negam o seu desejo e tentam levar uma vida heterossexual, que infelizmente será sempre de baixa qualidade, porque este não é o natural desses indivíduos. (PICAZIO, 1998, p. 84)

Até pouco tempo atrás, o papel esperado da mulher era a procriação. Se ela não cumprisse essa função, de pouco servia a sua existência. A mulher praticamente não existia como ser, era o complemento de um homem, tanto que muitas mulheres tinham como objetivo de vida casar, ter filhos e cuidar do marido, em todos os sentidos. Era esperado que o seu papel fosse exclusivamente esse, não importando se seus desejos correspondessem ao esperado. De 25 anos para cá, isso vem mudando. A mulher vem buscando seus espaços e se afirmando como um ser, que não existe simplesmente para complementar o homem, mas com objetivos de vida e desejos próprios. Realizar-se hoje em dia como mulher é o mesmo que realizar-se como

homem, é conhecer seus desejos e vontades, buscar seu desenvolvimento e expandir-se com conhecimentos, intelectual e emocionalmente. Ter filhos é uma realização para quem sonha e deseja tê-los. Se os pais sonham com netos ou crianças, esse é um desejo deles e a realização deveria vir deles mesmos. (PICAZIO, 1998, p. 87;88)

Vamos por partes, existem vários motivos para as pessoas serem agressivas com homossexuais. Alguns temem olhar para dentro de si e achar esse mesmo desejo. Outros porque sabem que possuem esse desejo, mas o negaram a vida toda, fizeram um esforço enorme para mudar seu caminho, o que não os deixa felizes, e agora querem que todos façam igual. Outros, por ignorância, não sabem que a homossexualidade não pega, não é uma doença, não ameaça a família. Acreditam que no mundo só existe uma verdade, a deles. Essa agressividade é proposital, tendo a intenção de fazer os homossexuais se recolherem, para que eles, os agressores, não tenham de lidar com seus limites.

É necessário se defender, mas não se esconder. Agir como um fora-da-lei é doloroso e vai minando a autoestima. Sair para a agressão é reagir de uma forma que não leva a lugar nenhum. Talvez a melhor forma de não se esconder e de se defender de agressões seja divulgar informações claras sobre a homossexualidade, pois assim as pessoas obtêm subsídios para quebrar preconceitos e formar conceitos. Faça a sua parte com os amigos perto de você, isso pode ajudar, e muito, a eliminar a ignorância das pessoas sobre o assunto. (PICAZIO, 1998, p. 88)

Sua situação é realmente muito difícil, se matar ou fugir de casa, com certeza, não são boas soluções. O que você não pode é ficar guardando essa verdade só para você. Acredito que o ideal seria você buscar a ajuda de um profissional, um psicólogo, por exemplo, em quem você pudesse confiar e desabafar. Você pode também tentar procurar algum grupo entre os listados no final deste livro, para encontrar gente que já passou pelo que você está passando. Você deve estar sofrendo muita pressão, não exagere a sua capacidade de aguentar, temos que ser fortes até um certo ponto, depois precisamos de alguém que nos ajude.

Infelizmente, para muitos pais o valor de um filho está em com quem ele faz sexo. Isso é muito pequeno da parte deles, você precisa aprender a ser diferente. Aproveite a situação e perceba que há outros valores muito importantes que devem ser vistos em uma pessoa, não se julgue menor por ter esse sentimento em relação a outros homens. Você é igual a todos e tem direito de ser feliz como qualquer ser humano. Hoje talvez você não veja uma solução, mas amanhã tudo pode ser diferente. Calma, você chega lá. Acredite nisso!!! (PICAZIO, 1998, p. 89)

Não costuma passar, não. Admitir o desejo, ao contrário do que se pensa, é a melhor forma para se conseguir lidar com o impulso descontrolado que o impele para a ação. Esse disfarce que você adota está na verdade só aumentando a energia da ação. É muito difícil admitirmos um desejo sexual por pessoas do mesmo sexo, principalmente quando tantos preconceitos estão envolvidos nisso. Já está em tempo de você olhar com muito carinho para seus desejos, porque, pelo seu relato, você pode estar se colocando em situações de risco. Você pode estar se expondo a contaminar-se por doenças sexualmente transmissíveis, inclusive Aids, porque, da forma como esses encontros sexuais têm acontecido, é difícil ter tempo para pensar em sexo seguro. Talvez esses encontros deem uma sensação de alívio imediato, mas logo em seguida aumenta o vazio e a insatisfação, comece admitindo a sua verdade. Se for muito difícil, procure ajuda de um profissional para lidar com isso mais detalhadamente, pense e perceba que a vida vale a pena, principalmente quando vivemos de acordo com quem realmente somos. (PICAZIO, 1998, p. 93)

Religião é um negócio complicado, porque em geral existem duas coisas diferentes: aquilo que o mestre, profeta, iluminado ---- no caso do cristianismo, Jesus — disse, e o que seus pastores e seguidores interpretam. Se você olhar com atenção, a maioria dos grandes mestres prega o amor, a compreensão, a honestidade, a justiça. Religião é ligar-se com Deus, e Deus costuma dizer, pela boca de seus escolhidos, que o importante é a honestidade interior ou, como disse Jesus, a pureza do coração. Muitos pregadores tomam essas palavras e as interpretam como querem, de acordo com o que eles mesmos acham do mundo. Você precisa então confiar mais na sua própria pureza, acreditar que também é filho de Deus, e deixar que o seu interior o guie para o que é pecado e o que não é. Não acredite em tudo o que dizem por aí. Mais especialmente, não acredite em quem não tem atos mais puros que as palavras. E, se você é cristão, leia o que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade. Você verá que pecadores são os intolerantes, não quem quer amar. (PICAZIO, 1998, p. 94)

Está. Você é um gay que gosta de esportes radicais, não está a fim de ser arrumadinho e gosta de outro tipo de papos! Tem muita gente que faz essa confusão, mas na verdade não existe uma personalidade homossexual. Você pode continuar gostando de tudo o que gosta e não se identificar com uma série de coisas com que outros gays se identificam. São os seus interesses pessoais. Um campeão olímpico de salto ornamental, Greg Louganis, escreveu uma biografia se assumindo como gay. Aliás, são tantos os gays e lésbicas que gostam de esporte, que foram

criadas as Olimpíadas Gays, de que só participam, evidentemente, atletas homo. São também muitos os surfistas americanos, que competem no Havaí, que são gays. Continue gostando do que você gosta, não se preocupe em ser diferente dos gays que você vê. Com certeza você irá encontrar em seu caminho outros gays iguais a você. (PICAZIO, 1998, p. 94;95)

Quando você faz essa pergunta, acredito que você queira saber: será que existem homens com capacidade afetiva? Será que alguém vai querer namorar você? Acredito que homens e mulheres são infiéis e fiéis, acho que o importante é você descobrir onde está buscando essas pessoas, como está se mostrando para essas pessoas. Acho que o encontro pode existir tanto entre héteros quanto entre homo. Homens de uma maneira geral são mais sexualizados e infiéis. Tendem a mostrar seu afeto, sua sedução, sua capacidade de poder sempre por intermédio da sexualidade. Entre dois homens, a relação tende a ser mais erotizada. Outra dificuldade de encontro afetivo é que nem todos os homossexuais, principalmente os jovens, têm clareza e segurança para admitir seu desejo. A grande maioria se sente culpada e tende a ter relações esporádicas, sem vínculos afetivos, para fugir de uma verdade interna que ainda não tem coragem de assumir. Você já sabe como é sentir atração e vontade afetiva e sexual por alguém, pode até ser que você consiga sentir alguma coisa por uma mulher. Mas estaria enganando o seu desejo natural e, com certeza, correndo o risco de ser infeliz. É importante perceber que a dificuldade de relação não é sua, e sim da outra pessoa. Pense se essa vontade de ver uma mulher não está vinculada só ao fato de ser difícil encontrar um parceiro ou é uma insatisfação em relação à qualidade do seu desejo sexual e afetivo. Coragem na sua busca! (PICAZIO, 1998, p. 95)

Falsificar total ou parcialmente documento público, ou alterar documento público verdadeiro, é crime, punido com reclusão de dois a seis anos e multa. Se você alterar os dizeres, números, letras etc. de sua carteira de identidade, inclusive pela troca de fotografia no documento, e fizer uso do documento, você estará praticando crime de falsificação. Se você fizer desaparecer palavras, números, letras ou destruir parte da sua carteira de identidade original, estará cometendo crime de supressão de documento, punido com a mesma pena do crime de falsificação. Tome cuidado. As pessoas que evitam ter contato sexual com menores de idade também estão corretas em sua cautela. A lei considera corrupção de menores, quando maiores de 18 anos têm relações sexuais (hétero ou homossexuais) com menores de 18 anos, não importando o sexo do adolescente. Para facilitar a sua vida, tente encontrar parceiras da sua idade, porque isso não é crime, ou espere até fazer 18 anos. (PICAZIO, 1998, p..96)

Não. Você não é anormal nem veado por estar apaixonado. Infelizmente, a grande maioria das pessoas ainda considera algo anormal, um homem que se apaixona por outro porque confunde afetividade com desejo afetivo-sexual. Explico. Desejo afetivo-sexual é o que acontece quando estamos apaixonados pela pessoa que queremos namorar e ter intimidades físicas com ela. Afetividade é um carinho muito grande que pode até ser amor, mas sem desejo por intimidade física. No seu caso, parece que o que você sente por seu amigo é uma grande afetividade, que vem na forma de paixão. Talvez seus pais tenham sido precipitados e não tenham perguntado a você a extensão de seu sentimento em relação ao seu amigo. (PICAZIO, 1998, p. 99;100)

Liberdade para amar é você que quem tem que se dar. As pessoas, por preconceito ou ambição, tentam impedir as outras de muitas coisas, colocam normas e regras desnecessárias, inventam valores. Mas cabe a nós analisarmos o que nos serve e quais dessas regras vamos transpor. Presentes podem ser bons, mas conquistas são melhores ainda. Conquiste o seu direito de amar. (PICAZIO, 1998, p.100)

Podemos pensar um pouco sobre o que é virgindade. Pelo aspecto físico, perder a virgindade é romper uma película que fica na parte interna da vagina, o hímen. No aspecto social, perder a virgindade significa ter intimidades físicas com alguém. No aspecto psicológico, perder a virgindade geralmente é a sensação de que se deixou de ser menina, inocente, e que se abriu a porta do que é ser mulher. Aí você já está indo em direção a ter um amor, a viver a realidade de um desejo das entranhas, porque são inéditas as reações e possibilidades de seu corpo. Isto você pode sentir tanto com um homem quanto com uma mulher. Com esses enunciados, descubra a sua resposta. (PICAZIO, 1998, p. 100)

Felipe, dói muito ser diferente e sentir-se rejeitado. Sei que não é consolo, mas assim como você existem muitas outras pessoas que sofrem a mesma discriminação. Acredito que ajudaria muito se você compartilhasse a sua dor com quem também a sente. Existem grupos e lugares onde você pode encontrar amigos e trocar formas de como lidar com esses sentimentos tão dolorosos. É muito importante você perceber que fugir de casa não adiantará nada, o problema continuará com você. Pensar em se matar é fugir de uma vida que pode lhe trazer muita felicidade. Muitas vezes não escolhemos o alvo de nossa felicidade, mas podemos escolher a forma com que vamos percorrer esse caminho. Essa dor passará se você se ajudar. Busque

ajuda e não se sentirá tão só. Enfrentar essa dor é a melhor forma de se sentir mais forte, mais potente, mais dono de sua vida. (PICAZIO, 1998, p.101)

Você pode viver isso agora. É importante você perceber que talvez seus pais precisem de um tempo maior para se adaptarem a uma realidade com a qual, com certeza, não contavam. A sociedade também se assustará e demorará um certo tempo para respeitar o seu jeito, porque, mesmo sem existir nenhuma lei que a impeça de namorar uma mulher, muitas pessoas vivem e agem como se isso fosse ilegal, E difícil enfrentar os preconceitos sociais. Você tem essa coragem, proteja-se, mas não se esconda. (PICAZIO, 1998, p. 101;102)

Muita gente acredita que uma pessoa é homossexual porque nunca esteve com uma pessoa do sexo oposto, ou porque tem medo. É esperado, socialmente, que um homem seja hétero, e quando isso não acontece as pessoas pensam que algo o desviou do caminho. Transar com uma mulher é considerado uma prova de que se é macho. O que as pessoas não sabem é que grande parte dos gays já fez sexo com mulheres sem ter problema e até chegaram ao orgasmo, e um maior número ainda de lésbicas já transou e até casou com homens. Só que, por serem homossexuais, não sentiram um desejo erótico na relação heterossexual, o ato foi feito de forma mecânica ou muitas vezes estimulado por fantasias homossexuais. Homens e mulheres homossexuais não são heterossexuais frustrados. São simplesmente pessoas que têm desejos afetivos e sexuais por outras do mesmo sexo. (PICAZIO, 1998, p. 102)

É verdade, seu namorado é maior de idade e, portanto, pode acontecer de ficar caracterizado o delito de corrupção de menores. Seus pais podem representar ou oferecer queixa perante a autoridade policial contra seu namorado até 6 meses após tomarem conhecimento de fato. Se eles só tomarem conhecimento após você fazer 18 anos, eles podem representar ou oferecer queixa até 6 meses depois. Isto é, até você completar 18 anos e 6 meses. Depois deste tempo, não poderão queixar-se perante a autoridade policial. Essa lei vale também para relacionamentos heterossexuais. (PICAZIO, 1998, p. 102;103)

O ato de você sair com seu namorado de mãos dadas, demonstrando seu afeto e carinho com beijos e abraços, não tem nada de ilegal. Homossexuais e heterossexuais devem sempre manter suas manifestações de carinho dentro de parâmetros que não ofendam a moral e o pudor coletivo, ou seja, que não criem sentimentos de mal-estar ou vergonha. As mudanças na sociedade ocorrem à medida que as pessoas tomam conhecimento de seus direitos e de suas

obrigações, e os exercem. A discriminação é fruto da falta de respeito e educação para com seu semelhante, mas pode ser mudada. Tanto que há vários países do mundo, como a Holanda e a Dinamarca, em que ninguém nem olha se dois homens saem abraçados pela rua. (PICAZIO, 1998, p. 103)

Vai poder viver em paz quando você parar de esperar uma autorização externa para ser feliz. Leve a sério os seus desejos, afinal eles são seus. Coloque limites nas brincadeiras e assuma sua verdade. Paz é estado de espírito que se conquista com nossas atitudes, Perceba se também não está em você a dificuldade em desenvolver uma relação afetiva com outro homem. Muitas vezes culpamos o social quando na verdade a dificuldade é nossa. (PICAZIO, 1998, p. 103;104)

É difícil, mas penso que não mentir pode ser um bom começo. Continue sendo verdadeiro com você mesmo, acredito que isso é um valor seu e muito importante na vida. A verdade incomoda muita gente, mas é importante para quem a diz, além de dar força e trazer alívio. Explique o seu desejo à sua mãe, caso sinta que ela é capaz de entender. Diga que não é uma opção, é um desejo que vem de dentro e muito maior do que uma escolha aleatória. Fale que ela não tem motivos para se culpar porque não existe culpado nessa história, desejo é desejo, e esse é o seu natural. E orgulhe-se de você. E preciso ter muita coragem para assumir que se é diferente quando todos exigem uma igualdade. (PICAZIO, 1998, p. 104)

Porque, de uma forma geral, as pessoas ficam mais preocupadas com a vida e felicidade dos outros do que em buscar soluções para a sua própria felicidade. Muita gente tem medo de amar ou de ser amada, o que também a torna diferente dos outros. Você pode e deve se aproximar de quem você acha que realmente vá fazê-lo feliz. Perceba se você não está dando abertura demais, para que as pessoas invadam o seu espaço e deem palpites demasiados em sua vida. Às vezes, colaboramos para nos distanciar de nossa paz, dando muita atenção aos outros e esperando aprovação para nossos atos. A paz é a solução de algo que nos aflige, por isso é alcançada de diferentes maneiras. Mudar o mundo para alcançar paz muitas vezes é impossível. Mas podemos mudar pequenas atitudes pessoais e alcançá-la internamente. (PICAZIO, 1998, p.104;105)

A capacidade de ser pai não está vinculada à orientação sexual de uma pessoa, mas à predisposição interna e externa para desenvolver e desempenhar esse papel. Pai e mãe perfeitos não existem, porque aprendemos mais na própria relação com a criança. Todas as

crianças têm necessidades que são básicas, como afeto, educação, alimentação, lazer etc. Mas cada um é único e por isso necessita de diferentes atenções para melhor se desenvolver. Perceber isso é o que fará você ser um bom pai. No seu caso específico, acredito que dar condições para que seu filho lide melhor com preconceitos, que possa sofrer por ter um pai gay, seja a atenção especial a que me refiro. (PICAZIO, 1998, p. 105)

Esse é um discurso muito comum entre as pessoas que são homofóbicas. O único motivo que poderiam ter, e que é real enquanto verdade biológica, é o de que casais do mesmo sexo não procriam. Mesmo assim, penso que, se um casal heterossexual optar por não ter filhos ou um dos pares não for fértil, não será visto pela sociedade como um casal que ameaça a família. Homossexuais constituem um tipo de família. Muitos se sentem casados com seus pares, outros tantos moram juntos, adquirem bens em sociedade e tudo o que qualquer casal hétero faz. Os Outros componentes da uma família homossexual são os amigos que, geralmente, são muito próximos e solidários, dando o apoio que a família muitas vezes não dá. Se alguém ameaça alguém, creio que é a família quem agride os homossexuais, e não o contrário. É nela que reside o preconceito, fruto da ignorância, que torna a vida do gay ou da lésbica um verdadeiro caos psíquico. É a família que não sabe lidar com o assunto, tendendo a segregar o filho ou a filha homossexual. Pais e mães se distanciam, rejeitam o adolescente, e esse vai sentindo que para ser aceito terá que ficar subjugado à vontade deles. Nesse momento, a família, que deveria ser o ambiente mais acolhedor para qualquer de seus membros, transforma-se numa ameaça de aceitação ou rejeição brutal. (PICAZIO, 1998, p.105;106)

Para aceitar o filho ou a filha, é necessário abrir mão dos sonhos e perceber que, mais do que nunca, filhos são independentes, têm vontades próprias e muitas vezes não vão corresponder às suas expectativas. É importante perceber que o problema está na sociedade e não nos filhos, que não existem culpados ou inocentes, vítimas ou algozes, e sim pessoas com diferentes desejos. E que elas podem ser vitais para ajudar seus filhos a lidar com sua sexualidade. Pais amam os filhos e filhos amam os pais, mas é condição para o fortalecimento do amor que haja diálogo, transparência, aceitação, respeito pela individualidade e tolerância para com as diferenças. O amor não deve ser tão frágil a ponto de não suportar uma diferença. (PICAZIO, 1998, p. 109)

Dê um tempo para os seus pais, eles devem estar assimilando esse novo dado da vida familiar de vocês. Mesmo que já desconfiassem, quando a coisa se torna real, demora um tempo até

que possam organizar as ideias internamente e saber o rumo que as coisas irão tomar. Às vezes, as pessoas fazem perguntas, mas não sabem como lidar com as respostas. No seu caso deve ter acontecido isso, você deve ter percebido que o seu desejo era diferente do dos outros, ter dado um tempo e aí partido em direção do que você queria. Cada qual lida com as verdades de uma forma e precisa de tempo para lidar com elas. Tenha calma, espere um pouco, tente ver esse silêncio como o tempo de que eles precisam e não como negação a você. (PICAZIO, 1998, p. 109)

Se você a levar a um psiquiatra competente, este também dará o mesmo diagnóstico que o do psicólogo. Vejo que você tem um problema de aceitação muito grande. Acredito ser de grande valia investigar os motivos dessa negação. Pode ser que você se culpe pela educação que tenha dado a ela, que sinta que suas expectativas e sonhos a respeito da felicidade dela tenham acabado. Isso deve ser dolorido, mas será ainda mais dolorido, para a sua relação com sua filha, se não encarar essa realidade. Converse com ela e com um profissional, vocês poderão esclarecer muita coisa juntos. (PICAZIO, 1998, p. 110)

Impedir seu filho de ter amigos pode ser um belo começo de um mau relacionamento entre vocês. Ter amigos e cultivar vínculos afetivos é bom para qualquer ser humano, se o seu filho tem um amigo com quem se identifica e que é seu companheiro, isso só pode ser bom. Percebo que seu medo é de que ele possa se transformar em homossexual. Posso lhe assegurar que esse medo não tem fundamento. Se o seu filho tiver tendência para a orientação homossexual, a razão para isso não será um amigo muito próximo (o que é muito natural, principalmente nessa idade) e você não poderá fazer nada a respeito.

A senhora deve estar também preocupada com a educação que deu a ele, saiba que muitas crianças não têm pai ou mãe e isso não as transforma em homossexuais. O importante para um desenvolvimento afetivo saudável de uma criança ou de adolescente é a imagem que passamos a respeito da pessoa que não está presente, no seu caso, o homem, o pai do menino. É muito importante, para os filhos, não generalizar as pessoas, como por exemplo, dizer que todo homem não presta ou é infiel, o que só acarreta preconceitos. Importante também é que mostremos que as pessoas são diferentes, reagem de maneira diferente e que todas podem ser de bom caráter e levar a vida com dignidade. Ensine o respeito pelo outro, independente de sua orientação sexual, cor, religião etc., e estará ajudando muito o seu filho. No mundo cabem várias verdades, que devem ser todas respeitadas por nós. (PICAZIO, 1998, p. 110;111;112)

Claro que não. Para a grande maioria dos pais é muito complicado ver um filho junto com outro homem, as expectativas de macho se referem também ao filho. A população leiga ainda vê como anormal esse tipo de experiência ou de orientação, e o seu pai não deve entender os seus sentimentos. Acho importante vocês conversarem e você deixar claro para ele o que estava acontecendo, como você se sente, as suas dúvidas e certezas. Diga a ele que você sabe o quanto é difícil aceitar isso, você deve lembrar o quanto foi difícil para você mesmo. Diga a ele que nem você nem ele têm culpa de sua orientação sexual ser homossexual. E que o mais importante é a forma com que você leva a sua sexualidade e sua vida como um todo. Talvez, para ele, continue sendo muito difícil conviver com isso, e aí vocês precisem encontrar um meio termo para poderem conviver em paz até que você possa se sustentar e viver sua vida com mais liberdade. Não entenda a atitude dele como um desamor, mas como um limite dele que, quem sabe um dia, possa ser superado em função do amor que ele sente por você. (PICAZIO, 1998, p. 112)

Muitos pais dizem isso, mas é claro que não é verdade. A maioria deles acha que homossexualidade é um desvio, uma doença ou coisa parecida. Eles não têm conhecimento de que a homossexualidade não é doença nem desvio, que é natural em algumas pessoas como a heterossexualidade é natural para outras. Acham também que erraram em alguma coisa na educação, acreditam que houve uma falha da parte deles, porque também não sabem que homossexualidade não se ensina e tampouco se contrai, provavelmente tiveram, desde que os filhos nasceram, uma expectativa a respeito de seu futuro. É comum que os pais se projetem nos filhos e desejem que sejam um prolongamento da vida deles. É muito raro pais aceitarem os filhos como pessoas autônomas, que vão desejar coisas diferentes e ter outros valores e gostos. Dizem que criam o filho para o mundo, mas desde que seja o mundo que eles escolheram. E, por último, muitos pais sofrem, porque acham vergonhoso ter um filho ou uma filha homossexual. Os motivos dessa vergonha são os mais variados, desde o que a vizinha pode falar, até olhar para o próprio desejo homossexual reprimido. Mas todos esses sentimentos podem ser mudados, se desejarem manter um relacionamento com seus filhos e se dispuserem a abrir a cabeça para novas ideias. (PICAZIO, 1998, p. 116;117)

Você deve se sentir muito mal com tudo isso. Vamos por partes. Talvez a sua família já tenha percebido que exista algo de diferente em você, mas com certeza não sabe como lidar com isso. No começo foi uma cobrança de namoradas, um método indireto para fazer com que você correspondesse às expectativas deles. Num segundo momento, também de maneira indireta,

mas menos sutil, estão querendo mostrar os limites deles, é quase como se dissessem: Olhe, não conte para nós que você é gay porque não aguentaríamos. Parece que eles têm uma série de opiniões preconceituosas que contribuem para que enxerguem a homossexualidade como problema. Com certeza, pelo menos nesse momento, eles não saberiam como lidar com isso. Muitas pessoas, infelizmente, pensam o mesmo que eles sobre os gays, mas saiba que é por pura ignorância ou desconhecimento. O importante é que você não se sinta condenado a ser aquilo que o mundo fala de você. Palavra de pai ou mãe é muito forte e, muitas vezes, mesmo a gente não aceitando o que eles dizem, ficamos quase que com a sensação de que devemos cumprir o que eles dizem. Você sabe que você presta, sim. Você deve ter valores e qualidades que lhe dão orgulho. Você sabe que não existe correspondência entre ser gay e ser sem vergonha ou safado. Só para admitir esse desejo você já precisa ter muita coragem e verdade interna. (PICAZIO, 1998, p. 117;118)

Toda mãe, que tenha um filho hétero ou homossexual, tem medo que ele contraia Aids. Importante é você saber que não existem grupos de risco. Todas as pessoas, independentemente de cor, raça, idade ou religião, que praticam sexo sem ser seguro estão sujeitas a contrair o vírus. E necessário que se conscientizem da importância de fazerem sexo com segurança, usando os métodos que protejam da contaminação (veja o apêndice no final desta obra). Você disse que ama muito o seu filho e isso é muito bom, para você e para ele. Você tem o direito de conversar com ele a esse respeito, é uma forma de amor ficar preocupada com a saúde e bem-estar das pessoas. Tenha certeza de que ele se sentirá mais amado ainda por isso. (PICAZIO, 1998, p. 118)

Você me diz que seu pai era seu melhor amigo e, no entanto, você não confiou nessa amizade, não contou para ele do seu desejo por homens e não por uma mulher. Acho que isso deve ter feito o seu pai não se sentir tão amigo seu assim. Talvez você não confiasse tanto no vínculo de amizade, a ponto de contar a ele o que se passa com você. Você não ficaria chateado se um amigo seu guardasse um segredo tão íntimo por tanto tempo? Deve ter passado por sua cabeça que você iria decepcioná-lo, e pode até ser que isso tenha acontecido, mas você o decepcionou mais, ao não confiar na amizade dele. Mas nem tudo está perdido, se abra com ele, não fuja dele, com certeza seu pai está esperando que você resgate a amizade sendo sincero e mostrando o que de verdadeiro tem dentro de você. Tenho certeza de que você vai se sentir muito melhor se for autêntico com ele e enfrentar esse mal-estar. Boa sorte e saiba que, se vocês são

realmente muito amigos, essa é a melhor oportunidade para aprofundar seu vínculo. (PICAZIO, 1998, p.118;119)

Se você deu suficiente afeto, carinho e atenção para o seu filho, você não fez nada de errado em relação à sua educação independente de ele ser hétero ou homossexual. Você está se atribuindo uma culpa que não existe. Nem você nem seu filho são culpados pela manifestação de desejo sexual de seu filho. Existem teorias que dizem que pai ausente e mãe dominadora acarretam filhos homossexuais. Isto simplesmente não é verdade. Até hoje ninguém conseguiu encontrar nem uma única característica em comum entre as famílias com filhos homossexuais. Existem muitas pessoas que tiveram pais ausentes e mães dominadoras ou super protetoras e não têm desejo por pessoas do mesmo sexo. São também muitos os homossexuais que tiveram pais presentes e equilibrados, o que não tem relação com a sua orientação sexual. (PICAZIO, 1998, p. 119)

Todo pai educa seu filho para que ele seja heterossexual. É difícil perceber que nem tudo o que esperamos ocorre conforme nossa vontade. Não basta o nosso desejo para que as coisas aconteçam, principalmente quando estas coisas envolvem outras pessoas e os sentimentos delas. Seu filho, com certeza, não escolheu ser. Erroneamente, pensamos que isto é uma opção. Opção implica uma escolha racional dentre várias coisas. O desejo afetivo-sexual vem de dentro e não é possível controlá-lo a ponto de modificá-lo. O natural de seu filho é a homossexualidade, assim como o seu natural é a heterossexualidade. Ter vergonha de seu filho é um direito seu, mas talvez seja importante perceber o menino e julgá-lo pelas atitudes que de fato tem, e não pela ideia de macho que você acha ser a única maneira boa de existir. Provavelmente o seu filho percebe a vergonha que lhe causa, e isto pode ser muito ruim para o seu desenvolvimento afetivo, e para a forma com que vai lidar com as suas verdades. É importante perceber que seu filho não é um prolongamento seu, que ele é autônomo e tem o direito de ser feliz mesmo de uma forma diferente daquela que você gostaria. Pode ser até motivo de orgulho perceber que seu filho tem coragem de admitir o que sente. (PICAZIO, 1998, p. 119;120)

Nada, se você quiser que sua filha seja uma mulher feliz. E muito, se você quiser ter uma filha com uma vida infeliz ou dupla. Muitos pais, temerosos que seus filhos se descubram homossexuais, tendem a fazer pressão para que os meninos sejam mais masculinos e as meninas mais femininas. Outros tantos se distanciam, ao mesmo tempo que verbalizam valores

desqualificativos em relação a gays e lésbicas. Alguns expulsam seus filhos de casa, outros dão surras enormes esperando que eles mudem de comportamento, ou impedem seus filhos de terem amigos, Há pais que deixam claro a vergonha que sentem em estar com seus filhos, enquanto outros falam de valores morais e cristãos, e do pecado e da punição de Deus, em relação aos homossexuais. Alguns fazem tudo isso junto. Atitudes como essas têm levado adolescentes até a cometerem suicídio. Nos Estados Unidos, entre 30 e 40 % dos jovens que moram nas ruas são homossexuais que foram expulsos de casa ou abandonaram seus lares. 30% dos suicídios entre adolescentes são cometidos por jovens homossexuais. Esse índice é de duas a seis vezes maior do que os registrados entre os demais adolescentes. Pense seriamente nisso. (PICAZIO, 1998, p. 120;121)

A sua situação é difícil. Você deve saber como os seus pais realmente são e como eles reagiriam a essa descoberta. Seria ótimo ter a aprovação deles para seus atos, principalmente se esses são atos positivos, recheados de desejo e amor. Mas, preconceitos existem e são doloridos de sentir e de vencer. Tenha cuidado e tente não se colocar em uma posição em que eles se vejam obrigados a encarar a questão sem estarem preparados. Busque aliados ou tenha paciência até conseguir mais independência financeira. Quanto ao seu amor, continue amando. Você deve ser a dona de seu destino, encontre você mesma a melhor solução para seu problema. Esse amor pode ser um bom começo para uma decisão sobre qual atitude tomar. (PICAZIO, 1998, p. 121)

Dançar balé não transforma ninguém em gay. O que poderá acontecer é ele ter que enfrentar o preconceito de outros que pensem dessa mesma forma. Muitos bailarinos famosos são heterossexuais e bem pouco afeminados. É uma ideia errônea associar certas profissões com homossexualidade. Existem homossexuais em todas as profissões, assim como heterossexuais. (PICAZIO, 1998, p. 121)

Os adolescentes homossexuais são, muitas vezes, colocados em evidência pelos colegas, tornando-se alvo de crueldades verbais e, muitas vezes, físicas. Professores se omitem por estarem enraizados nos seus preconceitos ou por acharem que não compete a eles qualquer atitude. Soluções como promover debates sobre o assunto já são um grande passo, mas é necessário um pouco mais do que isso. Vital para uma boa orientação é mostrar que, no mundo existem, têm várias verdades, que as sociedades progridem quando toleram as diferenças, que

peessoas são diferentes, mas não desiguais, Que existem diferentes desejos e que toda pessoa tem direito à sua liberdade de ser. (PICAZIO, 1998, p.123)

Aproxime-se desse seu aluno, converse com ele, pergunte como ele se sente, sendo tratado dessa forma. Aproveite para olhar para dentro de você e ver a quantas anda o seu preconceito, as suas ideias a respeito das diferenças sexuais. Se estiver tranquila a respeito, acho que seria ótimo dar uma aula ou montar um debate sobre os papéis sociais sobre como as pessoas são diferentes, sobre como somos rotulados e temos dificuldade em lidar com as diferenças, como somos intolerantes com aqueles que são diferentes de nós. Trabalhe os papéis sociais, as expectativas a respeito do papel do homem e da mulher, e veja como esses papéis estão mudando e como ficamos presos a eles muitas vezes por ignorância ou preconceito. Alguns anos atrás, o homem que usasse brinco era considerado gay; hoje, é considerado sedutor e por muitos até másculo. Mas, se você não se sente capaz de passar essas informações de forma clara e sem preconceitos, fale com a direção da escola e organize um seminário com quem tenha formação suficiente para esclarecer tudo isso. Muitas vezes, a inquietação dos alunos a respeito de um assunto é um pedido mascarado de mais informações sobre o tema. (PICAZIO, 1998, p. 124)

O mais importante é você saber que não é gay. Muitas pessoas fazem essa associação entre ser afeminado e ser gay, o que não corresponde necessariamente à realidade, tem muito cara que não é afeminado e é gay, e muito hétero como você. Sei que é difícil. Você pode ter duas saídas: uma é tentar se aproximar dessa menina e fazer com que ela enxergue você, conversar seriamente com ela. Quem sabe ela não cresça e perceba que está com um preconceito tolo, que o seu jeito não tem nada a ver com o seu desejo sexual, que o fato de você ser mais afeminado pode ser um fator positivo, porque você deve ser mais carinhoso que os outros? A outra saída é você olhar para outras meninas. Sempre tem alguém que vai gostar de seu tipo, há muitas mulheres que preferem homens afeminados. (PICAZIO, 1998, p. 125)

São, sim, e na mesma quantidade que os homens. Mas, como nós estamos em uma sociedade machista, as pessoas se preocupam muito mais em como um homem pode querer ser afeminado e fazer um papel de mulher do que o contrário. Elas perdoam e entendem melhor uma mulher querer fazer o papel de homem do que um homem adotar o de mulher. Claro que homossexualidade não tem nada a ver com papéis, mas isso é como a sociedade vê, e é por isso que a mídia e as pesquisas e todo mundo discute a homossexualidade, como se ela fosse restrita

a gays. Justamente por causa desse fenômeno, há algum tempo, as mulheres começaram a insistir que as pessoas assim dissessem ficar lésbicas, em vez de homossexuais, e claro que estavam falando de homens e mulheres homossexuais. (PICAZIO, 1998, p. 125)

O seu aluno confiou em você, não acredito que a melhor alternativa seja trair essa confiança. Ele desabafou e deve estar aberto para um diálogo. Converse com ele sobre a sua dificuldade de guardar esse segredo. Para ele, o medo de contar a você deve ter sido muito maior. Olhe para você e descubra quais são os seus reais medos em relação a ele. Você não é responsável por ele estar sentindo o que sente. Mas é responsável pela confiança que ele depositou em você. Divida, com ele, essa responsabilidade. E, se for o caso de contar aos pais dele, você deve ajudá-lo a encarar esse fato e a encontrar o melhor jeito para ele fazer isso. (PICAZIO, 1998, p. 127;128)

Claro que não é verdade. A maioria das instituições não incluem homossexualidade em seus currículos, porque não sabem como lidar com ela. É mais fácil para as pessoas viverem como se homossexualidade não existisse, negando uma realidade que está presente em todos os lugares, em todas as gerações, na maioria dos lares. Falar sobre o assunto não estimula a homossexualidade de ninguém. Ela é natural nas pessoas que a sentem. Não falar de homossexualidade, com medo de estimular a ignorância; a heterossexualidade é comentada e estimada 24 horas por dia e nem por isso os homossexuais deixam de ser homossexuais. A informação correta faz parte da formação que a pessoa deve ter na vida para poder se desenvolver com maior segurança e solidez. (PICAZIO, 1998, p. 128;129)

Porque sexo é muito valorizado na nossa e em outras tantas sociedades. Porque a vida afetiva e sexual é muito importante para nós. Infelizmente, gays e lésbicas passam grande parte de suas vidas tentando fazer com que os outros entendam isso. Mas continuam sendo segregados pela única coisa que os diferencia dos demais, sua orientação sexual. O mais importante para que isso mude é que as pessoas homossexuais, e também as bissexuais, não se sintam simplesmente seres sexuais, mas sim pessoas inteiras, com muitas facetas. Que façam, como você diz, outras coisas boas na vida. Assim, tanto elas quanto o mundo irão mudar essa situação de discriminação. (PICAZIO, 1998, p. 129;130)

Qual a melhor postura em sala de aula para lidar com alunos sexualmente diferentes? (Carlos Alberto, orientador pedagógico). (PICAZIO, 1998, p. 132)

Adolescentes gays e lésbicas em crise

Crianças gays e lésbicas costumam crescer em meio a ataques à sua pessoa, antes mesmo de descobrirem ou darem nome à sua orientação sexual. Desde a mais tenra idade, as crianças observam a maneira pela qual a sociedade desaprova e rejeita os homossexuais. Quando entram na adolescência, estas crianças descobrem (em geral com grande descontentamento) que não se alinham com as expectativas da sociedade, ou seja, que não são exclusivamente heterossexuais. A esta altura, costumam já ter aprendido a rejeitar tudo o que se refira à homossexualidade, criando as bases para um crescente ódio por si próprias. Algumas dessas crianças tentam proteger-se contra serem descobertas e compensar pela sua diferença dedicando-se ao desenvolvimento de algum aspecto de suas vidas. Entre esses adolescentes, muitos são resistentes. Outros fingem ser heterossexuais e tentam provar que não são o que sentem ser. Outros ainda tomam o caminho da autodestruição (Adolescentes gays e lésbicas estão de duas a seis vezes mais sujeitos a tentarem o suicídio do que adolescentes heterossexuais, e somam 30 % de todos os suicídios de menores de idade, apesar de provavelmente constituírem apenas 10% da população.). A seguir, um pequeno panorama do contexto social em que a criança gay e lésbica está inserida. (PICAZIO, 1998, p. 13;138)

Homossexuais e bissexuais famosos ao longo da história

Alexandre, o Grande (356-323 a.C.). Aos 20 anos, Alexandre tornou-se o rei da Macedônia e, nos sete anos seguintes, expandiu seu império até a Índia, conquistando as civilizações mais poderosas da época, entre as quais a Pérsia. Como guerreiro, despertava a total lealdade de seus comandados e o respeito de seus inimigos, tanto que se tornou uma divindade em várias das culturas que conquistou. Alexandria, uma cidade do Egito, foi assim nomeada em sua homenagem.

Durante toda a sua vida, Alexandre teve um amigo muito íntimo, Hefaiestion, com quem dividia tudo. Não há provas de que tenham tido um relacionamento sexual, mas isso não é improvável, visto que a relação sexual entre Alexandre e o eunuco Bagoas foi bem documentada.

Alan M. Turing (1912-1954). Matemático inglês brilhante, responsável pela elaboração dos conceitos que deram origem ao computador. Aos trinta anos, colaborou com o serviço de inteligência britânico para desvendar os códigos secretos usados pelos alemães. Graças a seus esforços, os aliados tiveram acesso às comunicações de Hitler, e puderam dar fim à Segunda Guerra, mais rapidamente. Seu primeiro amor foi Christopher Morcom, que morreu de tuberculose, envolveu-se depois com vários rapazes, entre os quais Arnold Murray, a quem

acusou de roubo para a polícia. Ao fazer o boletim de ocorrência, inocentemente declarou seu relacionamento sexual com o jovem, sendo então preso por homossexualidade, na época, considerada crime na Inglaterra.

Anne Frank (1929-1945). Ainda menina quando os nazistas começaram a perseguir os judeus alemães, Anne Frank passou anos escondida em um sótão em Amsterdã com sua família. Acabou sendo capturada e morrendo em um campo de concentração, mas sua história foi preservada no diário que escreveu durante o período, publicado após a guerra, com enorme sucesso. Até recentemente, todas as edições do diário excluía algumas passagens, consideradas explícitas demais e indicadoras das fantasias lésbicas da adolescente. Em uma delas, Anne escreve: Sinto êxtase toda vez que vejo a figura de uma mulher nua, como as de Vênus, em meu livro de história da arte. Acho-as tão bonitas e maravilhosas que tenho de me segurar para não chorar.

Davi (1035? - 960? a.C.). Famoso na história bíblica, por ter morto o guerreiro Golias, com sua funda. Davi foi um membro respeitado da corte do rei Saul e mais tarde tornou-se um grande rei de Israel. Teve um grande amigo, Jônatas, um menino pastor ruivo e bonito. Em diversas passagens, a Bíblia conta como havia um profundo relacionamento emocional entre estes dois heróis: A alma de Jônatas apegou-se à alma de Davi, e Jônatas começou a amá-lo como a si mesmo... Jônatas fez um pacto com Davi, que ele amava como a si mesmo. Tirou o seu manto, deu-o a Davi, bem como a sua armadura, sua espada, seu arco e seu cinto. Quando Jônatas morreu, na batalha de Gilboa, Davi fez um lamento de uma intensidade crescente: Jônatas, meu irmão, por tua causa meu coração me comprime! Tu me eras tão querido! Tua amizade me era mais preciosa que o amor das mulheres (2 Samuel 1:26).

*Elizabeth Bishop (1911-1979). Uma das grandes poetisas no século XX, Bishop recebeu uma infinidade de prêmios literários durante sua vida, foi professora convidada na Universidade de Washington e de Harvard, e é tida como um gênio da língua inglesa. Nutria uma grande paixão por mulheres fortes e independentes, tendo se envolvido com várias. Em 1951 veio ao Brasil e conheceu Lota de Macedo Soares, a arquiteta responsável pelo aterro do Flamengo. O que se seguiu foi um relacionamento apaixonado de quinze anos, tendo as duas morado em uma casa maravilhosa na serra, onde a poeta escreveu dois de seus aclamados livros, *Cold spring*, que recebeu o prêmio, e *Questions of travel*. A história deste extraordinário casamento é contada no livro *Flores raras e banalíssimas*, de Carmen L. Oliveira (Rio de Janeiro, Rocco, 1995).*

Felipa de Souza (1570?). Habitante de Salvador no período colonial, Felipa teve o azar de ser a única mulher acusada do infame pecado da sodomia (homossexualidade), pelo Tribunal do

santo Ofício no Brasil, em 1591. Confessou ter sido amante de Maria Peralta, Maria Lourenço e Ana Fiel, afirmando que todas essas comunicações lhe causavam grande amor e afeição carnal. Felipa foi condenada pela Inquisição ao açoite, a jejuar a pão e água e pagar pelo processo. Seu nome foi dado hoje ao prêmio com que a Comissão Internacional de Direitos Humanos de Gays e Lésbicas homenageia os grupos e instituições que combatem o preconceito contra as minorias sexuais em todo o mundo.

James Dean (1931-1955). Ator famoso pelos tipos atormentados em busca de amor que retratou em filmes como Rebelde sem causa, James Dean tornou-se um ídolo para a sua geração e um clássico do cinema. Sua vida, fora das telas, foi parecida, tendo se identificado como bissexual, mas tido relacionamentos principalmente com homens. Dean morreu em um acidente de carro, aos 24 anos.

John Maynard Keynes (1883-1946). Tido como o maior economista do século XX, Keynes teve uma influência marcante na maneira de pensarmos o mercado e a sociedade, sendo suas ideias largamente utilizadas até hoje. Apesar de ter sido casado com a bailarina Lydia Lopokova, foi essencialmente homossexual. Teve um caso com o pintor Duncan Grant e correspondeu-se por anos com Lytton Strachey, com quem discutia abertamente a sua homossexualidade.

Júlio César (100-44 a.C.). Estadista charmoso, possuidor de um grande talento para estratégias militares e políticas, César foi o primeiro ditador vitalício de Roma, em honra a quem mais tarde todos os imperadores assumiriam o título de César. Sua vida sexual foi muito variada, tendo tido três esposas, um caso famoso com a rainha Cleópatra do Egito e vários amantes homens, tanto que mereceu o epíteto Marido de toda mulher e esposa de todo homem. Seu amante mais conhecido foi Nicomedes, rei da Bitínia. Os dois se conheceram durante uma das guerras romanas de conquista, e causaram um certo escândalo juntos. Quando Nicomedes morreu, oito anos mais tarde, seu reino foi deixado como legado aos romanos.

Leonardo da Vinci (1452-1519). Iniciou sua carreira como pintor na Itália renascentista, pintou quadros célebres, como a Mona Lisa e a Santa Ceia. Foi também arquiteto e engenheiro visionário, tendo feito planos de aviões e helicópteros, muito antes de alguém pensar serem possíveis. Aos 24 anos, foi preso, com quatro outros florentinos, por praticar sodomia com um menino de 17 anos. Depois de mudar-se para Milão, contratou um belo aprendiz, a quem amou por 25 anos. Seu último amante foi Francesco Melzi, que ficou ao seu lado até a morte de Leonardo.

Michelangelo Buonarroti (1475-1564). Artista italiano famoso por pintar o teto da Capela Sistina, no Vaticano, e também por produzir esculturas homoeróticas clássicas, como Davi. Tinha uma personalidade complexa, tendo provocado muitos comentários, em sua época, pelo

relacionamento que mantinha com seus belíssimos modelos, inclusive o jovem Gherardo Perini. Michelangelo foi também poeta, tendo dedicado sonetos ao aristocrata Tommaso Cavalieri, que parece ter sido seu grande amor. No final de sua vida, o clima liberal renascentista havia mudado, e o papa Paulo IV ordenou que fossem pintadas vestes para encobrir a nudez dos homens na pintura O juízo final. Após sua morte, seus poemas foram alterados para sugerir que haviam sido escritos para uma mulher. Apenas em 1960, os originais foram recuperados e publicados sem censura.

Safo (600 a.C.). Primeira poeta ocidental a escrever sobre o amor romântico, Safo foi admirada em toda a Grécia pela beleza de seus versos e chamada de décima musa por Platão. A maior parte de seu trabalho foi destruída pelas autoridades eclesiásticas cristãs, tendo apenas uma parcela sobrevivido. Safo passou boa parte de sua vida na ilha de Lesbos, onde tinha uma escola de escrita e poesia para meninas. Teve uma filha, e amou tanto homens quanto mulheres, apesar de ter-se tornado mais conhecida pelos romances apaixonados que manteve com suas pupilas. A palavra lésbica deriva do nome da ilha em que viveu.

Sócrates (468?-399 a.C.). Conhecido como um dos maiores filósofos gregos e basicamente o inventor da filosofia, como é hoje praticada no Ocidente, levou uma vida dedicada à instrução dos jovens para seu desenvolvimento moral e intelectual. Foi condenado à morte por declarar-se contra a tirania, e morreu tomando um cálice de cicuta; sua paixão por belos rapazes é citada em vários textos da Antiguidade, sendo amor socrático um eufemismo usado para a sua homossexualidade. Seu amante mais famoso foi Alcebiades, político e general ateniense. (PICAZIO, 1998, p. 141;142;143;144)

Diretrizes para a redução de risco de Dst/Aids

Atividades sem risco

A maioria destas atividades envolve apenas o contato de pele com pele, evitando assim possíveis contaminações por meio de sangue, sêmen e secreções vaginais. Presume-se que não haja cortes na pele. 1) Beijos sociais (secos). 2) Massagens, abraços. 3) Esfregação. 4) Práticas sadomasoquistas leves (sem machucados ou cortes). 5) Uso de seus próprios brinquedos sexuais (vibradores, consolos etc.). 6) Masturbação mútua (feminina sem penetração ou masculina). Deve-se tomar cuidado para não deixar o/a parceiro/a entrar em contato com a ejaculação ou secreções vaginais. Secreções vaginais e seminais, assim como a saliva, não devem ser usados como lubrificantes.

Atividades de baixo risco

Nessas atividades é possível a troca de uma pequena quantidade de fluidos corporais; ou há risco de a barreira protetora romper-se. 1) *Relação vaginal ou anal com camisinha.* Estudos demonstraram que o HIV não atravessa a camisinha. Existe, porém, o risco de a camisinha romper-se ou de haver transbordamento de sêmen para o ânus ou a vagina, O risco é diminuído se o pênis é retirado antes do orgasmo, 2) *Chupada até antes do orgasmo.* O fluido pré-ejaculatório pode conter HIV, apesar de ser possível que a saliva desative o vírus, A saliva também pode conter HIV, em baixa quantidade. Aquele que insere o pênis deve avisar o/a parceiro/a quando estiver prestes a atingir o orgasmo, de modo a evitar que a outra pessoa tenha contato com uma grande quantidade de sêmen. Do mesmo modo, qualquer atividade que cause abrasão, ou possíveis feridas, no pênis ou na boca, aumenta o risco. 3) *Chupada com camisinha.* Uma vez que o HIV não atravessa a camisinha, o risco desta prática é pequeno, a menos que a camisinha se rompa. 4) *Beijo na boca.* Estudos apontam ser tão baixa a concentração de HIV na saliva que o contato entre salivas apresenta pouco risco de transmissão. O risco aumenta se há feridas na boca ou gengivas que sangrem. 5) *Contato entre boca e vagina ou boca e ânus com barreira de proteção* (látex como o usado pelos dentistas, plástico de embrulho ou camisinha cortada e aberta na forma de um quadrado). Baixo risco quando o látex não é reutilizado, pois nesse caso pode-se virá-lo sem querer. 6) *Penetração do ânus ou da vagina com a mão, com luva (fisting).* Se a luva não rasga, não há perigo de transmissão do vírus. Há no entanto risco de ferir-se o reto, causando problemas como hemorragia ou perfuração dos intestinos.

Atividades de risco moderado

Estas práticas envolvem a possibilidade de machucados ou troca de fluidos que contenham HIV ou outras doenças sexualmente transmissíveis. 1) *Chupada até o orgasmo.* O sêmen pode conter altas concentrações de HIV que, se absorvido através de feridas na boca ou no estômago, acarreta risco de transmissão. 2) *Contato entre boca e ânus.* É possível que as fezes ou o reto contenham sangue contaminado com HIV. A prática apresenta também alto risco de transmissão de parasitas e infecções gastrointestinais. 3) *Contato entre boca e vagina.* Secreções vaginais e sangue menstrual são fluidos que podem apresentar alta concentração de HIV, expondo o/a parceiro/a oral a contaminar-se através de lesões na boca ou no estômago, 4) *Penetração do ânus com a mão (fisting).* Estudos demonstram uma correlação direta entre esta prática e a infecção por HIV pejos dois parceiros. Essa associação pode dever-se ao uso concomitante de drogas leves, sangramentos, exposição a sêmen antes anal com ejaculação. 5) *Uso de brinquedos sexuais, em comum, o risco desaparece se forem usadas camisinhas nos vibradores e consolos, retiradas e substituídas quando o brinquedo seja usado por outro/a*

parceiro/a. 6) Ingestão de urina. O HIV não é transmitido através da urina, mas outros agentes imunodepressores e infecções podem ser passados dessa maneira.

Atividades de alto risco

Foi demonstrado que as seguintes práticas transmitem o HIV: 1) Relação anal passiva sem camisinha. Todos os estudos indicam ser esta a atividade de mais alto risco de transmissão de HIV. O tecido que recobre o reto é mais fino que o da vagina ou da boca, permitindo uma absorção mais fácil do vírus contido no sêmen ou líquido pré-ejaculatório. Um estudo aponta para a possibilidade de entrada do vírus diretamente nas células do tecido do reto, sem necessidade de sangramento. 2) Relação anal ativa sem camisinha. O risco para o parceiro que insere o pênis é menor do que para aquele em que o pênis é inserido. Ainda assim, há perigo significativo de transmissão, além do risco de infecção por outras doenças sexualmente transmissíveis. 3) Relação vaginal sem camisinha. Risco alto para ambos. Estudos indicam o surgimento de HIV mutantes, mais adaptados à mucosa vaginal, capazes de penetrar na circulação mesmo sem a existência de cortes ou sangramento. (PICAZIO, 1998, p. 145;146;147)

Bissexual: refere-se a homens e mulheres com desejo por pessoas de ambos os sexos. Isso não quer dizer que precisem se relacionar com duas pessoas ao mesmo tempo, mas que são capazes de se envolver sexual e amorosamente tanto com homens quanto com mulheres. Há poucas pesquisas sobre esta minoria, mas estudos como o de Kinsey revelam que podem chegar a 30% da população, e só não são mais visíveis porque são facilmente confundidos com heterossexuais.

Discriminação: diz-se do julgamento de um grupo grande de pessoas, de maneira generalizada, sem base no seu comportamento real. Por exemplo, dizer que os baianos são preguiçosos é discriminar contra milhões de pessoas, que evidentemente não podem nunca ser todas iguais quanto à preguiça ou qualquer outro aspecto. Como a sexualidade causa medo em quem ainda não lidou com a sua própria, a discriminação contra homossexuais muitas vezes toma um aspecto de violência, e de frases como são todos sem vergonha ou pecadores. É bom lembrar que todas as diferenças, inclusive as sexuais, são protegidas pela nossa Constituição, que proíbe discriminação contra qualquer pessoa e considera todos os cidadãos iguais. *Drag queen:* é um homem que não disfarça ser homem, se enxerga como homem e brinca com a identidade feminina, vestindo-se corno uma mulher extravagante em público. Não dá para saber se todas as drag queens são homossexuais ou não, a menos que digam. Mas, dá

para saber que não gostam do papel sexual de machos, preferindo as lantejoulas, as perucas e os saltos altos, típicos das mulheres.

Drag King: o correspondente a uma drag queen, porém mulher, ou é uma mulher que não gosta do papel sexual típico feminino e se veste como homem, para se divertir ou para brincar com os estereótipos. Tanto os homens como as mulheres drag são diferentes dos travestis porque não disfarçam seu sexo biológico, dando um tom de exibição bem-humorada à sua troca de papéis.

Heterossexualismo: uma outra forma de discriminação, que pressupõe ser a heterossexualidade a norma e a bi e homossexualidade desvios. Toda vez que se diz sexo natural em lugar de prática heterossexual ou se denominam homossexuais de invertidos, pervertidos ou não-naturais, está se praticando este tipo de discriminação. Uma maneira sutil de se fazer isso é achar que alguém não tem cara de homossexual, ou seja, que, como a pessoa tem uma aparência comum, deve ser heterossexual. A heterossexualidade é a orientação da maioria, mas nem por isso é mais natural que a homo ou a bissexualidade.

Homofobia: palavra recém-inventada para descrever a aversão a tudo o que se refere à homossexualidade. Esse sentimento pode tomar formas muito sutis de discriminação, como, por exemplo, os currículos escolares não mencionarem que muitos gênios e pessoas famosas foram homo e bissexuais (veja alguns do final deste livro). Quem diz: Tenho dois amigos gays e eles até são legais está sendo homófobo, porque a frase pressupõe que gays de um modo geral não sejam legais e estes dois sejam uma rara exceção.

Homossexual: refere-se a homens e mulheres com desejo predominante por pessoas do mesmo sexo. Aqueles que se assumem e resolvem levar uma vida abertamente homossexual costumam se definir como (homens) gays e (mulheres) lésbicas. As pesquisas variam, mas apontam algo em torno de 7% da população de todo o mundo constituída de pessoas predominantemente homossexuais.

Transgênero: pessoa que, seja por não gostar do papel sexual de seu sexo biológico seja por sentir que sua identidade sexual é um misto de mulher e homem (como as drag queens e kings) seja por se identificar com o papel sexual do outro sexo (como os travestis e transexuais), acaba rompendo com o gênero masculino ou feminino que seria de se esperar pelo seu sexo biológico.

Transexual; bem pequena (alguns estudos indicam que apenas uma pessoa em cada 30 mil é de fato transexual) que mostra uma discrepância entre o sexo biológico e a identidade sexual. São almas femininas em corpos masculinos e vice-versa. A ciência não sabe como mudar a

identidade, portanto nesses casos muda o corpo, fazendo o indivíduo passar por uma série de cirurgias de redefinição sexual, ou seja, mudança de sexo.

Travesti: minoria um pouco maior que a de transexuais, constituída de homens e mulheres que se identificam mais com o papel do outro sexo do que com o de seu próprio, mas não o suficiente para desejarem passar por cirurgias. São homens que gostam de se vestir como mulheres e mulheres que querem passar por homens. As razões para isto variam muito, desde fetichismo (um comportamento que desperta prazer sexual) até dificuldade em adaptar-se ao gênero de nascimento. Não é verdade que travestis sejam transexuais não operados (podem estar perfeitamente satisfeitos com seus órgãos sexuais), que sejam todos homens (são muitas as mulheres que preferem o papel de homens e assim se vestem e se comportam), que sejam todos homossexuais (muitos homens heterossexuais se vestem como mulheres, por prazer) ou que sejam todos trabalhadores do sexo (há travestis engenheiros agrônomos e executivas). (PICAZIO, 1998, p. 148;149;150)

Texto: MCLURKIN, Denise L. **Questões sociais desafiadoras na escola:** guia prático para professores. Tradução: Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Celso Avelino Antunes. AMGH: Porto Alegre, 2015

Questões para discussão 1

1. *O que você diria a Blanche Davenport após esse comentário?*
 2. *Faz parte de suas responsabilidades convencer a mãe de Elizabeth a deixá-la ir à festa? Explique sua resposta.*
 3. *Se um aluno lhe fizesse perguntas como as de Elizabeth, como você responderia?*
 4. *Quais são os aspectos positivos e negativos de você participar das festas de seus alunos?*
 5. *O que você faria se Miriam e sua família não planejassem convidar a turma toda?*
- (MCLURKIN, 2015, p. 71)

Questões para discussão 2

1. *O que você diria a James depois dessa revelação?*
2. *O que você diria aos seus alunos depois da apresentação de James?*
3. *No futuro, o que você poderia fazer, como professor, para se preparar melhor para surpresas como essa?*
4. *Quais tipos de serviços de apoio você buscaria para James após sua declaração?*

5. Cite outros personagens históricos que sejam gays, lésbicas, bissexuais ou transexuais. Em sua opinião, é importante que seus alunos saibam sobre a sexualidade ou identidade de gênero dessas pessoas?

(MCLURKIN, 2015, p. 73)

Questões para discussão 3

1. O que você diria a Makayla?
2. Como definiria sapatão para Makayla?
3. O que você diria para as meninas da turma que chamam Makayla assim e quais atitudes você tomaria?
4. Que tipos de atividade/lições você pode realizar para estimular seus alunos a aceitarem as diferenças?
5. Que tipos de atividade você poderia fazer com os pais de seus alunos para ajudá-los a conversar com seus filhos sobre aceitar as diferenças? (MCLURKIN, 2015, p. 75)

Preocupamo-nos muito com o fato de que crianças e adolescentes homossexuais têm um índice de suicídio muito mais alto do que crianças e jovens heterossexuais. Assim, é fundamental garantir que todos os nossos alunos, especialmente aqueles que estiverem questionando sua orientação sexual, tenham um ambiente escolar confortável e seguro.

Entendemos que isso é mais fácil na teoria do que na prática em algumas cidades, comunidades e tipos de escolas, e ainda mais difícil e aparentemente impossível em outras. No entanto, nossa tarefa é educar e cuidar de TODOS os nossos alunos e proporcionar o ambiente de aprendizado mais seguro e acolhedor possível.

- *Incentivamos que você tome atitudes imediatas em relação a qualquer implicância ou bullying com alunos homossexuais, meninas que pareçam mais masculinas e meninos afeminados. Alguns alunos de ensino médio e superior já relataram terem sido agredidos pelos colegas, desde o ensino fundamental, por causa da maneira como se vestiam, caminhavam, falavam ou porque preferiam seu próprio gênero. Alguns consideraram ou tentaram suicídio, fugiram de casa ou começaram a usar drogas para lidar com esse tormento. Você deve, com base na maneira como lidar com seus alunos, tomar atitudes imediatas e consistentes. Nenhum tipo de implicância ou bullying pode ser tolerado.*

- *Percebemos, como professores, que as meninas masculinas sofrem menos para se adaptar e se relacionar com seus colegas do que os meninos afeminados. Assim, você pode prestar um pouco mais de atenção nos meninos afeminados, a fim de garantir que estejam seguros no pátio, no almoço e, inclusive, na sala de aula.*

- *Há limites rigorosos para a expressão sexual de crianças no ensino fundamental. Nenhum de nós deu aula em escolas, onde esses alunos pudessem se beijar, dar as mãos ou mesmo agir como casal. Como professores, precisamos respeitar isso, seja menino com menina, menina com menina ou menino com menino.*
 - *Permita que a criança que estiver questionando sua orientação sexual ou que já tenha certeza de sua homossexualidade mantenha um diário secreto no qual você é a única pessoa que interage. O índice de suicídio é alto entre essas crianças; então, precisamos garantir que tenham alguém em quem possam confiar.*
 - *As famílias dessas crianças podem entender ou não a situação de seus filhos. Começaríamos pedindo, ao orientador educacional, conselhos sobre como lidar com essa situação, em relação aos pais, ao resto da turma e à própria criança homossexual.*
- (MCLURKIN, 2015, p. 75;76)

Texto: LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola In **Saúde e sexualidade na escola**. Dagmar Meyer e E. Estermann (organizadoras). Editora Mediação: Porto Alegre, 1998.

Nos últimos anos, a instituição escolar pareceu abrir-se mais para a discussão da sexualidade. O que pode, à primeira vista, ser saudado como uma boa notícia, precisa ser examinado mais criticamente. Talvez não seja particularmente importante tentar determinar se o motivo dessa investida escolar foi fazer frente à crescente visibilidade das práticas sexuais na mídia ou se foi tomar parte nas campanhas de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, estimuladas pelo surgimento da AIDS. O que parece fundamental é analisar os efeitos do atual investimento da escola na educação sexual. Certamente motivações e efeitos se articulam e, talvez por isso, muitos programas escolares, recentes, trabalhem dentro de um quadro de ameaça. A sexualidade parece estar situada pela doença, pela morte e pela violência. Por tudo isso, é indispensável analisar as concepções de gênero e sexualidade que estão subjacentes às orientações e programas educacionais; examinar que associações vêm sendo feitas entre, de um lado, a doença e a violência, e, de outro, determinadas identidades ou comportamentos sexuais. Cabe perguntar como lidar com as informações que nos são oferecidas? Qual a melhor forma de abordar a sexualidade no âmbito da instituição escolar: como orientação, prevenção, informação/esclarecimento? Evidentemente, procedimentos de preservação da saúde ou de prevenção de abusos sexuais não podem ser simplesmente desprezados (e novamente temos aqui um argumento a favor da informação e da discussão, já que pesquisas associam educação da sexualidade com o aumento da saúde sexual), mas é necessário estar particularmente

atenta/o aos critérios que são tomados para o estabelecimento de fronteiras entre saúde/doença, normal/anormal, permitido/proibido. Certamente é ingênuo supor que lidamos com informações neutras, como se os conselhos, as orientações ou as teorias fossem isentos e não carregassem os interesses ou as posições daqueles grupos que os elaboraram e difundiram. Por outro lado, há uma associação fundamental entre sexualidade e prazer que parece estar sendo esquecida e que precisa ser resgatada. Na preocupação com a manutenção da saúde, não pode ser escondida a ideia de que a sexualidade é fonte de vida, que pode e deve estar ligada com satisfação e felicidade. A escola dá lições de sexualidade cotidianamente, muito além das possíveis sessões de educação ou orientação sexual previstas no currículo; em consequência, qualquer tentativa de um projeto educacional alternativo implica uma tomada de posição mais ampla. Caminhar nessa via implica a ampliação da discussão sobre a sexualidade, na escola e fora dela. Isso supõe acolher as culturas e os saberes dos/das jovens; supõe debater e problematizar as representações de feminino e masculino que estão sendo feitas pela mídia, pelas igrejas, pelos discursos jurídicos e, logicamente, pelos/as estudantes, seus pais e mães e professores/as. Essa perspectiva obriga-nos a fazer face a nossas próprias histórias e preconceitos, e a assumir, criticamente, que estamos pessoalmente envolvidos/as em jogos e relações de poder que separam, classificam e discriminam sujeitos. Uma tal abordagem certamente rompe com a estrita e estreita concepção de educação sexual de caráter biologistas, ainda tão presente nos currículos, livros e em equipes de especialistas, e vai em outra direção, apontando para uma prática educativa muito mais ampla, que lida com a sexualidade, com a formação de identidades sexuais e de gênero, Talvez possamos dizer que ninguém é especialista nessa tarefa e que, por outro lado, todos/as somos dela encarregados; por isso, parece impossível tratar da educação da sexualidade de nossos alunos e alunas como se essa não nos afetasse: somos todos e todas arrastados/as nesse processo. (LOURO in MEYER, 1998, p. 94;95)

O importante, prossegue o texto, é que todas as pessoas sejam respeitadas, independentes de suas escolhas e preferências sexuais, pois em suas vidas diárias todas elas possuem amigos/as, divertem-se, trabalham, criam filhos/as, namoram, sejam homo, hétero ou bissexuais. (LOURO in MEYER, 1998, p. 122)

Texto: PINTO, Ênio Brito. **Orientação sexual na escola:** a importância da psicopedagogia nessa nova realidade. São Paulo: Editora Gente, 1999.

Muitas escolas adotam, como modo de compensar falta de programas de orientação sexual, o recurso de eventualmente convidar algum especialista (geralmente médico ou psicólogo) para fazer uma palestra aos alunos. Esse tipo de trabalho, a meu ver, tem grande chance de tornar-se iatrogênico, exatamente porque, trabalhar com sexualidade na escola, exige continuidade. Palestras eventuais com temas fixos (a maioria, de maneira geral, fala apenas de Aids) acabam mais desorientando que orientando o jovem por trazer à baila dúvidas que terminam não sendo respondidas ou sendo mal respondidas, pela falta de intimidade do aluno como palestrante. É mais louvável a escola que nada faz com relação à sexualidade de seus alunos e assume assim sua omissão do que as escolas que oferecem aos alunos palestras eventuais e cansativas, nas quais os jovens são sujeitos a uma aprendizagem passiva e entediante. (PINTO, 1999, p. 158)

Desde então, me questiono sobre a possibilidade de esse tipo de palestra ser de fato um evento educativo. A única certeza de que tenho até agora é que elas, de modo algum, suprem a falta de uma orientação sexual extensamente conduzida. Por essas e outras situações, vividas em palestras com alunos, é que mais e mais defendo a necessidade de realizar nas escolas um trabalho de orientação sexual contínuo e constante, que faça parte da grade curricular. (PINTO, 1999, p. 159)

Embora não seja obrigatório, o professor deve estimular a formação de grupos mistos, em vez de um grupo só de meninos e outro só de meninas – condição boa apenas para as quintas séries. O grupo misto facilita superar barreiras de timidez, abrindo aos jovens canais para que, no futuro, eles desenvolvam relações mais íntimas e profundas com pessoas do sexo oposto. Facilita também um maior conhecimento sobre as vicissitudes e os pontos de vista do sexo oposto, o que, se não acaba com o mistério das diferenças, suaviza seu impacto e ajuda os jovens a respeitar e a aceitar esse misterioso desígnio. (PINTO, 1999, p. 160)

Na elaboração do programa para o ano letivo, a curiosidade e as necessidades dos jovens devem ser sempre respeitadas. Cabe a eles a escolha dos temas a serem tratados e, ao professor, fazer sugestões. Uma vez escolhido o programa, deve ficar claro que não se trata de um programa inflexível; ele mesmo pode ser alterado se novos desejos ou curiosidades surgirem. (PINTO, 1999, p. 161)

A lista de temas, proposta pelo professor, precisa ser a mais abrangente possível e nunca conclusiva. Algumas sugestões de temas; puberdade; adolescência; masturbação;

pornografia; erotismo; sexo normal e anormal; doenças sexualmente transmissíveis; Aids; namorar e ficar; casamento e acasalamento; primeira experiência sexual; aborto; homossexualidade; violência sexual; gravidez; gravidez na adolescência; virgindade; papéis de gênero; disfunções sexuais; prostituição e relação sexual; a primeira relação sexual; contracepção; drogas e afrodisíacos; identidade masculina; identidade feminina; conversa com os pais sobre sexualidade; beijos e carícias sexuais; menstruação e tensão pré-menstrual; anatomia genital; o corpo humano em relações interpessoais; história da sexualidade; a fecundação; hermafroditismo; amor; timidez; paquera; fantasias sexuais; mitos e credences; orgasmo; a sexualidade do jovem brasileiro; entre outros. (PINTO, 1999, p 161;162)

Mais do que exigir uma autorização por escrito dos pais, o educador deve convidá-los para uma conversa, antes de iniciar o trabalho de orientação sexual na escola. Nesse primeiro contato, explicitam-se o trabalho, quais seus propósitos e qual sua ideologia de base, não esquecendo nunca de abrir um espaço bem extenso para que os pais coloquem suas dúvidas e objeções, de modo que, assim, se sintam ouvidos e respeitados, confiantes de que não se pretende nada, além de possibilitar a seus filhos um espaço em que possam desenvolver o autoconhecimento e superar com mais facilidade as tantas angústias e dúvidas que o tema sexualidade desperta. (PINTO, 1999, p. 164)

Raciocínio parecido se aplica aos professores de outras disciplinas. Também a eles deve ser dada atenção, visto que são importantes disseminadores da educação sexual. Parece-me indispensável um contato formal do professor de Orientação Sexual com seus colegas, criando, semestral ou trimestralmente, um espaço para discussão e esclarecimentos dos aspectos ligados à sexualidade, que surgem em sala de aula no dia a dia. (PINTO, 1999, p. 165)

Também os funcionários da escola, especialmente aqueles com maior contato com os alunos, devem merecer atenção do professor de Orientação Sexual e um cuidado formalizado. (PINTO, 1999, p. 165)

Se a resposta disser que é a serviço dos jovens, disser que a educação visa trazer possibilidades para que eles se descubram como seres livres e autônomos, então um dos caminhos a ser aberto é o da orientação sexual. A estrada que nos leva a conhecer o mundo em que vivemos e nos possibilita exercer influência sobre ele começa em nós mesmos, em nossos corpos, em nossa sexualidade, em nossa identidade. (PINTO, 1999, p. 168)

Texto: JÚNIOR, Álvaro Lorencini. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação in **Sexualidade na escola:** alternativas e práticas. Coordenação: Julio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1997.

Dada a sua organização e estrutura, a escola, como instituição social, tende a homogeneizar esses aspectos múltiplos da cultura na sala de aula, ignorando-os, reprimindo-os ou engessando as diferenças e contradições. Nesse contexto, a liberdade, como uma dimensão da sexualidade, não encontra condições para emergir e se expressar. A ressignificação da sexualidade só será possível se a própria sala de aula for ressignificada, onde as opiniões, incertezas, divergências e diferenças forem consideradas, passando a se constituir num espaço realmente democrático, discutidas e, quando possível, superadas. (JUNIOR in AQUINO, 1997, p. 93)

Entre essas importantes habilidades, destacaríamos a capacidade de conduzir as atividades de modo dinâmico, aplicando diferentes estratégias (discussões em grupo, jogos e situações simuladas). Cumpre, ainda, dar oportunidade aos alunos de participar das atividades, problematizando os diferentes pontos de vista que eventualmente surjam durante as discussões e, sobretudo, possibilitar que a sala de aula seja um ambiente de descontração, onde os alunos se sintam à vontade para expressar suas opiniões com sinceridade e honestidade; em suma, um ambiente possível para a busca constante e renovada dos sentidos da sexualidade. Nesse novo contexto, o professor faz da educação sexual uma prática social, dotada da intencionalidade de democratizar a sala de aula, respeitando os múltiplos aspectos da cultura nela presentes. (JUNIOR in AQUINO, 1997, p. 94)

A sala de aula pode ser uma espécie de laboratório de possibilidades de expressão da liberdade, permitindo que os alunos pensem e reflitam sobre si próprios. Essa atitude crítica promove a autonomia pessoal com autoestima e confiança, qualidades fundamentais para traduzir e transformar a decisão em ação. A tomada de decisão passa por uma dimensão ética: a liberdade de agir, para dar sentido à sexualidade, não pode interferir na liberdade e na ressignificação da sexualidade do outro. (JUNIOR in AQUINO, 1997, p. 95)

Texto: ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. **Ritos e ditos de jovens gays.** Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.

O trabalho de educação sexual nas escolas implica planejamento e ação pedagógica sistemáticos, o que envolve espaço no currículo escolar. Não se trata de fenômeno episódico, como uma palestra ou uma semana especial de atividades, mas de abrir o canal para o debate permanente com crianças e jovens. acerca das questões da sexualidade. A compreensão dos pais sobre a importância do trabalho com a sexualidade infantil e jovem fortalece o trabalho de educação sexual e pode abrir novas perspectivas de diálogo na própria família. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 25)

- 1 - Amar os homossexuais como a si mesmo;*
- 2 - Seu filho homossexual é igual a todos os outros filhos*
- 3- Que saiba conviver com as diferenças, pois ninguém é igual a ninguém;*
- 4- O homossexual não é a ovelha negra da família; pelo contrário, pode ser a luz e o suporte para todos;*
- 5 -Que não haja homofobia dentro de casa;*
- 6-Não se referir aos homossexuais como inferiores, só porque amam de forma diferente que a deles;*
- 7- Não se referir aos homossexuais como criação do demônio, como o fazem religiões fundamentalistas;*
- 8 - Respeitar os sentimentos dos filhos homossexuais, sem repressão ou exclusão dentro de casa perante o restante da família;*
- 9 -Ter uma família unida e acolhedora, sem julgamentos ou vergonha;*
- 10- Que seja uma família, no sentido completo da palavra família. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 25)*

A oficina é um local onde os participantes se sentem seguros e à vontade. Os encontros são sempre uma surpresa, falamos abertamente de nossos anseios e desejos, medos e frustrações, como também de nosso mundo de prazeres e descobertas. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 74)

Alex - é sempre valido discutir sobre sexualidade e assuntos diversos.

Cesar - é um ambiente legal, onde podemos discutir livremente sobre assuntos proibidos, pela sociedade.

Antônio - muito enriquecedor, esclarecedor para pessoas como eu, que convivo com o HIV com os meus 18 anos.

Jefferson - um ótimo trabalho de comunicação, confraternização e solidariedade.

Carlos - ótimo espaço para vir à tona a transparência das pessoas sem hipocrisia.

Cleber - ótimo, pois transgredir de todo padrão que é hipócrita, falando coisas mais íntimas.

O mais importante é que as pessoas podem esclarecer todas as suas dúvidas.

Suzy - acredito que possa ser muito importante na vida das pessoas como tem sido na minha.

As oficinas estimulam-me a conviver muito melhor com o meu HIV. Passo a perceber e interagir com o mundo de uma outra forma, a qual eu não percebia antes de conhecer as oficinas e vivendo como meu HIV.

Júlio - uma troca de ideias! Aqui expomos nossos pontos de vista. Botamos para fora tudo aquilo que está entalado dentro de nós. Também aprendemos a refletir sobre a Aids. É uma forma bem inteligente de policiarmos como fazemos amor e o que devemos fazer para nos preservar para um futuro legal e sem medo de sermos homossexuais.

William – necessário para o amadurecimento político- existencial das pessoas que amam sem ousar dizer seu nome.

Jonas - aqui, aprendi a conviver com o meu HIV e a olhar a minha homossexualidade com outros olhos. Sinto-me confortável em abrir lembranças que não me são permitidas. [...] Em outros lugares. Posso abertamente falar que, no último sábado, encontrei um cara lindo para a minha vida e todos ficam felizes com o meu relato. As faces são surpresas, surpresas de alegria e ânsia por mais detalhes. Sinto-me tão bem aqui.

Rodrigo - a primeira vez a gente nunca esquece[...]. É a primeira vez que venho e achei muito interessante, ainda estou perdendo a virgindade! Calma digo a virgindade da oficina, pois a minha eu perdi aos 8 anos de idade (risos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 74;75)

Da metodologia

Trabalhar com jovens não é uma tarefa difícil, chega a ser muito gratificante e prazerosa. Mas o trabalho com jovens homossexuais, nas oficinas de juventude e diversidade sexual e em locais onde se faz prevenção, tem nos mostrado que essa é uma tarefa um pouco complexa, já que eles vivenciam cotidianamente os constrangimentos impostos pela sociedade, diferentes discriminações, medo de serem identificados, enquanto homens que fazem sexo com homens no meio onde necessitam sobreviver, incluindo a relação com a família, a escola, o trabalho etc. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 76)

Trabalhar a quebra dos valores, estipulados pela sociedade da moral e bons costumes, torna-se uma atividade muito desafiadora, pois exige não apenas trabalhar a cabeça, as atitudes e os comportamentos de jovens autoidentificados como homossexuais, mas de toda a sociedade. Nosso alcance, porém, é limitado. Está circunscrito ao âmbito dos indivíduos, ainda que o tom seja o de reforçar a mobilização coletiva como única estratégia de mudança social. Pensando nisso, o projeto juventude e diversidade sexual tem como objetivo principal o resgate da cidadania do jovem homossexual, de homens que fazem sexo com homens, de classes populares, acreditamos que, sem cidadania e autoestima, esses indivíduos não conseguem se inserir na sociedade. Nosso trabalho tem início com a intervenção direta nas ruas, boates, clubes, locais de prostituição e material de intervenção, praças, com distribuição de panfletos/convite para as oficinas e de preservativos direcionados para esse grupo de adolescentes. Na oficina de juventude e diversidade sexual os jovens colocam para fora, por meio das técnicas e experiências do teatro expressionista, suas ideias, seus anseios, seus sonhos e suas vontades. É um trabalho de resgate do indivíduo e de sua identidade para ser inserido como cidadão na sociedade que o excluí, que o subtrai. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 77)

Partimos do princípio de que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros, residentes no país, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade... (art. 5 da constituição brasileira). Todos, sem exceção, têm direito à cidadania plena e, por isso, o projeto define a possibilidade de esses jovens exercerem sua cidadania e seus amores não mais na clandestinidade. Incentivamos a busca de estratégias coletivas rumo à construção de uma nova cultura sexual brasileira, na qual exista, de fato, a possibilidade da convivência, o respeito à diferença e à diversidade sexual, a construção e o exercício da cidadania plena. Na perspectiva do teatro expressionista, o indivíduo ou o jovem ou o ator deve tirar de dentro de si os sentimentos, os seus conflitos e, a partir disso, compor o seu personagem. Nas oficinas, cada um será protagonista. Cada um será espelho e, nesse espelho, serão refletidas suas próprias histórias. No espaço da oficina, a realidade é re(a)presentada. A proposta é possibilitar o desvelamento das experiências de cada um, para que as diversas histórias possam servir como matéria-prima, para que, em conjunto, os facilitadores, a plateia e os protagonistas examinem e dissequem as diferentes linhas de desigualdade que fazem com que os sujeitos atuem de forma a reforçá-las, muitas vezes, sendo colocados ou se colocando em situações de vulnerabilidade. O objetivo maior é que, a partir desse processo analítico, se possa chegar a uma síntese, construída coletivamente, em que o sujeito seja menos objeto das

perversas forças sociais e seja mais agente na construção de sua trajetória de vida. Em paralelo, são oferecidos cursos profissionalizantes, estágios em atividades de prevenção ao HIV e atividades de produção artística (vídeo). Nesta última atividade, temos uma integração das demais. Os jovens são formados em técnicas de filmagem e participam de aulas práticas de câmeras de vídeo. A partir do material produzido nas oficinas, são produzidos scripts, que também são encenados e filmados por eles mesmos. A intenção é trabalhar ludicamente as duras questões que os afligem e os vulnerabilizam. Essas atividades nos permitem caminhar para a prevenção do HIV e da Aids, considerando o contexto amplo (pobreza, opressão racial, de gênero etc.). A perspectiva que adotamos, muitas vezes, permite que o sexo seguro e os caminhos da infecção (informações várias vezes repetidas em folhetos, palestras, mídia etc.) passem a pano de fundo ou como uma ponta de iceberg. O que não deve acontecer é que as informações de cunho mais técnico encubram ou impeçam que processos do mundo do jovem sejam explicitados, examinados e discutidos. Esses processos, muitas vezes, impedem que o ideal do sexo seguro se cumpra. Em termos de recursos operacionais das oficinas, vale ressaltar que a linguagem utilizada é a mais próxima possível do cotidiano, a mesma compartilhada nos espaços de sociabilidade homossexual. Acreditamos que é pelo incentivo da livre expressão, pelo uso e abuso do vocabulário, dito chulo, que situações mais próximas do real, ainda que muito distantes de nós, enquanto interventores, queremos escutar, e que cria a possibilidade de serem apresentadas e discutidas. Há descoberta do vocabulário contemporâneo do jovem HSH, o que nos ajuda a perceber muito mais esse mundo tão marginalizado em nossa sociedade atual. Devemos considerar que o código linguístico diz muito; caso não nos permitíssemos entendê-los, jamais conseguiríamos chegar tão próximo desses indivíduos. Finalmente, a nossa perspectiva de ação tem como uma de suas finalidades promover o reconhecimento coletivo, a percepção de afinidades (o fazer sexo com o mesmo sexo), que coloca todos em um mesmo barco, independentemente da enorme diferença de posicionamentos sociais e culturais que os singulariza. A finalidade do projeto é, acima de tudo, o avanço rumo à conquista dos direitos sexuais e do reconhecimento da cidadania do jovem HSH. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 78; 79)

Texto: BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e juventude:** como discutir a sexualidade em sua casa e na escola. Organizadoras: Carmem Barroso, Cristiane Bruschini. – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2000. (Biblioteca da Educação – série 1 – escola – vol. 13)

É importante lembrar que, à luz das pesquisas realizadas no campo da sexologia e com a reformulação de enfoques ideológicos perante o comportamento humano, muitas ideias estão sendo reformuladas. Por exemplo, a Organização Mundial da Saúde retirou a homossexualidade da sua classificação de doenças físicas ou mentais, talvez com o intuito de reduzir ou acabar com as visões preconceituosas que estigmatizam os homossexuais. (BARROSO e MANZINI, 2000, p. 77)

O tema da homossexualidade é uma excelente oportunidade para a discussão de atitudes estereotipadas e valores maniqueístas que foram levantados em torno do comportamento sexual humano. O debate em grupo sobre uma série de assuntos controvertidos que, muitas vezes, são mais conhecidos através do preconceito, do mito e das falsas generalizações do que através das pesquisas científicas objetivas, é uma das melhores formas para o esclarecimento do próprio sistema de valores e o da comunidade (neste caso representada pelo grupo). Se as ideias preconceituosas são contestadas com dados confiáveis, a revisão de atitudes é favorecida e, por causa disto, convém que o orientador tenha a informação mínima indispensável para desfazer mitos e responder às questões mais frequentes sobre o tópico. Tão importantes quanto a informação são as suas atitudes. (BARROSO e MANZINI, 2000, p. 77-78)

Deixar que os jovens tirem as suas próprias conclusões, em vez de impor as nossas como únicas, verdadeiras, absolutas e incontestáveis. (BARROSO e MANZINI, 2000, p. 78)

Objetivos gerais da sessão

- *Incentivar o debate e a livre expressão, sublinhando a importância do respeito aos diferentes pontos de vista que forem expressos.*
- *Enfatizar a importância de se respeitarem todos os indivíduos que optarem por comportamentos diferentes daqueles, seguidos pela grande maioria da sociedade.*
- *Discutir os possíveis elementos que determinam a diversidade de atitudes, perante a homossexualidade, em diferentes épocas e lugares.*
- *Analisar a transcendência dos mitos que envolvem a homossexualidade na conformação das atitudes na sociedade.*
- *Discutir os resultados de pesquisas orientadas para determinar a incidência, frequência e elementos associados ao fenômeno. (BARROSO e MANZINI, 2000, p. 78)*

Sua finalidade é provocar o debate e não medir o conhecimento ou o grau de aceitação ou de preconceito do jovem (sugere-se ao educador que procure ampliar o questionário, elaborando novos itens, com base em seu próprio conhecimento sobre o assunto). (BARROSO e MANZINI, 2000, p. 78)

Texto: RIBEIRO, Marcos. Diferentes formas de amar: diversidade e orientação sexual In **Sexualidade prazer em conhecer**. Fundação Roberto Marinho, 2001

Da mesma forma que existem diferenças quanto a maneiras de pensar, agir e encarar a vida, existem também atitudes e comportamentos diferenciados em relação à expressão da sexualidade. As pessoas que têm comportamento sexual diferente da maioria acabam sendo discriminadas por isso. A igualdade de direitos de homens e mulheres — independente de classe social, raça, origem e orientação sexual - está garantida pela Constituição do nosso País e de muitos outros. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 175)

Para entender o que é diversidade, basta observar nossos próprios alunos. Eles representam uma população de origem bastante diversificada, raças/etnias variadas, culturas diversas. Cada componente de uma sala de aula - inclusive o professor - tem uma história, ou várias: história da raça ou da etnia a que pertence; a história do País ou região de onde veio a sua família. Existem ainda arranjos familiares diferentes, classes sociais, religiões, profissões e estilos de vida e inúmeras outras diferenças, que precisam ser valorizadas e respeitadas, pois fazem parte do todo que é a sociedade brasileira. Muitas vezes essa diversidade é marcada pelo preconceito e pela discriminação. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 175)

Justamente por abrigar uma amostra preciosa dessa diversidade cultural e étnica, as escolas não podem permitir que se cultive o preconceito e o desrespeito a si próprio e ao outro. Muito pelo contrário, em função dessa pluralidade tão próxima, é dever da escola contribuir para garantir os direitos fundamentais a todo mundo, inclusive o respeito às diferentes formas de orientação sexual. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p.175)

Cursos regulares de Educação Sexual, cientificamente planejados, ministrados desde a pré-escola, terão um impacto crucial na transformação moral da nossa população. Os cursos devem ensinar, sem hipocrisia e falso moralismo, tudo o que um jovem adulto precisa saber

sobre sexo: sua anatomia, sua higiene, prevenção das DST, como evitar abuso e assédio sexual, como impedir a gravidez indesejada, o respeito que todos nós devemos ter em relação à orientação sexual dos outros, como um direito humano fundamental. Além da Educação Sexual científica, urge que o poder público puna exemplarmente os que violam os direitos sexuais alheios: assédio, abuso sexual e a discriminação, baseada no sexo e na orientação sexual. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 180)

Texto: SOUSA, Valquíria Alencar de. **Por uma educação escolar não sexista.** Organizadoras: Valquíria Alencar de Sousa, Maria Eulina de Carvalho. – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

A educação, porém, tem um papel transformador, que é o de contribuir para a igualdade de oportunidades e impulsionar o desenvolvimento pessoal de meninos e meninas, homens e mulheres, para a formação de cidadãos e cidadãs. (SOUSA, 2003, p. 7)

Equidade de gênero: *é o sistema de relações interpessoais e sociais, baseado na igualdade entre os sexos e na valorização equilibrada das qualidades, consideradas femininas ou masculinas.* (SOUSA, 2003, p. 9)

Educação não-sexista: *é a educação que promove a igualdade entre os homens e mulheres.* (SOUSA, 2003, p. 9)

Na realidade, os gêneros nada têm a ver com as diferenças biológicas entre homem e mulher. Os comportamentos masculino e feminino não são determinados pela natureza, mas pela cultura, e mudam com o tempo (época) e o espaço (realidade social). (SOUSA, 2003, p. 12)

As relações de gênero são construídas de acordo com a cultura de cada povo e grupo social, impostas a partir do nascimento, ou seja, do enxoval azul para os meninos e rosa para as meninas. (SOUSA, 2003, p. 12)

A professora e o professor podem fazer muito para mudar a situação de desigualdade na escola, a partir da sua prática pedagógica cotidiana, estimulando meninos e meninas a experimentarem as mesmas atividades, a desenvolverem as mesmas habilidades e a compartilharem suas descobertas, superando as diferenças individuais, supostamente baseadas no sexo. Através da educação não-sexista de crianças e jovens, a professora e o professor estarão criando um novo modelo de educação e de sociedade. (SOUSA, 2003, p. 15)

A escola, no seu papel transformador, através do trabalho pedagógico de suas professoras e seus professores, pode ajudar muito a equilibrar as relações entre homens e mulheres, entre os valores masculinos e femininos, mudando, por conseguinte, a sociedade. (SOUSA, 2003, p. 19)

As professoras e os professores devem trabalhar as relações de gênero com seus alunos e alunas, de acordo com a realidade de sua região, de sua comunidade e de sua escola, problematizando essas relações de modo a tornar visíveis a desigualdade e a iniquidade. (SOUSA, 2003, p. 19)

Estas atividades escolares podem ser realizadas na perspectiva da interdisciplinaridade, com a integração de várias disciplinas e vários conteúdos. Aliás, os novos parâmetros curriculares nacionais (PCNs) incluem as relações de gênero no tema transversal Orientação Sexual, considerando, assim, que a preocupação com as divisões e hierarquias de gênero deve atravessar o currículo, ou seja, permear todas as experiências e aprendizagens que se dão na escola, dentro e fora da sala de aula. (SOUSA, 2003, p. 19)

Sabemos que a linguagem é um importante instrumento de reforço ou de mudança de significados, valores e sentimentos, pois através dela pode-se confirmar a visão de mundo vigente ou introduzir e veicular novas ideias! Muitas vezes, nossa linguagem carrega preconceitos sexistas, até imperceptivelmente, por força do hábito. (SOUSA, 2003, p. 20)

Assim, como educadoras e educadores, devemos ser críticas e críticos em relação à nossa própria fala no cotidiano da sala de aula, atentas e atentos para não discriminarmos meninas e meninos, reforçando umas ou uns e reprimindo outras ou outros. A própria regra gramatical

que pluraliza no masculino (mesmo quando um grupo é composto majoritariamente por mulheres) deve ser mudada, por que não? (SOUSA, 2003, p. 20)

As professoras e os professores devem estar atentas e atentos para a seleção de ilustrações nas suas aulas, bem como orientar as alunas e alunos para que as imagens (de revistas, livros, jornais), a serem utilizadas nos diversos trabalhos escolares, não passem uma visão androcêntrica e sexista da sociedade e, sim, apresentem uma imagem positiva da mulher e dos valores femininos. (SOUSA, 2003, p. 22)

É preciso acabar com os estereótipos que enclausuram homens e mulheres em mundos divididos e rígidos padrões de comportamento. Esta é uma tarefa nossa, da educação, da escola e das educadoras e educadores. (SOUSA, 2003, p. 24)

CATEGORIA: EDUCAÇÃO SEXISTA/ EDUCAÇÃO HOMOFÓBICA

Texto: ABROMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G.; SILVA, Lorena B. **Juventudes e sexualidade.** Coordenadoras: Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

Sempre tem [preconceito]. Eu acho que é, tipo assim, como um trauma assim, que existe em algumas pessoas: Ah, eu não gosto de negro. Ah, eu não gosto de gay, sabe? É alguma coisa que aconteceu com ele, sabe? Não tem explicação, embora eu não goste de nenhum gay e se não chegar perto, mas se chegar, também, eu fico com raiva, eu não gosto, eu conheço vários sapatões, mas eu não gosto, sabe? Se quiser ser, tudo bem, né? Mas ele lá e eu aqui, converso numa boa, tenho vários amigos assim, só que ele lá e eu aqui. (Grupo focal com alunos, escola pública, Cuiabá). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p.283)

Os casos de homossexualidade feminina são menos citados pelos alunos, mas tão estigmatizados, nos discursos, quanto a homossexualidade masculina:

M - Quando é mulher, mesma coisa.

H - Eu não aceito, mulher com mulher é nojento.

M - Também é feio.

H - Ah, eu não acho nojento.

H - Mulher com mulher sempre é muito feio

M - É sim, é ridículo, o meu pai viu umas mulheres se beijando no centro da cidade e ficava uma pegando nas partes da outra, o meu pai é um daqueles bem antigos assim. (Grupo focal com alunos, escola pública, São Paulo)

Em relação aos homossexuais em geral, há indicações de que as jovens seriam menos preconceituosas. Professores percebem que, para os meninos, o preconceito de ter um amigo homossexual é mais forte do que para as meninas, conforme relato de um professor de Cuiabá: “... Eu acho que o homem tem mais preconceito de ter amigos homossexuais do que a mulher.” (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p.284)

Alguns professores comentam que, apesar de abordarem a questão da homossexualidade pelo lado do respeito humano, é bastante difícil lidar com o assunto, pois os alunos sempre levam para a brincadeira. Já outros assumem uma postura de distanciamento e, assim, de cumplicidade passiva com a violência contra jovens, tidos como homossexuais - cada um é, pode ser como quiser ou como um tema que não é de sua alçada. Dessa forma, omite-se o debate sobre assuntos que são engendrados por preconceitos e discriminações, quando muito, pregando uma abstrata tolerância, em que cada um poderia ser o que quisesse, quando, na prática, não é isso que ocorre. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 288)

O preconceito com relação ao homossexualismo existe e eu combato porque eu acho que cada um é, pode ser, como quiser, imagina se a gente vai ficar controlando a vida dos outros, não pode... bicha? quando que tu tiraste a prova?, eu digo Epa, alto lá! respeite seu colega. Eu não me incomodo, ele pode ser do jeito que quiser, a vida particular dele não me interessa, interessa a vida dele escolar. Aqui na sala, ele sabe se comportar. E um bom aluno está me tratando bem? Correndo tudo direitinho, sabe, a vida particular não me interessa, não me interessa se a minha aluna vai sair daqui e rodar a bolsinha, não interessa, sabe? (Grupo focal com professores, escola pública, Belém). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 289)

As análises das tabelas sobre preconceito contra homossexuais e declaração quanto a conhecimento, discutidas nesta seção, indicam que não necessariamente o maior conhecimento sobre tal orientação sexual colabora para a diminuição dos preconceitos. Apesar de os professores (homens) demonstrarem ter percentual mais elevado de conhecimento suficiente sobre homossexualidade do que as professoras (mulheres) comumente têm, esses tendem a

se destacar como os que menos gostariam de ter alunos homossexuais. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 296)

Entretanto, não há indícios de que a homossexualidade tenha sido trabalhada de maneira mais consistente em sala de aula, de forma a criar entre os alunos uma familiaridade com o tema, desconstruindo preconceitos e socializando no convívio com a diferença: Quando existe qualquer forma de discriminação por parte das colegas, nós colocamos essa discussão à tona, a discussão da discriminação das minorias, das opções. Tem que conversar, discutir o assunto, nós procuramos discutir essa relação para, justamente, impedir que esses alunos se sintam prejudicados ou discriminados dentro da escola. (Entrevista com diretor, escola pública, Rio de Janeiro).

Aqui a gente procura acabar com essa história se por ventura existir, preconceito racial, social..., a gente procura sempre conversar com eles essa questão. (Grupo focal com professores, escola pública, Maceió). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p.298;299)

Texto: SUPLICY. Sexo se aprende na escola. 2ª ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.

Essas rápidas pinceladas teóricas nos dão a dimensão da complexidade do fenômeno homossexual. Eis uma das razões da dificuldade dos educadores que cotidianamente tentam lidar com batatas quentes que poucos tentam descascar, temendo queimar-se. Uma dessas batatas quentes é o menino e a menina diferentes. Diferentes em quê? No desejo não é, pois jamais poderíamos afirmar, em princípio, que tais crianças têm desejo por colegas do mesmo sexo, que sejam homossexuais. Então o que estaria acontecendo, por que as diferenças? Ocorre que, devido a sua história de vida, essas crianças não participam dos rituais da tribo escolar. Elas não conseguem entrar no seu grupo de iguais, por não apresentarem o bilhete de entrada, devido à rigidez, para que possam ser reconhecidas como seus integrantes. Os meninos deveriam apresentar-se agressivos e as meninas meigas. Ao perceber essa circunstância, o educador deve tentar reduzir a exigência para ambos os membros. Ao chegar à escola, tais crianças vivenciam seu processo de socialização, que pode apresentar algumas dificuldades. Muitas vezes, criam-se espaços especiais -- pelo isolamento -- ou cristalizam-se espaços de convivência para os diferentes; assim, o menino, com certos trejeitos, integra o grupo das meninas, participando de todas as suas atividades ao longo dos anos escolares. O inverso acontece com a menina que parece menino. (SUPLICY, 1999, p. 71;72)

Texto: PICAZIO, Cláudio. **Diferentes desejos:** adolescentes homo, bi e heterossexuais. Editora Summus: São Paulo, 1998.

Meus pais tentaram fazer com que eu deixasse de ser afeminado me obrigando a fazer um monte de esportes brutos, como judô, caratê, escotismo. Não adiantou nada, continuo gostando de meninos. O que poderia me transformar em heterossexual? (Flávio, 19 anos). (PICAZIO, 1998, p. 84)

Eduquei meu filho para ser macho, mas ele me contou que é gay. Tenho vergonha dele. (PICAZIO, 1998, p.119)

Texto: LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola In **Saúde e sexualidade na escola.** Dagmar Meyer e E. Estermann (organizadoras). Editora Mediação: Porto Alegre, 1998.

Num processo semelhante, a escola também ensina que apenas uma forma de sexualidade é normal. Ao falar em vida sexual (quando se permite falar), usualmente o faz dentro do quadro do casamento e entende-a como restrita a um homem e a uma mulher heterossexuais e adultos. Subjacente a tudo isso, encontra-se em operação uma lógica de dualidades e oposições. A escola (da mesma forma que outras instituições sociais) constrói seus discursos e argumentações, com base em pares opostos: masculino/feminino; heterossexual/homossexual, normal/anormal, saudável/doente; público/privado; decente/indecente; moral/imoral... Nesses conjuntos, a primazia é dada ao primeiro elemento do par, o qual constitui a referência e o padrão e do qual o outro elemento é derivado. Algumas vezes, não apenas se secundariza o segundo elemento, mas, de um modo ainda mais contundente, ele é negado ou é silenciado, Por esse tipo de operação lógica, a escola simplesmente não fala da homossexualidade ou da bissexualidade; a escola desconhece ou esconde meninos, meninas, jovens e adultos homossexuais. A heterossexualidade é considerada não apenas normal, mas natural, ela é compreendida como a verdadeira forma de manifestação do desejo sexual entre as pessoas normais e saudáveis. Há um processo de naturalização de uma única forma de sexualidade, rejeitando a ideia de que todas as formas são socialmente produzidas. Assim procedendo, a escola empurra para o lugar do patológico, do anormal ou da perversão qualquer outra

manifestação do desejo. Uma outra questão incômoda poderia ser aqui colocada: afinal, se a heterossexualidade é natural, por que há tanto cuidado para garanti-la? Não bastaria deixar aos cuidados da natureza o desenvolvimento de crianças e de jovens? Por que se vigia tanto os/as estudantes para impedi-los de atitudes, interesses ou comportamentos homossexuais? (LOURO in MEYER, 1998, p. 91;92)

A consequência mais comum é que tais assuntos, negados nos espaços autorizados das aulas, passem a ser objeto das conversas escondidas, das gozações ou das pichações nos banheiros e muros. Mais problemático do que isso, o silenciamento da escola sobre as diversas formas de sexualidade efetivamente ensina àqueles/as, que se reconhecem como homossexuais, a se esconderem. Nas instituições escolares, jovens gays e lésbicas poucas vezes encontram acolhida para suas formas de vida; ali eles/elas experimentam, muito mais frequentemente lições de desvalorização e de escamoteamento. Talvez possamos até mesmo dizer que a única forma de homossexualidade tolerada (não apenas na escola, mas em muitas instâncias sociais) é aquela que se esconde, ou seja, algumas pessoas admitem que os indivíduos possam, eventualmente, escolher a homossexualidade, desde que o façam no silêncio e no privado. (LOURO in MEYER, 1998, p. 94)

O homem ou a mulher homossexual enrustido/a é tolerado/ a, mas, no momento em que se assume, ele ou ela passa a ser rejeitado/a e considerado/a um/a pervertido/a. (LOURO in MEYER, 1998, p. 94)

Trabalhar questões de sexo e sexualidade na escola ainda é alvo de discussão e polêmica, pois há os/as que afirmam que tais assuntos devam ser discutidos no âmbito privado, sendo, portanto, responsabilidade apenas das famílias. Outros/as temem que, ao se falar de sexo na escola, as crianças sejam despertadas precocemente para o assunto, pois ainda se tem a ideia de que elas devam ser preservadas em sua ingenuidade, mesmo que tenham acesso à informação, mesmo que sejam bombardeadas com inúmeras imagens, através do contato diário com filmes, propagandas, novelas e programas veiculados pela TV, ou que vejam e ouçam coisas à sua volta, diretamente relacionadas com sexo. Muitos pais, mães ou responsáveis ainda se sentem constrangidos/as ao terem que falar desses assuntos, em função da repressão a que foram submetidos/as, o que certamente pode ter contribuído para a falta de informação sobre questões ligadas à sexualidade. No entanto, quando as famílias e as escolas procuram assumir este tema, como parte integrante do seu cotidiano, geralmente o fazem por uma via

marcadamente biológica, em muitos casos pautada pela disseminação do medo e da doença, principalmente. (LOURO in MEYER, 1998, p. 122)

Texto: ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. **Ritos e ditos de jovens gays.** Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.

A indiferença dos dirigentes e professores, a falta de preparo para tratarem algumas situações, pontuadas como irrelevantes e a falta de apoio ao jovem, o qual se sente perdido em meio a outros jovens, fazem com que o desânimo e o medo se instalem nesses indivíduos. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p.22)

Ele não pode frequentar o banheiro masculino, pois corre risco de ser estuprado e violentado de todas as formas possíveis. Não pode fazer parte do time da escola, pois é tido como delicado demais, segundo a visão dos seus companheiros da mesma idade e de escola. O jovem homossexual se sente sem um ponto de apoio, sem uma referência, mesmo querendo se inserir no contexto da comunidade escolar. O resultado dessa exclusão é o abandono dos estudos e de uma estrutura que poderiam trazer benefícios futuros. Preferem não frequentá-la. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p.22)

Escola para mim? Nada a reclamar, apesar das toneladas de piadas para o meu lado. Vinham gracinhas de todos os lados, inclusive dos professores, os quais me pegavam de judas para sentar o pau nos homossexuais. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p.27)

Texto: BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e juventude:** como discutir a sexualidade em sua casa e na escola. Organizadoras: Carmem Barroso, Cristiane Bruschini. – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2000. (Biblioteca da Educação – série 1 – escola – vol. 13)

A homossexualidade feminina é quase totalmente ignorada, possivelmente, como aponta o pesquisador norte-americano Vern Bullough, como consequência do preconceito amplamente difundido que sustenta que qualquer tipo de atividade sexual precisa da participação de um pênis, pelo que um envolvimento sexual entre duas mulheres nem sequer é considerado possível; é negado. Isto, no fundo, não deixa de ser uma atitude altamente repressiva e sexista, quer entre aqueles povos que toleram a homossexualidade masculina quer entre aqueles que a condenam. (BARROSO e BRUSCHINI, 2000, p. 76)

Alguns mitos comuns - sobre a homossexualidade:

Os homossexuais quase sempre são afeminados, enquanto as homossexuais quase sempre são masculinizadas. E os homossexuais costumam seduzir crianças;

Nos casais homossexuais, um dos parceiros assume sempre o papel ativo, enquanto o outro desempenha sempre o papel passivo.

Homens e mulheres são homossexuais, porque nasceram assim.

A principal causa do homossexualismo é o desequilíbrio hormonal.

Os homossexuais, em geral, têm muita criatividade e jeito especial para as carreiras artísticas.

Devido a seu comportamento sexual, os homossexuais tendem, mais do que os heterossexuais, a ser ladrões ou criminosos. (BARROSO e BRUSCHINI, 2000, p.

77)

Texto: SOUSA, Valquíria Alencar de. **Por uma educação escolar não sexista.** Organizadoras: Valquíria Alencar de Sousa, Maria Eulina de Carvalho. — João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

A educação sexista tem sido sistematicamente apontada como um dos obstáculos mais fortes à construção de uma sociedade democrática, na qual mulheres e homens tenham os mesmos direitos e a equidade de gênero, seja à base das relações entre as pessoas. (SOUSA, 2003, p.

7)

A educação, tal como é praticada, vem contribuindo para prolongar as divisões sociais que perpetuam a estrutura de poder masculino, pois está cheia de valores e ideias que mostram o mundo masculino como superior ao feminino, um mundo que limita o potencial e a autonomia das mulheres, traduzindo as diferenças em desigualdades sociais. (SOUSA, 2003, p 7)

Esta cartilha pretende contribuir para a intervenção nas práticas educacionais, que criam ou reforçam as desigualdades entre alunas e alunos e a iniquidade de gênero, auxiliando educadoras e educadores a compreenderem as relações de gênero e investirem em ações visando à superação da desigualdade no ambiente escolar. (SOUSA, 2003, p. 7)

Patriarcado: *é o modelo de sociedade baseado na autoridade paterna, na supremacia da figura masculina, daí ser chamada sociedade patriarcal. Segundo a crítica feminista radical, o*

patriarcado é um sistema social sustentado ideologicamente pela heterossexualidade compulsória, violência masculina, socialização de papéis de gênero. (SOUSA, 2003, p. 8)

Androcentrismo: *Significa a visão do homem como o centro, como a norma para os seres humanos; refere-se ao sistema de valores da cultura dominante, baseado em normas masculinas. (SOUSA, 2003, p. 9)*

Sexismo: *é o conjunto de diversas manifestações de comportamentos discriminatórios, que favorece um sexo em detrimento do outro. (SOUSA, 2003, p. 9)*

A tradição ocidental patriarcal, um legado de longa data, estabelece um certo padrão de relação entre homens e mulheres, definindo os seus papéis na vida: aos homens, cabem a decisão, a chefia, o poder; às mulheres, cabem o domínio da casa, a educação dos filhos, as tarefas domésticas, o que gera um profundo desequilíbrio na humanidade. (SOUSA, 2003, p. 10)

Para as meninas, o róseo - símbolo da graça, da suavidade, da quietude; para os meninos, o azul- a amplidão dos céus, a busca do infinito. O simbolismo das cores se estende à formação de um mundo dividido - nos brinquedos e nos jogos infantis (carro versus boneca), na escolha profissional (enfermeira versus engenheiro) e até na participação política na sociedade. (SOUSA, 2003, p. 10)

No mundo dividido, o feminino e o masculino se definem como polos opostos e excludentes e as relações de gênero se baseiam em ideias bem rígidas sobre como devem ser (se comportar, pensar e sentir) homens e mulheres, distintamente. (SOUSA, 2003, p. 11)

O sistema de papéis sociais e de identidades diferenciadas, que começa na família, está presente na educação escolar, definindo e reforçando as relações de gênero. Essas relações desiguais se reproduzem na igreja, no trabalho, nos vários espaços e práticas sociais, reforçando a superioridade masculina e a submissão feminina. E uma das principais agentes dessa educação sexista é a mulher, mãe, professora, tia, avó. (SOUSA, 2003, p. 11)

A família é o primeiro modelo de relação entre as pessoas. Na família patriarcal (ou tradicional), essas relações são desiguais e hierárquicas:

→ o pai é a autoridade máxima, é quem detém o poder econômico e de decisão sobre a vida de todos, não assume qualquer atividade doméstica e não cuida dos filhos e filhas;
→ a mãe é responsável pela ordem doméstica, pela educação e bem-estar dos filhos e filhas, na hora das decisões espera pelo marido e, muitas vezes, abdica da própria opinião;
→ os filhos e filhas devem sempre obediência ao pai, não assumem os seus desejos nem opinam sobre seu destino; aprendem desde cedo a desvalorizar o trabalho da mãe e o papel da mulher na sociedade. (SOUSA, 2003, p. 13)

É na família que aprendemos os distintos modelos de comportamento e identidade de homem e de mulher. A criança vai percebendo qual é o seu papel, o seu lugar no mundo, o que se espera dela, sendo recompensada ou punida, conforme seu comportamento é aceito ou não. Assim, seus valores tornam-se os do pai e da mãe, através do processo de identificação. Por exemplo, a criança aprende que as tarefas domésticas são de total responsabilidade da mãe, coisa de mulher, vivendo isso como realidade no seu dia a dia. (SOUSA, 2003, p. 13)

Esta é a construção do modelo feminino aceito pela sociedade: uma mulher-mãe que se doa e se sacrifica pela família, com dupla jornada de trabalho, muitas gravidezes, um exemplo de resignação, até mesmo quando é vítima de violência doméstica. (SOUSA, 2003, p. 13)

A escola é parte da sociedade. Ensina regras e valores sociais que vão influir na formação de meninos e meninas. É verdade que a escola não cria todas as desigualdades, mas as reforça, através da educação sexista. (SOUSA, 2003, p. 14)

No dia a dia escolar, é comum a segregação entre os sexos na formação de filas, nas tarefas e esportes, reforçando a diferença entre alunos e alunas e aumentando a competição sexista. (SOUSA, 2003, p. 14)

As diferenças de sexo e gênero têm favorecido os homens em detrimento das mulheres. Isto porque as relações de gênero são relações de poder: as diferenças construídas entre homens e mulheres transformam-se em hierarquias, justificadas pela maior valorização das qualidades masculinas, que são atribuídas exclusivamente aos homens. (SOUSA, 2003, p. 16)

O livro didático é um dos mais importantes recursos pedagógicos, pois conjuga mensagem (texto) e imagem (ilustração). Daí, a sua importância na transmissão de significados e valores

culturais, pois não só ensina os conteúdos didáticos, mas igualmente o poder e a criatividade do homem e a superioridade do gênero masculino, e o lugar inferior da mulher e insignificância do gênero feminino.

Vejamos alguns exemplos de estereótipos encontrados em livros didáticos:

→ *Estado civil: destaque para as mulheres casadas e mães, como se não existissem as divorciadas, viúvas e mães solteiras;*

→ *Estatuto familiar: o papel da mulher é sempre o de mãe; os homens são sempre os chefes de família, o que não corresponde à realidade, pois 30% das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres;*

→ *Emprego: os estereótipos são o da mulher dentro do lar e o do homem no emprego, tornando invisível o trabalho feminino e a sua contribuição na renda familiar,*

→ *Profissão: quando aparecem mulheres exercendo trabalho remunerado, sempre estão nas profissões que são extensão das atividades domésticas - enfermeiras, professoras primárias, pediatras, empregadas domésticas;*

→ *Atividades domésticas: são monopólio feminino, incluindo os cuidados da casa, dos filhos e filhas e das pessoas idosas;*

→ *Ilustrações: as mais comuns são a do pai que assiste ao jogo na TV, a mãe na cozinha ou varrendo a casa, o filho jogando bola e a filha ajudando a mãe nas tarefas domésticas. (SOUSA, 2003, p. 22)*

Texto: RIBEIRO, Marcos. Diferentes formas de amar: diversidade e orientação sexual In **Sexualidade prazer em conhecer**. Fundação Roberto Marinho, 2001.

É comum na adolescência surgir a dúvida: sou ou não homossexual? Muitos adolescentes experimentam algum tipo de atração e até mesmo de experiência sexual com pessoas do mesmo sexo. Na maioria das vezes, trata-se apenas de uma forma de descoberta da sexualidade. Somente na idade adulta, podemos saber se a nossa orientação é homossexual ou heterossexual. Muitas vezes, a atração por uma pessoa do mesmo sexo, geralmente mais velha, tem mais o caráter de admiração de um modelo do que de atração sexual. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 176)

A chegada da adolescência traz uma nova questão para a sexualidade. Além da identificação de gênero, o adolescente tem de lidar com o desejo que começa a aparecer. Só que, em muitos casos, esse desejo contraria aquele comportamento de gênero que foi aprendido na infância,

que teve como primeiro modelo a relação entre os pais. Daí podem surgir grandes conflitos, tanto com familiares e amigos quanto conflitos internos, de medo, culpa, incerteza, baixa autoestima. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 177)

Segundo as mais modernas teorias psicológicas, é por volta dos cinco-seis anos que o/a menino menina definem sua orientação sexual, isto é, a direção de sua atração afetiva e sexual. A descoberta de pertencer a esta minoria sexual geralmente é traumática, pois nossa cultura machista e heterossexista reprime, insulta, agride e tenta destruir os praticantes do amor que não ousavam dizer o nome. Quando uma criança ou adolescente sente desejos homoeróticos ou deseja viver o papel de gênero oposto, que sua cultura prescreve para o seu sexo biológico, ou seja, quer ser travesti ou transexual, geralmente desenvolverá mecanismos de autodefesa, vivendo na clandestinidade tais desejos e emoções, por vezes internalizando a homofobia dominante na sociedade global, recalcando esse desejo proibido. O ideal é que, quando um jovem manifesta orientação homossexual ou transgênero, deve ser apoiado por seus familiares e professores, a fim de diminuir os efeitos perversos da intolerância heterossexista, e, eventualmente, com o auxílio de um psicólogo ou de conselheiros de grupos de afirmação homossexual, ser orientado em como viver com segurança e tranquilidade tal estilo de vida. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 180)

CATEGORIA: HOMOSSEXUALIDADE NA VISÃO SOCIOCULTURAL

Texto: PICAZIO, Cláudio. **Diferentes Desejos:** adolescentes homo, bi e heterossexuais. Editora Summus: São Paulo, 1998.

A dificuldade e a resistência de entender a homossexualidade reside no fato de acreditarmos erroneamente que ela é um desejo aprendido ou adquirido. (PICAZIO, 1998, p. 25)

A homossexualidade não é simplesmente uma prática sexual com um indivíduo fisicamente igual. A homossexualidade é um desejo de se vincular emocional e sexualmente com alguém do mesmo sexo. Em muitos casos as pessoas não se permitem esse sentimento, tentando aliviar seu desejo por vínculos amorosos com mais práticas sexuais. (PICAZIO, 1998, p. 25)

Muitos acreditam que a pessoa é homossexual por ter dificuldade em ser heterossexual. Isto é, pois, o homossexual não é um hétero frustrado. (PICAZIO, 1998, p. 26)

Por que todo gay é mais vaidoso do que os héteros? (Marta, 16 anos)

Não diria todos, mas a grande maioria realmente é muito vaidosa. Isto porque os homens julgam muito pela aparência, enquanto uma mulher, por exemplo, perdoa uma barriguinha ou uma careca num homem, quando ela o deseja, um homem pode até perdoar, mas tende a buscar a pessoa com um corpo o mais desejável possível. Em uma relação homossexual masculina, dois homens buscam este mesmo ideal de corpo, exigindo e, ao mesmo tempo, sentindo-se obrigados a atender este mesmo ideal de estética. (PICAZIO, 1998, p. 26 e 27)

Outro dia, um aluno perguntou por que chorar era coisa de veado, e eu respondi que não era, que todo mundo tem o direito de sentir tudo. Mas, no fundo, acho que homem que chora e que é muito sensível é homossexual. Estou errada? (Mara, professora). (PICAZIO, 1998, p. 27)

Ele não tinha cara de gay, nunca tinha percebido. (PICAZIO, 1998, p. 28)

Só é veado quem dá? (Arnaldo, 15 anos). (PICAZIO, 1998, p. 30)

Eu entendo o que dois homens podem fazer numa cama, mas não entendo as mulheres. O que elas fazem, será que elas são mal cantadas? (Fábio, 19 anos). (PICAZIO, 1998, p. 32)

Por que todas as sapatonas são machonas? (Bia, 16 anos). (PICAZIO, 1998, p. 32)

Todo gay quer ser mulher? (João, 15 anos). (PICAZIO, 1998, p. 32)

Por que as meninas podem dar beijo umas nas outras, sair de mãos dadas sem virar sapatão? Os meninos, se fizerem isso, vão virar veado? (Victor, 14 anos). (PICAZIO, 1998, p. 33)

Homossexualidade é opção? (Marina, 18 anos). (PICAZIO, 1998, p. 34)

Quando contei para minha mãe que eu gostava de homens, ela chorou muito e perguntou se eu ia querer mudar de sexo. Ri muito. (Maurício, 19 anos). (PICAZIO, 1998, p. 34)

Tem muita gente que pensa que, se uma pessoa gosta de homens, é porque quer ser mulher. Isso é um grande engano. O homossexual masculino quer ser homem e gosta de outro homem. A identidade sexual dele corresponde à de seu sexo biológico, O desejo sexual é que está orientado para o mesmo sexo. (PICAZIO, 1998, p. 34)

Meu melhor amigo nunca namorava, até que um dia ele se abriu e disse que era gay. Tudo bem para mim, cada um na sua. Mas tenho medo que os outros descubram que ele é e pensem que eu também sou. Não quero me separar dele. Ele é um cara muito legal. O que eu faço? (Adalberto, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p. 49)

Não gosto de futebol, converso muito com as meninas, não sou de briga. As pessoas pensam que eu sou gay. Será que vou ter que me forçar a fazer coisas de que não gosto para que meus amigos não me encham? (André, 16 anos). (PICAZIO, 1998, p. 51)

Sou gay, mas não sou afeminado. Ninguém sabe e todos pensam que eu sou garanhão. Sou o melhor do meu time de futebol e faço musculação. Gostaria de saber por que, toda vez que aparece um gay na televisão, sempre é um cara bandeiroso. (Cláudio, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p. 52)

Por que o homossexual é comparado a bandido e a drogado? (Vânia, 15 anos). (PICAZIO, 1998, p. 52)

Todo cara que tem raiva de gay é homossexual? (Afanásio, 18 anos). (PICAZIO, 1998, p. 54)

O preconceito é forte e temos a sensação de que estamos condenados a esconder esse desejo, de nós e dos outros, para o resto da vida. Criamos uma proteção para que nada nos lembre desse questionamento, e achamos que a melhor solução é atacar quem é homossexual, ou tentar viver como hétero e ignorar os próprios sentimentos. Essa dificuldade de se questionar transforma a pessoa em carrasca de si mesma e fecha o caminho para a felicidade. Não entender a homossexualidade é não entender a heterossexualidade, é não conhecer seus limites, seus desejos, suas possibilidades, é não estar livre não só para o sexo, mas também para o desenvolvimento afetivo. (PICAZIO, 1998, p. 57)

Gosto muito de um amigo meu, tenho vontade de dar um abraço carinhoso nele. Será que isso é coisa de veado? (Mauro, 15 anos). (PICAZIO, 1998, p. 58)

Sou virgem. Não consigo pensar muito em sexo, não tenho vontade. Será que sou homossexual? (Maria, 21 anos). (PICAZIO, 1998, p. 59)

Tranzo e gosto de mulheres, mas, às vezes, saio com um travesti ou um gay bem afeminado, acho mais fácil. Isso é errado? (Ricardo, 19 anos). (PICAZIO, 1998, p. 60)

Não consigo ter ereção com as mulheres. Tenho vontade, mas não fico de pau duro. Será que sou gay? (Augusto, 18 anos). (PICAZIO, 1998, p. 60)

Não gosto de ser penetrada pelo meu namorado. Será que sou homossexual? (Lia, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p. 61)

Não tenho a menor vontade de casar, será que sou homossexual? (Débora, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p. 61)

Minha namorada passou a mão na minha bunda e no meu cuzinho. Me deu um baita prazer. Será que isso é sinal de que posso ser veado? (Gabriel, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p. 66)

Gosto de ficar vendo o pinto dos meus amigos. Fico comparando com o meu, principalmente porque o meu é maior. Isso é ser veado? (João, 15 anos). (PICAZIO, 1998, p. 67)

Meu amigo vivia falando que eu tinha uma bunda bonita. Um dia ele dormiu em casa. Acordei de noite e ele estava em cima de mim. Fiquei quieto, fingindo que estava dormindo. Me deu o maior tesão e gozei também. Isso se repetiu várias vezes. Um dia eu pedi que ele deitasse em cima de mim e ele me chamou de veado. Nunca mais me procurou para isso. Será que sou gay e ele não? Veado é quem dá e não quem come? (Flávio, 18 anos). (PICAZIO, 1998, p. 67)

Gosto de fazer sexo com homens, mas, quando penso em namorar, penso em uma menina. Será que sou gay? (Diogo, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p. 68)

Tenho um amigo que é meio veadinho. Se for amigo dele, eu vou ser também? (Piero, 15 anos). (PICAZIO, 1998, p. 69)

Já transei com meu namorado, mas tenho vontade de beijar minha amiga. Será que sou sapatão? (Simone, 16 anos). (PICAZIO, 1998, p. 69)

Gosto de filmes de amor, gosto de me arrumar legal, sou romântico, não gosto de violência. Sou homossexual por isso? (Henrique, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p. 69)

Acho os meninos insuportáveis, só querem ir pegando e apertando. Quando minhas amigas fazem isso, eu não ligo. Sou homossexual? (Márcia, 15 anos). (PICAZIO, 1998, p. 70)

Mulher que gosta de jogar futebol é lésbica? (Malu, 14 anos). (PICAZIO, 1998, p. 71)

Minha mãe se separou do meu pai e agora passa o tempo todo com uma amiga, elas dormem juntas na mesma cama. Minha mãe virou sapatão? (Daise, 14 anos). (PICAZIO 1998, p. 71)

Detesto usar saia, fivela e maquiagem. Não quero baile de debutante, acho um horror. Eu não sou mulher? (Vânia, 15 anos). (PICAZIO, 1998, p. 71)

Tenho um monte de amigos gays que ficam querendo arrumar uma namorada para mim, mas eu queria era transar com um deles. Eu sou uma lésbica enrustida? (Patrícia, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p. 72)

Meu namorado fica insistindo para transarmos, gosto muito dele, mas não me sinto à vontade para isso. Ele diz que eu devo ser lésbica e que não o amo. Será que lá no fundo eu não sou mesmo? (Beth, 15 anos). (PICAZIO, 1998, p. 72)

Às vezes, fantasio uma cena em que duas pessoas do mesmo sexo transam, me dá o maior prazer, mas não quero viver isso. Será que sou homossexual? (Marina, 18 anos). (PICAZIO, 1998, p. 73)

Sempre me masturbo pensando que estou beijando um amigo meu, que amo muito. Será que gosto dele? (Rodrigo, 16 anos). (PICAZIO, 1998, p. 78)

Gostaria de experimentar namorar uma mulher, mas não sei onde encontrar quem esteja a fim. Não quero ficar tentando seduzir minhas colegas, que só pensam em meninos. (Ana Maria, 18 anos). (PICAZIO, 1998, p. 78)

Nunca tive transa com nenhum homem, mas tenho vontade e sinto que sou gays Gostaria de namorar um cara. Isso é possível? (Paulo, 16 anos). (PICAZIO, 1998, p. 79)

Gosto dos meninos. Sinto atração por eles, mas nunca transei com nenhum. Tem um cara lá na escola que vive me xingando porque acha que sou gay. Outro dia vi esse cara chupando o pau de um outro no banheiro da escola. Não entendi nada. Por que ele me xinga tanto se ele até transa com homens e eu não? (Joaquim, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p. 79)

Sou apaixonada por uma amiga há dois anos, mas tenho medo de dizer a ela e perdê-la. O que faço? (Ana, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p. 82)

Nunca fiz troca-troca e namorei uma menina. Transei com ela e foi legal. Até que um dia meu amigo veio para cima de mim e me deu um beijo. Eu resisti, mas confesso que gostei. Depois disso, comecei a olhar para outros caras e sentir vontade de ter algo mais com eles. A culpa é do meu amigo que me beijou? (Lauro, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p. 82)

É verdade que o gay só pensa em sexo? Eu não sou assim. (Maurício, 19 anos). (PICAZIO, 1998, p. 83)

Tranco com outros garotos, mas não acho que sou gay, porque não sou arrumadinho, acho o papo deles chato e gosto de esportes radicais. Estou errado? (Renato, 18 anos). (PICAZIO, 1998, p. 94)

Sempre tive atração por homens. Tenho 18 anos e transei pela primeira vez, aos 15, com um cara mais velho, mas percebi que os homens só querem sexo. São muito infieis. Tenho vontade de arrumar um namorado, mas ninguém quer. Será que posso deixar de gostar de homens e começar a gostar de mulheres? (Renato, 18 anos). (PICAZIO, 1998, p. 95)

Tenho uma namorada há um ano, mas nunca transei com meninos. Eu sou virgem? (Valéria, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p. 100)

Meus pais me levaram a uma psicóloga, porque eu tenho vontade de ficar com mulheres. Ela disse que é normal e meus pais até aceitaram, mas disseram que é melhor eu deixar para quando for maior de idade para viver a minha vida. Por que, se tenho amigas com 15 anos que podem namorar meninos e transar com eles? Quero viver isso agora. (Cecília, 16 anos). (PICAZIO, 1998, p. 101)

Sou gay e gostaria de ser pai. Será que eu seria um bom pai? (Gustavo, 19 anos). (PICAZIO, 1998, p. 105)

O importante é perceber que não há maneiras para se ter ou deixar de ter filhos homossexuais. Não se trata de uma opção nem uma escolha. O desejo homossexual é tão natural quanto o desejo heterossexual. É espontâneo, involuntário, assim como as batidas do coração. Homossexualidade é referida, hoje em dia, como uma outra forma de manifestação de afeto. É difícil aceitar a ideia de que exista mais de uma manifestação de afeto e que isso seja adequado. Mesmo assim, é necessário. (PICAZIO, 1998, p. 108)

Meu filho de 16 anos não desgruda de um amigo dele. Penso que isso pode não ser bom para o desenvolvimento dele. Ele não tem pai. Será que ele vai gostar de meninos? Devo falar com ele sobre isso? Devo impedi-lo de ver o amigo? (PICAZIO, 1998, p. 110)

mito 1: famílias neuróticas são a causa de filhos homossexuais. (PICAZIO, 1998, p. 113)

mito 2: o menino que tem comportamento delicado e a menina que é agressiva serão homossexuais. (PICAZIO, 1998, p. 113)

mito 3: as crianças são seduzidas por gays e lésbicas, que corrompem a sua orientação natural. (PICAZIO, 1998, p. 113)

mito 4: gays e lésbicas são heterossexuais frustrados. (PICAZIO, 1998, p. 114)

mito 5: a homossexualidade é uma doença mental ou um desvio psicológico. (PICAZIO, 1998, p. 114)

mito 6: os homossexuais são poucos no mundo. (PICAZIO, 1998, p. 114)

mito 7: trata-se de uma opção. (PICAZIO, 1998, p. 114)

mito 8: é fácil perceber quem é gay e quem é lésbica. (PICAZIO, 1998, p. 115)

mito 9: homossexuais são maus pais. (PICAZIO, 1998, p. 115)

mito 10: homossexuais são pessoas que irão passar a vida solitárias e instáveis. (PICAZIO, 1998, p. 115)

mito 11: homossexuais são promíscuos e morrem de Aids. (PICAZIO, 1998, p. 116)

O que eu fiz de errado para ter um filho homossexual? (PICAZIO, 1998, p. 119)

O que eu posso fazer para evitar que minha filha vire homossexual? (PICAZIO, 1998, p. 120)

Tenho um filho de 10 anos que pediu para aprender a dançar balé. Será que ele será gay se eu deixar? (PICAZIO, 1998, p. 121)

Tenho um aluno de 13 anos que é muito sensível, meio afeminado. Fica só com as meninas, e os meninos vivem dizendo maldades, chamando-o de bichinha e veadinho, O que devo fazer? Chamar os pais? (Antônia, professora). (PICAZIO, 1998, p. 124)

Fui criado pela minha avó. Na escola, todo mundo fala que eu sou veado porque desmunheco um pouco. Estou a fim de uma menina, tenho a maior vontade de beijá-la e outras coisas também, mas ela não quer namorar comigo porque acha que eu sou bicha. O que eu faço? (Caio, 16 anos). (PICAZIO, 1998, p. 125)

Sou professora de colegial e uma vez os alunos quiseram debater sobre homossexualidade, mas a direção do colégio disse que não, porque estimularia os meninos e as meninas. Isso é verdade? (Antônia, professora). (PICAZIO, 1998, p. 128)

Texto: SUPLICY. **Sexo se aprende na escola.** 2ª ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.

A homossexualidade se relaciona com as construções sociais dos padrões de gênero; com o mundo fascinante da mente e do psiquismo humano; com características biológicas; com os costumes e rituais criados pelas culturas; com os caminhos percorridos por cada indivíduo; com os dramas e tramas familiares, com as relações no interior do sistema capitalista. Todos esses fatores integram um complexo sistema de elos ainda não decifrados, o que suscita mais questões do que conduz a respostas. (SUPLICY, 1999, p. 70)

Texto: LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola In **Saúde e sexualidade na escola.** Dagmar Meyer e E. Estermann (organizadoras). Editora Mediação: Porto Alegre, 1998.

O debate sobre as identidades e as práticas sexuais vem se tornando, nas últimas décadas, muito mais aberto e acalorado. As relações entre homens e mulheres certamente vêm se transformando; é indispensável admitir que todas as relações sociais são históricas e passíveis de transformação, mas as interpretações para as mudanças estão longe de ser convergentes. As manifestações feministas, a pílula anticoncepcional, as novas formas de união, a maior visibilidade de homens e mulheres homossexuais, as discussões, em espaços públicos, sobre sexualidade podem ser percebidas de modos absolutamente distintos. Como diz Jeffrey Weeks(1993), muitos veem os anos sessenta, nas sociedades ocidentais, como o início de uma era de permissividade. Para alguns aí se instalou uma revolução sexual, para outros, ocorreu, a partir daí um aumento na mercantilização do sexo; há quem diga que foram introduzidas mudanças importantes nas formas de regulação da sexualidade. Enfim, distintos setores e grupos disputam a primazia por estabelecer as verdades sobre sexo, sexualidade, relações de gênero. E, nessa disputa, segundo vários/as estudiosos/as, os conservadores parecem correr na frente, percebendo e ocupando, talvez de modo mais eficiente, as oportunidades e os espaços. É neste contexto que novas políticas educativas, voltadas para a sexualidade, são propostas e debatidas. (LOURO in MEYER, 1998, pág. 86 e 87)

Para algumas pessoas, escola e sexualidade devem se constituir em duas instâncias distintas e absolutamente separadas. Compreendendo a sexualidade como uma questão pessoal e privada, e a escola como um espaço social de formação, voltados para a vida coletiva, e entendem que cabe exclusivamente à família se ocupar da educação sexual das crianças e jovens. (LOURO in MEYER, 1998, p. 87)

Antes de assumir uma posição nesse confronto, é indispensável admitir que a escola, como qualquer outra instância social, é, queiramos ou não, um espaço sexualizado e generificado. (LOURO in MEYER, 1998, p. 87)

Vale notar que não é propriamente o sexo ou não são exatamente as características sexuais que nos permitem dizer o que ou quem é masculino ou feminino, mas sim tudo aquilo que associamos aos sexos, a forma como representamos determinadas características, comportamentos, valores e habilidades. (LOURO in MEYER, 1998, p. 88)

A sexualidade tem a ver com o modo como as pessoas vivem seus desejos e prazeres, tem a ver, portanto, com a cultura e a sociedade, mais do que com a biologia. (LOURO in MEYER, 1998, p. 88)

Precisamos reconhecer que a homossexualidade não é uma questão ou um assunto que interesse apenas a uma minoria. As distintas formas de viver a sexualidade interferem umas nas outras, são interdependentes. Provavelmente os conservadores estão com cavaco quando dizem que, nos dias de hoje, há uma espécie de celebração de homossexuais e que isso está afetando a família. (LOURO in MEYER, 1998, p. 92 e 93)

É forçoso reconhecer, nessas e em outras situações, que escola lida com seus alunos e alunas como se esses/as não tivessem qualquer conhecimento sobre sexualidade. Os discursos dominantes afirmam a inocência das crianças e jovens e a conveniência de manter essa inocência. (LOURO in MEYER, 1998, pág. 93)

De algum modo, também parece se supor que eles e elas não estejam consumindo os produtos da mídia, as propagandas, programas de TV, cinema, revistas, jornais, músicas, roupas etc., que carregam explícita ou implicitamente referências sexuais. (LOURO in MEYER, 1998, p. 93)

A preocupação em conduzir a criança a um modelo considerado apropriado parece corroborar com a ideia de que o comportamento sexual é socialmente construído, embora se veicule à ideia de que ele já está dado biologicamente, pelo simples fato de se ter nascido macho ou fêmea. Se assim fosse, não haveria a necessidade de utilizar estratégias para, de certa forma, direcionar o comportamento ou as preferências sexuais. (LOURO in MEYER, 1998, p. 120)

Dois livros se destacam dentre os demais por abordar a questão do homossexualismo, sem imprimir-lhe uma conotação desviante. Especialmente no livro de Harris; há um capítulo sobre este tema, trazendo informações históricas sobre os conceitos atualmente usados para nomear o comportamento ou preferência sexual. O autor mostra, por exemplo, que hetero e homo são palavras derivadas do grego, relacionadas com desejo sexual e sexo, significando respectivamente distinto e igual. Mostra ainda que a palavra lésbica começou a ser usada em final do século XIX. Sua origem refere-se a épocas remotas, por volta do ano 600 a.C., tendo como cenário a ilha grega de Lesbos. Lá vivia a poetisa Safo, que escreveu sobre a amizade e o amor entre as mulheres. O livro prossegue esclarecendo que os antigos gregos acreditavam que o amor entre os homens era a forma mais elevada de amor. O texto mostra que as relações homossexuais sempre existiram ao longo da história, inclusive antes dos antigos gregos, e que a maneira como as pessoas sentem e pensam, em relação à homossexualidade, está relacionada com a cultura e a época em que vivem. (LOURO in MEYER, 1998, p. 121)

Texto: CUNHA, Beatriz Monteiro da. **Amor e Sexo:** assunto complexo? – Editora Evoluir: São Paulo, 2000.

3 Homossexualismo

Relacionamento sexual com pessoas do mesmo sexo, hoje é visto pelos médicos e psicólogos como questão de escolha e não como doença física ou mental, nem desvio de personalidade. Alguns países já aprovaram a união civil entre homossexuais, mas para grande parcela da população isso ainda é um problema. (CUNHA, 2000, p. 43)

Texto: PICAZIO, Cláudio. **Sexo secreto:** temas polêmicos da sexualidade. / Cláudio Picazio; com colaboração de Eduardo Bittencourt, Rogério Brugnera e Alexandre R. Araujo. – São Paulo: Summus, 1998.

A maioria das pessoas diagnostica alguém como homossexual por sua forma de se comportar socialmente, se homens, mais efeminados, e se mulheres, mais masculinizadas, o que consiste em um grande erro, uma vez que já vimos que uma pessoa pode ter a sua orientação de desejo direcionada para uma pessoa do sexo oposto e ter esses mesmos comportamentos. Por exemplo: um cabeleireiro pode ser tanto hétero como homossexual; um homem que não goste de futebol tanto pode ser hétero quanto homossexual. É extremamente importante que não nos detenhamos nos papéis sexuais para determinar se esta ou aquela pessoa é hétero ou homossexual. (PICAZIO, 1998, p. 30)

Texto: ABROMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G.; SILVA, Lorena B. **Juventudes e sexualidade.** Coordenadoras: Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

Quando se pergunta aos alunos sobre quais pessoas eles não gostariam de ter como seu colega de classe, aproximadamente 1/4 dos alunos indicam que não gostariam de ter um colega homossexual, sendo que os percentuais extremos dessas respostas ficam entre 30% (Fortaleza) e 22,6% (Belém), o que corresponde, em números absolutos, a 112.477 (Fortaleza) e a 45.127 (Belém). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 280)

Ressalta-se que os jovens do sexo masculino, em qualquer capital analisada, rechaçam com maior intensidade a homossexualidade. Por exemplo, em Porto Alegre, enquanto 42 dos rapazes indicam tal preconceito, no caso das moças, baixa para 13% (Tabela 6.5). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 280)

São mais altas que no caso de alunos, as proporções de pais que mencionam que não gostariam que homossexuais fossem colegas de escola do seu filho. Tal indicador de rejeição está entre 47,5%, em Fortaleza, e 22,2, em Porto Alegre. Corroborando a tendência antes analisada, os homens são mais preconceituosos, chegando, em Recife a 60% e, em Fortaleza, a 59,2%, (Tabela 6.6). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 280)

Sobre a necessidade de não ser confundido com o outro, o homossexual, reflete Freire (1992), que as nossas condutas obedecem a um certo tipo de ordenação que é tida como modelo a ser

seguido, sendo que os que se afastam de tais modelos são os reprovados, como transgressores ou anormais. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 282)

No imaginário popular, se diferencia preconceitos de discriminações, uma vez que estas se materializam em atos explícitos ou implícitos, contra terceiros. Não se leva em conta a tênue barreira entre tais formações psicossocioculturais e, muito menos, o que causam ao outro. O depoimento seguinte ilustra a naturalização de preconceitos, a subliminar justificativa de que se é preconceituoso sem causas e, conseqüentemente, sem condições de combatê-los. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 282)

As referências ao lesbianismo são menos comuns, sendo uma exceção o depoimento de autoexposição da opção sexual, por parte de uma moça, e sua reação a um tratamento discriminatório. Entretanto há, entre jovens, maior censura e autocensura em relação à homossexualidade feminina, é comum o tratamento depreciativo e por pseudobrincadeiras[...]. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 284)

Para os pais, os casos de lesbianismo seriam menos comuns em comparação com os casos de homossexualismo masculino, mas tal representação deve-se associar a uma menor visibilidade do lesbianismo pela maior censura social e conseqüente vulnerabilidade negativa das mulheres, envolvidas em tal relação. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 284)

Eu conheço uma menina (...). Aí ela contou que estava gostando de uma outra menina, mas ela não queria isso. A menina que ela estava gostando já era sapatona, ela já era, já gostava... aí ela pegou e começou a conversar comigo da coisa. Aí ela falou que não queria gostar e estava se afastando. Aí eu falei, ah! eu espero que você consiga se afastar, porque não é um mundo fácil, porque é um mundo que todo mundo apronta na rua, todo mundo discrimina, todo mundo é contra, com os outros pode, mas com a gente. (Grupo focal com alunos, escola pública, diurno, São Paulo). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 285)

Por exemplo, ocorre discriminação devido aos estereótipos em torno das orientações de exercício da sexualidade. A norma de discriminação contra homossexuais e travestis pode levar a atos de extrema violência por parte dos próprios jovens. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 285)

Tinha um menino sabe, ele era um menino delicado, você entende? Homem não é assim, não aceitaria isso. Mas era o jeito dele, não era porque ele era gay e tal, afeminado, ele era uma pessoa assim que, sabe? Ele era completamente diferente de um menino, assim, ele não é diferente as atitudes dele, a jeito dele agir, ele não tinha aquele machismo, ele tratava as pessoas mais com clareza. A amizade com os meninos sabe, ele não tinha, porque todo mundo falava que ele era gay e chegou assim a ter um caso, assim altamente drástico dentro da sala, ele falou que ia parar de estudar por causa disso. (Crupu focal com alunos, escola pública, Rio Branco) (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 287)

Professores confirmam que há discriminação contra homossexuais por parte de alunos. Nota-se, em um dos testemunhos, a tentativa de banalizar tal fato. Segundo uma professora de Goiânia, essa prática (hostilizar um aluno tido como homossexual): Eles [os alunos] têm alguma reserva com um aluno [homossexual] que nós temos aqui. Então, às vezes, eles falam alguma coisinha, mas não para o aluno. Então a gente tenta chamar a atenção, mas não é nada tão grave não. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 288)

Muitos professores desempenham uma convivência não assumida com discriminações e preconceitos, em relação a homossexuais, ao considerarem que expressões de conotação negativa em relação a estes seriam brincadeiras, coisas sem importância. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 289)

Alguns professores declaram que reconhecem que existe preconceito e discriminação na escola, mas que essas só se dariam nas relações entre alunos, negando a vigência desses nas interações entre professores e alunos, como sugerem professores de Belém: Noto muito preconceito e me incomodo. Eu acho que tem que respeitar cada um como é. Existe [preconceito] entre os colegas, não existe de professor pra aluno, eles [alunos] discriminam mesmo. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 290)

Observe-se, na reflexão dos professores, a seguir, a mentalidade que tende a uma censura consentida, ao se considerar que um homossexual se não deixar transparecer seria considerado como os demais. Graças a Deus, eu nunca tive problemas sérios de ter que chamar a atenção de alguém. E essas pessoas que os outros consideram diferentes, elas para mim não são diferentes, são como eu, apenas uma opção sexual diferente, elas convivem normalmente, pelo menos na minha aula não deixam transparecer. Às vezes, a gente até brinca, mas jamais

seria ofendendo. (Grupo focal com professores, escola pública, Cuiabá). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 290)

Assim, há professores que relatam que sofrem expressões de preconceito por parte dos alunos, que reagem até ao fato de eles conversarem com os tidos como homossexuais:

Tem um aluno aqui, que eu observei que é homossexual. Já conversei com ele e com o amigo. Conversando com os dois, tanto ele quanto o colega, que não é homossexual, sentem o preconceito porque gostam de conversar. Então existe o preconceito, sim, com relação ao sexo e por eu estar conversando com os dois, vi que alguns alunos olhavam para mim com certa surpresa. Quis deixar claro que aquilo é uma opção deles e não fará mal a ninguém. (Grupo focal com professores, escola pública, Teresina). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 291)

Quando perguntado aos pais se eles têm conhecimento suficiente sobre homossexualidade, observa-se que o percentual de respostas afirmativas varia entre 41,1% (Vitória) e 23,5% (Belém). Com relação à distribuição por sexo, não se nota diferenças relevantes, isto é, homens e mulheres têm, praticamente, o mesmo grau de conhecimento, ou melhor, nível de desconhecimento (Tabela 6.10). Em Belém, por exemplo, entre 10 mães e pais, respectivamente, menos de três admitem que têm conhecimento suficiente sobre homossexualidade. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 294)

A discriminação contra alunos que são ou que são considerados homossexuais, por parte dos colegas, ocorre principalmente de forma velada, por meio de referências preconceituosas. A recorrência à linguagem pejorativa é comum nas violências contra homossexuais, com o intuito de humilhar, discriminar, ofender, ignorar, isolar, tyrannizar e ameaçar. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 303)

Alguns professores desempenham uma não assumida convivência com discriminações e preconceitos em relação a homossexuais, ao considerarem que expressões de conotação negativa em relação a esses seriam brincadeiras, coisas sem importância. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 303)

Texto: ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. **Ritos e ditos de jovens gays.** Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.

Repressão, creio que já deva ter sentindo várias, muitas, mas resisti a todas. Como falei com os meus pais, não há dor ou vergonha no mundo que não passe. Então, as deles terão de passar. Vou ser o que eu quero para a minha vida e não vou permitir viver do jeito que eles queiram que eu viva. Sou homossexual assumidíssimo, pago os dívidos da vida por isso, mas creio que um dia, muito em breve, essa luta acabará e que as pessoas aprenderão a conviver com as diferenças, inclusive com a homossexualidade. (Fabio, ativista gay, 20 anos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 6)

Devo confessar que sou um privilegiado, pois nem os meus pais nem os meus irmãos nunca me desrespeitaram por ser homossexual, gay, boiola ou qualquer que seja a palavra na língua do povo. Nós amamos sem barreiras, sem fronteiras, sem discriminação ou estigma. Descobriram-me como um gay aos meus 7 anos, fazendo sexo oral com um vizinho de 11 anos. Tentaram me explicar o que significaria aquilo para a minha vida, não dentro da casa deles, onde eles me apoiariam, mas na perversidade da rua, onde a intolerância se multiplica contra os homossexuais. Minha mãe passou a mão na minha cabeça e me beijou, meu pai ficou preocupado e eu não senti medo, pois eles não me passaram medo. Há 13 anos, sendo gay, convivo com os meus pais, e nós nos amamos, somos quase um sentido completo do que deveria ser família, pois também temos os nossos atropelos como seres humanos, mas não por eu ser homossexual em uma família com mais três irmãos supostamente heterossexuais. (Paulo, artista plástico, 20anos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 7)

Nas ilhas da polinésia, os rapazes que querem ser mulheres são amparados pela tradição e têm lugar definido na sociedade. Eles vão ser mahus, homens que vivem como mulheres, têm marido, cuidam da casa e criam seus filhos como mães dedicadas. Mahus significa homens que tradicionalmente vivem como mulheres, exercendo suas ocupações. Os mahus nada têm a ver com os travestis do ocidente. Eles se definem como semifemininos, se identificam usando uma flor na orelha direita e vivem na relativa indiferença de seus vizinhos, pois fazem parte do cenário há séculos. Eles sempre existiram nas famílias para cuidarem da casa e das crianças. Os mahus não são uma raridade em Bora Bora, pois faxineiros nos bancos, regentes dos corais nas paróquias, secretários da prefeitura, assessores de diretoria de hotéis de luxo, chefes de escalas em aeroportos e até secretários de gabinetes da presidência são mahus. Os mahus estão em toda parte da sociedade das ilhas da Polinésia, embora não existam números sobre eles. Dizem que há pelo menos um mahu em cada família e vivem pacificamente com a

diversidade sexual do filho, do amigo, do vizinho, do estudante na escola ou na igreja. (Levasseur, Gebaldiwe. Os homens flores de Bora Bora. Revista Marie Claire, 2001). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 15)

A palavra homossexual só foi criada em 1869, reunindo duas raízes linguísticas: homo (do grego, significa igual) e sexual (do latim). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 17)

Fiz grandes amizades na escola, não omitindo a minha homossexualidade. Fui logo assumindo que era mesmo, nem precisava assumir, já era assim mesmo. Alguns, no início, queriam me fazer de capacho, mas fui logo mostrando o meu lado de macho e aí eles viram que o boiolazinha também podia comê-los na porrada. Com a minha liberdade de expressão e com a ajuda de uns excelentes e bem informados professores, consegui terminar a escola, e ninguém ousou bater de frente comigo. Por isso, digo para os jovens da minha idade, que ainda estão morrendo de medo de ser o que são, digo e repito: sejam vocês, vai dar uns probleminhas no início, mas, depois das tempestades, haverá um arco-íris super brilhoso em suas vidas... (Ricardo, atendente do Mcdonalds, 19 anos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 27)

Texto: SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo.** 19 ed. Edição da Autora; Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1994.

Os dados de Kinsey mostraram que o comportamento homossexual e o heterossexual não são exclusivos e que um indivíduo não tem necessariamente uma das duas orientações; o comportamento sexual é um continuum, e a motivação erótica homossexual não exclui a capacidade à resposta heterossexual. Outro fator importante observado foi que o indivíduo pode ter experiências de uma orientação sexual que não seja a sua orientação principal, sem que, com isso, ocorra alteração na sua orientação. Sabemos, por exemplo, que, em casos de marinheiros muito tempo no mar, soldados em quartéis, colégios internos, cadeias, onde o homossexualismo é praticado devido à circunstância, ou mesmo no caso de indivíduos que fazem o sexo por dinheiro, o comportamento homossexual é abandonado assim que outras possibilidades o permitam, e a orientação anterior prevalece. O homossexualismo também não pega, como temem alguns que reclamam de programas de TV, onde homossexuais têm papel de destaque. (SUPLICY, 1994, p. 269)

Lesbianismo

O nome lésbica é derivado da ilha grega de Lesbos onde, no século VII a. C., vivia a poetisa Safo escrevendo seu amor a mulheres. As lésbicas, ou homossexuais femininos, tendem a perceber e expressar suas necessidades sexuais mais tarde do que os homens, assim como fazem as mulheres heterossexuais, e tendem a procurar e manter um relacionamento mais duradouro que os homens homossexuais. A civilização ocidental não estigmatiza, da mesma forma, as intimidades sexuais entre mulheres e homens. Portanto, é muito mais fácil manter uma relação homossexual encoberta entre mulheres; elas são mais livres para se beijar, abraçar e segurar as mãos em público do que os homens. Duas mulheres podem viver juntas sem levantar suspeitas sexuais. (SUPLICY, 1994, p. 272)

O Homossexual e seu Mundo

O homossexual, homem ou mulher, organiza o seu mundo secreto, com o fim de ter oportunidades de socialização, segurança e conforto no meio de pessoas que o aceitem e respeitem independentemente de sua orientação sexual. Muitos homossexuais, para escaparem das pressões sociais, levam uma vida e se comportam de forma a não sugerir o seu homossexualismo. Inclusive, é falsa a imagem que se faz do homossexual sempre como um efeminado, parcela entre o grande número de homossexuais encobertos. Como a relação homossexual não é reconhecida pela sociedade, geralmente, ela é vivida de forma meio secreta e está sujeita a maiores tensões que relações heterossexuais. É até admirável como alguns homossexuais conseguem manter um relacionamento estável em situação tão adversa. As relações homossexuais podem ser longas ou breves, felizes ou infelizes como todas as relações entre duas pessoas. Entretanto, costumam ser mais breves e fugazes do que as heterossexuais. Poderíamos especular que esta promiscuidade, em parte, possa ser devida à aprendizagem social masculina, que desvincula o amor do sexo. Assim como existem homens que transam mulheres por uma noite, existem homens que transam homens por uma noite. Esta explicação teria respaldo no comportamento sexual afetivo das lésbicas, muito mais consistente e condizente com sua educação, como mulheres, que aprendem, ainda cedo, a ligação do afeto com o sexo. Outra hipótese para a brevidade nas relações sexuais-afetivas dos homens seria o fator, já descrito, de pressão social. O indivíduo tem medo de assumir a sua condição de homossexual, passar a coabitar com alguém, e sofrer as consequências. Daí a manutenção de uma série de ligações passageiras. (SUPLICY, 1994, p. 273 e 274)

ÉPOCA PRÉ-CRISTÃ

Entre os egípcios, assírios e hebreus a homossexualidade era proibida por lei. Em outras civilizações do Oriente Próximo e do Mediterrâneo oriental, adoravam-se deuses, cujos ritos incluíam relações sexuais com sacerdotes e sacerdotisas homossexuais ou com prostitutas sagradas de ambos os sexos. Pouco se sabe sobre estas atividades que não são religiosas, no sentido moderno, e também não são prostituição como conhecemos atualmente. Roma, no período pré-cristão, também conheceu a homossexualidade e a prostituição masculina. O poeta Petronius escreveu sobre o tema em seu Satyricon. O poeta Catullus expressou em seus versos o homossexualismo existente entre os membros heterossexuais da classe alta e alguns membros heterossexuais da classe urbana pobre. Porém, como na Grécia, a atividade homossexual era restrita aos adultos com jovens púberes. Os romanos também desprezavam a homossexualidade, quando esta era a orientação predominante ou o comportamento era efeminado. No século III a.C., o homossexualismo foi proibido por lei com pena de morte. É bastante difundida a ideia da aceitação grega da homossexualidade. Entretanto, isto não corresponde ao que foi observado por sérios estudiosos do assunto, como Diamond e Karlen. Na Grécia Antiga, a homossexualidade era aceita e até considerada própria, desde que praticada entre adultos e jovens púberes. Flacelière, no seu livro sobre o amor na Grécia Antiga, concluiu que a homossexualidade nunca prevaleceu na Grécia, exceto em uma classe, em um período de tempo limitado, e não existe evidência de a homossexualidade ser aprovada socialmente. Solon, o criador da Constituição Democrática de Atenas, escreveu: Meninos, no desabrochar de sua juventude, são amados; a suavidade de suas coxas e a maciez de seus lábios são adoradas. Com o nascimento de pelos nas pernas e peito jovem, o caso amoroso terminava, e esperava-se do rapazinho relações sexuais com mulheres e relações homossexuais com pessoas mais jovens do que ele próprio. Relações sexuais entre dois homens adultos não eram bem vistas. (SUPLICY, 1994, p. 282 e 283)

No século XVI, a Inglaterra criava leis, permitindo a confiscação dos bens e terras dos homossexuais, assim como pena de morte por tal crime. A maior mudança em relação à homossexualidade ocorreu com a proclamação do Código de Napoleão, em 1804, permitindo o homossexualismo, por livre escolha, entre dois adultos. Outros países seguiram essa modificação, mas a Inglaterra e a América do Norte mantiveram suas leis restritivas. Entretanto, a maioria das leis se refere ao homossexualismo masculino, pois o feminino não é nem reconhecido. Atos homossexuais foram descriminalizados na Holanda, países escandinavos, Espanha, México, Inglaterra e Brasil, mas a maioria dos estados americanos ainda o considera ilegal. A primeira organização gay nasceu em Berlim, Alemanha, em 1897,

por iniciativa do dr. Magnus Hirschfeld. Em homenagem a esse pioneiro, a sede do Secretariado de Informação da Associação Internacional Gay, Dublin, Irlanda, chama-se Centro Hirschfeld. Em abril de 1951, em Los Angeles, Estados Unidos, surgiu a Mattachine Society, sob a liderança de Henry Hay, a primeira entidade norte-americana juridicamente organizada com vistas à defesa dos direitos gays. Mais tarde o movimento hippie e, sobretudo, o movimento de contracultura contribuíram de forma significativa para o do Gay Lib. (SUPLICY, 1994, p. 283)

Os homossexuais tentam encaixar-se ao modelo heterossexual até que reconheçam, geralmente na adolescência, que isto os satisfaz, e começam a procurar formas de expressar sua homossexualidade. (SUPLICY, 1994, p. 287)

Texto: BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e juventude:** como discutir a sexualidade em sua casa e na escola. Organizadoras: Carmem Barroso, Cristiane Bruschini. – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2000. (Biblioteca da Educação – série 1 – escola – vol. 13)

Muitas pessoas sentem-se atraídas sexualmente por pessoas do outro sexo. Este é um fenômeno extraordinariamente comum. Outras se sentem atraídas sexualmente por pessoas do mesmo sexo. A heterossexualidade, que é a atração por indivíduos do outro sexo, é a forma de experiência sexual humana mais frequente durante a idade adulta. A homossexualidade, embora menos frequente, não é um fenômeno incomum. Dentre as pessoas que se sentem atraídas por indivíduos do mesmo sexo, encontramos, da mesma forma que entre os que o são pelo outro sexo, gente rude e gente suave, pessoas muito inteligentes e pessoas pouco brilhantes, crentes e ateus, fumantes e não fumantes, indivíduos que usam óculos ou lentes de contato e outros que não usam nenhum deles. Entretanto, é curioso observar como — inclusive entre pessoas muito esclarecidas e mesmo profissionais — uma grande quantidade de membros da nossa sociedade acredita que, de acordo com o tipo de atividade sexual na qual o indivíduo se envolve, é possível determinar, dentre outras coisas, o tipo de roupas que usa, sua maneira de falar, mexer as mãos, as atividades profissionais que realiza, a orientação ideológica que tem, sua solidez moral, honestidade, confiabilidade e sua estabilidade emocional. (BARROSO E BRUSCHINI, 2000, p. 75)

À conduta sexual humana, tem-se tentado associar outros fenômenos comportamentais, bem como procurar causas e consequências de tais ou quais práticas. Em relação à homossexualidade, já se levantaram inúmeras hipóteses e discussões. Já foi considerada neurose, sintoma de imaturidade, pecado, doença endócrina, fraqueza genético-constitutiva, perversão, alternativa de vida ou até forma de vida requintada. Os enfoques perante um fenômeno humano mudam em relação ao nível de conhecimento que dele se tem, do momento histórico em que se vive e do lugar em que se está. A homossexualidade representa um exemplo típico. (BARROSO E BRUSCHINI, 2000, p. 76)

Demonstraram que a homossexualidade se encontra presente em todas as culturas humanas (é um fenômeno universal); entretanto, as atitudes perante ela variam da rejeição total à indiferença. Há, inclusive, grupos nos quais os homossexuais são pessoas muito consideradas e respeitadas por causa do seu comportamento sexual. (BARROSO E BRUSCHINI, 2000, p. 76)

[...] para alguns grupos humanos — dentre estes a nossa própria sociedade — os homossexuais constituem um grupo marginal. (BARROSO E BRUSCHINI, 2000, p. 76)

Através da História, encontram-se manifestações das atitudes das diversas sociedades perante as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Em determinada época, na Grécia antiga, a homossexualidade masculina foi encarada como uma forma elevada de expressão de amor, ao passo que entre os judeus foi condenada severamente. (BARROSO E BRUSCHINI, 2000, p. 76)

Os cientistas modernos têm apontado diferentes roteiros para aprimorar os conhecimentos da homossexualidade que, no entanto, nem sempre são objetivos e nem sempre são convergentes, pois, enquanto alguns partem do fato de que os homossexuais nascem com essa forma de comportamento sexual já determinada (determinismo biológico), outros consideram que é um fenômeno de indução, quer pela iniciação por um corruptor, quer pela falta de uma imagem paterna adequada ou pela presença de uma mãe dominante ou ainda pelo exagerado ou deficiente funcionamento dos seus sistemas endócrinos. Evidentemente, a homossexualidade pode assim ser encarada como doença, vício, desajustamento ou neurose. Por outro lado, qualquer tentativa para demonstrar uma causa única, determinante de um comportamento sexual específico, não pode ser bem sucedida. Antes, pelo contrário, todas as evidências parecem indicar que o comportamento sexual humano se encontra regulado por uma enorme

quantidade de fatores que agem durante a vida toda do indivíduo. São todos esses fatores que determinarão que alguém experimente sentimentos ou realize contatos com outra ou outras pessoas do mesmo ou do outro sexo; que o faça com maior ou menor frequência; que procure este ou aquele tipo de experiência. (BARROSO E BRUSCHINI, 2000, p. 76)

A homossexualidade, como qualquer comportamento humano, não se encontra num terreno além da fronteira da heterossexualidade, pois tal separação não existe na realidade. (BARROSO E BRUSCHINI, 2000, p. 76)

Por que alguns seres humanos são homossexuais e outros preferem as relações com indivíduos do outro sexo? Veremos que há muitas evidências de existirem múltiplas variáveis envolvidas, que nos impedem de dar uma resposta simples. (BARROSO E BRUSCHINI, 2000, p. 77)

Por enquanto, é mais interessante assumirmos uma atitude humanista de respeito e compreensão perante todos os nossos semelhantes, sem nos importarmos com a forma como realizam sua vida íntima, nem tampouco com sexo, cor, crença ou ideologia política da pessoa que amam. (BARROSO E BRUSCHINI, 2000, p. 77)

Texto: RIBEIRO, Marcos. Diferentes formas de amar: diversidade e orientação sexual In Sexualidade prazer em conhecer. Fundação Roberto Marinho, 2001.

O que define uma pessoa como homossexual é a escolha de um parceiro do mesmo sexo para curtir o amor, o afeto e o prazer sexual. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 175)

Não se sabe ao certo o que faz alguém se sentir atraído por pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo ou de ambos os sexos. Há numerosos estudos e pesquisas da sociologia, medicina, psicologia, antropologia, que procuram explicar esse fenômeno, e não há nenhuma teoria conclusiva a esse respeito. Embora várias pesquisas apontem um componente biológico da homossexualidade, ainda não está comprovada a existência de um gene responsável pela orientação sexual. O que se sabe é que a homossexualidade não é uma opção, tanto quanto a heterossexualidade também não é uma escolha. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 176)

O princípio básico para acabar com o preconceito contra à homossexualidade é entender que as noções de sexualidade feminina e sexualidade masculina não são instintivas, mas construções sociais. Os gregos antigos, por exemplo, cultivavam a relação homossexual e acreditavam que esta era muito mais nobre do que o relacionamento entre homem e mulher. Era esperado que um grego da alta sociedade se apaixonasse por um rapaz, mas não que fosse apaixonado por sua esposa. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 176)

Mas sexo e sexualidade são coisas diferentes. A determinação da sexualidade vai muito além das características físicas de uma pessoa. Ao longo de seu desenvolvimento, as crianças aprendem a se comportar de acordo o que a sociedade - a família, seus amigos, a escola - espera de uma pessoa do seu sexo. Assim, a criança aprende sua identidade de gênero, ou seja, ela passa a se identificar com o gênero masculino ou feminino, reproduzindo o comportamento de homens e mulheres à sua volta. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 177)

Outra questão que deve ser discutida pela sociedade é a relação entre orientação sexual e a identificação de gênero. Nem sempre uma mulher, que tem atração sexual por outras mulheres, gosta de se comportar como um homem. Homens homossexuais também não são necessariamente afeminados. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 177)

O Conselho Federal de Medicina, a Organização Mundial de Saúde e as associações científicas brasileiras e internacionais (desde 1970 nos Estados Unidos e desde 1985 no Brasil) deixaram de considerar a homossexualidade como desvio ou doença e, hoje, entendem como uma orientação sexual tão saudável quanto a bissexualidade ou a heterossexualidade. Não existe nenhuma lei no Brasil que condene as relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo; mesmo setores mais progressistas de igrejas de diferentes credos propõem que a prática homossexual não é pecado. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 178)

Por que as mulheres homossexuais preferem ser chamadas de lésbicas? O prefixo homo da palavra homossexual vem do grego homós, que significa semelhante, igual. No latim, o mesmo termo quer dizer homem. As mulheres homossexuais preferem se nomear lésbicas por causa da poetisa grega, Safo, que viveu há 2.600 anos, na ilha de Lesbos. A palavra lésbica tem origem no nome dessa ilha. Safo foi uma mulher revolucionária, fundou uma escola de mulheres, onde se ensinavam, além de música e poesia, temas sobre a emancipação da mulher. A poesia de

Safo falava de amor e paixão entre mulheres e, por causa disso, a palavra lésbica passou a ser usada para designar mulheres que amam mulheres. Para as lésbicas, essa palavra tem um sentido de liberdade e reforça a consciência de pertencerem ao gênero feminino. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 179)

Marcos e Geraldo, 15 anos, eram os melhores amigos. Passavam os dias juntos na escola, praticavam natação no clube, dormiam na casa um do outro. Eram inseparáveis. Na escola não demorou para os comentários que eram homossexuais. Logo começam a ser hostilizados. Mas, eles não ligavam. Estavam felizes com a amizade. Quando entrou uma menina nova na turma, foi o Geraldo quem ficou mais interessado. E o Marcos não gostou muito da ideia. Ele não queria dividir o amigo com aquela garota.

-Vamos no clube?

- Não, vou sair com a Dani...

Cada vez mais ciumento, vivendo emoções desconhecidas, Marcos começou a se perguntar:

-Será que eu sou gay?

Como lidar com as dúvidas que as meninas e meninos têm sobre sua orientação sexual?

Como garantir que o tema seja discutido sem preconceitos e gozações?

Como lidar com a diversidade? (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 181)

Texto: SOUSA, Valquíria Alencar de. **Por uma educação escolar não sexista.** Organizadoras: Valquíria Alencar de Sousa, Maria Eulina de Carvalho. – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

Assim, as ideias sobre masculinidade e feminilidade tendem a criar estereótipos que ditam os papéis e as identidades sociais e sexuais dos seres humanos. (SOUSA, 2003, p. 11)

Abrindo espaço para os valores femininos, poderemos alterar a própria compreensão da masculinidade, superando o machismo e a polarização dos gêneros, através da educação de pessoas (mulheres e homens) mais equilibradas e plenas. (SOUSA, 2003, p. 24)

CATEGORIA: HOMOSSEXUALIDADE NA VISÃO BIOMÉDICA

Texto: ABROMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G.; SILVA, Lorena B. **Juventudes e sexualidade.** Coordenadoras: Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

Observe-se que na concepção de alguns pais, uma pessoa que optou por uma sexualidade própria tem uma anormalidade: Pra começar, é desvio de sexo que é uma disfunção (...). Assim como no imaginário de alguns professores, essa pessoa teria uma deficiência.

Nessa escola, no meu turno, nós temos casos de alguns rapazes que têm deficiência e isso no começo que eles aparecem e se matriculam, no começo do ano, já é uma dificuldade, pelo menos para mim. Tenho essa dificuldade de trabalhar a respeito e eu procuro evitar esse tipo de piadinha, chacota, entendeu? Orientando dentro da minha disciplina, então volta e meia eu faço o quê? Eu tento fazer um comentário extra, entendo de alguma forma este conhecimento, essas informações a respeito ao direito do outro de escolher a sua própria sexualidade (Grupo focal com professores, escola pública, Cuiabá).

Contudo, é promissor que, segundo dados do survey com os alunos, registre-se que mais de 80%, em cada capital pesquisada, não assinalam a assertiva de que o homossexualismo é uma doença. Mas também preocupa que os percentuais dos que concordam varie entre 18,0% (Goiânia) e 11,9% (Porto Alegre). o que corresponde, em números absolutos 35.153 (Goiânia) e 19.162 (Porto Alegre).

Tem-se que o percentual de meninas que concordam com a perspectiva de que o homossexualismo é uma doença é sempre inferior ao dos meninos, para qualquer uma das cidades em estudo (Tabela 6.8).

TABELA 6.8 - Proporção de alunos do ensino fundamental e médio, por sexo, segundo a percepção de que a homossexualidade é uma doença e capitais de Unidades da Federação - 2000.

Capital	Percepção de que a homossexualidade é uma doença ²		TOTAL
	Sexo		
	Masculino	Feminino	
Belém	19,4	3,3	15,8
Cuiabá	19,3	10,9	14,7

<i>Distrito</i>			
<i>Federal</i>	20,3	11,6	15,3
<i>Florianópolis</i>	17,9	10,3	14,1
<i>Fortaleza</i>	20,0	12,2	15,7
<i>Goiânia</i>	22,4	13,9	18,0
<i>Maceió</i>	20,4	9,9	14,2
<i>Manaus</i>	22,1	12,1	16,6
<i>Porto Alegre</i>	18,1	5,9	11,9
<i>Recife</i>	18,7	12	15,3
<i>Rio de Janeiro</i>	23,2	7,6	15,1
<i>Salvador</i>	18,4	9,5	13,3
<i>São Paulo</i>	18,3	7,0	12,6
<i>Vitória</i>	20,3	11,9	15,8

Fonte: UNESCO, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas na escola, 2001.

Notas: Foi solicitado aos alunos: Marque somente as frases com as quais você concorda.

Categoria selecionada: Homossexualismo é uma doença.

(1) Dados de expandidos.

(2) Foram considerados apenas as respostas afirmativas.

Considerando os jovens segundo a faixa etária observa-se que, para a maioria das capitais pesquisadas (exceto Distrito Federal e Florianópolis), a concordância com uma afirmação preconceituosa do tipo o homossexualismo é uma doença cresce entre os mais velhos, mais alta entre os que têm de 20 a 24 anos. Por exemplo, em Cuiabá cerca de 26% dos jovens entre 20 e 24 anos acatam a ideia de que homossexualidade é uma doença, enquanto, na mesma capital, cerca de 15% dos que têm entre 10 e 14 anos assim se manifestam (Tabela 6.1-A, anexa).

É um pouco inferior o nível de respostas denotando entre os professores, quando comparados com os alunos, e há mais heterogeneidade de situações entre cidades. O percentual de professores, que selecionam a alternativa que sugere que a homossexualidade é uma doença, varia entre 22,0%, em Fortaleza, e 7,0%, em Florianópolis (Tabela 6.9). (ABROMOVAY, CASTRO e SILVA, 2004, p.292;293;294)

Mais de 80% dos alunos, em cada capital pesquisada, não assinalam a assertiva de que a homossexualidade é uma doença. Mas preocupam os percentuais dos que concordam, pois varia entre cerca de 18,% e 12%. O percentual de meninas que concordam que a

homossexualidade é uma doença é sempre inferior ao dos meninos, para qualquer uma das cidades em estudo. (ABROMOVAY, CASTRO e SILVA, 2004, p.304)

Texto: SUPLICY. **Sexo se aprende na escola.** 2ª ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.

Existem algumas hipóteses levantadas por diferentes áreas do conhecimento que tentam oferecer alguma luz sobre a homossexualidade. Há autores, alinhados ao determinismo biológico, para quem a homossexualidade resultaria de uma formação específica do cérebro ou de uma predisposição genética. Quais seriam as consequências do determinismo biológico? Uma justificativa clara para o que não entendemos? A possibilidade de admitir diferenças? Esse modo de pensar levaria a tentativas de controle? De diminuir o número de homossexuais? Com isto estaríamos diminuindo o quê: a nossa dificuldade de lidar com as diferenças? (SUPLICY, 1999, p. 70)

A homossexualidade não é uma doença e, portanto, não se pode pensar em cura e muito menos em transmissão. Essa é a posição da Organização Mundial de Saúde há alguns anos. Tanto que o termo homossexualismo evoluiu para homossexualidade pois, do ponto de vista médico, o sufixo ismo é aplicado a doenças. (SUPLICY, 1999, p. 73)

Texto: PICAZIO, Cláudio. **Diferentes Desejos:** adolescentes homo, bi e heterossexuais. Editora Summus: São Paulo, 1998.

Os homossexuais costumam sentir como pertencendo ao seu sexo biológico e desejando uma pessoa desse mesmo sexo. (PICAZIO, 1998, p.25)

Por que uma pessoa é homossexual? (Gil, 18 anos)

Ninguém sabe, assim como cientificamente ninguém explica porque uma pessoa é heterossexual. Acredita-se que a orientação sexual tenha três componentes básicos: os fatores psicológicos, a forma individual de cada um registrar fatos, sentimentos e impressões; os fatores sociais, o meio em que vive, a educação recebida, a família, etc.; e os fatores genéticos, que, segundo pesquisas, criariam uma predisposição para a homossexualidade. Dependendo da combinação desses três elementos, a orientação sexual fluiria para homo, hétero ou bissexual. (PICAZIO, 1998, p.26)

A homossexualidade tem um componente genético

Um estudo feito com 67 homens e seus irmãos foi publicado em dezembro de 1991, apontando para uma importante conexão entre hereditariedade e orientação sexual. Michael Bailey, psicólogo da Universidade Northwestern, e o doutor Richard Pillard, psiquiatra da Faculdade de Medicina da Universidade de Boston, entrevistaram 56 pares de gêmeos idênticos (que têm os mesmos genes em comum), 54 pares de gêmeos fraternos (que têm a mesma similaridade genética que irmãos de idades diferentes) e 57 pares de irmãos adotados (sem qualquer semelhança genética). Em cada um dos 167 pares, um dos irmãos havia-se identificado como gay.

O levantamento apontou que 52% dos gêmeos idênticos com irmão gay eram também gays, enquanto 22% dos gêmeos não-idênticos com irmão gay eram gays. Dos adotivos, 11% eram também gays como o irmão.

A porcentagem significativamente maior de gays no grupo de gêmeos idênticos prova que os genes influem sobre a orientação sexual. Ao mesmo tempo, conforme Bailey e Pillard notaram, nem todos os gêmeos idênticos se disseram gays, o que indica haver alguma influência do meio ambiente também. (Extraído de Passages of pride, de Kurt Chandler, Nova York, Times Books, 1995.). (PICAZIO, 1998, p.33)

Então, lésbicas também pegam Aids? (Malu, 14 anos) (Cláudio Picazio, 1998, P.51)

Todo gay morre de Aids? (José, 14 anos). (PICAZIO, 1998, p.51)

O adolescente e a lei

A lei brasileira simplesmente não faz distinção entre adolescentes homo, ou bissexuais. As restrições e direitos valem igualmente para todos.

- *Adolescente: sob o ponto de vista legal, consideram-se adolescentes as pessoas entre 12 e 18 anos de idade. No Brasil, os adolescentes estão protegidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente — Lei Federal n. 8.069, de 13 jul. 1990.*
- *Maior de idade: designa-se maior a pessoa que atingiu a idade necessária para ter plena capacidade para dirigir a sua pessoa e administrar livremente seus bens. A maioridade é adquirida por um fato natural, a idade. Para a prática de todos os atos da vida civil, a maioridade civil ocorre aos 21 anos de idade; e, para responder por atos contrários à lei, ou seja, crimes, a maioridade penal ocorre aos 18 anos de idade. É possível um menor se equiparar a um maior por meio da emancipação, que pode ocorrer por uma concessão legal*

(por exemplo, casamento, exercício de emprego público), ou por uma concessão paterna ou materna, mesmo sem que se tenha atingido a maioridade.

- *Direitos do adolescente: a família, a sociedade e o Estado devem assegurar aos adolescentes os direitos à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e à convivência comunitária. Devem colocá-los a salvo de negligência, de discriminação, de exploração, de violência, de crueldade e da opressão. A lei pune severamente o abuso, a violência e a exploração sexual.*
- *Proibições; a lei proíbe ao adolescente a compra e locação de fitas de vídeo em desacordo com a classificação à sua faixa etária; entrada em casas de jogos; compra de armas, munições e explosivos, bebidas alcoólicas, drogas, fogos, revistas contendo material impróprio ou inadequado e de bilhetes lotéricos, A lei proíbe a hospedagem de adolescentes em hotel, motel ou pensão sem autorização ou acompanhamento dos pais ou responsável, Para viajar, com pessoa maior que não seja parente deve ter autorização judicial.*
- *exploração sexual: entende-se por exploração sexual o incentivo ou a coação para a dedicação a qualquer atividade sexual ilegal; a exploração na prostituição ou prática sexual ilegal; a exploração em espetáculos e materiais pornográficos.*
- *atentado violento ao pudor: consiste em constranger, forçar alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso, ou seja, ato que visa ao prazer sexual diverso da conjunção carnal, ou seja, diferente do ato normal. As relações sexuais anais e orais são atos libidinosos. Porém, se a resistência da vítima for meramente passiva ou verbal, desacompanhada de uma resistência física inequívoca, o delito será excluído.*
- *corrupção de menores: a prática ou o induzimento à prática ou mesmo presenciar um ato sexual com pessoas menores de 18 anos e maiores de 14 anos, independentemente do sexo. Se ocorrer erro a respeito da menoridade da vítima, poderá haver a exclusão do delito. (PICAZIO, 1998, p.86;87)*

Contei aos meus pais que sou apaixonado por um amigo. Eles me levaram a um médico e vivem chorando.

No início não entendi por que, mas agora sei que eles têm medo de que eu seja veado. Sou muito anormal por ser apaixonado pelo meu amigo? É isso que é ser veado? (Régis, 14 anos). (PICAZIO, 1998, p. 99)

Texto: PICAZIO, Cláudio. **Sexo secreto:** temas polêmicos da sexualidade. / Cláudio Picazio; com colaboração de Eduardo Bittencourt, Rogério Brugnera e Alexandre R. Araujo. – São Paulo: Summus, 1998.

O homem homossexual é aquele que tem sexo biológico masculino e se sente em acordo com ele, ou seja, sabe que é um homem e se identifica como tal, comportando-se de acordo com os papéis sociais sexuais tidos como masculinos. Sua atração afetiva sexual é direcionada às pessoas do mesmo sexo biológico que o seu. (PICAZIO, 1998, p. 30;31)

Texto: JÚNIOR, Álvaro Lorencini. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação in **Sexualidade na escola:** alternativas e práticas. Coordenação: Julio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1997

As características do comportamento sexual dos homens e mulheres de hoje parecem ser bastante remotas. Através da evolução, nossos ancestrais nos legaram a sexualidade como todos os comportamentos que encontramos atualmente: o olhar, o namoro o desejo, o orgasmo, o prazer, a infidelidade, o homossexualismo, a masturbação e tudo mais. (JUNIOR in AQUINO, 1997, p. 91)

Texto: ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. **Ritos e ditos de jovens gays.** Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.

Em muitos casos, esses jovens partem para direções muitas vezes não convencionais, que estão intrinsecamente relacionadas à baixa estima e à falta de perspectiva para o futuro, tais como o crime e a prostituição; quando não, a depressão e o suicídio. Precisam de alternativas para a autonomia e a saída do núcleo familiar opressor, as alternativas mais fáceis são também, em geral, as mais viáveis, quando se trata de jovens pobres e com baixos níveis de instrução. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 12)

Mãe! É isso mesmo, sou gay!

Choro! Onde eu errei? Lastima-se culposamente! Pai! É isso mesmo, sou boiola! Uma porrada! Ameaça de me colocar na rua e me olha com desprezo. Este olhar é pior do que a

porrada e dói muito. Deus, é tão difícil ser eu mesmo! Orgulho? E o meu orgulho? Ele suplanta o medo!

Cada piada, uma depressão. Cada grito, um medo sem fim de ser colocado na rua. Cada olhar estranho ou de desprezo, uma dor profunda. Não posso admirar o belo, pois isso é coisa de...você sabe o quê. Não tenho direito dentro de casa, só obrigações. Deus, é tão difícil ser eu mesmo. (Pedro, estudante, 19 anos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 12)

Texto: SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo.** 19 ed. Edição da Autora; Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1994.

Olinda, 5 de junho de 1982

Prezada amiga

Tenho assistido a este programa e acho um dos melhores, não pela sofisticação, mas pela qualidade. Parabéns à Globo e a você que o apresenta. Eu tenho um problema seríssimo e que sinto que vai levar-me ao suicídio. Desde minha infância que minha tendência é por pessoas do meu sexo, descobri isso aos oito anos de idade. Só que eu nunca me senti na prática outro garoto. Meus amigos diziam que eu tinha a voz e o corpo feminino. Fui crescendo e, aos 15 anos, já sentia vontade de me suicidar, no Colégio meus amigos me cantavam, e eu ignorava aquilo, não entendia o que eles queriam dizer. Depois eu vim saber o que era homossexual. Tentei suicídio, mas escapei. Meus pais queriam saber o motivo senti medo de contar, então me oprimi procurei um médico pra ver se conseguia falar grosso, melhorei um pouco. Mas eu não conseguia namorar nenhuma moça, só via as mesmas como amigas, só me apaixonava por pessoas do meu sexo. (homens). Não queira imaginar o quanto sofri por ter que fingir aquilo, pois não admitia o homossexualismo em mim. Procurei uma mocinha pra namorar, logo ao ser apresentado os pais dela, disseram que eu era bicha. Acabamos. Procurei um médico e esse me enviou a um psicólogo chamado... Aqui em Recife, este me disse que eu devia me assumir. Passei a odiá-lo e não fui mais ao consultório. Após dois anos, conheci um rapaz e este me convidou a uma festa, fui ao lado dele, chegando num lugar deserto ele me agrediu e me passei pra ele, no outro dia foi horrível em tudo. Ele contou ao povo, mas não houve crítica, porque ele é filho de pai poderoso, mas ele me perseguia, e fui obrigado a manter um caso com ele dois anos. Fui muito feliz com ele. Mas minha família não sabe que eu sou assim e eu vivo a ponto de me matar. Sinto que dentro de mim há um espírito feminino que me faz apaixonar-me por pessoas do meu sexo. O que é isso? Há cura? Ajude-me! Não suporto ser homossexual. Sou negro, magro e pobre. Quero ir ao Rio de Janeiro ou a São Paulo para fugir da família e

procurar um médico pra me curar, mas não tenho condição financeira, as firmas não me aceitam, nunca há vagas nas agências. Quero me suicidar. Quando eu morrer quero que os médicos estudem meu corpo. Pois eles não sabem nada do homossexual, peço que os médicos estudem mais sobre o assunto, por isso darei meu corpo após minha morte. Pois só os homossexuais e eu sabemos o quanto é lindo e triste termos nascido Bicha. É lindo porque o amor explode de dentro de mim. Amo igual a vocês senhores médicos, só que não palpito por uma mulher. Amo as mulheres como amigas. Elas, só elas nos entendem. Peço paz para todos homossexuais. Queremos viver O homossexual ele não se fez! Ele trouxe a doença no sangue. Obrigado Lula por sua colaboração. Que as Bichas votem no seu partido. Não fale meu nome envio uma fotografia minha.

La Belle Fleur

(SUPLICY, 1994, p. 261;262)

Homossexualidade tem a ver com orientação sexual. O homossexual é um indivíduo, homem ou mulher, que tem uma preferência erótica por membros do mesmo sexo. O homossexual não faz esta escolha. Nunca ouvi alguém dizer: sábado, vou virar homossexual. (SUPLICY, 1994, p. 268)

Em 1952, Kallman' realizou um dos genéticos sérios sobre homossexualidade. Estudando a orientação sexual de 85 pares de gêmeos idênticos e não idênticos, ele observou uma concordância de 100% em comportamentos declaradamente homossexuais nos gêmeos idênticos. Concluiu, pela existência de um fator genético na homossexualidade. Entretanto, outros investigadores não conseguiram replicar sua pesquisa com os mesmos resultados, obtendo dados contrários. Também foi observado que, devido à grande identificação existente entre os gêmeos e circunstâncias ambientais semelhantes, também é provável a existência de fator não genético para esta concordância no comportamento homossexual. Não se conseguiu provar diferenças entre os cromossomos dos homossexuais e dos heterossexuais. Outros estudos mais recentes, como de Dörner, sugerem uma possibilidade mais acentuada que a deficiência do hormônio andrógeno, provavelmente devido à fadiga materna ou drogas, em uma época crítica pré-natal (ele sugere do 4º ao 7º mês de gestação), que seria responsável pela não organização dos centros hipotalâmicos do cérebro que determinariam o comportamento masculino na vida adulta. A deficiência da androgenização predisporia o indivíduo a padrões de comportamentos femininos. O problema com esta teoria é que não foi ainda encontrada evidência física deste distúrbio hormonal em crianças recém-nascidas ou em

adolescentes ou em adultos. John Money, um grande estudioso da sexualidade, acredita que, mesmo que exista esta deficiência hormonal pré-natal com a consequente feminilização, ainda seriam necessários muitos estudos para se concluir que esta é a origem da homossexualidade. Tais fatores só predisporiam o indivíduo ao homossexualismo, não o causariam. Igualmente importantes seriam as outras experiências do indivíduo, sua ligação com a família, para que ele se tornasse homossexual. (SUPLICY, 1994, p. 270; 271)

Texto: RIBEIRO, Marcos. Diferentes formas de amar: diversidade e orientação sexual In **Sexualidade prazer em conhecer**. Fundação Roberto Marinho, 2001.

Ninguém nasce heterossexual ou homossexual: nasce homem ou mulher. Nosso sexo é uma característica biológica determinada geneticamente. No centro de cada célula do nosso corpo estão 23 pares de cromossomos que contêm os genes responsáveis por nossas características físicas. A diferença biológica entre o homem e a mulher está num desses pares de cromossomos, os cromossomos sexuais. Enquanto a mulher se caracteriza pelos cromossomos XX os homens possuem cromossomos XY. O sexo do bebê se determina, quando os cromossomos sexuais da mulher, presentes no óvulo, sempre do tipo X, se encontram com os cromossomos sexuais dos homens, presentes no espermatozoide, que podem ser X ou Y. (RIBEIRO, 2001, p. 177)

CATEGORIA: HOMOSSEXUALIDADE NA VISÃO PSICOLÓGICA

PICAZIO, Cláudio. **Diferente Desejos**: adolescentes homo, bi e heterossexuais. Editora Summus: São Paulo, 1998.

Por que uma pessoa vira homossexual? (Marcos, pai de uma adolescente)

Ninguém vira homossexual. Existem muitas teorias a respeito, e a mais respeitada hoje em dia é a de que a pessoa nasce com uma predisposição genética e é influenciada por fatores psicológicos (internos) e sociais (externos), os quais, somados, vão orientar o desejo sexual para a homossexualidade ou bissexualidade. (PICAZIO, 1998, p.26)

A homossexualidade não é doença e não pode ser mudada.

A Sociedade Americana de Psicologia, uma associação que congrega todos os psicólogos dos EUA, produziu um folheto em que divulga seu posicionamento a respeito da homossexualidade. Entre outras coisas, explica que a orientação sexual é diferente do comportamento sexual, porque se refere aos sentimentos e conceitos de si próprio. As pessoas podem ou não expressar a sua orientação sexual através do comportamento.

Em 1973, a Sociedade Americana de Psiquiatria confirmou a importância das pesquisas que estavam sendo realizadas, ao remover o termo 'homossexualidade' do manual oficial que lista todos os distúrbios mentais e emocionais. Em 1975, a Sociedade Americana de Psicologia aprovou uma resolução em apoio àquela decisão. Ambas as associações solicitam que os profissionais de saúde mental colaborem, para acabar com o estigma que algumas pessoas ainda associam à orientação homossexual. Desde que a homossexualidade deixou de ser classificada como doença mental, pesquisas adicionais feitas pelas duas associações vêm confirmando aquela decisão.

[...]

Em 1990, a Sociedade Americana de Psicologia tomou a posição oficial de que as terapias de conversão da homossexualidade para a heterossexualidade não funcionam e fazem mais mal do que bem, conforme apontam as evidências científicas. Alterar a orientação sexual de uma pessoa não é simplesmente uma questão de mudar o seu comportamento. Ela requereria uma alteração dos sentimentos emocionais, românticos e sexuais da pessoa, além de uma reestruturação do conceito de si própria e sua identidade social. Apesar de alguns profissionais de saúde mental tentarem aplicar terapias de conversão da orientação sexual, muitos outros questionam a ética de se desejar mudar uma característica que não é um distúrbio e tem uma grande importância para a identidade do indivíduo. (PICAZIO, 1998, p.50)

Tenho um namorado há dois anos, nós nos amamos muito. Não fui a primeira mulher dele, ele já tinha feito sexo com duas ex-namoradas, mas, a gente é fiel. Fui fazer exames de rotina na ginecologista e fiz o de Aids, por curiosidade. Só que deu positivo. Fiquei desesperada, achei que ia morrer no dia seguinte. Ele também está com o vírus HIV. Estou bem, mas eu nunca pensei que podia pegar Aids de um namorado. Ele jurou que nunca transou com homens, é possível? (Ivani, 18 anos) (PICAZIO, 1998, p.66)

Minha mãe é lésbica. Será que eu também vou ser? (Luísa, 15 anos). (PICAZIO, 1998, p.68)

Sou homossexual, e agora?

Fazer essa constatação é sem dúvida uma das maiores dores psicológicas que um adolescente ou adulto podem ter. Não é fácil admitir um desejo tão perseguido, tão desrespeitado pela sociedade e perceber que sua vida será uma batalha em relação a preconceitos e direitos. Muitas tentativas de negar essa verdade são feitas, muitas dúvidas sobre si são levantadas. Num primeiro momento só se enxergam perdas e dores. Mas o prazer do desejo é forte e é aí que o conflito se instala. Uns conseguem admitir essa verdade, outros tentam, às vezes, pelo resto da vida, negar o que se apresenta. Nesta hora comprova-se que, se a orientação sexual fosse uma opção, a grande maioria não escolheria a homossexualidade.

Admitir para si que se é homossexual é o primeiro passo. Mas como ficam a família, os pais, os amigos, em quem se pode confiar? A autoestima fica abalada. O sentimento é de fragilidade perante tudo. A necessidade de ser amado e aceito é grande, assim como a sensação de incompreensão externa e interna. Fica registrado que o amor, os desejos eróticos são proibidos e que haverá punição ao vivê-los. Tenta-se disfarçar o que se sente diante dos parentes e pelos amigos, porque em si mesmo já não é possível. Contudo, isso aumenta a solidão, e o desejo de encontrar alguém para amar continua sendo complicado, porque é difícil amar em silêncio. O que acontece nesse momento é muitos terem relações sexuais que, na verdade, não têm grande significado em termos afetivos, para completarem-se pelo menos no plano sexual. O amor costuma ser sentido por alguém que dificilmente se terá. Alguns adolescentes conseguem iniciar uma relação completa, com realização de afeto e de sexo, mas isso é raro pela necessidade que sentem de ter que escondê-la de todos. (PICAZIO, 1998, p.75;76)

Quando eu tinha 12 anos meu tio, de 30 anos, me mostrava o pinto dele. No começo, achei meio estranho, mas depois me senti atraído. A gente se chupava. Parei de fazer isso com 16 anos. Estou com 19 e tenho vontade de fazer sexo com outros homens. É errado? Hoje meu tio cobra que eu arrume uma namorada, mas eu não tenho vontade. (Flávio, 19 anos). (PICAZIO, 1998, p.77)

Existem algumas coisas importantes para se comentar nessa história. Primeiro, jogos eróticos entre meninos de uma idade próxima não acarretam consequências na construção da identidade sexual, mas jogos eróticos com alguém mais velho podem causar problemas futuros. Quando você iniciou essa prática de sexo, era ainda uma criança, inclusive para a lei. Seu tio não foi nada legal, abusou sexualmente de você e, pela lei o que ele fez seria enquadrado em corrupção de menores. Infelizmente, você não está sozinho. Algumas pesquisas informais apontam que 60% das crianças (meninos e meninas) são molestados sexualmente. Desse total,

10% dos meninos e 20% das meninas são mais do que molestados, chegando a ser abusados ou estuprados, geralmente por algum familiar ou pessoa muito próxima da família.

Essa história pode ter dado prazer a você, mas a diferença de idade deu um poder muito grande ao seu tio, não existiu igualdade na relação. A manipulação, sentimentos de inferioridade, necessidade de poder e controle podem ter sido os motivos que levaram seu tio a cometer esses atos. Sendo mais velho, ele deveria ter tido consciência de que aquilo poderia acarretar problemas para você e para ele.

Seu tio deve ter um grande sentimento de culpa se fica hoje cobrando uma namorada de você. Ele deve ter receio de que os jogos eróticos tenham levado você para a homossexualidade. Pode ter acontecido que esses jogos tenham despertado sua orientação mais cedo do que seria natural. Se hoje você tem vontade de viver histórias parecidas com outras pessoas, tome cuidado para não repetir o que seu tio fez com você. Procure pessoas que tenham consciência de seu desejo e que já estejam despertas para essa vontade.

Mas, antes, olhe para dentro de você e veja se a sua vontade existe por si mesma ou se é fruto da sensação de que não conseguiria, em função de seu passado, ter desejo por uma mulher. Tente perceber se você tem liberdade de gostar de alguém de igual para igual. Acredito que seria muito bom se você pudesse procurar ajuda de alguém mais experiente para poder conversar. Procure um profissional, um psicólogo, um sexólogo para orientá-lo mais de perto a descobrir o seu caminho, eliminando as marcas que essa relação com seu tio pode ter deixado.

Invista na sua felicidade. Acredite que você é dono dela. (PICAZIO, 1998, p.77;78)

Como fico de bem com o mundo?

O desejo está admitido, percebido. Há necessidade de se amar e ser amado, de um grupo onde não exista hostilidade por sua orientação. Automaticamente, o adolescente vai a bares e boates gays. Num primeiro momento, estes lugares dão uma sensação de conforto e alívio, porque finalmente descobre um grupo em que todos são homossexuais. Depois um desconforto, porque, em seu imaginário, a maioria desses gays e lésbicas pensaria da mesma forma em relação a tudo. Mas não é bem assim, percebe-se que não existe uma personalidade homossexual, a igualdade na orientação não significa igualdade de ideias, de gostos, de objetivos. Constatase que homossexuais sentem igual apenas em relação ao seu desejo, mas não às outras áreas da vida. (PICAZIO, 1998, p.91)

Os adolescentes vêm quebrando novas barreiras. Há dez anos, uma pessoa homossexual esperava ansiosamente a sua maioridade para poder viver mais transparentemente seu desejo. Hoje, adolescentes, já sabendo que não são doentes, que são diferentes simplesmente na sua orientação sexual, estão buscando antes da maioridade o seu direito ao vínculo. Muitos perceberam que têm o direito de ter a mesma adolescência que seus amigos heterossexuais. A transparência está acontecendo. Estes conseguem assumir para amigos e família seu desejo natural, causando espanto, admiração e inveja em gays e lésbicas que não tiveram essa coragem. A grande maioria da sociedade, incluindo família, não está sabendo como lidar com essa transformação. Tentam agir da mesma forma que sempre agiram, reprimindo, disfarçando, mas isso não adianta mais. A luta pelo direito de afeto está tomando vulto cada dia maior, a mídia já consegue vez ou tenta mostrar de forma madura e verdadeira os conflitos e a vida real dos homossexuais. Os grupos estão aumentando, o projeto pela união civil entre iguais serve de excelente impulso para se olhar com mais respeito para essa verdade. Os homossexuais, adolescentes e adultos, estão mais visíveis, ao mesmo tempo que estão sendo quebradas as paredes internas, saem dos bares e arriscam as calçadas. As pessoas estão sendo obrigadas a ver o que negavam, a questionar seu espanto com demonstrações de amor, e admitir que existem outras verdades, outros naturais, diferentes desejos. (PICAZIO, 1998, P.92)

Namoro uma menina, mas tenho muita vontade de ficar com meninos. Disfarço, mas tem dias em que não aguento, vou ao parque perto de casa e transo com o primeiro que encontro. Será que isso vai passar? (Silas, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p.93)

Peguei minha filha na cama com a amiga dela, estavam se beijando. Ela tem que ter um desvio psicológico, isso não pode ser normal. Levei-a ao psicólogo e ele me disse que ela não tem nenhum problema. Não posso acreditar nisso. Devo levá-la a um psiquiatra? (PICAZIO, 1998, p.110)

Tenho um filho que é gay e o amo muito, mas fico preocupada que ele pegue Aids. (PICAZIO, 1998, p.118)

Por que toda vez que se fala de homossexual, se fala de homens? As mulheres também não são homossexuais? (Regina, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p.125)

De que maneira a educação pode contribuir para o surgimento da homossexualidade? (Maria Aparecida, professora). (PICAZIO, 1998, p.132)

Texto: SUPLICY. **Sexo se aprende na escola.** 2ª ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.

Uma segunda hipótese baseia-se no trabalho do fundador da Psicanálise, Sigmund Freud. Em seus estudos sobre sexualidade infantil, ele aponta quatro razões para ocorrer a homossexualidade:

- a) a fixação em uma etapa anterior do desenvolvimento;*
- b) o medo de castração diante do desejo pela própria mãe;*
- c) o narcisismo que leva o indivíduo a procurar alguém igual a si;*
- d) a identificação da menina com o pai e do menino com a mãe.*

Freud mostra que, nas suas relações de amor de ódio, a família pode desencadear conflitos que acabam por dar origem a diferentes caminhos, dentre eles, a homossexualidade. Ressalte-se que a teoria freudiana teve como referência original uma sociedade burguesa determinada no tempo e espaço, na qual a família era de tipo preponderantemente nuclear - pai, mãe e filhos. As conclusões de Freud podem não se aplicar a outros tipos de estrutura econômica e familiar, com a qual nos deparamos em nosso cotidiano. (SUPLICY, 1999, p. 70;71)

Texto: PICAZIO, Cláudio. **Sexo secreto:** temas polêmicos da sexualidade. / Cláudio Picazio; com colaboração de Eduardo Bittencourt, Rogério Brugnera e Alexandre R. Araujo. – São Paulo: Summus, 1998.

Dentro das normas de saúde sexual, é considerado desvio ou perversão, independentemente da orientação sexual, quando a pessoa sente prazer por um fragmento do corpo ou um objeto que o represente. (PICAZIO, 1998, p. 31)

A homossexualidade está longe de ser uma opção, o que é muito importante de ser levado em conta. Todos nós podemos lembrar quando começamos a sentir interesse por alguém, em geral lá na infância, e provavelmente não faz parte dessa memória o pensamento: Acho que vou preferir a Regininha em vez do Mauro. Meninas e meninos homossexuais sentem o seu desejo da mesma forma espontânea que heterossexuais, não havendo a escolha consciente que a palavra opção implica. (PICAZIO, 1998, p. 32)

Um homossexual não é um hétero frustrado. A frustração dos homossexuais pode residir no fato de não terem a mesma aprovação social que os hétero. (PICAZIO, 1998, p. 32)

Texto: ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. **Ritos e ditos de jovens gays.** Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.

Quando o desejo é heterossexual, o problema não é tão grande ou é quase inexistente, mas quando o desejo é homossexual, as coisas ficam muito confusas. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 31)

O jovem homossexual não tem ouvintes, não sabe conduzir o início da sua vontade por outro menino, rapaz ou homem. Ele não sabe como pedir ajuda, pois, caso mencione a sua vontade por outro homem, as reações serão as piores possíveis. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 33)

Muitos são proibidos por seus familiares de passarem pela comunidade onde moram. Caso desobedeçam, são espancados, violentados pelos próprios familiares. Muitos, quando descobertos e se permanecem em casa, são usados pelos próprios familiares, passam a fazer todas as tarefas do lar como uma forma de pagamento pela sua vergonha. Lavam, passam, cozinham, não têm direito a nada e fazem todas as tarefas sem direito a reclamar, pois, no fundo, se sentem culpados por serem homossexuais e ficam temerosos por suas próprias vidas. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 40)

A heterossexualidade compulsória, vigente no grupo social, na família, na religião etc. provoca vários conflitos e em diversos níveis. Ela provoca conflitos interiores pela não-conformidade com a sua sexualidade, inconformidade de gênero. São conflitos que fazem com que os jovens tentem ocultar seus sentimentos, desejos, fantasias e desejos confrontados com exercício da sexualidade de seus outros amigos, conhecidos e irmãos. A resultante é uma baixa autoestima, que os faz deixar de lado os sonhos por um futuro promissor. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 43)

O medo de não superar o próximo dia leva muitos dos jovens a não se preocuparem consigo; vão se aniquilando cotidianamente, se submetendo a situações, ingressando em submundos

onde ficam mais suscetíveis a diversas formas de violência e de doenças. Entram no jogo do tudo ou nada onde a roleta é russa. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 43)

Esteja alerta, quando esses sintomas estiverem em sua vida cotidiana:

Conflitos interiores por ser homossexual e se sentir inferior aos demais.

Conflitos pela não-conformidade com a sua sexualidade.

Inconformidade de gênero.

Ocultar seus sentimentos, desejos, fantasias e desejos.

Confrontados com exercício da sexualidade de seus outros amigos, conhecidos e irmãos.

Conflitos com princípios religiosos, éticos e morais.

Conflitos com seu grupo social.

Conflitos com seus familiares.

Conflitos com seus amigos, conhecidos e relacionados.

Conflitos com os costumes de relacionamentos íntimos, como ser macho 24 horas por dia.

(ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 45)

Texto: SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo.** 19 ed. Edição da Autora; Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1994.

Prezado Amigo La Belle Fleur, está difícil a barra! Mas acho que o suicídio não vai adiantar muito não, mesmo doando o corpo para estudo. Penso que, para a compreensão do homossexualismo, você pode contribuir muito mais, vivo. Principalmente, se arrumar coragem para se assumir nem que seja para você mesmo. Você fala do preconceito contra o homossexualismo. Ele existe. Mas, no seu caso, começa com você. No momento em que você não se aceita como gente, do jeito que você é, não dá para se sentir bem e querer que os outros o aceitem. A primeira coisa é você se aceitar como pessoa e não como doente. Não existe esta doença no sangue. O seu comportamento sexual é diferente da maioria, mas isso não faz você menos bom, corajoso, inteligente, honesto digno. E você não está sozinho, pois existem estimativas de que os homens são exclusivamente homossexuais. Esta é uma batalha dura, que você vai ter que travar primeiro com você mesmo e, depois, com a sociedade. Coragem! (SUPLICY, 1994, p. 262;263)

Amiga, que bom seria se eu soubesse o que lhe dizer, como ajudá-la! Entretanto, observei algumas coisas na sua carta que posso discutir com você. Parece, à primeira vista, que você

sucumbiu à pressão social e à sua própria, numa primeira fase de sua vida, quando optou pelo casamento. Na época você não foi ajudada a refletir sobre a situação. A existência de duas forças contraditórias dentro da pessoa faz, muitas vezes, com que ela tente impor uma solução ao conflito. Entretanto, esta solução será aparente se os dois componentes permanecerem ativos e não resolvidos. Parece-me que a opção pelo casamento poderia ter sido gerada por estes motivos, numa tentativa de compromisso com a sociedade e com a sua angústia. Não seria, então, uma decisão interna, um triunfo sobre um dos dois componentes da bissexualidade e, portanto, é natural que o conflito retorne. O que ocorre realmente com você não posso saber, entretanto, existem alguns pontos sobre os quais podemos pensar:

1) É fácil para uma pessoa, e não tão raro, passar a acreditar em alguma coisa, no seu caso, no seu homossexualismo, devido a experiências negativas fatores inconscientes ou idealizações. Talvez existisse muita idealização, na sua cabeça de menina, em como seriam os primeiros contatos com um rapaz: é que o afago do primeiro namorado ao invés de trazer aquele prazer sonhado e, por vezes, comentado entre as amiguinhas, não lhe dizia nada; quem diz que o rapaz não era inadequado sexualmente, ou não tinha nada a ver com você ou que você não estava se submetendo ao namoro, para provar alguma coisa e, portanto, só podia ser uma experiência ruim mesmo. A pessoa passa a acreditar no que pensa, sem verificar a verdade do que pensa. São muitos os fatores pelos quais a pessoa pode querer manter esta situação enganosa. No seu caso, não tenho dados que me permitam formular uma hipótese. O que me parece é que, levada por este pensamento de ser homossexual, você atuou esta homossexualidade, isto é, partiu para a prática.

A crença veio antes. Outro aspecto para você refletir é que, na vida de casada, este pensamento de ser homossexual deve ter funcionado para manter você, de alguma forma, aparentemente próxima, mas distante do seu marido. Feliz, mas não totalmente feliz. Por que isto de complicar tanto a vida? Os seus motivos eu não sei. No decorrer de uma análise muitas vezes se constata a dificuldade da pessoa em viver uma situação de intimidade afetiva com o outro, provocando então brigas ou qualquer pensamento que distancie. São muitas as possibilidades, mas este é um aspecto diferente do seu homossexualismo para você refletir. Podem ser muitos outros.

Vamos ver outro aspecto:

2) Você diz que casou por escolha e amor. Não sei. Pressão também faz a gente se apaixonar ou se conformar. Existem alguns estudos mostrando como a mulher, pela educação recebida, tende a se apaixonar pela pessoa certa, da classe social adequada etc. Se esta pressão atua em relação ao status, cor, idade do indivíduo a ser escolhido, a ponto de a mulher se iludir que está apaixonada, imagine então em relação ao sexo! Em todo caso, se fosse só ilusão,

difícilmente a situação seria tão harmoniosa como a que você descreveu. Mas pense sobre isto: se você realmente ama o seu marido. Se ama, por que tanta história? Quando você diz que é bom com seu marido, mas é melhor com mulheres, também podemos entender sua vontade de ligação homossexual, não muito diferentemente do que a atração que outras mulheres sentem por outros homens que não são seus maridos. Não dá para ter tudo. Optar é difícil, e não há muita diferença em ter que abdicar dos possíveis amantes homens ou mulheres.

3) A sua situação atual é complexa. Você vive razoavelmente bem numa ligação heterossexual, e existe uma realidade que são duas filhas e um marido que você ama e com o qual se dá bem. Com isto, não quero dizer que você não possa, finalmente, fazer sua opção pelo homossexualismo, assumi-lo ou não, ficar com suas filhas, se, realmente, for essa a sua preferência. Entretanto, aqui não é Berkeley, na Califórnia, onde a mulher lésbica até se casa com outra e educa os filhos numa boa. A pressão, como você sabe melhor do que eu, é enorme. Depende de você, da sua verdade, da sua necessidade de viver esta verdade e da sua estrutura em aguentar o preconceito, se for essa a opção. As pioneiras, em qualquer lugar do mundo, sofrem as consequências, mas abrem caminhos importantes. Não me recordo de nenhuma dizendo que se arrependeu. (SUPLICY, 1994, p. 265;266;267)

A homossexualidade é parte da personalidade do indivíduo, cresce e se desenvolve com ele, sendo ou não assumida ou expressa abertamente. Geralmente, o homossexual reconhece a realidade emocional e sexual da sua orientação. Frequentemente ele luta contra esse desejo, sente medo dele, da frustração que causará aos pais, e da pressão que sofrerá da sociedade. Muitas vezes, casa para esconder o que lhe é penoso, difícil de enfrentar. (SUPLICY, 1994, p. 268)

A existência de mãe autoritária, sedutora, e pai hostil, ou distante, é uma das teorias que prevalecem para explicar a homossexualidade. Entretanto, estas teorias muitas vezes se contradizem. Existem homossexuais com mães fracas e pais fortes, como existem heterossexuais com mães autoritárias e pais distantes. (SUPLICY, 1994, p. 271)

Segundo a teoria freudiana, a má resolução do complexo de Édipo impediria a escolha de um objeto erótico, o sexo oposto. A dificuldade da menina na superação desta fase estaria ligada, principalmente, à inveja do pênis. Esta inveja provocaria um sentimento de autodesvalorização e ressentimento que, somando à ansiedade provocada pelo relacionamento heterossexual e outros fatores da dinâmica social, levariam a jovem a recusar a condição feminina e adotar

papéis eróticos masculinos. Outros fatores seriam a vontade de conquistar uma mãe distante, o desejo de substituir o pai em relação à mãe, a rejeição do pai e a vontade de ser como ele. (SUPLICY, 1994, p. 272)

A psicanalista Karen Horney, em 1939, e muitas das feministas atuais acreditam que a inveja do pênis seja, na verdade, simbólica. A mulher teria inveja, sim, mas dos privilégios e do poder do sexo masculino, no caso, simbolizado pelo phallus. Muitos autores tentam estabelecer um vínculo entre o homossexualismo e a neurose. Entretanto, esses trabalhos são falhos, na medida em que estudam uma população homossexual que procura ajuda terapêutica. E os homossexuais que se sentem bem, e que conseguiram superar seus conflitos, mesmo vivendo essa orientação sexual, que é objeto de tanto preconceito e perseguição? Segundo a psicanalista Joyce McDougall, a lésbica recorre menos à psicanálise, pois devido à menor censura ao seu comportamento, ela o pratica mais livremente, com menos sentimento de culpa. Ela tende a idealizar a relação lésbica, em vez de condená-la e culpar-se, como o faz frequentemente o homossexual masculino. (SUPLICY, 1994, p. 272; 273)

CATEGORIA: VISÕES SOBRE A HOMOFOBIA

Texto: ABROMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G.; SILVA, Lorena B. **Juventudes e sexualidade.** Coordenadoras: Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

Mas, ainda que se focalize aqui mais a questão da homofobia, são diversos os preconceitos, discriminações que, em nome da sexualidade, desrespeitam e ferem a dignidade do outro, constituindo, muitas vezes, para quem é o objeto desses, sofrimentos e revoltas. São legitimados por padrões culturais que cultivam simbólica e explicitamente hierarquias e moralismos, em nome da virilidade, da masculinidade e da rigidez que codifica uma determinada vivência da sexualidade como a normal, a consentida. Muitas expressões de preconceito e discriminações em torno do sexual tendem a ser naturalizadas, até prestigiadas e não entendidas necessariamente como violências. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 279)

Um tipo de estranhamento que, para vários autores, associa-se à representação da masculinidade ou da masculinidade legítima e aprendida como a normal, e que pode se traduzir em diversos tipos de violências, comumente encontrada na literatura sobre jovens, diz respeito à discriminação contra os homossexuais.

Observa-se que, embora os jovens estejam mais envolvidos na violência chamada de dura, (Chesnais in Abramoray e Rua, 2002), a percepção de rapazes e moças sobre o que é violência muito se assemelha. Ambos, quando solicitados a indicar, de uma relação proposta pela pesquisa, as cinco mais graves formas de violência, selecionam os mesmos itens, mas com uma singular exceção: a questão da agressão a homossexuais. Neste caso, percebe-se maior sensibilidade das jovens com este tipo de violência. Bater em homossexuais é classificada pelas jovens como a terceira violência mais grave, enquanto para os jovens ela ocupa a sexta posição (Tabela 6.4)

TABELA 6.4 *Proporção de alunos do ensino fundamental e médio, por sexo e por ordem de indicação, segundo as cinco ações consideradas mais violentas no Brasil - conjunto de 14 cidades, 2000.*

	Masculino		Feminino	
Ações consideradas violentas	Posição	(%)	Posição	(%)
<i>Atirar em alguém</i>	1º	82,6	1º	86,3
<i>Estupro</i>	2ª	68,5	2ª	84
<i>Bater em Homossexuais</i>	3º	36,1	3º	47,8
<i>Usar drogas</i>	4º	48,1	4º	46
<i>Roubar</i>	5º	45,3	5º	44,6
<i>Andar armado</i>	6º	44	6º	42,1

Fonte: Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, UNESCO, 2000. Solicitou-se aos informantes: Entre as ações abaixo, marque as cinco que você considera mais violentas (categorias de resposta apresentadas na tabela).

(1) Dados expandidos.

(2) foram consideradas apenas as respostas afirmativas.

De fato, a discriminação contra homossexuais, ao contrário das de outros tipos, como as relacionadas a racismo e a sexismo, são não somente mais abertamente assumidas, em

particular por jovens alunos, além de ser valorizada entre eles, o que sugere um padrão de masculinidade por estereótipos e medo ao estranho próximo, o outro, que não deve ser confundido consigo.

A homofobia, o medo voltado contra os(as) homossexuais pode se expressar ainda numa espécie de terror em relação à perda do gênero, ou seja, no terror de não ser mais considerado como um homem ou uma mulher real ou autênticos(as). (Louro, 1997:29). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 279;280)

Muitos dizem que não têm preconceito, desde que o homossexual permaneça longe, não se aproxime e, principalmente, que não insinue que eles possam ser um igual ou um parceiro da relação. Os rapazes têm aversão às cantadas vindas de homossexuais, sentindo-se ameaçados em sua masculinidade e, muitas vezes, reagindo com violência:

- Eu não sou nada contra, mas longe de mim!

- Também não aceito não. Eu sou muito preconceituoso, parte antiga também. Eu Não aceito perto de mim.

- Rapaz, eu sei de uma coisa, se você quer ter um amigo homossexual, pode ter. Mas não dê uma abertura não! Não abra porque ele entra mesmo. Eu nunca gostei de ficar perto de homossexual, não. (Grupo Focal com alunos, escola privada, Fortaleza)

-Tenho [preconceito], mas uma certa parte. Meu preconceito é, como se chama, com o gay. Meu preconceito não é totalmente em cima da pessoa. É, por exemplo, se a pessoa que é gay vier com gracinha para mim. (Grupo Focal com alunos da escola pública, diurno, Teresina). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 280;281)

Além da intolerância e da rejeição ao homossexual, alguns depoimentos de jovens alunos indicam ideias preconcebidas, estereótipos, como se lê na fala de um aluno de Fortaleza: De todos homossexuais que eu vi, com certeza, 80 ou 90% são moleques, são safados, são não sei o quê! E dá em cima de você. Tais estereótipos mais racionalizam a repulsa, em relação a essa orientação sexual, que também se sustentam pela identificação das relações amorosas entre iguais como sujas. Um aluno de São Paulo assim verbaliza sua repulsa: Homem beijando homem com bigode. Ah, que nojo! Se sem bigode para mim já é. Imagine com bigode. Bigode brigando, véio. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 285)

Uma coisa, eu fiquei indignado quando eu estava com uma menina assim na rua, né. Aí teve um veado passou e me deu uma flor, aí eu peguei num pau e tive que... fui vítima ...tive que

fazer uma sessão nele. Eu peguei um pau e dei na cabeça dele! Não dei na cabeça dele, foi assim na parte do tórax. O que os outros vão pensar? (Grupo focal com alunos, escola pública, São Paulo. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 286)

De fato, a discriminação contra alunos que são ou que são considerados homossexuais por parte dos colegas ocorre principalmente de forma velada/disfarçada, por meio de referências preconceituosas. De acordo com depoimentos de alguns diretores e professores, principalmente os meninos têm esse tipo de atitude como forma de constrangimento e intimidação àqueles que têm uma orientação sexual diferente da sua, ou cuja aparência não se enquadra ao padrão esperado do ser homem. Enquanto alguns consideram que as brincadeiras não são manifestações de agressão, naturalizando e banalizando as expressões de preconceitos, há os que enfatizam que as piadinhas ofendem e partem, frequentemente, dos meninos e rapazes(...). (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 289)

Contradizendo tal assertiva, alguns professores assinalam casos de discriminação explícita, como sugere o depoimento seguinte: Eu tenho um caso com um aluno do primeiro ano, que é homossexual. E um professor do segundo ano passou por ele no corredor e disse que ele é um ser extraterrestre, que é uma aberração. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 290)

Os preconceitos e discriminações se distanciam de conhecimentos sobre o tema, e muitos atores reconhecem que pouco conhecem sobre homossexualidade, mas, por outro lado, várias de suas declarações sugerem que sem autocritica expressam seus preconceitos. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 294)

Em todas essas situações de violências envolvendo jovens, chama a atenção a fragilidade desses, que não dispõem de mecanismos que amparem suas queixas e denúncias. Impera, em muitos casos, a lei do silêncio, na qual jovens e adultos, por medo, ameaças ou mesmo indiferença, se calam. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 299)

Quando solicitados a indicar cinco das formas mais graves de violência; rapazes e moças selecionam os mesmos itens, mas com uma singular exceção: a questão da agressão a homossexuais. Bater em homossexuais é classificado pelas jovens como a terceira violência mais grave, enquanto que para os rapazes ela ocupa a sexta posição.

Cerca de 1/4 dos alunos afirmam que não gostaria de ter um colega de classe que fosse homossexual, sendo que os percentuais aproximadamente, entre 31%, em Fortaleza, e 23%, em Belém, representando em números absolutos 112.477 e 43.127, respectivamente. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 303)

Os pais que mencionam que não gostariam que homossexuais fossem colegas de escola do seu filho chegam a cerca de 48%, em Fortaleza, sendo que a menor expressão desse indicador de rejeição está em torno de 22%, em Porto Alegre. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 304)

Já, entre os professores, a rejeição explícita aos homossexuais é mais baixa: cerca de 6% dos professores no Distrito Federal afirmam que não gostariam de ter homossexuais como alunos. No outro extremo, considerando as 14 cidades, encontra-se que tal percentagem de rejeição chega a cerca de 2%, em Porto Alegre. (ABROMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004, p. 304)

Texto: SUPLICY. **Sexo se aprende na escola.** 2ª ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.

Outra contribuição é das áreas da Sociologia e Antropologia que estudam diferentes formas de vida de grupos humanos. A sociedade capitalista ocidental apresenta rigidez nos papéis de gênero, na maneira como se é homem ou mulher, e uma fobia à homossexualidade. Isto acarreta o crescente confinamento daqueles que, de alguma forma, não fazem a passagem por determinados ritos, como o casamento, a geração de filhos, exigidos para a entrada no grupo social normal. Diferentes modos de entender a homossexualidade, e relacionar-se com ela, podem ser identificados em diferentes culturas, embora predomine alguma forma de exclusão ou discriminação. (SUPLICY, 1999, p. 71)

Texto: PICAZIO, Cláudio. **Diferentes desejos:** adolescentes homo, bi e heterossexuais. Editora Summus: São Paulo, 1998.

Tatiana, 23 anos, de Joinville

Casei antes da maioridade, com 17 anos, tive que ser emancipada. O Sérgio era uma pessoa que eu conhecia desde os 13 anos e namorava fazia uns dois anos. Eu realmente gostava dele e foi tudo ótimo, excelente. Ele era a grande paixão da minha vida. O casamento durou três meses. Um dia ele viajou e eu fiquei sozinha. Resolvi ir para a casa de praia que ele tinha em

Porto Feliz, mas, quando cheguei, dei de cara com o Sérgio, o melhor amigo dele, que também era meu amigo. Os dois estavam dormindo, peladinhos. Foi péssimo. Eles levantaram e vieram com uma conversa. Não é nada do que você está pensando. Voltei para casa e anulamos o casamento como se nada tivesse acontecido. Ele é de uma família muito rica, a mãe nunca iria aceitar que ele é gay, não dava para contar. Ele não tinha cara de gay, andava sempre vestido como executivo, eu nunca tinha percebido nada. Depois da anulação, ele foi morar junto com o Júlio.

Me senti um lixo, fiquei um tempo sozinha. Aí entrei na faculdade de medicina e fiquei amiga de uma mulher mais velha. Ela morava perto da minha casa, íamos juntas e fazíamos dupla no laboratório. Ela tinha um namorado, que eu conhecia. Um dia a gente foi estudar na casa dela e fiquei no quarto esperando enquanto ela tomava banho. Quando voltou, começou com muitos carinhos e beijinhos e me convidou para tomar banho com ela. Acabamos ficando juntas e tivemos um caso por um bom tempo. Até que ela engravidou do namorado, casou-se e me convidou para madrinha.

Fui encontrar o Sérgio, que tinha se mudado para o Rio. Ele continuava casado com o Júlio, mas sempre que podia eu ficava junto com ele. Eu gosto muito dele.

Na mesma faculdade, quando estava passando por um ciclo prático em pediatria, fui atacada pela chefe do hospital, que me dispensou do plantão e me levou para a casa dela. Foi um ataque legal, desses que dá gosto. A gente começou a namorar de ficar noiva e usar anel. Eu passava todos os finais de semana na casa dela e dormia lá praticamente toda noite. Ela não se preocupava em esconder de ninguém, era emocionante. Onde ela ia, me arrastava. Um pessoal olhava meio torto, fazia comentários, mas ela era assumidona, com um pique, ela está comigo e está comigo. Fiquei dois anos com ela. Não era apaixonadíssima, mas gostava, ela me fazia sentir muito para cima.

Até que uma colega começou a me chamar a atenção de um jeito diferente, como eu não tinha sentido nem pelo Sérgio. Eu só ficava olhando, não sabia qual era a dela. Por força do destino, fui dar plantão em um hospital com ela. Era próximo do Natal, a gente trocou uns presentinhos. Ela fez uma revelação: estava namorando outra mulher, que eu conhecia, e de quem já não gostava. Comecei a ver uma luz no final do túnel.

O relacionamento dela com a outra entrou em crise e a brecha para mim começou a ficar maior. Eu estava sempre ali, no papel consolador. A gente começou a sair mais, ficava conversando dentro do carro, até que um dia quis dar um beijo. Ela disse não, mas na hora da despedida me beijou rápido na boca. Outro dia a gente estava no carro, perto da casa dela

(imagine se eu não tivesse carro, não ia desencantar nunca), e acabamos nos beijando e ficando juntas. O fusquinha ficou todo embaçado.

Depois de um tempo, trocamos o carro pelos motéis. Hoje, tudo o que eu sinto por ela é diferente, quero conversar a toda hora, sobre tudo. Desde que começamos o relacionamento, parei de ficar com o Sérgio, os outros todos perderam a graça. O que eu sinto não é nem paixão, é amor. (PICAZIO, 1998, p. 29;30)

Claro que é possível. Inteligência matemática, gosto por esportes — tidos como masculinos ou não —, maneira de se vestir etc., não têm correspondência com ser gay ou hétero. (PICAZIO, 1998, p. 31)

Você deve ter um medo muito grande de ser confundido com um homossexual. Olhe para isso, se você está tranquilo, em relação ao seu desejo sexual, não tem porque ter tamanha raiva. Se um dia isso acontecer, saia da situação, assim como você sai quando uma menina está a fim de você e você não está a fim dela. (PICAZIO, 1998, p. 31)

Minha melhor amiga me disse que é lésbica. Eu não sou, mas não sei o que faço. Tenho medo de que ela me dê uma cantada. Gosto dela. Será que dá para a gente continuar sendo amigas? (Elisete, 16 anos). (PICAZIO, 1998, p. 49)

Por que será que ninguém se incomoda muito com agressão, miséria, guerra, mas se aparecem dois homens ou duas mulheres se beijando, se amando, todo mundo se espanta, fica indignado, a censura cai de pau. Não entendo por que amor assusta e agressão não. (Rodrigo, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p. 55)

Nunca contei para ninguém, mas meu pai é gay e minha mãe também, eu adoro os dois. Tenho um namorado que quer conhecê-los, mas não sei se devo contar para ele. E se ele não respeitá-los? (Bruna, 16 anos). (PICAZIO, 1998, p. 55)

Minha melhor amiga disse que me amava e agora quer transar comigo. Gosto dela e até tenho curiosidade, mas tenho medo de virar lésbica se experimentar. (Gabriela, 16 anos). (PICAZIO, 1998, p. 70)

Quando eu estava no colégio, um cara me bateu duas vezes porque descobriu que eu era gay. Cheguei a mudar de período na escola para não encontrá-lo. Depois de três anos, encontrei

com ele numa boate gay, beijando um cara. Ele me viu e veio pedir desculpas. Ele já era gay? As pessoas que têm muita raiva de veado são no fundo gays também? (Álvaro, 20 anos). (PICAZIO, 1998, p. 81)

Não me assumo para os outros, porque tem gente que é muito agressiva. Estou errado em me defender? Porque eles querem me atacar se eu não fiz nada para ninguém? (Pedro, 19 anos). (PICAZIO, 1998, p. 88)

Tenho quatro irmãos mais novos. Meu pai vive falando que, se descobrir que tem um filho que gosta de homem, mata. Eu gosto, mas morro de medo dele. Não saio de casa, fico com medo que ele descubra. Tem horas que eu gostaria de contar, de fugir de casa, às vezes penso até em me matar e acabar de vez com tudo isso. Tenho medo. O que eu faço? (Carlos, 16 anos). (PICAZIO, 1998, p. 89)

Um aluno me disse que gostava de meninos. Me fez jurar que eu não contaria para os pais dele, porque tem medo de apanhar muito e ser uma grande decepção para a família dele. Não estou aguentando guardar isso comigo, conto ou não para os pais dele? (Maria Odete, professora). (PICAZIO, 1998, p. 127)

Por que as pessoas julgam os homossexuais pelo sexo e não pelo que eles fazem de bom na vida? (Sônia, 18 anos). (PICAZIO, 1998, p. 129)

Texto: LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola In **Saúde e sexualidade na escola**. Dagmar Meyer e E. Estermann (organizadoras). Editora Mediação: Porto Alegre, 1988.

Nessa vigilância constante, está presente um sentimento de homofobia, ou seja, de medo ou de repulsa à identidade homossexual. Vários estudiosos e estudiosas (Britzman, 1996, Weeks, 1993, Louro, 1997.) comentam que transgredir as fronteiras do gênero, comportar-se de formas diversas das socialmente esperadas e admitidas para seu gênero parece ser a mais grave das transgressões, do pecado inadmissível. Sentimento que faz com que muitas pessoas (incluindo professoras e professores) prefiram não se envolver na discussão dessas questões ou, mais especialmente, evitem demonstrar qualquer atitude simpática à homossexualidade. Mostrar-se simpático/a pode ser interpretado como se o próprio/a professor/a fosse homossexual ou como

se esse adulto estivesse induzindo seus/suas estudantes a contemplar favoravelmente e a desejar uma forma de sexualidade desviante. (LOURO in MEYER, 1998, p. 93)

Texto: PICAZIO, Cláudio. **Sexo secreto:** temas polêmicos da sexualidade. / Cláudio Picazio; com colaboração de Eduardo Bittencourt, Rogério Brugnera e Alexandre R. Araujo. – São Paulo: Summus, 1998

Não é fácil para uma pessoa admitir a sua homossexualidade. Perceber-se sentindo desejo por um igual, em uma sociedade onde isto ainda é visto, no mínimo, como inferioridade, é muito complicado. De repente, a pessoa sente coisas que provavelmente ela mesma condena nos outros. Suas impressões a respeito de si mesma, conjugadas ao preconceito vigente, desvalorizam a si própria, fazendo com que se negue como pessoa e fuja de si mesma, muitas vezes atacando um outro homossexual para, assim, tentar distanciar-se do seu desejo. (PICAZIO, 1998, p. 31)

Na grande maioria das vezes, os homossexuais se distanciam da família por sentirem que ela rejeita o seu desejo. Como decorrência, procuram guetos, onde encontrem aceitação e respeito por sua orientação sexual. O mais doloroso para homens e mulheres homossexuais é serem discriminados, como se a forma de se relacionarem afetiva e sexualmente estivesse errada. Chegam a acreditar nessa premissa, o que lhes traz uma dor psíquica imensa, pois a área afetiva e sexual é muito valorizada pela cultura e, conseqüentemente, impõe-se enquanto desejo interno a ser satisfeito. (PICAZIO, 1998, p. 32)

Muitas pessoas heterossexuais deixam de ter amizade com homossexuais depois que isto fica revelado. Ficam indignadas com essa orientação sexual, como se o outro fosse culpado ou vitimado por ter esse desejo. Existe ainda o medo de uma contaminação pela homossexualidade. (PICAZIO, 1998, p. 32; 33)

O preconceito contra a homossexualidade esconde a intranquilidade que muitos heterossexuais sentem em relação à sua própria orientação sexual. Se uma pessoa não tem dúvidas quanto a seu desejo, ela não precisa se defender de outra que tenha desejos diferentes do seu. Uma outra crença, também preconceituosa, é a de que o homem mais efeminado é sexualmente passivo, reproduzindo um modelo tradicional de relação heterossexual em que um seria a mulher e o outro o homem. Neste caso, o ativo seria heterossexual, o que simplesmente não é verdadeiro.

Durante o ato sexual, não importa quem penetre ou seja penetrado, os dois são pessoas que sentem prazer com o mesmo sexo e consequentemente são ambos homossexuais. (PICAZIO, 1998, p. 33)

Portanto, é discriminatório usarmos tanto para o desejo homossexual como para o desejo bissexual os termos homossexualismo e bissexualismo. Correto é nos referirmos a esses desejos como homossexualidade e bissexualidade. (PICAZIO, 1998, p. 34)

Texto: ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. **Ritos e ditos de jovens gays.** Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.

O tempo é algo que não volta atrás, portanto, plante o seu jardim e decore a sua alma, ao invés de esperar que alguém lhe mande flores. Essas palavras são de William Shakespeare, e as li em um livro, no mesmo dia em que meus pais disseram para eu ir embora de casa com a minha vergonha e a minha homossexualidade. Ainda vivo lá em casa, mas aliviado, pois sei o que eu sou: jovem, homossexual assumido e estou decorando a minha vida para melhor. Não é fácil, fica difícil até mandar flores para mim mesmo, mas estou resistindo, me impondo e sei que vencerei essa batalha. (Fernando, estudante, 18 anos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 6)

Apanhei muito, muito mesmo, do meu pai e dos meus irmãos para aprender a ser homem. Fui levado à beira da loucura para aprender a ser macho, fui castigado, fui violentado, fui massacrado, mas venci, saí de casa, esqueci os que me maltrataram, porém não esqueci os maus-tratos. Sou travesti, cabeleireira e manicura, sou gente, procuro ser feliz, tenho um parceiro da minha idade que é o meu pai, minha mãe, minha família. (Lili, travesti, 21 anos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 8)

Os jovens homossexuais sofrem muita agressão dentro de seus lares, escolas, nas suas congregações religiosas, ou seja, nas instituições que deveriam lhe dar apoio para um desenvolvimento saudável. Morrem de medo de se permitirem ser eles mesmos. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 10)

Na família não tem veado, caso tenha algum, eu mato, coloco na rua, esfolo o rabo dele até aprender a ser macho! (Pais homófobos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 11)

Nas oficinas, na hora dos debates sobre suas vidas, os participantes reclamam das agressões verbais dentro de casa. Veem-se ridicularizados pelos programas de televisão, com temáticas homossexuais, em que comediantes ou programas sensacionalistas fazem piadas sobre gays. Nesses momentos, a família se reúne em coro para endossar a discriminação e o estigma contra os homossexuais, e isso os perturba mais ainda, mesmo quando não se dirigem a eles diretamente. Muitos familiares, que desconfiam da homossexualidade de seus filhos gays, se prevalecem desses momentos para falar, comentar ou acusar indiretamente o filho homossexual. A estratégia mais comum é referir-se ao filho do vizinho como a vergonha da família; em adição, ameaça o seu próprio filho, caso essa vergonha entre em seu lar. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 13)

Cresci dentro de um sistema hipócrita, chamado grupo familiar. Éramos vários dentro de casa, incluindo a minha mãe. Meu pai tinha outros tantos filhos paralelos e outras mulheres, com a minha mãe, dentro de casa, e na rua. A família vivia sob as regras do meu pai machista, egoísta e inseguro com a sua virilidade. Um núcleo completamente falido. Pai, mãe, irmão, irmã, cachorros, gatos, galinhas e eu. Simplesmente, eu, depois de todos, incluindo os animais da casa, por ser delicado demais. A vergonha da família, a coisa estranha no ninho! (Estudante, 20 anos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 13)

A vergonha faz com que o jovem se recolha, pois, a discriminação contra a sua pessoa é muito grande, e a falta de apoio psicológico faz com que mais uma vez se sinta fora de um contexto social coletivo. A discriminação, por ser homossexual, leva o jovem a se culpar, sua autoestima desaparece, o pavor da violência verbal e física o deixa completamente inoperante dentro do sistema. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 22)

Minha mãe não entendia o porquê da minha fuga da escola. Ela sabia que eu era muito inteligente e que aprendia muito mais rápido do que todos os meus irmãos e do que os alunos de sala de aula. Ela não sabia o que eu passava com os meninos nos pátios e nas filas. No banheiro eu nem ia, pois todos me passavam a mão e ficavam a exhibir a genitália para mim. Os professores faziam algumas piadas e eu servia de referência para as gargalhadas. Me chamavam de nomes de que eu não gostava e nem permitia, mas gritavam em coro e eu morria de vergonha e ódio. A minha maior raiva era que a minha mãe e irmãos, pois eu não tenho pai, me chamavam também dentro de casa dos mesmos nomes que eu era chamado na escola. O

meu irmão mais velho me mostrava a genitália e pedia para eu tocá-la com a mão e com a boca. Eu era forçado e fazia. Morria de medo, mas, com o meu irmão, eu estava dentro de casa, mas, na escola, eu ficava apavorado e dizia para as pessoas que eu não era veado, mariquinha, boiola.... Eu não queria ir na escola, mas a minha mãe me obrigava, me batia, me infernizava a vida e eu tinha que ir. Passei a mentir que ia e não ia mais. Ficava perambulando pela rua com os livros e cadernos dentro da minha pasta. Tinha saudades da escola, mas ninguém me defendia lá. Os mais machistas me batiam, e a escola não fazia nada. Saí da escola, minha mãe desistiu de me mandar para lá, e, até hoje, não consegui terminar o meu primeiro grau. Parei na quinta série. Escola para mim era sinônimo de inferno! (Luís, camelô, 19 anos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p.24)

O jovem gay sonha suas fantasias, entretanto, estão marcadas pelo desejo, por uma forma de sexualidade que lhes é proibida. Mais que isso, estão marcados pelas estigmatização e pela exclusão, pela opressão sexual, pelo medo. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 29)

Signos do medo!

Pai, mãe, avó, avô, irmãos, vizinhos... todos me olhavam diferente, mas todos tinham medo de falar. Um tapa no rosto, advindo do meu pai ou avô, em momento de uma falha física, uma pinta, como se diz hoje, ou um som mais afeminado na voz. Um grito da minha mãe e muitas das vezes adicionado por algumas vassouradas ou correiadas nas minhas costas, nas minhas pernas ou onde pegasse, principalmente quando me pegava com as bonecas das minhas irmãs. Vivi sob o signo do medo até o dia em que saí de casa e fui viver a minha própria vida de um ser, um homem que ama fazer sexo com um outro homem. Meu último tapa no rosto foi aos 13 anos. Minhas últimas vassouradas foram aos 14 anos. Minha dor, a minha mágoa e o meu medo não têm idade, serão para sempre, saí de casa, vivo nas casas alheias ou na rua; às vezes, sobrevivo de coisas que faço como prostituição, passo alguns bagulhos, pulo daqui e dali e, aos 20 anos, me sinto cansado e com medo da vida. (Biscateiro, 20 anos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 41)

Todo veado deveria se matar e ir para o inferno. (Todos os homófobos do mundo). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 43)

Em alguns casos, a situação pode piorar, e o jovem, perante as já assinaladas nefastas pressões sociais que podemos resumir na homofobia, se encaminha para a depressão. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 44)

Já tentei o suicídio seis vezes, acreditando chamar a atenção para mim, pois ninguém me respeita. Olham para mim como se eu não existisse, na primeira vez, tomei um vidro de pinho sol todinho, mas não morri; na segunda, comi umas folhas de comigo-ninguém-pode, também não morri... Na terceira, foi a tentativa de chumbinho para matar rato... Em todas as vezes que me vejo completamente acuado, eu tento me matar. Nessa última vez, eu quase fui. Cortei os meus pulsos na frente de todo mundo e, mesmo assim, eu fui chamado de estranho, maluco e me deram sedativo e fizeram um curativo nos meus pulsos, desde pequeno sou excluído, todo mundo faz piadas, eu não vejo muita razão para ficar por aqui não. (Luís, camelô, 19 anos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 44)

Preferia que meu filho nascesse morto, traficante, aleijado do que veado! (Pais machões latinos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 47)

Meu pai me violentou várias vezes quando eu era pequeno. Ele era ruim. Não, ele é ruim até hoje. Não sou gay por ele ter me violentado, não. Eu já tinha muito gosto pelos rapazes mais velhos da minha comunidade. Ele só me usou, quando me viu sendo penetrado pelo meu primo de 14 anos no quarto dos meus tios. Eu tinha 10 para 11 anos. Depois que meu pai me penetrou, ele disse que dali para frente eu seria a segunda mulher dele de casa. A sua virilidade violenta, machista, alcoólatra me violentou com uma violência de besta. Sempre tive que me calar para não machucar a minha mãe. Um dia me assumi dentro de casa, ele me espancou na frente de outros irmãos e vizinhos. Não chorei, fiquei arrasado e decidi, naquele exato momento, matá-lo dentro de mim. Sepultei-o e virei a página da minha história. Saí de casa e recomecei minha vida trabalhando em uma lanchonete da esquina do meu bairro, por um salário mínimo e uma cama no fundo da lanchonete. Conheci um rapaz no balcão da lanchonete e nunca mais nos largamos. Já virei várias páginas da minha vida, mas, com o meu parceiro, não quero virar a página, não. Estamos juntos há três anos. Somos homossexuais assumidos e felizes. Somos pobres, ainda lutamos com os nossos salários, mas somos duas pessoas que se respeitam e estamos na luta. (Otávio, balconista, 19 anos). (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 53)

Texto: SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo.** 19 ed. Edição da Autora; Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1994.

O homossexual é frequentemente estereotipado, tanto social como cientificamente. Como se os homossexuais fossem todos iguais, tivessem as mesmas profissões, interesses educação, estilo de vida, personalidade e aparência física. Não é comum alguém se referir a uma pessoa como ele é heterossexual, a não ser que esteja sendo discutida a sua orientação sexual. Entretanto, ele é homossexual, bicha, são expressões que se ouvem para descrever um indivíduo. Esta classificação limita o homossexual como ser humano quadrando-o dentro de um estereótipo, esquecendo-se de que ele é gente e pode ser alto, baixo, gordo, magro, forte fraco, bonito, feio, extrovertido, introvertido, rico, pobre, ilustrado, analfabeto, inteligente, burro, avarento, generoso [...] (SUPLICY, 1994, p. 268)

Homofobia

Presidente Epitácio, 02-04-81

Minha Cara Dr. Martha.

Cara Sr^a: o que tenho a lhe falar é pouco, mas gostaria que a sra. parasse e refletisse bem sobre o mal que a sra. está fazendo para todas essas cabecinhas jovens em formação e que estão assistindo a seu programa todos os dias. Eu não assisti à peça Bent, mas li quase tudo em revistas, sabe Dona Martha eu sou uma jovem bem informada, de cabeça feita, educação boa e suficiente e cônica daquilo que é certo ou errado. E acredito ser a sra. uma peste perniciosa como se fosse um veneno mal no sangue. O povo brasileiro é um povo que infelizmente tem a tendência de seguir sempre um líder, ou de concordar com as ideias de algum maluco brilhante. (SUPLICY, 1994, p. 279)

Texto: BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e juventude:** como discutir a sexualidade em sua casa e na escola. Organizadoras: Carmem Barroso, Cristiane Bruschini. – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2000. (Biblioteca da Educação – série 1 – escola – vol 13)

Na nossa sociedade, as expectativas que transparecem nos sistemas de valores encontram-se voltadas, na área do comportamento sexual, para a procura de um parceiro do outro sexo. Outros comportamentos representam desvios do que a sociedade espera que venha a acontecer. (BARROSO E MANZINI, 2000, p.75)

A expressão veado, com a qual muitas vezes é chamado o homossexual masculino, talvez seja uma transformação do termo desviado, utilizado neste caso com um sentido moralista, isto é, designando alguém como um afastado do caminho certo. (BARROSO E MANZINI, 2000, p. 75)

As atitudes de nossa sociedade são o resultado das influências de diferentes grupos que, em diversos momentos, se encontraram, agindo reciprocamente. Sem dúvida alguma sobressaem na nossa herança cultural as atitudes tradicionais hebraicas, as da religião cristã e as da cultura muçulmana. (BARROSO E MANZINI, 2000, p. 76)

Entretanto, também têm uma enorme relevância a Reforma protestante, a moral vitoriana e muitos dos sofismas pré-científicos, pois, mesmo que na pré-ciência se encontrem os alicerces para o esclarecimento de muitos pontos obscuros em relação à conduta humana, ali estão também as bases de alguns mitos e preconceitos. (BARROSO E MANZINI, 2000, p. 76)

Ocorre também que muitas pessoas das que se presume que, por causa de algum detalhe no seu comportamento, poderiam ser homossexuais, são objeto de pressão e repressão social. (BARROSO E MANZINI, 2000, p. 77)

Se o comportamento erótico considerado certo é a heterossexualidade, muitas pessoas assumem que um comportamento pouco ou nada masculino num homem e pouco ou nada feminino numa mulher seriam sinais, sem engano, de homossexualidade nesse homem ou nessa mulher. (BARROSO E MANZINI, 2000, p. 77)

Texto: RIBEIRO, Marcos. Diferentes formas de amar: diversidade e orientação sexual In **Sexualidade prazer em conhecer**. Fundação Roberto Marinho, 2001.

Nesta altura ele já sabe do preconceito que muitos homossexuais experimentam porque amam diferente. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 176)

Piadas, fofocas, olhares maliciosos podem ser sinais de um preconceito leve, mas, ainda, preconceito. É o mesmo preconceito que leva grupos radicais a praticarem atos criminosos

contra homossexuais, que podem levar até à morte. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 177)

Os homossexuais, como todo mundo, têm a mesma vontade de se dar bem na profissão, de encontrar um par, fazer planos, se realizar na vida, inclusive sexualmente, Vivem conflitos como todos, mas enfrentam barras poderosas, como, por exemplo, não poderem demonstrar em público, através de carinhos, o que sente pela pessoa amada. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 177)

Pais, mães, familiares, educadores, profissionais da saúde, todos, enfim precisam se comprometer com uma educação e serviços livres dos preconceitos que geram tantas violências em relação à homossexualidade. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 178)

Então, se a homossexualidade não é doença, crime, desvio de conduta, nem pecado, por que impedir aos homossexuais - jovens, inclusive - o livre exercício de sua orientação sexual? Por puro preconceito, ignorância, desinformação científica, desrespeito aos direitos humanos fundamentais. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 178)

A nossa Constituição Federal tem como um dos seus objetivos fundamentais lutar contra todas as formas de preconceito. E a homofobia (aversão à homossexualidade) é ainda o principal preconceito de nossa sociedade, pois age não apenas na rua e nas instituições públicas, mas, sobretudo, dentro de casa, tornando-se a família de jovens gays, muitas vezes, o principal agente discriminatório. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 178)

Numa sociedade repressora que não aceita a diversidade sexual, os nomes e apelidos dados aos homossexuais são vistos como ofensa e muitas vezes são usados mesmo para ofender, ferir e estigmatizar os homossexuais. Homossexuais masculinos VIADO, BICHA, FRUTA, BOFE, MICHÊ. BAITOLA, ENTENDIDO, GAY. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 178)

Homossexuais femininas LESBICA, FANCHONA, MACHONA, SAPATAO, MULHER-MACHO, ENTENDIDA, GAY. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 179)

Costumo dizer que o Brasil é um país contraditório no tocante à homossexualidade: há inegáveis progressos e conquistas em favor dos direitos humanos dos homossexuais, por exemplo: desde 1985, a homossexualidade deixou de ser considerada uma doença pelo Conselho Federal de Medicina e, em 1999, pelo Conselho Federal de Psicologia. A partir de 1990, 73 municípios e dois Estados incluíram em suas leis orgânicas e constituições a proibição de discriminar por orientação sexual. Em 1995, pela primeira vez num documento governamental, o Plano Nacional dos direitos Humanos, os homossexuais foram citados e incluídos entre os grupos mais vulneráveis de nossa sociedade. Não bastando tais conquistas e a fantástica marcha do orgulho gay, em São Paulo, em julho de 2000, reunindo mais de 120mil participantes, o Brasil apresenta um lado sombrio e dramático: é o campeão mundial de assassinato de homossexuais. A cada dois dias, um gay, travesti ou lésbica é barbaramente assassinado, vítima da homofobia. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 180)

Nos primeiros anos da epidemia de Aids, os médicos e sanitaristas divulgaram um artigo, conceito médico grupos de risco, provocando forte estigma aos gays, apontando como os principais transmissores de HIV. Com o correr dos anos, os gays se tornaram os campeões na prevenção da epidemia do século, inventando o safe sex (sexo sem risco), liderando as principais entidades de prevenção de DST/AIDS. Muitos homossexuais soropositivos dão o depoimento que foi mais difícil assumir perante suas famílias sua orientação homossexual do que seu estado sorológico. O que confirma a asserção de que a homossexualidade continua sendo maior tabu do mundo moderno. (RIBEIRO in FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 180)

CATEGORIA: HOMOSSEXUALIDADE NA VISÃO MORAL

Texto: LOURO, Guacira Lopes. *Sexualidade: lições da escola In Saúde e sexualidade na escola.* Dagmar Meyer e E. Estermann (organizadoras). Editora Mediação: Porto Alegre, 1998.

A sexualidade seria um campo fortemente atravessado por decisões morais e religiosas, e a escola deveria se afastar, na medida do possível, das polêmicas e dos conflitos. Outras pessoas

consideram impossível tal posição, ao admitirem que a sexualidade integra, inapelavelmente, os indivíduos e a sociedade. Nessa perspectiva, a sexualidade se constitui em um aspecto importante da formação dos sujeitos e dos grupos, exigindo atenção no contexto das políticas e dos programas educacionais. De muitos modos e apoiados em diferentes perspectivas ideológicas ou teóricas, argumentos a favor e contra a utilização da escola, como uma instância privilegiada para a educação ou a orientação sexual, confrontam-se. (LOURO in MEYER, 1998, p. 87)

É indispensável admitir que muitos adultos têm dificuldades para responder a essas questões e que, talvez para pôr um fim na discussão, declarem: desse negócio de homossexualidade eu não entendo! (LOURO in MEYER, 1998, p. 92)

Grande parte dos livros de sexo e sexualidade dirigidos ao público infantil colocam a relação heterossexual como biologicamente determinada, na maioria das vezes, fantasiada como perfeita, sendo, portanto, a matriz da família tradicional, pai, mãe e filhos/as. Este modelo familiar, visto (ou desejado) por muitos como natural, promove a crença de que qualquer coisa diferente disto pode ser interpretada como anormal ou desviante. (LOURO in MEYER, 1998, p. 120)

Texto: SUPLICY. **Sexo se aprende na escola.** 2ª ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.

Percebe-se um clima de apreensão quanto a atitudes esquisitas de alguns alunos ou o medo de que o filho fique homossexual No fundo dessas apreensões e medos está a preocupação de que o jovem não cumpra as expectativas morais e sociais: a procriação, a continuidade da família, viver num ambiente tão longe de um mundo de perversões. (SUPLICY, 1999, p. 69)

Texto: PICAZIO, Cláudio. **Diferentes Desejos:** adolescentes homo, bi e heterossexuais. Editora Summus: São Paulo, 1998.

Quando meus colegas descobriram que eu era gay, passaram a me xingar. Mas quando me encontravam sozinho queriam fazer sexo comigo. (Leo, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p. 84)

Meus pais querem netos, sou filha única e lésbica (eles não sabem). Ficam dizendo que toda mulher tem que ter filhos para se realizar. Quero me realizar, mas não sei se quero filhos. (Carolina, 17 anos). (PICAZIO, 1998, P.87)

É pecado um cara fazer sexo com outro? Minha mãe disse que todos os homossexuais vão para o inferno, que isso é coisa do demônio. (Júnior, 16 anos). (PICAZIO, 1998, p.94)

Contei a um padre que sou homossexual e ele disse que Deus me amaria do mesmo jeito, mas que eu devo passar a vida toda só na vontade, não posso ter ninguém. Eu não aguento isso. Quero mudar e ser heterossexual, mas não estou conseguindo, o que eu posso fazer? (Lucas, 18 anos). (PICAZIO, 1998, p.96)

Eu só quero ter liberdade para amar, não quero matar ou roubar ninguém. Por que o mundo não deixa? (Leila, 16 anos). (PICAZIO, 1998, p.100)

Sofro muito porque sinto vontade de namorar meninos. Às vezes, penso em acabar com minha vida ou fugir de casa. Será que um dia tudo vai passar? (Felipe, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p.101)

Adoraria poder sair com meu namorado de mãos dadas na rua, assim como minhas amigas saem com os seus namorados. Sei que isso é impossível, ilegal. Será que um dia isso vai mudar? (Rodrigo, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p.103)

Só transo, porque se apareço em casa sempre com o mesmo amigo todos ficam pegando no meu pé, ficam dizendo que é meu namoradinho. Será que nunca vou poder viver minha vida em paz? (Leandro, 19 anos). (PICAZIO, 1998, p.103)

Toda vez que saio à noite, tenho que inventar um lugar aonde vou, falar de namoradas que não tenho, colocar na agenda nomes de meninos corno se fossem de meninas. É super doido. Não gosto de mentir para minha mãe. Como posso fazer para ela aceitar a minha homossexualidade? (Rogério, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p.104)

Por que as pessoas vêm me perturbar e se preocupam tanto com quem eu transo? Isso não interessa a ninguém! Tenho o direito de me aproximar de quem desejo. Tenho o direito de amar

e ser amado. Por que as pessoas não me deixam em paz? (Rodrigo, 18 anos). (PICAZIO, 1998, p.104)

Tenho escutado muito que os homossexuais ameaçam a família. Não entendo o porquê. (Sérgio, 18 anos). (PICAZIO, 1998, p.105)

Tenho uma relação legal com meus pais. Eles viviam fazendo insinuações sobre minha sexualidade. Fui honesto com eles e contei que eu gostava de homens, mas toda vez que quero falar do assunto eles desconversam. O que devo fazer? (Henrique, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p.109)

Meu pai me mandou embora de casa, porque me pegou beijando um amigo, que considero como meu namorado. Foi difícil para mim aceitar, mas não teve jeito. Meu pai agiu certo ao me mandar embora? (Ademar, 16 anos). (PICAZIO, 1998, P.112)

Por que ter um filho homossexual é a pior coisa do mundo para os pais? (Lucila, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p.116)

Minha família vivia cobrando que eu tivesse uma namorada e eu desconversava. Faz uns dois anos que ninguém fala mais nada. Acho que eles sabem que sou gay, mas ficam dizendo que veado não presta e é tudo sem vergonha. Todo mundo pensa assim? (Pérsio, 19 anos). (PICAZIO, 1998, p.117)

Meu pai era meu melhor amigo, a gente era super unido. Depois que eu fui descoberto transando com um amigo meu, que é meu namorado, ele não me abraça mais e só fala comigo de estudo. Como posso mudar isso? (Otávio, 19 anos). (PICAZIO, 1998, p.118)

Meus pais são muito tradicionais. Se descobrirem que estou namorando com uma menina, vão me pôr para fora de casa. Ainda dependo deles. O que eu faço com meu amor? (Elaine, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p.121)

Se todos são filhos de Deus e têm o direito de ser feliz, porque os homossexuais não podem? (Arlete, 17 anos). (PICAZIO, 1998, p.131)

Texto: SUPLYCY, Marta. **Conversando sobre sexo.** 19 ed. Edição da Autora; Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1994.

São Paulo, 28 de maio de 1981

Prezada Marta,

Já lhe escrevi, há mais ou menos um mês; e a verdade é que não sei se você respondeu, porque infelizmente perdi alguns programas, por isso torno a escrever-lhe. Gosto muito do T.V. Mulher, de alguns quadros mais, outros menos, mas no geral é ótimo. O seu quadro é realmente fantástico, pena que seja tão curto, só 5 minutos para falar de coisas tão importantes e proveitosas, realmente é pouco. Principalmente pela dignidade, personalidade e seriedade com que você expõe e trata do assunto. Cara Marta, o meu problema para mim é muito sério e desagradável, e que agora mais do que nunca vem me incomodando. Por quê? Não sei. Sou casada (por escolha e amor), tenho 37 anos e duas filhas maravilhosas. Mas tudo está complicado na minha cabeça, amo meu marido, não tenho problemas conjugais, a não ser aqueles que conversando a gente resolve se entende; ele é companheiro, amigo e amante, as filhas uma de 11 anos a outra de 10, lindas e educadas por natureza, inteligentes sem problemas na escola ou outro lugar qualquer, enfim maravilhosas. Um padrão de vida razoável, enfim tudo ótimo dentro das possibilidades humanas de cada um. Mas minha amiga (se me permite) o que vai mal em toda esta harmonia sou eu ou a minha cabeça. Cara amiga, luto há 20 anos para posicionar os meus sentimentos mais íntimos, e sei que, sem ter alguém que ajude ou mostre realmente um caminho para que siga e tente uma solução para este problema, jamais sairei deste pesadelo. Sei que a incoerência é flagrante, mas sei que você conseguira entender, (porque eu sinceramente não) e me dar uma resposta.

Eu por toda a vida, senti e sinto um desejo incontrolável pelo mesmo sexo. Seria alguma degeneração, moral, física, psíquica? Sinceramente até aqui ainda não obtive uma resposta, nem mesmo algo que me desse uma visão do que está errado ou não. A única coisa que sei, é que, por muito tempo, fui encorajada a pensar e a sentir como se tudo fosse normal. Até que percebi que algo estava errado, é que o afago do 1º namorado, ao invés de trazer aquele prazer sonhado e por vezes comentado entre as amiguinhas, não me dizia nada, a única coisa que trazia eram mil questões sem respostas. E o pior de tudo, a marginalização, pelos pseudos amigos e pela própria família. Nesta altura percebi, que algo estava errado, mas aonde e o quê? Não sabia e não sei. Sabe, cara amiga, a pior coisa que fiz sobre esse assunto foi pedir um conselho para minha mãe. A resposta foi algo que além de agredir me marcou para o resto

da vida. Você é uma Tarada e o que precisa não é de um médico, mas sim de uma boa surra, a surra veio com hematomas e tudo o mais.

Daí, cara Marta, começou a caminhada solitária e dolorosa, marcada pela palavra Tarada, seria eu uma sexomaníaca? Então, 1º um clínico geral, daí para um psiquiatra, psicólogo etc. E, em meio a este calvário, encontro meu marido, apaixono-me e faço a minha escolha, e opto pelo casamento, uma família, a qual graças a Deus é maravilhosa.

Mas, minha Cara Amiga, eu estou dissonante com toda essa harmonia, não me enquadro nesta maravilha, porque em mim arde toda a ânsia, todo desejo extra. O neurologista com quem trato-me, disse-me para não pensar no que sinto como um problema, e sim uma condição de vida, e mais, que a vida é feita de momentos e para eu vivê-los intensamente, porque o amor não tem explicação, seja ele de que tipo for, dentro ou fora do casamento, tudo isto depois de eu ter conversado por vários meses com uma psicóloga da equipe dele, e o pior, estarmos nos envolvendo. Sabe minha amiga, o que mais me atormenta e confunde é que eu sinto prazer com o meu marido e é bom, mas quando tenho relações com outra mulher este prazer se redobra e realmente a plenitude é a paz. COMO PODE? O que realmente estou pedindo, cara amiga, é socorro, se possível me ajude a chegar a uma definição concreta. Teria razão o Doutor no que disse? Força para lutar creio ainda ter, mas, se esta luta for inútil, diga-me. Seja sincera comigo. Cara Marta, esperando contar com a sua atenção, antecipadamente agradeço por tudo.

Maria do Carmo

(SUPLICY, 1994, p. 264; 265)

A etiologia da homossexualidade feminina não é menos complexa do que a homossexualidade masculina e, provavelmente, os fatores envolvidos também são múltiplos. As famílias das lésbicas são igualmente diversas e não são diferentes das famílias das mulheres heterossexuais. Muitas crescem sentindo que sua feminilidade é um desaponto para os pais, que prefeririam ter filhos. É comum na história dos homossexuais femininos e masculinos a existência de um ambiente familiar puritano e anti-heterossexual, provocador de culpa e ansiedade nas situações heterossexuais. As relações com os colegas, entretanto, são incentivadas. (SUPLICY, 1994, p. 272)

ERA CRISTÃ

Sabe-se pouquíssimo sobre o comportamento sexual no começo da Era Cristã. Acredita-se que as restrições à homossexualidade sejam provenientes da repressão judaico-cristã. Entretanto,

o judaísmo não foi uniformemente antisssexual e a regulamentação sexual sempre ocorreu em todas as sociedades humanas; quase todas ou todas as culturas ocidentais antigas, tal como o cristianismo, proibiam a homossexualidade. (SUPLICY, 1994, p. 283)

No século XIII, Tomás de Aquino impunha à doutrina religiosa que os atos que não levassem à concepção seriam pecaminosos. Nisto incluía-se a masturbação, sexo heterossexual oral e anal, atos homossexuais e bestialidade. (SUPLICY, 1994, p. 283)

Texto: ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. **Ritos e ditos de jovens gays.** Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.

Deus é a salvação, homossexualismo a perdição! Aleluia irmão! (Religiosos homófobos).
(ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 16)

Seguindo e reforçando o processo de estigmatização que marca os homens que fazem sexo com homens de forma negativa, as igrejas fundamentalistas veem os jovens que sentem prazer homoerótico como sendo pessoas marginais, imorais, pervertidas, criminosas, pecadoras e demoníacas. (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 16)

.....

CURTA A DIVERSIDADE

Diálogos e propostas pedagógicas para a
discussão do tema da homossexualidade na
escola.

Alderico Segundo Santos Almeida



Sumário

Sobre Conceitos & preconceitos

06

Diálogos & propostas sobre a homossexualidade

26

Pensando numa educação para a diversidade

47

Referências bibliográficas

55

Agradecimentos

À Oxalá, pai de todEs nós! Saravá!

À Oxum e Oxóssi, donos de minha cabeça, senhores de tudo o que faço, fiz e farei! Que seja farta minha vida em prosperidade, saúde e força! Que do ouro que sai de teu rio seja feita a armadura que me defende de todo o mal!

À Maria das Graças, São Sebastião e todas as demais entidades de luz, por terem me concedido paz e sabedoria que me mantiveram firme durante todo esse processo de estudo e pesquisa no mestrado e fora dele. Axé!

Ào meu orientador prof. Dr. Jackson Ronie Sá da Silva, por acreditar em mim e ter depositado sua confiança em meu profissionalismo e estudos. Obrigado pelas conversas intimistas que, algumas vezes, me emocionaram, pois aprendi com ele que “uma precisa da outra”, então estamos aqui, seguindo juntos nessa jornada que não é fácil, mas se torna mais leve quando se está entre iguais. Gratidão, professor!

À Lucas, colega e amigo do Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCSX), que prontamente aceitou o desafio de me dar suporte técnico na construção desse livreto digital.

À minha família pelo apoio total e incondicional nesse meu processo de aprendizagem e construção de mim mesmo, num país onde se mais mata pessoas negras e LGBTQIA+ no mundo, sou sortudo de não ter parado nas estatísticas, graças a vocês!

Às amizades conquistadas ao longo do meu caminho!

À todas crianças e adolescentes consideradas “viadas” ou assumidamente se vêem como “viadas”, pois a resistência delas na escola me motiva a escrever, sobretudo, para que esse espaço escolar seja mais acolhedor não só para quem estuda, mas para quem também trabalha, ou seja, professores e professoras “viadas”, também!



Boas Vindas

Seja bem-vinde, bem-vinda e bem-vindo!

Primeiramente, externo minha alegria em te ter aqui comigo dialogando sobre a homossexualidade e homofobia, bem como pensarmos juntas, juntas e juntos propostas pedagógicas que contribua com uma educação para diversidade.

Este e-book é fruto de uma pesquisa documental realizada no Mestrado Profissional em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual do Maranhão. Neste livro, busco refletir contigo sobre conceitos pertinentes à Educação Sexual e Sexualidade, tais como homossexualidade e homofobia. Bem como te apresentar propostas pedagógicas para se pensar esse diálogo nas escolas ou em qualquer espaço formal e não-formal de ensino-aprendizagem.

Venho trabalhando com educação há mais de uma década, nessa jornada vivenciei a troca de conhecimento com crianças, adolescentes, jovens adultos e até a terceira idade. Muita gente, ao longo desse tempo, me fez mergulhar no entendimento dos estudos de gênero e de sexualidade, pois a partir de minha própria orientação enquanto homem cis homossexual e profissional da educação, pude compreender os olhares estranhos, os discursos de ódio e as atitudes de violência que sofri e que me levaram ao entendimento daquilo que hoje compreendemos por homofobia.

Felizmente, ainda é possível falar sobre isso e outros assuntos abertamente nos dias de hoje, mesmo com todo avanço e tentativa de implementação de um neofascismo, precisamos falar sobre : racismo, feminismo e classismo.

Este livreto é uma forma de resistência e traz o cinema, o teatro e a linguagem na construção de uma escola mais acolhedora, que respeite as diferenças, que assegure a dignidade e cidadania de sua comunidade, que respeite direitos e viva uma educação para a diversidade!

Tenham uma boa leitura!
Vamos conversando...



Alderico Segundo Santos Almeida

aldericosegundo.profissional@gmail.com

Professor/Sociólogo

Pra início de conversa...

Te convido a compreender de onde vem a história de construção deste produto. Bom, sem me alongar nos dados curriculares, girando em torno da extensão de vivência profissional e acadêmica, vou direto ao ponto.

Sou formado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Maranhão, me tornei, em seguida, especialista em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal do Maranhão e agora, como mestrando profissional em Educação, retornei à UEMA, para desenvolver uma pesquisa documental tendo como objetivo principal analisar os discursos sobre os temas da homossexualidade e homofobia, constantes em livros paradidáticos de Educação Sexual e Sexualidade catalogados em três escolas de nível médio da rede pública da cidade de São Luís/Ma: Centro de Ensino Liceu Maranhense, Centro de Ensino Benedito Leite “Escola Modelo” e Centro Integrado do Rio Anil - CINTRA.

Durante toda minha jornada acadêmica e profissional percebi a falta de formação da maioria da/us/os professorias/as/os ao lidar com questões que giravam em torno da temática da Educação Sexual e Sexualidade, tais como a própria homossexualidade e a homofobia. Nessa caminhada, por ser de formação na área de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais, a mim sempre foi delegada a função de resolver conflitos pertinentes a estudantes tido como “polêmicos”, geralmente meninos afeminados e/ou meninas trans/travestis que queriam exercer sua performance de gênero dentro da escola, usando brincos, batons, acessórios ou mesmo serem chamadas pelos seus nomes sociais. E aí, o que fazer?

Lidar com a diversidade não é um processo difícil, mas envolve diálogo e respeito, tampouco essa discussão pertence a um grupo de profissionais específicos, tais como as/us/os professoras/ies/es das ciências humanas e sociais e/ou ciências biológicas. A ideia aqui é pensar na interdisciplinaridade, verificar possibilidades e não cairmos em pânico diante de assuntos como homossexualidade e homofobia.

Este material está sendo escrito dentro de uma linguagem não-binária, entendendo que os estudos queers, pós-críticos, decoloniais e pós-estruturalistas não admitem a ideia binária de certo/errado, homem/mulher, bem/mal etc. Ao invés disso, há uma compreensão plural de que as pessoas são donas de seus próprios corpos, identidades e expressões que não cabem em caixinhas e bolhas ideológicas. A ideia aqui é transcender o entendimento sobre a Sexualidade. E são os Estudos Culturais em Educação que norteiam nosso entendimento teórico-metodológico sobre a homossexualidade como construção sócio-histórica, também produzida pela cultura.

Então, respira fundo! E vamos continuar conversando...







A homossexualidade nas discussões educacionais

O segundo artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma que toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos neste documento e sem distinção de qualquer “espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição”.

Entre as temáticas no âmbito dos Direitos Humanos que a sociedade brasileira coloca em discussão, em especial nas últimas décadas, estão as questões relacionadas à sexualidade e ao gênero. Considero, portanto, que este debate seja urgente e muito necessário, tendo em vista a sua grande relevância no cenário educacional, principalmente no que diz respeito à formação de professoras, professoras e professores na temática da Educação Sexual que contempla as diversidades.

É, também, importante, que essa formação aconteça dentro de uma política pública de estado, onde as/us/os profissionais da educação e, também, estudantes/es, não dependam somente dos planos de governos “preocupados” com o bem-estar social, pois este tipo de plano é passageiro e, na maioria das vezes, reduzido a pequenas ações que não dão conta de um todo complexo e afetado pela exclusão social.

Sendo assim, o direito à educação por pessoas homossexuais visa garantir que o espaço escolar seja efetivamente um locus privilegiado de combate à homofobia (conceito que vamos aprofundar na seção seguinte) e a todas as formas de discriminação. Portanto, falar em homossexualidade é falar primeiro em construção de um conceito fundamental para sua compreensão, este conceito é o de gênero:

Longe de ser uma criação da agenda feminista dos anos 60, a categoria gênero pertence ao discurso biotecnológico do final dos anos 40 (...). Para a rigidez do sexo do século XIX, John Money, o psicólogo infantil encarregado do tratamento de bebês intersexuais, vai opor a plasticidade tecnológica do gênero. Utiliza (ele) pela primeira vez a noção de gênero em 1947 e a desenvolve clinicamente mais tarde com Anke Ehrhardt e Joan e John Hampson para falar da possibilidade de modificar hormonal e cirurgicamente o sexo dos bebês nascidos com órgãos genitais e/ou cromossomos que a medicina, com seus critérios visuais e discursivos, não pode classificar só como femininos ou masculinos (PÉREIRA, 2008, p. 81).

Para as Ciências Sociais e Humanas, o conceito de gênero se refere à construção social da dimensão social. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana. No entanto, os diferentes sistemas de gênero e de formas de operar nas relações sociais de poder entre homens e mulheres é realizada pela cultura.

Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não em decorrência da anatomia de seus corpos. À primeira vista, pode parecer que as escolhas ou os modos de inserção no mundo do trabalho, por exemplo, sejam reflexos de preferências naturais, aptidões natas, capacidades e desempenhos distintos entre homens e mulheres. Porém, se observarmos com atenção, veremos que a distribuição de homens e mulheres no mercado de trabalho e as desigualdades decorrentes podem ser socialmente compreendidas e atribuídas às assimetrias de gênero.

Ou seja, o modo, como homens e mulheres se comportam em sociedade, corresponde a um imenso aprendizado sociocultural que nos ensina a agir conforme as prescrições de cada gênero. Há uma expectativa social sobre a maneira como homens e mulheres devem andar, falar, sentar, mostrar seu corpo, se vestir, brincar, dançar, namorar, cuidar do/a outro/a, etc. Conforme o gênero, também, há modos específicos de escolher sua profissão, ensinar, dirigir um carro, gastar o dinheiro, ingerir bebidas, entre outras atividades.

Na sociedade brasileira, culturalmente, há um processo de naturalização de gênero, levando em consideração o binarismo mulher e homem baseado em dois sexos (fêmea e macho), separados dicotomicamente de acordo com características sexuais primárias (aparelhos reprodutores: pênis/homens e vagina/mulheres), secundárias (pelos, voz, forma do corpo, seios) e distintas. Entretanto,

podemos referir-nos a um “dado” sexo ou um “dado” gênero, sem primeiro investigar como são dados o sexo e/ou gênero? Por que meios? E o que é, afinal, o “sexo”? É ele natural, analêmico, cromossômico ou hormonal, e como deve a crítica feminista avaliar os discursos científicos que alegam tais “fatos” para nós? Teria sexo uma história? Possuiria cada sexo uma história ou histórias diferentes? Haveria uma história de como se estabeleceu a dualidade do sexo, uma genealogia capaz de expor as opções binárias como uma construção variável? Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? (BUTLER, 2010, p.25)

E, nessa busca pelo entendimento entre as desigualdades entre homens e mulheres, em algum momento, a ciência médica buscou explicações baseadas no funcionamento do cérebro, nos hormônios, nas células, no sangue etc. É notório que ainda observo uma perspectiva de gênero dentro da visão biomédica sobre a humanidade, o que pode gerar vários conflitos de ordem violenta na construção da sexualidade das pessoas, principalmente, naqueles indivíduos transgressores da “normalidade” ou do padrão heteronormativo.

Nesse sentido, de acordo com Joan Scott (1995, p. 85-86), as relações de gênero são constitutivas “das relações sociais e nelas podemos encontrar mecanismos e formas de relações de poder”, nas quais mulheres e homens são organizados dentro de um conjunto específico de características que definem padrões idealizados daquilo que conhecemos como feminino e masculino. Portanto, compreendo a categoria gênero como:

¹ Desigualdade de oportunidades, condições e direitos entre homens e mulheres, gerando uma hierarquia de gênero.

² A heteronormatividade será melhor explicada na seção seguinte quando tratarei conceitualmente sobre Homofobia.

[...] uma sofisticada tecnologia social heteronormativa, operacionalizada pelas instituições médicas, linguísticas, domésticas, escolares e que produzem constantemente corpos-homens e corpos-mulheres. Uma das formas para se reproduzir a heterossexualidade consiste em cultivar os corpos em sexos diferentes, com aparências “naturais” e disposições sexuais diferentes. (BENTO, 2006, p. 1).

As questões de gênero, portanto, refletem o modo como diferentes povos, comunidades, grupos sociais, sociedades, em diversos períodos históricos, classificam as atividades de trabalho na esfera pública e privada, os atributos pessoais e os encargos destinados a homens e a mulheres no campo da religião, da política, do lazer, da educação, dos cuidados com saúde, da sexualidade etc. De acordo com Siqueira (2020) pensar as relações de gênero na sociedade contemporânea é questionar os discursos postos como naturais das relações humanas, afetivas e sociais:

Ao desconstruirmos discursos de grupos dominantes que marginalizaram e excluíram indivíduos LGBTQIA+ de participarem da construção do cotidiano, direcionando homens e mulheres a pensar em um único modo de conduzirem suas práticas cotidianas e sexuais, especificando o papel do homem e da mulher, colocamos em cheque tal construção e propomos uma ruptura da ordem que se materializa por meio do discurso. E quando o discurso não é o bastante para manter a naturalização da ordem social vigente, utilizam da violência para que sua ideologia possa continuar a vigorar na sociedade. (SIQUEIRA, 2020, p. 30)

Ao adentrar no campo da sexualidade, percebo um universo de significados multifacetado e construído individual ou coletivamente. Mergulhar em tais significados é compreender a construção da sexualidade, os discursos históricos de determinadas épocas, observando as posições políticas, econômicas e culturais. Conforme provoca Michel Foucault: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (FOUCAULT, 2005, p. 08).

Para Foucault (2005), os discursos podem integrar várias dimensões e sua genealogia forma-se em diversos campos. O discurso em torno da sexualidade é acometido por interdição, ou seja, não se pode falar de tudo ou quase tudo em determinados lugares, ficando a responsabilidade para seu/sua locutor/a. Sendo assim, quando se fala sobre sexualidade, utilizam-se outros tipos de linguagens, inibindo ou liberando o falar sobre sexualidade:

A reprodução de normas, valores ou regras apregoadas, consciente ou inconscientemente, por uma ideologia dominante e repressora, aparece quando se utiliza a linguagem, verbal ou escrita, em relação à sexualidade, nos sinônimos que geralmente as pessoas atribuem a esse universo, revelando um modelo de repressão e até desconhecimento, por parte da maioria delas. (MATO, 2011, p. 73)

Michel Foucault (1993) indica a invenção da sexualidade enquanto um “dispositivo” histórico capaz de assegurar a gestão individual do corpo e das populações, uma vez que se constitui de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, normalizam, que instauram e produzem verdades:

³ É importante dizer que aqui falaremos da comunidade LGBTQIA+, que em seu interior possui diferentes visões e discursos sobre a homossexualidade e a homofobia. São os contraditórios que nos possibilitam entender o pensamento pós-moderno e pós-estruturalista. A nova comunidade explosiva, que Bauman emprega o nome *cloakroom communities*, desenlaçam os indivíduos, em vez de juntá-los e organizá-los, pois elas evitam o nascimento de comunidades duradouras, na medida em que espalham e desmembram os interesses de seus membros. A sociabilidade é espalhada, não condensada. Portanto, a possibilidade da emergência de uma formação fixa é minada: a comunidade na pós-modernidade não está fora das regras de existência de todas as outras instituições ditas líquidas pelo sociólogo. A comunidade é parte da desordem social, não uma forma de resolvê-la. É uma vã tentativa (BUTUMIN, 2001).

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas [...] o dito e o não-dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 1993, p. 244)

A sexualidade, ainda segundo Foucault (2015), refere-se às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai evoluindo e que está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações, e que se encontra vinculado a debates e a disputas políticas. Sexualidade é, pois, assunto tanto pessoal quanto político.

Compreendo, então, a sexualidade como uma dimensão das experiências construídas socialmente por homens e por mulheres ao longo da vida, tais como: desejos, crenças, prazeres, vontades, emoções, fantasias, modelos, proibições e sensações que se modificam, conforme os discursos políticos, e as relações de poderes postos na sociedade, influenciando atos sexuais nos atos corpóreos e no seu pertencimento ao social (PERADO; MACHADO, 2012)

Dentro da construção das sexualidades, a homossexualidade pertence a um quadro de orientações sexuais e identidades de gênero que compõe o nome não somente da comunidade, mas também do movimento LGBTQIA+. A história desse movimento social é mais recente, se comparada ao movimento feminista. A versão mais difundida entre pessoas militantes e pesquisadoras é a de que o movimento começa a se organizar após a conhecida Revolta de Stonewall, nos Estados Unidos. Alessandro Soares da Silva (2011) pondera que essa versão é parcialmente verdadeira, porque já existiam coletivos organizados na Alemanha do século XIX. Em 28 de junho de 1968, as pessoas que frequentavam o bar Stonewall Inn, em Nova York, em sua maioria travestis, drags e gays precarizados, se revoltaram contra as insistentes batidas policiais no estabelecimento. O confronto durou dias e foi encerrado com uma marcha pelas ruas da cidade. Silva (2011) conta que as batidas policiais eram constantes nos locais de sociabilidade gay e serviam para que policiais corruptos arrecadassem dinheiro.

O Brasil precisou de mais dez anos depois de Stonewall para assistir à criação de um grupo homossexual organizado. Trata-se do grupo Somos, que funcionou de 1978 a 1983. O Grupo Gay da Bahia (GGB) foi fundado em 1980 e é a mais antiga associação, em funcionamento, de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil. O GGB foi registrado como sociedade civil, sem fins lucrativos, em 1983. A partir dos anos 90, segundo vários estudiosos do tema, a exemplo de Regina Facchini (2005), o então Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) começa a se diversificar, com a criação de coletivos de lésbicas e travestis. Aqui, no Maranhão, cria-se primeiramente o grupo "Timbiras", que dá origem aos grupos: Gayvota, LEMA, ATRAMA (hoje conhecida como 'AMATRA').

Então, como se configura o atual movimento conhecido como LGBTQIA+? E o que seria cada uma dessas letras? Primeiro é preciso refletir sobre o que chamamos de orientação sexual. De acordo com Marcos Siqueira (2020) a compreensão de orientação sexual refere-se ao sexo das pessoas que elegemos para nos relacionarmos afetivamente. Utilizam-se algumas nomenclaturas para orientação sexual:

- Heterossexual - é compreendido por mim como o relacionamento afetivo e sexual entre pessoas masculinas e femininas, a ideia binária é bastante reforçada aqui, inclusive anatomicamente falando. É considerada pela heteronormatividade que reforça o cisgênero como comum e normal;

- **Bissexual** - é compreendido por mim como o relacionamento afetivo e sexual entre pessoas sem distinção binária, há uma fronteira muito próxima entre pessoas bissexuais e pansexuais, uma liberdade que rompe com as definições anatômicas, inclusive. É a letra “B” do movimento social acima caracterizado;
- **Assexual** - é compreendido por mim como o direito de escolha da pessoa não querer se relacionar sexualmente com ninguém, o afeto é o principal nesse tipo de relação. É a letra “A” do movimento social acima caracterizado;
- **Lésbicas** - é compreendido por mim como o relacionamento afetivo e sexual entre mulheres homossexuais. É o “L” do movimento social acima caracterizado;
- **Gays** - é compreendido por mim como o relacionamento afetivo sexual entre homens homossexuais. É o “G” do movimento social acima caracterizado;
- **Travestis e transexuais** - é compreendido por mim como pessoas que construíram sua identidade de gênero conforme suas qualidades e características femininas, masculinas ou não-binárias, como é o caso de pessoas queers, por exemplo. É a letra “T” do movimento social acima caracterizado.
- **Intersexo** - Definir o que é intersexualidade é algo complexo porque ela pode se apresentar de diversas formas nas pessoas e ser “descoberta” e/ou identificada em qualquer idade. Segundo Nádia Pino (2007, p. 154), dentro do espectro de possibilidade de apresentação de casos de intersexualidade, apesar de ocorrer com mais frequência casos de genitália ambígua ou indefinida, existem situações nas quais as pessoas “nascem com órgãos genitais identificáveis com um sexo, mas estes não são representativos daquilo que é considerado ideal - clitoris grandes e pênis pequenos são chamados de ‘femininos masculinizados’ ou ‘masculinos feminilizados’”. Pino ressaltava outra situação: as pessoas que “nascem com todas as características hormonais, genéticas, do sexo, por exemplo, uma mulher com cromossomos XX, com útero, ovários, mas sem vagina. Ou nos casos em que as pessoas nascem com mosaicos genéticos como XXY.” (PINO, 2007, p. 154-155). A autora também destaca que a intersexualidade pode ser identificada na adolescência ou permanecer “desapercebida até o momento em que a pessoa viva a situação na qual se exige a verificação dos órgãos reprodutivos internos, como nos diagnósticos de infertilidade” (PINO, 2007, p. 154-155). É a letra “I” do movimento social acima caracterizado.
- **Queers** - aqui quero pontuar, a princípio, a teoria: “Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, diz Louro (2015, p. 38). “Queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (BUTLER, 2010, p. 58). Dessa forma, os ativismos e estudos passam a entender queer como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas. Nesse sentido, um dos maiores esforços reside na crítica ao que se convencionou chamar de heteronormatividade, defendida por aqueles que veem o modelo heterossexual como o único correto, saudável e possível. É a letra “Q” do movimento social acima caracterizado.

⁴ Quem está mais conformado dentro de um binarismo de gênero e que, ao mesmo tempo, se identifica com o gênero que foi designado em seu nascimento, tem sido chamado, nos últimos anos, de cisgênero ou cisgênera. Beatriz Paoliarini Bagagli conceitua cisgênero da seguinte forma: “[...] uma explicação simples é que se você se identifica como o gênero que lhe foi designado em seu nascimento, você é cis”. (BUTLER, 2014) Hailey Haas, outra importante ativista transfeminista brasileira, diz: “O alinhamento cis envolve um sentimento interno de congruência entre seu corpo (morfologia) e seu gênero, dentro de uma lógica onde o conjunto de performances é percebido como coerente. Em suma, é a pessoa que foi designada ‘homem’, ou ‘mulher’, se sente bem com isso e é percebida e tratada socialmente (medicamente, juridicamente, politicamente) como tal.” (KATAS, 2012). Jaqueline Gomes de Jesus diz que “[...] cisgênero é um conceito que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado socialmente, ou seja, as pessoas não-transgênero [...]”. (JESUS, 2014). No texto O cisgênero existe, publicado no site Transliteração, é possível encontrar definições parecidas: “[...] cisgênero literalmente significa: estar do mesmo lado das características comportamentais, culturais ou psicológicas associadas a um sexo.”

No entanto, não há uma única forma de construção da sexualidade, nem mesmo quando reduzimos, o entendimento de sexualidade à identidade de gênero e orientação sexual. A exemplo disso, além da forma de construção heterossexual, dada de maneira naturalizada e impositiva, temos a construção de infinitas possibilidades afetivas e sexuais entre pessoas, tais como a própria homossexualidade, tema central de minha pesquisa; ou seja, há várias formas de ser uma pessoa homossexual.

Nesse sentido, penso que o debate sobre homossexualidade pode ser pensado numa dimensão essencialista da coisa, ou seja, quando afirmo o que seja o homossexual, em uma dada essência do que é ser homossexual, deixo de pensar que pessoas homofóbicas, por exemplo, não são assim porque nasceram assim, mas porque reproduzem um comportamento estrutural. Portanto, aqui vou refletir sobre esses conceitos numa dimensão não essencialista.

Para a teoria queer, é preciso olhar para esses conceitos e tentar perceber que, de forma alguma, não se trata de uma essência, ou mesmo, que não há uma ontologia do todo, mas, no máximo, uma relação de mediação cultural dos marcadores biológicos. De acordo com Paul Preciado (2014), é uma teoria de empoderamento dos corpos subalternos, e não o empoderamento assimilacionista. Ou seja, o empoderamento que nos faz fortes em nossas margens, ou como eu gosto de chamar, em nossa marginalidade, e no faz ocupar os espaços com nossos corpos e "corpos" transviados.

Então, é preciso questionar o que está posto como natural em nossa sociedade, dando voz às atrizes e aos atores sociais tidas/os como subalternas/os, que foram excluídas/os de seus direitos, por uma ideologia dominante, ficando à margem da construção do cotidiano. Percebo, assim, que "são os homens que, ao modificar o modo de produzir as suas vidas, produzem novos métodos como expressões das suas próprias transformações" (FIGUEIRA, 1997, p.39).

Nós todos temos uma certa tendência a considerar o mundo que nos cerca como natural. Como se dá isto? Por exemplo, nós tendemos a achar que a família, na forma em que nós conhecemos, é a forma natural de ser família. Acerca da escola, por exemplo, também nós pensamos o mesmo, isto é, que a forma atual de ser escola é a forma natural da escola ser. Mesmo os homens, nós tendemos a considerar que a forma que nós existimos é a forma natural da existência humana. (FIGUEIRA, 1997, p. 37)

Quando recorro à História para compreender certos discursos construídos e reafirmados em nosso cotidiano, observo que as relações sociais sofrem transformações. Entretanto, quando se diz que a sexualidade não sofre transformações, assimila-se um discurso que naturaliza, neutraliza e classifica as relações em que a pessoa não se transforma e nem se modifica, de certa forma, coloca-se a posição de uma única forma de sexualidade (SIQUEIRA, 2020).

Na atualidade, o tema da homossexualidade abarca diversos estudos teóricos e empíricos, principalmente na área das ciências humanas e sociais. Estudos estes que visam investigar tal orientação sexual e suas variadas formas de expressão; bem como o impacto social que pode provocar para aquelas pessoas homossexuais quando elas "revelam" sua orientação sexual.

Simplificando, significa que a identidade e apresentação de alguém é compatível com sua morfologia física" (DUMPHREY, 2014).

⁵ De acordo com Jaqueline Jesus (2012) é o gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento ou podem ser pessoas não-binárias. Diferente da sexualidade da pessoa, identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transsexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays, bissexuais, pansexuais e assexuais tanto quanto as pessoas cisgêneras.

Michel Foucault (2015) nos diz que, a partir do século XVII, instituições (a Igreja, o Direito, a Medicina, por exemplo), movidas pela vontade de saber, a partir dos discursos relatados por pessoas em situações confessionais em que confessavam seus desejos e suas práticas sexuais, produziram ao longo dos séculos um saber sobre a sexualidade que, através do poder que circulava por essas instituições, foi (e ainda é) capaz de regular a sexualidade das pessoas. Trata-se de um dispositivo de sexualidade produzido discursivamente através dos mecanismos de saber-poder, exercidos por essas instituições, e que determinam a heterossexualidade como uma norma, como o correto, a sexualidade ideal, diante de outras chamadas pelo autor de sexualidades periféricas.

Ainda segundo Foucault (2015), no século XVIII, os Estados passaram a se preocupar com a população no que diz respeito à constituição de famílias, práticas sexuais e reprodução, o que refletiria em produtividade, ou seja, heterossexuais formam famílias e aumentam a população.

É verdade que por muito tempo afirmou-se que um país deveria ser povoado se quisesse ser rico e poderoso. Pelo menos de maneira constante, uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados não somente ao número e à virtude dos cidadãos, não apenas às regras de casamentos e à organização familiar, mas à maneira como cada qual usa seu sexo. (FOUCAULT, 2015, p. 29).

A partir do século XIX, a Igreja começa a perder parte de sua insistência no que diz respeito às “‘fraudes’ contra a procriação” (FOUCAULT, 2015, p. 45) e a justiça cede nas suas considerações acerca dos “delitos sexuais” em “proveito da medicina” que começou a classificar e patologizar as “práticas sexuais ‘incompletas’” (FOUCAULT, 2015, p. 45). A medicina “classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexos; integrou-os ao ‘desenvolvimento’ e às ‘perturbações’ do instinto; empreendeu a gestão de todos eles” (FOUCAULT, 2015, p. 45-46).

Esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e a nova especificação dos indivíduos. A sodomia - a dos antigos direitos civil ou canônico - era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo, uma vez que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza, singular. É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada - o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as “sensações sexuais contrárias” pode servir da data natalícia - menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (FOUCAULT, 2015, p. 47-48).

Nesse sentido, podemos encontrar explicações sobre o tema “homossexualidade” na pedagogia dos manuais médicos, conceito proposto nos estudos realizados por Sá-Silva (2012). Em sua tese de doutoramento, o autor analisou abordagens sobre homossexualidade em livros de medicina, psicologia e educação, publicados entre as décadas de 1920 e 1970. Os diversos livros apontam possíveis causas da homossexualidade (hereditária, hormonal, problemas relacionados ao desenvolvimento da criança, adquirida por fatores ambientais diversos, psicológicas) e trazem informações e orientações sobre tratamento e prevenção dessa “patologia”.

Os livros são destinados, principalmente a médicos e psicólogos, e também a educadoras/es, mães e pais. Ao conjunto de orientações para “solucionar o problema” da homossexualidade ou “preveni-la”, Sá-Silva (2012) denominou pedagogia dos manuais médicos, uma vez que os efeitos de tal pedagogia foram observados quando analisados os livros de Educação - destinados a mães/pais e professoras/es - que não somente apenas incorporaram o discurso médico sobre as causas, tratamentos e prevenções da homossexualidade, mas também o reproduzem com eficiência.

Pedagogia, essa, que existe desde a classificação das “sexualidades periféricas” no século XIX, como uma forma de disciplinar a sexualidade, produzindo “discursos carregados da autoridade da ciência. Discursos que se confrontam ou se combinam com os da igreja, da moral e da lei” (FOURD, 2015, p.81-82). Pedagogia que ainda tem seus/suas adeptos/as e é solicitada quando a sexualidade “natural” se sente ameaçada. Pedagogia que normaliza, que exercita a norma, que se respalda no saber-poder da medicina, para sustentar a identidade heterossexual como a correta, a ideal, a saudável, a normal, a natural, pois é inata. Pedagogia que ainda tem “a vontade de saber” (FOUCAULT, 2015).

A vontade de saber a respeito necessita que se fale sobre, para que seja produzido um saber. A sexualidade não tem sido silenciada. Tem sido produzida. Este texto dissertativo inscreve-se no campo das pesquisas educacionais que tentam compreender os discursos sobre temas de relevância social, inscritos em livros de Sexualidade e Educação Sexual, e que têm sido objeto de investigação no campo de estudos do currículo na perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais em Educação.

Os livros de Sexualidade e Educação Sexual são artefatos culturais que veiculam inúmeras representações sobre gênero e sexualidade e que influenciam nas aprendizagens, nas ações e em modos de pensar e agir das pessoas. Dentre os materiais pedagógicos, que podem ser utilizados para a discussão de conteúdos sobre o tema homossexualidade no ensino médio, estão os livros de Sexualidade e Educação Sexual. Eles são tidos como um dos principais instrumentos didáticos usados por professores e professoras. Frenedozo et al. (2005) afirma que os livros que trazem a discussão de conteúdos complexos como a homossexualidade, por exemplo, deveriam trazer na sua essência alguns elementos importantes como: “conhecimento, valores, capacidade de resolver problemas, aprender a aprender, assim como alfabetização científica e tecnológica” (FRENEDOZO et al., 2005, p.2), o que necessariamente iria colaborar para o desenvolvimento do conteúdo de forma que envolvesse não só o conhecimento biológico, mas fizesse um elo com as questões sociais, culturais, econômicas e políticas.

Os livros, inclusive, podem reproduzir um discurso de preconceito e discriminação, chancelado pelos órgãos e pessoas competentes que se utilizam de seu poder de escolha para utilizá-los em sala de aula. É preciso, então, que estejamos atentas/os e que pesquisemos sobre os conteúdos que compõem seu interior. Pensar, então, a importância da discussão sobre sexualidade e educação sexual no currículo escolar é compreender que a pedagogia do insulto se faz presente no espaço escolar. Segundo o professor Rogério Junqueira (2007), essa pedagogia tem afastado lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, entre outras pessoas, de sua formação intelectual, pois ela, a pedagogia do insulto, utiliza a oratória para inferiorizar, ridicularizar e, até mesmo, silenciar esse assunto e sua finalidade além de insultar e excluir as pessoas LGBTQIA+ do acesso à educação.

Nesse processo, de acordo com Siqueira (2020), a escola é um território de táticas e estratégias. Táticas no sentido de que grupos dominantes utilizam-se do aparelho público escolar para disseminar seus pensamentos e suas ideias. Estratégias porque, ao formar um cidadão de acordo com os valores desses grupos, as pessoas irão defender em sua territorialidade um discurso que não pertence a sua realidade, mas que é realidade daquele que o construiu; ou seja, a escola passa a ser um território que prepara os seus indivíduos para a vida em sociedade, vida essa que pertence a terceiros (CERTEAU, 2005).

Nesse sentido, instituições de ensino como a escola e as/os profissionais da educação reafirmam discursos não ditos, classificando, nomeando e hierarquizando as pessoas. As escolas, muitas vezes, reproduzem discursos de terceiros, repletos de ideologias arquitetadas constantemente em seu cotidiano e que reforçam a divisão sexual e a exclusão de muitas crianças e adolescentes, levando a uma evasão escolar, ou porque não dizer, expulsão escolar intencional, tendo em vista que essas/esses jovens, em sua maioria, têm sonhos de continuar seus estudos e se formar nas mais diversas áreas do conhecimento. Dessa maneira, discutir a sexualidade ou as sexualidades na educação é investigar a formação docente, rompendo com os muros da escola, pois:

[...] sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (FOUCAULT, 2005, p. 43-44)

Conforme Siqueira (2020), investigar os discursos que permeiam o cotidiano educacional é entender a violência contra a diversidade sexual, no que tange à construção dos discursos de ódio. São formas diversas de ódio que historicamente são utilizadas como forma de inferiorização e exclusão das homossexualidades na participação e edificação dos direitos e das cidadanias. A esse tipo específico de ódio, chamarei de homofobia e será melhor discutido na seção seguinte.

Portanto, dentro desse formato, a educação, de certa forma, pode ser moldada aos interesses de cada época, sustentando ideologias de dominação e conduta (BORRILLO, 2010). Jimena Furlani (2011) observa que a formação das professoras e dos professores não foge da lógica de sua trajetória como indivíduo na sociedade e como profissional. Por esse motivo, não podemos descartar que a pluralidade de discursos, que têm ocupado o cotidiano dessas/es profissionais por meio das diversas mídias e de suas linguagens, sendo campo de troca, pois o mesmo universo que habita a/o estudante habita a/o professora/or, e ambos têm reflexões diferentes sobre essa territorialidade.

No atual cenário político brasileiro, podemos observar isso de maneira nítida, quando temos a chancela da Ministra dos Direitos Humanos expurgando toda e qualquer discussão sobre gênero e sexualidade nas escolas, uma vez que ela não pensa e age como ministra, mas como líder religiosa de uma igreja cristã evangélica. Dessa forma, aquelas/es profissionais da educação que se identificarem com tal representatividade farão o mesmo em suas localidades escolares.





A homofobia e seus efeitos na educação

No Brasil, nos últimos cinco anos, aproximadamente, percebemos uma crescente onda de violência de todos os tipos manifestada, principalmente, por meio das redes sociais, que foi potencializada no período de campanha eleitoral para presidente da República no ano de 2018, protagonizada por um candidato que se assume de extrema direita e que propaga o ódio, o fascismo, o autoritarismo, a perseguição, o preconceito, o racismo, a misoginia, a homofobia e o desrespeito às instituições democráticas, tendo influenciado milhões de eleitores/as com tal postura. Mas entendo que, por um lado, essas manifestações violentas não são de agora; são frutos de um processo histórico e sociocultural e ganharam força, porque aquele/a que antes estava reprimido/a pelo politicamente correto agora se sente à vontade para ser livre em suas convicções, tendo como ponto de apoio a figura “mitológica” que governa o país.

De acordo com o relatório intitulado Mortes violentas de Lgbt+ no Brasil, produzido pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), 420 (quatrocentos e vinte) pessoas LGBTQIA+ morreram no Brasil em 2019 vítimas da homo-bi-lesbo-transfobia. Ainda segundo o coordenador da pesquisa, o antropólogo Luiz Motti (2019), 320 (trezentos e vinte) homicídios que correspondem a setenta e seis por cento dos casos (76%) e 100 (cem) suicídios que correspondem a vinte e quatro por cento (24%). Uma pequena redução de seis por cento (6%) em relação a 2018, quando se registraram 445 (quatrocentos e quarenta e cinco) mortes, um quantitativo recorde desde que o GGB iniciou esse banco de dados no ano de 2000.

Ainda, segundo o relatório anteriormente citado, a cada 20 horas uma pessoa LGBTQIA+ é barbaramente assassinada ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Segundo agências internacionais de direitos humanos, matam-se muitíssimo mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África, onde há pena de morte contra os/as LGBTQIA+.

O contexto da pandemia parece ter agravado a situação quando no Boletim de nº 2 divulgado em 2020 pela Agência Nacional de Travestis e Transexuais - ANTTA, verificamos que o Brasil apresentou aumento de 90% no número de casos de assassinatos à comunidade LGBTQIA+, com maior gravidade às pessoas transexuais, em relação ao mesmo período de 2019.

No dia 13 de junho de 2019 o Supremo Tribunal Federal entendeu que, especificamente, a homofobia e a transfobia enquadram-se no artigo 20 da Lei 7.716/1989, que criminaliza o racismo. No entanto, alguns críticos e militantes da causa LGBTQIA+ afirmam que isso não é o suficiente, tendo em vista que este tipo de injúria não se enquadra no Código Penal, com punições mais específicas e que entenda o que seja homo-bi-lesbo-transfobia.

Numa perspectiva jurídica constitucional, Barroso (2011) lembra que não possibilitar às pessoas a oportunidade de vivenciar sua orientação sexual (gênero ou identidade gênero) em todos os seus desmembramentos é privá-las de uma das dimensões que dão sentido à sua vida. Ou seja, parece-me que a inserção da homofobia e da transfobia, como crimes de racismo, não atende à especificidade da demanda de toda uma comunidade LGBTQIA+, levando em consideração suas orientações sexuais, identidades de gênero e vivências. A impossibilidade de experimentar tal vivência está em profundo desacordo com o que prevê a constituição federal brasileira, que tem como um de seus fundamentos “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Brasil, 1988, p. 01).

⁵ É entendido pelos movimentos sociais LGBTQIA+ as especificidades das violências contra essa comunidade, tais como lesbofobia é o entendimento de agressões contra mulheres lésbicas, transfobia para pessoas transexuais e travestis, bifobia para bissexuais e homofobia para homens gays.

⁷ Termo geral usado, em específico, nesse relatório, para se referir aos atos violentos de qualquer ordem à comunidade de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, assexuais, queers e afins.

Na educação, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que define ações de aprendizagens essenciais para Educação Básica, assegurando os direitos de aprendizagem em conformidade ao Plano Nacional de Educação (PNE). É orientada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/1996), em que a formação humana e construção de uma sociedade justa é visionada, fundamentando-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN). A BNCC ainda possui competências e habilidades que asseguram uma formação cidadã e de exercícios éticos aos/as estudantes (BRASIL, 2017). Porém, o documento excluiu os termos 'orientação sexual' e 'homofobia' para discussão no ambiente escolar, dando a entender que os/as cidadãos/cidadãs sejam educados/as para a lógica heteronormativa (CUNHA; SÁ-SILVA, 2018).

Já o Programa Escola sem Partido (Lei 867/2015), proposto pelo Deputado Izalci (PSDB/DF), que deveria ser incorporado à LDB nº 9394/1996, a princípio considerado inconstitucional pelos defensores da Educação do Brasil, limita o/a professor/a em sala de aula, afirmando que as intenções nas aulas é doutrinar politicamente e ideologizar os/as educandos/as, deliberando a pais, mães, funcionários/as da educação, alunos/as e comunidade a autonomia de reclamar para as Secretarias de Educação os que fogem ao que o projeto propõe (SÁ-SILVA; SILVA, 2018).

Enquanto há projetos que visam o retrocesso e o silenciamento, que enaltecem a heterossexualidade, há outros que respeitam a diferença e que, por meio da educação, problematizam assuntos transversais da sexualidade, como o Escola sem Homofobia. Foi um projeto que teve apoio da Secretaria de Educação Continuada/ Ministério da Educação, que objetivou produzir, apresentar e formar professores/ies/as, estudantes/ies e comunidade escolar sobre a homossexualidade, de caráter defensivo da diversidade de orientação sexual. O documento iniciou-se no governo do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em parceria com instituições não-governamentais, sistematizado com mais detalhes no governo da ex-presidenta Dilma Rousseff, sendo denominado erroneamente e ignorantemente de "Kit gay" ou "Kit anti-homofobia". Muitos foram as fake news disseminadas na população brasileira, e foi então que a pressão dos conservadores e da bancada religiosa da Câmara Nacional proibiu a divulgação e distribuição do material (ALMEIDA; SÁ-SILVA, 2018).

Então, por que, mesmo com a existência de leis específicas que juridicamente ordenam punição para crimes como a homofobia, o número de agressões contra essa população continua? Por que o/a agressor/a não tem medo das consequências de seus atos violentos? Por que o desejo de matar é tão forte? Talvez eu não consiga responder, aqui, a subjetividade de um/a agressor/a potencialmente assassino/a, pois é um universo dolorido de invadir e investigar, mas passível de análise e observação por parte não só da psicologia, mas da sociologia, antropologia e demais ciências humanas e sociais.

As relações interpessoais que se dão em nosso contexto histórico-social, político e cultural brasileiro são caracterizadas como processos relacionados a disputas em torno de redes de significados, sistemas de disposições, quadros institucionais, saberes, metodologias e cotidianidades que se constituem ao sabor da heteronormatividade.

Essa categoria pode ser entendida como a existência de uma hierarquia das sexualidades em que a heterossexualidade ocupa a posição superior, a mais privilegiada; e as outras formas de viver a sexualidade são consideradas, na melhor das hipóteses, incompletas, acidentais e perversas e, na pior, patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização (BORRILLO, 2010). De acordo com Roger Rios (2007) o heterossexismo (heteronormatividade) também pode ser entendido como um sistema onde a heterossexualidade é institucionalizada como norma social, política, econômica e jurídica, não importando se de modo explícito ou implícito.

⁸ Fake News são notícias incoerentes com a realidade, que difamam, humilham e resultam em preconceitos e violência.

Uma vez institucionalizada, a heteronormatividade manifesta-se em instituições culturais e organizações burocráticas, tais como a linguagem e o sistema jurídico. Isso acarretará, de um lado, superioridade e privilégios a todos/as aqueles/as que se adequam a ou se encaixam em tal parâmetro; e, de outro, violências (homofobia) a pessoas homossexuais e até mesmo a heterossexuais que venham a se afastar dos padrões e regras impostos para a heterossexualidade.

Nossa sociedade não é apenas heterossexual, mas marcadamente heteronormativa (BUTLER, 2010; RIOS, 2007). Nos livros didáticos, o caráter heteronormativo das relações sociais está presente nos padrões de representação de gênero e o de organizações familiares, nos discursos sobre afetos e na ausência do tema diversidade sexual. A heteronormatividade impõe um silêncio, não existem corporificações para além do binarismo de gênero, por isso não se fala de homossexualidade, bissexualidade, transgêneros ou transsexuais (BUTLER, 2010). O silêncio é a estratégia discursiva dominante, tornando nebulosa a fronteira entre heteronormatividade e homofobia.

Paralelamente ao cenário de violência explícita contra as pessoas LGBTQIA+ que temos acompanhado pela mídia, é frequente nas escolas e em outros espaços sociais um outro tipo de violência, dita simbólica, tão ou mais devastadora que a agressão física, uma vez que atinge a autoestima e, por conseguinte, os direitos mais básicos do ser humano, como o respeito, a confiança e a autodeterminação.

Judith Butler, na adolescência, foi caracterizada como a fora dos padrões por não seguir regras, sendo que, na escola, mesmo considerada inteligente e indagadora de professores/as, não tinha a credibilidade do diretor, visto que costumava desviar o caminho da escola e não atendia às ordens. A penalidade para suas ações foi sua retirada do ambiente escolar para que não se tornasse uma delinquente, segundo o gestor. Nas aulas particulares, descobriu, construiu e desconstruiu temas que para sua idade não costumavam ser problematizados. Uma garota incomum tornou-se uma adulta questionadora, determinada e aguda nas suas escritas, tendo a fama de questionamentos mais significativos que suas respostas ou soluções (LOURO, 2013).

Uma vez que notarmos as características dadas a Judith, em sua vida escolar e em seus comportamentos, percebemos as vozes da heteronormatividade guiando os sujeitos sociais, e que não diferem de muitos outros milhões de casos no Brasil e internacionalmente. As meninas precisam “aprender a se comportar como meninas, falar como meninas e andar como meninas” são os argumentos mais escutados e ditos por instituições sociais que demarcam muito, assim como a família. Dessa forma, as ideias de fragilidade, de submissão, delicadeza são perpetuadas por longos anos na vida das mulheres. Para os homens isso não é diferente, caso saiam do perfil sério, do comportamento centrado, das áreas profissionais ligadas às exatas, das vestimentas, do modo de falar e apresentem sentimentalismo, delicadeza, postura flexível, seu rótulo não será outro que não ser homossexual. Vejamos o que Cunha (2019, p. 72) fala a respeito disso:

Gestos, vestimentas, maquiagem, jeito de falar de muitos homens gays são características significadas como marcas e percebidas como femininas, terminam por denunciar os homossexuais sobre sua sexualidade. Essas marcas classificam e reduzem o sujeito que passa a ser visto de forma negativa e inferior pela sociedade, uma vez que marcas culturais os distinguem dos sujeitos considerados normais - os heterossexuais - e se configuram em “marcas de poder”.

Entendendo que as diferenças existem, que a realidade de um/uma não é igual à do/da outro/outra, que os desejos, as vontades de seguir e serem o que quiserem existem e devem ser obedecidas, porque somos sujeitos livres, vivendo numa sociedade livre, eu me pergunto: por que tantos estereótipos? Por que esses discursos são tão reforçados? Onde que são renovados? Cadê as instituições que podem discutir sobre equidade de gênero, sobre respeito às orientações sexuais, sobre o direito de viver sob suas escolhas? A escola como formadora cidadã está se posicionando em que discurso?

Os sujeitos vivem suas sexualidades de diversas formas, relacionando-se com pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto ou com nenhum/a parceiro/a. As identidades de gênero não se relacionam diretamente com a identidade sexual, visto que os indivíduos são e vem de culturas diferentes e de constantes transformações, permitindo que as escolhas de orientação sexual sejam livres (CUNHA, 2019).

É fato que, por muitos anos ou séculos, as pessoas LGBTQIA+ foram perseguidas e criminalizadas, sendo forçadas a viver na clandestinidade, na marginalidade das cidades, nos quetos; vistas como pessoas doentes e que contaminavam e disseminavam a imoralidade e a perversão; esse estigma se deu mais forte nos anos 1980 com a epidemia da AIDS.

Uma das principais conquistas das pessoas homossexuais foi a retirada do termo “homossexualismo”, em 1990, e do termo “transexualismo”, em 2019, pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Entretanto essas pessoas, por meio do ativismo político, continuam lutando por sua visibilidade, pelo respeito, por mais direitos e pela sua segurança.

Amplamente situamos todos os casos de discriminação e preconceito contra pessoas LGBTQIA+ como homofobia. No entanto, essa categoria passa por frequentes discussões e controvérsias teóricas (JUNQUEIRA, 2007). Nesse sentido, o que entendemos por Homofobia? Algo patológico psiquiátrico, social, cultural, psicológico, sociológico? Um fenômeno individual, coletivo ou institucional? E do ponto de vista acadêmico, ainda é válido empregar o conceito de homofobia? O conceito de homofobia deveria ser ressignificado, abandonado, substituído ou, quem sabe, pensado em conjunto com outros conceitos?

Num primeiro momento, segundo Junqueira (2007), a homofobia foi encarada como algo patológico/psiquiátrico, mas ela reduziu a responsabilidade individual para as consequências do preconceito e reconhece o comportamento discriminatório como imutável e inevitável, encorajando, portanto, as pessoas agressoras a alegarem insanidade mental ou problemas psicológicos.

Ainda segundo o autor anteriormente citado, os estudos críticos de gênero vão compor o discurso político do ativismo e movimento LGBTQIA+, onde a homofobia passa a representar um símbolo de reivindicação por direitos e compreensão do preconceito a que essas pessoas são submetidas (anos de 1960 e 1970). Numa perspectiva da Psicologia, Sussal (1988) estabelece que a homofobia é:

Uma manifestação cultural e social, que pode ser comparada ao racismo ou ao antissemitismo. As relações homofóbicas mais violentas provêm, em geral, de indivíduos que lutam contra seus próprios desejos homossexuais. A violência irracional contra gays é o resultado da projeção de um sentido insuportável de identificação inconsciente com a homossexualidade, de tal modo que o homossexual colocaria o homofóbico diante de sua própria homossexualidade experimentada como tolerável. A violência contra os homossexuais seria apenas a manifestação do ódio de si mesmo ou, melhor dizendo, da parte homossexual que a pessoa teria vontade de eliminar. Sendo assim, a homofobia seria uma disfunção psicológica, resultante de um conflito mal resolvido durante a infância e que provocaria uma projeção inconsciente contra pessoas supostamente homossexuais. Esse mecanismo de defesa permitiria reduzir a angústia interior de se imaginar em via de desejar um indivíduo do mesmo sexo. (SUSSAL, 1988, p. 203-214)

Já, numa perspectiva sociocultural, de acordo com Borrillo (2010), nossa sociedade - moderna, elitista, escravocrata, capitalista, neoliberal, americanizada, embranquecida, fundamentalista religiosa, neofascista - é, também, androcêntrica, e afirma que, em grupos marcados pela dominação masculina, a homofobia organiza a vigilância de gênero. Para este autor, existe uma lógica binária de construção da identidade sexual em que a mulher está oposta ao homem, assim como o homossexual está ao heterossexual. A identidade sexual masculina é, então, construída de maneira a negar o feminino e rejeitar a homossexualidade.

Ele segue sua análise considerando que a homofobia é um elemento constitutivo da identidade masculina e que sexismo e homofobia são faces de um mesmo fenômeno social, sendo assim, “a homofobia - e, em particular, a masculina - desempenha a função de policiamento da sexualidade ao reprimir qualquer comportamento, gesto ou desejo que transborde as fronteiras impermeáveis dos sexos” (BORRILLO, 2010, p.90). Dessa forma, acredito que a homofobia produz efeitos diretamente relacionados a estratégias do biopoder:

Por meio da temática do biopoder, Foucault percorre duas linhas de forças envolvidas na produção de subjetividades: De um lado, o poder totalizante, o qual cria aparatos estatais capazes de governar populações, levando a um processo crescente de massificação e burocratização da sociedade; de outro, complementar a esse poder, encontram-se as técnicas individualizantes, consistentes em saberes e práticas destinadas a dirigir os sujeitos de modo permanente e detalhado. O conceito de biopoder mostra-se relevante para a compreensão da sociedade atual, pois permite evidenciar a ação das duas linhas de forças, tendo em vista a importância assumida pelas ciências biomédicas e pela biotecnologia nas últimas décadas. Desde o período histórico retratado aqui, o qual se estende do século XVIII ao início do século XX, os saberes e as técnicas de manipulação da vida conheceram um vertiginoso desenvolvimento. Desenvolvimento que requer instrumentos de análise aptos a elucidar seus riscos e benefícios. (CAMILO e FURTADO, p. 41, 2016)

Nesse sentido, falar de homofobia significa, portanto, falar de medo; não o medo patológico individual, a que o termo “fobia” se refere, mas a produção social de insegurança e temor. Para Batista (2003), este processo produtivo se dá através de discursos e práticas cotidianas, justificando e legitimando políticas públicas de repressão e extermínio contra determinadas populações (índios, negros, judeus, mulheres, homossexuais).

O medo, então, atravessa a construção das performances de gênero e provoca um esvaziamento de espaços públicos, pois marca os encontros, a circulação na cidade e a existência em alguns territórios como perigosos e inadequados - para determinadas pessoas. Torna-se, assim, um atravessamento muito potente na produção de existir e produz efeitos no mundo. De acordo com Batista (2003, p. 86) “sociedades assombradas produzem políticas históricas de perseguição e aniquilamento [...] a consciência do exagero dos rumores não diminuiria a intensidade da repressão”.

Por isso, podemos perceber, por meio das notícias em jornais, por exemplo, que a homofobia segue agindo diariamente em nossa sociedade que está “assombrada” pelos inúmeros casos de violência contra a população LGBTQT, a exemplo do rapaz que levou 4 (quatro) tiros ao beijar seu companheiro em um bar no estado da Bahia ; ou da travesti Dandara que foi brutalmente linchada no Ceará ; entre outros tantos exemplos que afetam, inclusive, pessoas heterossexuais, como no caso do pai e filho que estavam abraçados e foram “confundidos” como um casal homoafetivo numa festa no interior de São Paulo, onde o pai teve parte da orelha decepada .

⁹ As performances, diz Butler (2010), são capazes de inverter as distinções e binaridades - entre elas, a de “interno/externo”, “pessoal/social” ou “natural/cultural” - e obrigam a repensar nossas premissas psicológicas para compreender o humano em sua sexualidade ou “identidade”, ao mesmo tempo que revelam o caráter performativo do gênero ao considerar a instabilidade de masculino e feminino. Não compreendemos que as identidades não são fixas e estáveis, permitimos, ainda, com que os sujeitos sejam reconhecidos em sua agência, admitindo sua capacidade de subverter e desafiar as estruturas de poder que lhes regem. Vale acrescentar, ainda, que essa “inadequação” das categorias não é fruto de um tempo “pós-moderno”, como se costuma dizer: pode até ser que o seja também, mas, mais do que isso, é o tempo que vivemos hoje que permite que reavaliemos a necessidade de construir universalidades como por tanto tempo a ciência ocidental o fez: não porque o mundo fosse dividido em categorias estáveis, mas porque os olhos do pensador o eram.

Nesse sentido, de acordo com Cassal e Bicalho (2011, p.85), “a homofobia não se traduz apenas no desconforto individual. Precisamos levar em consideração sua produção coletiva”. Portanto, a homossexualidade e seus efeitos (homofobia, por exemplo) existem por conta das relações de poder. É o que Foucault (2015, p.114) aponta:

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias.

Sendo assim, o medo da homofobia se espalha como um dado natural e reafirma as estratégias do biopoder. Pelo medo e para “proteção”, crianças aprendem desde a infância a não parecerem homossexuais. Adolescentes e/ou adultos procuram consultórios psicológicos por conta de sua homossexualidade. Famílias se preocupam com o jovem LGBTQ que sai sozinho. E políticas autoritárias de controle social se estabelecem em nome de um ‘bem maior’ (BATTISTTA, 2003), como não falar sobre educação sexual nas escolas, porque o assunto é visto como “ideologia” que, de acordo com a bancada fundamentalista do Congresso Nacional brasileiro, ensina os estudantes a serem homossexuais, incita à prática precoce do sexo, entre outras hipóteses equivocadas.

A homofobia, pois, tem uma dimensão também institucionalizada. Portanto, daquilo que vimos refletindo até aqui, fica evidente que a escola, que é a instituição-parte da sociedade, seja afetada por ela (homofobia). O poder exercido pela instituição escolar agrupa os alunos pelo que, de maneira suposta, são e, principalmente, pelo que podem vir a ser. Tal instrumento institucional estigmatiza-os numa condição de desvio do padrão de aluno ideal (FOUCAULT, 2005).

As pessoas que compõem o espaço escolar são influenciadas pelo modo de pensar e de se relacionar da/na sociedade, ao mesmo tempo em que a influenciam, contribuindo para suas transformações. Nesse contexto, o discurso de meritocracia, o discurso de escolha, as “brincadeiras”, a visão patológica são questões, ainda, relacionadas ao sujeito homossexual e que impactam de forma cruel e perversa, ferindo a identidade desse sujeito. Então, ao identificarmos o cenário de discriminações e preconceitos, vemos no espaço da escola as possibilidades de ela contribuir para a transformação desse processo de reprodução da homofobia.

Desde a nossa concepção ao desenvolvimento no útero, nossos corpos são marcados. É a primeira coisa que os pais querem saber é o sexo do bebê, se é “menino” ou “menina”. Compramos o enxoval, geralmente, associando cores e imagens ao que é dito como masculino ou feminino e pensamos no nome seguindo a mesma lógica. Mas, afinal, o que é masculino? O que é feminino? O que determina? Quem determina? Nossos corpos e nossa vida parecem ter um destino, uma programação antes mesmo de abrímos os olhos e enxergarmos o mundo. Tudo está definido. Tudo está marcado. Mas que marcas são essas? O que, supostamente, elas mostram? De acordo com Guacira Lopes Louro (2000, p. 61):

As marcas devem nos “falar” dos sujeitos. Esperamos que elas nos indiquem - sem ambiguidade - suas identidades. Gênero? Sexualidade? Raça? (Aparentemente seriam evidentes, “deduzidos” das marcas dos corpos. Teríamos apenas de ler ou interpretar marcas que, em princípio, estão lá, fixadas, de uma vez e para sempre.

¹⁰ <https://catracalivre.com.br/cidadania/homem-leva-4-tiros-apos-beijar-companheiro-em-bar-na-bahia/>

¹¹ <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>

¹² <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/07/19/confundidos-com-casal-gay-pai-e-filho-sao-agredidos-no-interior-de-sp-homem-perdeu-parte-da-orelha.html>

Essas marcas geram desconfortos quando os sujeitos não se percebem dentro delas. Quando esse universo marcado está em desajuste com sua maneira de falar, de vestir, de andar, de ver o mundo. As marcas que nos deixam quando pensamos por nós, antes mesmo de nascermos, causam, por vezes, frustrações e grandes decepções. Marcas que geram feridas e que demoram para cicatrizar. Estigmas que ficam para o resto de uma vida e que causam, de maneira violenta, às vezes, até uma autoagressão.

Portanto, os valores e os modelos de conduta produzidos na escola e transmitidos por ela, tanto por meio dos conteúdos da educação formal (currículo), como através da interação cotidiana com alunos/as, pessoal de apoio, administrativo, direção/supervisão pedagógica, professoras e professores (prática de ensino), parecem encarnar as crenças, os preconceitos, as discriminações, as desigualdades, os estigmas que são comuns em nossa sociedade.

Por exemplo, será que um simples gesto de afeto como andar de mãos dadas nos corredores da escola ou um selinho entre casais do mesmo gênero é bem visto por todos os atores que compõem o cenário da escola? De acordo com Almeida (2014) aos homossexuais são restritos os banheiros da escola para esses “encontros”. “Os banheiros nos mostram aquilo que não pode ser visualizado nas salas de aula ou nos corredores na hora do intervalo. É no banheiro que registramos a demonstração mais clara e espontânea da Sexualidade e Orientação Sexual” (ALMEIDA, 2014, p.19). Essas práticas, tendem a se repetir, quando em fase adulta, gerando ainda mais estigmas nos sujeitos homossexuais, como o da promiscuidade.

De acordo com Raposo e Teixeira (2013, p.97) “os banheiros garantem privacidade e anonimato, ainda que em ambientes públicos, permitindo assim transgressões e manifestações de impulsos sexuais. Destas possibilidades nascem fantasias e receios (...)”. Os banheiros, nessa perspectiva, mais do que simples lugares destinados às necessidades fisiológicas, naturais do ser humano, é um espaço no qual se transgride. As autoras continuam:

Os banheiros são espaços de alta densidade simbólica para a investigação das relações de gênero e sexualidade no contexto público e escolar. Materializam e expressam concepções e práticas de cuidado do corpo e do meio ambiente - já que são locais de depósito das excreções - marcadas por significados de sexo e gênero: como são arquitetados e organizados? Como são usados? Quem os mantém limpos? Tais questões sugerem reflexões que articula gênero, sexualidade, corpo e educação. (RAPOSO e TEIXEIRA: 2013, p. 1).

Entretanto, embora o banheiro seja espaço de “refúgio”, ele também é um espaço de agressão. Se fizermos uma visita rápida às escolas, poderemos observar, nas paredes, nas carteiras, nos bancos e nos banheiros, palavras como “viado”, “bicha”, “qualira”, “gayzinho”, “sapatão”, “traveco”, pinchadas, ao se referirem a “identidades estigmatizadas” ou marcadas, e ilustram as relações de desigualdade social dentro do espaço escolar, a partir das diferenças entre as pessoas (alunos/as, professora/as, funcionários, etc.) que nela se encontram.

À grosso modo, percebo, a partir de minhas vivências como profissional da educação e pesquisador, que “máscaras” parecem ser criadas dentro do espaço escolar, onde se finge que a educação é igual para todos e todas; no entanto, ela é utilizada como ferramenta de construção e reprodução das “normalidades” e dos padrões existentes em nossa sociedade. E o que é ser normal? Qual a condição para ser aceito dentro da sala de aula ou nos corredores da escola? Ser diferente não é o comum? Ou será que temos que ser como robôs, iguais até mesmo na aparência e função?

Podemos refletir, nesse sentido, sobre a formação naturalizada que alguns/algumas professores e professoras têm ao discutir sobre homossexualidade em sala de aula. Mas teria culpa todos/as eles/elas? Acredito que não, trata-se de pessoas que trazem consigo toda uma formação e vivência cultural conservadora e/ou uma formação fundamentalista religiosa. Valores, esses, adquiridos dentro do seio familiar e que, por uma questão de ordem moral e princípios tradicionalistas, acabam fazendo parte de práticas educacionais de muitos professores e professoras. Uma questão que pode ser entendida pela sociologia por meio do *habitus*:

O *habitus*, que é princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, é produto de toda a história individual, bem como através das experiências formadoras da primeira infância, de toda história coletiva da família e da classe; em particular, das experiências em que se exprime o declínio da trajetória de toda uma linhagem e que podem tomar a forma visível e brutal de uma falência ou, ao contrário, manifestar-se apenas como regressões insensíveis (BOURDIEU, 2003, p.131).

O *habitus* funciona, portanto, como esquema de ação, de percepção, de reflexão, encarnado no corpo e na mente, de forma durável e com o contorno de disposições permanentes por meio de gestos, posturas, formas de ver o mundo, de classificar a si próprio e seus pares por meio de suas próprias classificações. É algo adquirido nas estruturas sociais e históricas de cada um dos campos e de cada um dos agentes e decorrente delas.

Nesse propósito, o *habitus* apresenta-se ao mesmo tempo como social e individual, reportando a sistemas de classificações, que são evidenciados pelas posições sociais, nos quais, a estrutura objetiva de distribuição dos bens materiais e simbólicos, na sociedade, ocorre, fundada em parâmetros de desigualdade. Essas classificações é que podem conceber os estereótipos e os estigmas dentro da escola, quer seja entre os/as colegas de turma quer seja por meio das práticas de ensino.

Sobre isso, Bourdieu e Passerón (1992, p.20) consideram que “toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural” e a violência simbólica ocorre toda vez que se impõe um significado como legítimo e verdadeiro. Já Guacira Lopes Louro (2013, p.60), em seu artigo *Corpo, Escola e Identidade*, ao se reportar à autora Bell Hooks, abre a discussão considerando que

as teorias educacionais e as inúmeras disciplinas que constituem os cursos de formação docente pouco ou nada nos dizem sobre os corpos - dos estudantes ou dos nossos. Com exceção da Educação Física, que faz do corpo e de seu adestramento o foco central de seu agir, todas as demais áreas ou disciplinas parecem ter conseguido produzir seu “corpo de conhecimento” sem o corpo. No “sagrado” campo da educação não apenas separamos mente e corpo, mas, mais do que isso, suspeitamos do corpo. Aparentemente estamos, nas escolas e universidades, lidando exclusivamente com ideias e conceitos que de algum modo fluem de seres incorpóreos.

Na obra clássica de Michel Foucault (1987), *Vigiar e Punir*, é possível perceber as inúmeras estratégias e técnicas inventadas para esquadrihar os corpos, para conhecê-los e escolarizá-los; para produzir gestos, posturas e movimentos educados, cristãos, civilizados, urbanizados, dóceis; para construir hábitos saudáveis, higiênicos, adequados, dignos. Na verdade, nos textos antigos é possível perceber, explicitamente, o quanto o corpo “fala” sobre a alma, o quanto ele está implicado e envolvido na sua construção (e também na construção da inteligência, da razão, enfim, na construção do sujeito). “Uma postura reta”, diz um antigo texto marista, supõe muito mais do que uma forma de posicionar as costas ou os membros ao longo do corpo, ela é indicativa de uma “retidão de caráter” (Louro, 2008, p. 93).

Nesse sentido, a autora Fátima de Freitas (2011) diz que a educação conservadora e seu modelo de ensino perpetuam todas as diferenças, principalmente a de gênero, tendo como maior prejudicada - a mulher, por ser considerada frágil e inferior ao homem. Contudo, eu acredito que tudo o que for feminino ou que foge do aspecto biofísico masculino é descartado nesse tipo de educação (gays afeminados, travestis, mulheres trans, drag queens, crossdress, etc.).

Diante desse processo de estigmatização e discriminação social que afeta diretamente os sujeitos homossexuais, a escola aparece como “um espaço de transformação e de redenção social” (SILVA, p.30, 1994). Esse autor abre uma reflexão de como a própria escola, com suas normas, rotinas e ambiências, produz e reproduz concepções e lógicas discriminatórias da sociedade. Assim, a escola é um dos locais onde as pressões e vigilâncias se manifestam mais visivelmente, por se tratar de um espaço onde as relações de poder sobre questões de gênero/sexualidade, raça/etnia, entre outras, e se reproduzem.

Romper com esse tipo de educação é um grande desafio, pois implica criar novas concepções das relações de gênero, pautadas na equidade. Como diz Scott (1995, p.73) “as categorias gênero e etnia são cruciais para a escrita de uma nova história, que inclui as narrativas dos oprimidos e das oprimidas e uma análise da natureza de sua opressão, a fim de que se possam compreender as desigualdades existentes”.

Portanto, é preciso, sim, compreender que culturalmente essas desigualdades e as características conservadoras, fundamentalistas e violentas estão enraizadas no sistema educacional brasileiro e que representam um dos grandes entraves de uma educação escolar que seja acolhedora, emancipatória, reflexiva, crítica e para a diversidade. Muitos/ estudantes sofrem por apelidos, devido ao formato do corpo, pelo gingado diferente, por serem calados (as) ou muito expressivos (as), e são essas questões que construirão um adulto que, em alguns casos, tem medo da sociedade.

De acordo com Sá-Silva (2012), por meio de funcionários, professores e professoras, que em seus discursos reverberam estigmas, preconceitos e agressões, podem tornar o ambiente escolar num local indesejável a quem precisa da educação e procura por ela. Então, como tornar esse espaço agradável para a população minorizada e marginalizada, como os/as homossexuais?

Reconhecendo os fundamentos das diferentes áreas de conhecimento e a necessidade de pensar a Educação como campo formativo, a sexualidade e suas diferentes experiências e expressões são características constituintes de uma formação para o pleno desenvolvimento da pessoa e seu exercício para a cidadania. É feliz o trabalho que empreendem as pessoas que organizam e as autorias em propor olhares por outras perspectivas (TAKAKURA, 2020).

A educação sexual é o processo humano pelo qual as pessoas compartilham conhecimentos relacionados ao sexo e à sexualidade: ao afeto, ao prazer, ao sentimento, ao autoconhecimento e aos valores construídos sócio historicamente. Acontece nos mais variados espaços de aprendizagem, formal e informalmente, planejada ou não planejada, pois, como seres humanos sexuados a educação está sempre presente, mesmo que se fiquemos calados/as quando o assunto é sexo ou sexualidade.

A coragem, como a violência e o silêncio, como a força e a ordem, está do lado de vocês [...] desejo que inventem novos e frágeis usos para seus corpos vulneráveis. É por amá-los que os desejo frágeis e não corajosos. Porque a revolução atua através da fragilidade”. (PEREIRA, 2019, p. 136).

Transgredir como prática de ensino é uma tática de ensino que convida quem aprende a reconhecer os traumas, os preconceitos, os limites e as dificuldades impostas por esse sistema. Bell Hooks (2013, p. 273) propõe a educação como tarefa de criar coletivamente “[...] esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir”. Desse modo, educação para as sexualidades é o conjunto de práticas que vêm dialogar sobre sexo, orientação sexual, discursos, poder, opressão e direitos humanos e sexuais, compreendendo o ser humano para além dos aspectos biológicos (FURLANI, 2011).

Produzir modos de vida outros perpassa a difícil tarefa de reconhecer que esse sistema inferioriza, silencia, fragiliza. Caso venha de outros campos do saber, saiba que seu papel também é pedagógico. Ser outro modo de viver no mundo corrobora com tantas outras formas de vida que não têm referências para se compreender como vida possível.



¹³ Aqui eu tenho um entendimento de que não cabe o termo minorias, mas reflito que as comunidades de pessoas negras, LGBTQI+, indígenas, camponesas, em situação de rua, mulheres, entre outros/as/es são comunidades minorizadas, ou seja, reduzidas a uma minoria que na realidade não existe, pois, aqui no Brasil, representam mais da metade da população. Portanto, é o discurso do opressor branco, elite e masculinizado que marginaliza o que não pertence ao seu padrão.



*Diálogos
&
Propostas sobre a
homossexualidade*

Conversar sobre Educação Sexual e Sexualidades não é uma tarefa tranquila e fácil de executar dentro de uma cultura escravocrata, patriarcal e elitista que se firmou, desde os tempos de colonização, como é o caso do nosso país, o Brasil. Entretanto, são temas que estão cada vez mais presentes, nos serviços jurídicos e de saúde, empresas, famílias, instituições religiosas, nas redes sociais e, sobretudo, nas escolas. E, por vezes, falar sobre os assuntos derivados dessa temática geram dúvidas, polêmicas, debates, discussões e questionamentos que precisam ser tratados, ao meu ver, de maneira franca, simples e sem constrangimentos.

Visando, portanto, contribuir no debate sobre homossexualidade e homofobia, elaborei este e-book para melhor entendimento e compreensão sobre essa temática, bem como disponibilizar, aos profissionais da educação, uma sequência metodológica de propostas pedagógicas para se trabalhar o tema da homossexualidade e homofobia na escola.

Antes de mais nada, é fundamental o entendimento de que os produtos educacionais não são “fórmulas mágicas”, mas, sim, ferramentas pedagógicas, elaboradas por profissionais em formação e comportam, em seu conteúdo, conhecimentos organizados objetivando a prática pedagógica:

[...] tal produto não é mera transposição didática de uma escola para outra. Muito menos um material didático pronto para ser manipulado por professores e estudantes. Pelo contrário, é vivo, contém fluência, movimento, e nunca está pronto e acabado, porque representa a dinâmica das aulas [...] vivenciada pelos estudantes. (SOUZA, 2005, p. 04)

As situações didáticas aqui propostas extrapolam o contexto da escola, uma vez que os preconceitos, estigmas e estereótipos estão presentes em inúmeras circunstâncias no cotidiano das pessoas, seja na novela, nas fotos de jornais e revistas, nos filmes, nas obras literárias, na publicidade, nas artes visuais, nos livros didáticos e paradidáticos, etc. Então, seja por meio da palavra escrita e falada ou das imagens, as pessoas estão imersas em um mundo que produz e veicula um grande quantidade de mensagens carregadas de restrição ou desrespeito à diversidade.

Uma prática educativa que possa atender a tal desafio envolve uma compreensão específica a respeito dos processos de aprendizagem e de ensino. Com relação à aprendizagem: é necessário entendê-la não apenas como um processo interno das/us/os estudantes, mas como um processo que envolve, necessariamente, a interação com outras/outros/outres e com objetos de conhecimento. Pois esses/essas estudantes por intermédio de desafios proporcionados pelas trocas com suas/seus colegas constroem seu próprio conhecimento.

Por sua vez, o ensino deve ser visto como um processo organizado no sentido de favorecer essas trocas e propor desafios, buscando criar oportunidades para a sistematização dos conhecimentos, para a reflexão e para o aprofundamento da relação teoria e prática. Nesse sentido, os processos formativos nos mestrados profissionais visam contribuir com a solução dos possíveis questionamentos emergidos em cada realidade das/us/os professoras/ies/es, por meio de uma formação que lhes favoreça a reflexão de suas ações e a não separação entre teoria e a prática.

As propostas didáticas aqui presentes são inspiradas e concebidas a partir da leitura e análise de vários livros e e-books que tem como princípio base a problematização permanente da prática educativa como estratégia para que a informação adquirida e o conhecimento construído se tornem, de fato, significativos, contribuindo, assim, para a formação cidadã e consciente das/us/os estudantes/ies.

Seguindo a sugestão do Caderno de Atividades do Curso de Gênero e Diversidade na Escola (2009, p. 16), proponho que as atitudes a serem desenvolvidas com elas, elies e eles sejam:

1) Atitudes relativas ao posicionamento social

- a) Reconhecer o respeito às identidades, diferenças e especificidades;
- b) Respeitar e valorizar a diversidade;
- c) Combater qualquer forma de discriminação;
- d) Promover equidade.

2) Atitudes relativas à compreensão cognitiva

- a) Desnaturalizar diferenças culturais, compreendendo que a identidade de grupos, bem como os estereótipos, estigmas e preconceitos, são construções socioculturais e históricas;
- b) Compreender a complexidade com que os fenômenos se interrelacionam;
- c) Perceber como a acumulação de características desprivilegiadas potencializam desigualdades e discriminações, tais como, a homofobia
- d) Reconhecer/ identificar marcas de estigmas, estereótipos e preconceitos presentes em diferentes âmbitos da sociedade.

Diante do exposto, o importante é ressaltar a autonomia das/us/os professoras/ies/es ao planejar essas atividades, escolhendo as situações que mais estejam adequadas ao contexto das/us/os estudantes/ies ou, também criar suas próprias situações didáticas. Aqui também, não me preocupo em definir faixa etária das/us/os estudantes/ies, série ou disciplina onde poderá ser desenvolvida a proposta pedagógica, pois acredito na liberdade que as/us/os professoras/ies/es tem de adequar tais situações ao seu ambiente de trabalho, sem pré-determinações. Tampouco, se indica uma dedicação ideal de tempo para desenvolver as propostas.

Cada escola tem sua demanda específica, portanto, é fundamental que haja interação entre todas as disciplinas. Conhecer o corpo discente é importante, verificar a existência da diversidade nas pessoas que integram a escola, para depois aplicar as propostas. O diálogo nesse sentido, me parece ser nossa primeira ferramenta metodológica. A transversalidade na abordagem da temática homossexualidade e homofobia torna mais produtivo o bem-estar das/us/os estudantes/ies na escola, tendo em vista o compromisso de toda ação educativa com a construção da cidadania, com seus ingredientes de ética e justiça. Portanto, teremos menos reprodução de qualquer tipo de discriminação e violência, como a homofobia, bem como a evasão escolar ocasionada por ela.



Então, vamos às propostas:

1. Aula Cine-debate



O cinema faz uso da linguagem como ferramenta fomentadora de identidade. Ele nos oferece um largo campo de exploração e aprofundamento não só teórico, mas visual, cultural e artístico no que tange a experiência, a educação do olhar, a revelação de novas perspectivas e a construção de imaginários cinematográficos.

Com isso, o cinema por intermédio de suas lentes e narrativas captura o cotidiano, nos mostra as condições de origem e o entrelaçamento de outras culturas, além de evidenciar por intermédio da narração fílmica a representação de mundo preconceituoso, que na sociedade atual pouco dá ênfase nas questões étnicas, de gênero e de sexualidade.

Sendo assim, o cinema tem essa capacidade de reascender certas lembranças sejam elas oriundas da infância, da adolescência ou até mesmo da fase adulta em nós telespectadores, além de registrar e mostrar emoções, situações cotidianas onde os sujeitos inseridos encontram - se impotentes, rejeitados, constrangidos, de olhar triste, mas capazes de superar todos os empecilhos, de serem solidários com os outros/outras, de expressarem os seus sentimentos, entre outros.

Assim, o que antes era de difícil acesso tornou-se facilmente disponível graças às inovações tecnológicas. O inalcançável tornou-se alcançável e o inacessível virou acessível. Conforme, Orlandi (2009) "ao produzir signos os homens estão produzindo a própria vida: com eles o homem se comunica, representa seus pensamentos, exerce seu poder, elabora a sua cultura e sua identidade etc". As mensagens visuais ou determinados signos visuais restritos apenas a uma determinada localidade/região romperam as fronteiras controladas unicamente pela geografia e linguagem.

O curta-metragem, ou simplesmente curta, é definido no dicionário Houaiss como "filme com duração de até 30 minutos, de intenção estética, informativa, educacional ou publicitária, geralmente exibido como complemento de um programa cinematográfico". O curtametragem será utilizado em nossa prática pedagógica como uma ferramenta educativa do "olhar" e do respeito ao "outre/a/o".

Então, como será nossa sugestão de aula Cine-debate?



Título sugerido para a proposta pedagógica: Curta Diversidade



Objetivos: sensibilizar us/as/os estudantes por meio do debate de curtas metragens referentes à temática da diversidade na escola, além de promover debates a partir de um referencial teórico sobre o tema elencado no vídeo, despertando neles e nelas, senso crítico e reflexivo sobre sua própria formação e desenvolvimento social. Compreender o que vem a ser homofobia e os impactos deste tipo de discriminação na vida de pessoas homossexuais.

Metodologia:



1 Etapa

Sugere-se que se exiba o curta-metragem *Eu não quero voltar sozinho*, disponível em todas as plataformas de streaming, como o YouTube, por exemplo. Este curta fala sobre um jovem estudante adolescente que além dos desafios da deficiência visual (cego), se vê em conflito com a construção de sua sexualidade, tentando compreender qual sua orientação sexual. Após o término do curta, será solicitado que us/as/os estudantes/es mencionem em uma palavra ou em poucas palavras (palavras-chave) o que pôde ser observado durante a exibição do vídeo, tanto de modo explícito quando implicitamente.

Enquanto us/as/os estudantes/es forem se posicionando, a/o professora/or vai anotando as palavras no quadro. Dentre todas elas, em conjunto, professores e estudantes vão selecionando as que mais identificam os problemas relacionados no curta. A partir daí, será proposta a primeira atividade: us/as/os estudantes/es anotarão as palavras selecionadas e descreverão, por escrito, suas percepções sobre cada uma delas; também será pedido para que pesquisem sobre situações que envolvam homofobia para fazer uma breve descrição e relatar como enxergam a situação.

Sugiro que esta atividade, seja um encaminhamento para casa, a ser entregue no próximo encontro.

Material: computador, data-show, caixa de som amplificador, quadro, pincel ou giz, caneta, caderno.

Observação: A escolha do curta ou do filme é opcional, aqui deixo uma sugestão de outros que podem ser trabalhados em sala de aula. Entretanto, cabe ao corpo docente avaliar o que melhor condiz com a realidade de sua sala de aula.





11 Etapa

Roda de debate: proponho que estudantes/es estejam sentadas/us/as, em círculo e, se possível, no chão da sala, de maneira mais confortável possível. Dessa forma, ficarão à vontade para compartilhar as notícias de manifestações homofóbicas que pesquisaram e suas visões sobre a situação, além das suas concepções sobre as palavras selecionadas na aula anterior. Por envolver a problemática da homofobia, supponho que o próprio termo e outros relacionados à temática (como preconceito, discriminação, homossexual, gay, homossexualidade) possam aparecer, já que se tratam de atitudes contra pessoas vistas como homossexuais. A intenção é deixá-lus/as/os livres para fazerem a exposição de suas concepções, evitando a interferência du/a/o professore/a/or em dizer o que está certo ou errado; a função docente, nesse caso é apenas mediar a tempestade de ideias que vão aparecer, evitar possíveis conflitos que possam surgir no calor do debate. Ao final do debate, peçam para que registrem o momento, por escrito e recolha.

Material: espaço da sala de aula.



111 Etapa

Nesse encontro u/a/o professore/a/or terá o desafio de desconstruir estereótipos que marcam sujeitos: projete no quadro uma série de imagens na qual estudantes/es poderão olhar e dizer (julgar) se tal pessoa é homossexual ou heterossexual, se um é casal heterossexual ou homossexual. Para cada imagem, será anotada na lousa, na ordem de apresentação, a opinião delies/as/es sobre a sexualidade de cada pessoa da imagem. Posteriormente, as imagens serão apresentadas novamente, mas com a verdadeira identidade de gênero e orientação sexual com a qual cada pessoa se identifica. Ao comparar com as identidades identificadas pelus/as/os estudantes/es listadas na lousa, serão analisados os equívocos, a fim de demonstrar que os estereótipos não se sustentam. Assim é possível relacionar a homofobia não só a homossexuais e transexuais, mas também a pessoas heterossexuais que possam ser vistas como homossexuais. Pode-se também com isso compreender que a aparência ou jeito de ser de uma pessoa pode motivar atos de violência tão graves que podem levar à morte.

Material: computador, data-show, quadro, pincel.





1ª Etapa

Conforme o tempo estabelecido pelo/a/o professor/a/or, esta etapa pode acontecer no mesmo dia que a anterior: organize us/as/os estudantes/es em círculo novamente, mas que permaneçam em suas carteiras, eles vão precisar escrever depois. A ideia desta etapa é desnaturalizar a ideia do determinismo biológico da sexualidade que aponta para a heterossexualidade como natural e, por isso, normal, enquanto a homossexualidade seria anormal. Portanto, apresente a eles, elas e eles, os conceitos desenvolvidos por Michel Foucault e Jackson Ronie Sá da Silva, entre tantas outras pesquisas que conversam sobre a homossexualidade, se possível, entregue a cada um dos/as/os estudantes/es um resumo elaborado por você com as principais ideias dessas autoras e autores. O diálogo nessa etapa é para tornar compreensível a ideia de construção de uma identidade homossexual, tal construção de identidade pode ser ampliada para outras situações que vão além da sexualidade, como raça, etnia, gênero, classe, entre outras.

Material: espaço da sala de aula, resumo impresso com as principais ideias de autoras, autories, autores sobre homossexualidade e homofobia. Se precisar, use o data-show.



2ª Etapa

Após todas as discussões e desconstrução de estereótipos e da visão negativa da homossexualidade, organize a sala em 3 grupos que serão identificados pelo nome das personagens do curta (Gabriel, Léo e Geovana). Diga aos grupos que cada um/a responderá a partir daquele momento eles irão responder a perguntas que previamente você elaborou por exemplo:]

- 1) Léo, como você se sente sendo cego?
- 2) Léo, você é homossexual?
- 3) Geovana, você apoiaria o Léo se ele se apresentasse como homossexual a você?
- 4) Geovana, você gosta do Léo como amigo ou como namorado?
- 5) Gabriel, o que você diria pro Léo se estivesse sozinho com ele?
- 6) Léo, o que você diria pro Gabriel se estivesse sozinho com ele?
- 7) Gabriel você beijaria o Léo?

Use a criatividade na elaboração das perguntas.

Observação: Não tente separar as perguntas por gênero ou sexo ou por orientação sexual dos/as/os estudantes/es, mesmo que seja um menino, por exemplo, pergunte a ele como a personagem feminina, e assim, por diante. Não separe os grupos por gênero ou sexo ou orientação sexual, evite as “panelinhas” (o sorteio é uma boa estratégia). O objetivo é que us/as/os estudantes/es se sintam na pele das personagens, de forma misturada.

Após o momento de perguntas, pergunte como se sentiram. E proponha que escrevam um possível final para o curta, a ser trazido no próximo encontro.



Proponha um concurso (sem premiações) do final mais desconstruído na escola e, se possível, gravem esse final em formato mp4 a ser exibido para todos/as em um festival de curtas na temática Educação Sexual e Sexualidades na Escola, organizado pelos/as/os próprios/as/os estudantes/es, com a supervisão de uma equipe de professoras/es.

Sugestão de filmes/curtas/documentários:

CURTAS METRAGENS

* Disponíveis no Youtube de forma gratuita



Filme Homofobia 2º E	Curta - café com leite
Alguma coisa assim (curta gay)	Curta - eu não quero voltar sozinho
Bons Meninos [curta-metragem] Good Boys	Precisamos conversar
Brotherly (2008)	Pele suja minha carne
Camionero (2012)	Luck Blue
Curta-metragem Papéis Trocados	No Match Found
Curta - amor Crudo - Completo	Proteja-me daquilo que eu quero
Oranges	Transcender
Química orgânica	Solo por amor (gay)
Secret (short film)	The boy next door - Part 1 e 2
Starcrossed - O amor Contra o Destino	Treze minutos ou perto disso
The Closet (short film)	Vida Maria
Triple Standard (triplo padrão)	Vida de um adolescente gay
Vista minha pele	O Diário aberto de R (part 1 e 2)

SÉRIADOS*



Disponíveis no Youtube de forma gratuita
** Disponível em Netflix

O diário deles	Positivos
Apenas Heróis	O lar de todas as cores
Tão só, tão seu	Divando
Sex Education**	Você é o melhor pra mim



LONGAS*

* Disponíveis na principais plataformas de Stream:
Netflix, Torrent, Amazon Prime, You Tube.

Holding the man	Degrassi Next Class
Elisa e Marcela	Meu melhor amigo
Jonas	Carta para Wang Foo
Assunto de meninas	Cazuza o tempo não para
Do começo ao fim	Eclipse total
Entre elas	Eu matei minha mãe
Anjos do Sol	Garotos de programa
De repente, California	Festa de Formatura
O homem da minha vida	Patrick
Priscila, a rainha do deserto	Meu mundo em cor de rosa
Carandiru	Hoje eu quero voltar sozinho
Você nem imagina	Alex Strangelove
The feel	Azul é cor mais quente

Sugestões de leituras



BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. (sexualidade, gênero e sociedade)

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (Ensaio Geral, 1)

JUNQUEIRA, R. *Diversidade sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* (Org.). Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Homofobia nas escolas: um problema de todos*. Brasília: MEC/UNESCO, 2009, p. 13-51.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Leituras Filosóficas. 12ª Ed. São Paulo: Loyola, 2005.

SÁ-SILVA, J. R. *Homossexuais são: revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva queer*. 2012. 400f. Dissertação (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

SÁ-SILVA, J. R. *A construção de uma pedagogia dos manuais médicos: um olhar queer sobre os discursos médicos da homossexualidade no século XX*. Revista Bagoas, n. 16, p. 111-136, 2017

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; SILVA, Raimundo José Pereira da. *Infância, Educação Infantil e Educação Sexual: uma abordagem teórica a partir dos Estudos Culturais em Educação*. In: SÁ-SILVA, Jackson Ronie (Org.). *Ensino de ciências e educação para a diversidade*. 1. ed. São Leopoldo: Oikos; São Luís: Editora UEMA, 2018, p. 152-171.

2. Aula teatro



As práticas teatrais, tais como a dramatização, musical ou teatro-dança, podem acontecer em diversos espaços, sendo que o palco é só mais um espaço para a existência do teatro e não o único. Historicamente, o teatro acontece nos ambientes educacionais, formais e informais, em duas ocasiões: nas comemorações de datas festivas e cívicas (Dia das mães, dos pais, 7 de setembro, etc.) ou como ferramenta de apoio a alguma atividade específica de disciplinas como língua portuguesa, história, ciências etc., desenvolvendo conteúdos de outras áreas do conhecimento.

De acordo com as educadoras Tais Ferreira e Maria Fonseca Falkembach (2012, p. 11), o que torna um espaço teatral são as ações empreendidas nele: “o teatro se dá em um espaço simbólico que é construído pela ação social dos atores-jogadores, daqueles que participam do jogo teatral. Dessa forma, a sala de aula pode se transformar em um espaço de jogo, em um espaço-tempo de criação teatral, onde a imaginação, o corpo e ação dos alunos estejam integrados na construção de novos saberes e competências expressivas”.

De acordo com o professor de teatro, Fernando Nascimento, o ensino de arte na escola, em especial o teatro, pode proporcionar experiências artísticas através do sensível que toquem alunos/as e oportunizem relações de alteridade nos processos criativos em sala de aula. , a sensibilidade e transgressão da arte na escola quando os/as professores/as de arte percebem a importância da emancipação dos/as alunos/as através da prática artística na escola. Além de destacar, a partir da perspectiva queer, como a representatividade dos corpos queer em sala de aula oportuniza também uma abertura para a empatia, o respeito e o protagonismo da pluralidade LGBTQ+ no ambiente escolar e fora dele. É neste lugar de reivindicação do direito de existir e ocupar estes espaços artísticos e sociais que se encontra a representatividade na escola:

Destaco ainda, como ressaltam os/as professores/as, a importância da representatividade dos nossos corpos compondo este espaço escolar como forma de ruptura das normas de segregação e silenciamento na atual situação de desmontes da educação no Brasil, sobretudo com a dissiminação explícita de discursos de ódio e das ideias do “escola sem partido”, bem como da “ideologia de gênero”. Sendo que, novamente, a representatividade queer nesse âmbito torna-se relevante, quando está associada à presença e atitudes de afetividade, acolhimento e empoderamento em sala de aula. (NASCIMENTO, 2019, p. 79)



Me parece, então, pertinente, trazer o teatro como uma proposta não somente pedagógica, mas como uma ferramenta de resistência contra os discursos biologicistas, moralistas, religiosos, excludentes e violentos que estão presentes dentro do espaço escolar. Há uma liberdade sobre as corpos e corpos dentro desta área do conhecimento; os assuntos pertinentes à Educação Sexual e Sexualidades, tais como a homossexualidade e homofobia, são dialogados sem pudores, sem polêmicas e constrangimentos. São temas compreendidos para serem estudados progressivamente, de acordo com cada faixa etária da criança e adolescente; na educação infantil, no ensino fundamental e médio, a partir de recursos didático-pedagógicos que ampliem os conhecimentos emancipatórios dos/as educandos/as (FURLANI, 2011).

Podemos definir como teatro todo aquele acontecimento que envolve, como mínimo para sua existência, um ator, um espectador e uma intenção estética, ou seja, que age (o ator ou atriz), por meio de sua presença, de suas ações com os signos (verbais, sonoros visuais, cinestésicos) que veicula, deve ter a intenção de atingir, de modo sensível, sensorial e cognitivo, aquela/e que a/o assiste, a/o espectadora/or. No entanto, cabe à espectadora e ao espectador também ser uma/um criadora/criador, ao construir, a partir de suas experiências e vivências, significados e sentidos acerca daquilo que lhe foi proposto pelos/as/os atores/es e atrizes (ou pelo espetáculo, ou cena, como um todo). (FERREIRA, 2012).

Então, como será nossa sugestão de aula teatro?



Título sugerido para a proposta pedagógica: Representando papéis (de gênero)

Objetivos: Proporcionar um ambiente mais acolhedor e interacionista entre meninos, meninas e meninos. Dialogar sobre os papéis socialmente e culturalmente atribuídos a homens e mulheres em nossa sociedade. Verificar a presença de ações e vivências homofóbicas entre us/as/os estudantes e estudantes.

Metodologia:



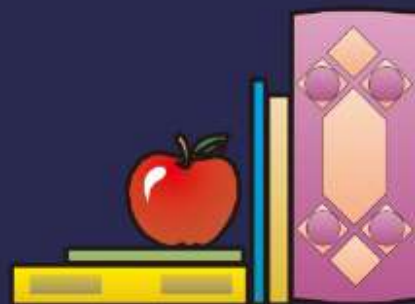
1 Etapa

Primeiramente, u/a/o professorie/a/or pergunta para a turma quais possíveis papéis que são atribuídos a homens e mulheres em nossa sociedade: o que as mulheres devem fazer? Como elas devem se vestir? Como elas devem brincar? Que profissões são tidas como femininas? Quais cores representam as mulheres? Que brinquedos e brincadeiras são desenvolvidas para meninas? E quanto aos meninos? Faça as mesmas perguntas para eles.

No quadro faça uma divisão: Meninas e Meninos. Anote as informações em síntese na lousa. Após a anotação no quadro das informações oferecidas pelos/as/os estudantes/es, pergunte: e se um menino gostasse de tudo ou de parte daquilo que é atribuído às meninas? O que ele seria? Deixaria de ser menino? Faça o mesmo em relação às meninas. Deixe que elas/eles falem. Observe os comentários, as informações devem ser anotadas num caderno de campo pelu/a/o professorie/a/or.

No final, peça para que us/as/os estudantes/es tragam, no próximo encontro, artefatos que eles gostam de utilizar no dia a dia, como estilo de roupa, brinquedos, jogos, acessórios, maquiagem, etc. Deixem que elies/elas/eles se sintam à vontade para trazer os elementos com que mais se identificam.

Material: quadro, pincel, caderno de anotações, objetos diversos que retratam o gosto de meninos, meninas e meninos.





11 Etapa

No quadro escreva Meninas, Meninos e Homossexuais (Lésbicas e Gays), faça três colunas. De novo, anote o que seria de menino e o que seria de menina, na terceira coluna coloque aquilo que foi elencado como coisas de homossexuais. Depois peça para que os meninos e as meninas comparem seus artefatos com o que foi escrito no quadro. E pergunte como se sentem após verificar seus gostos com seus julgamentos. Medie a tempestade de opiniões e anote em seu caderno de campo.

Posteriormente, peça para que haja uma troca entre elies/elas/eles, por exemplo, se alguém trouxe uma boneca, faça com que outres/outras/outros brinquem em conjunto, se foi um acessório, deixe que experimentem, se for maquiagem permita que meninos, por exemplo, sejam maquiados. À princípio, haverá relutância por parte de alguns, mas tente convencê-lo a participar da dinâmica de grupo, sem, no entanto, forçá-lo/a a fazer.

Por fim presente os conceitos de gênero e de sexualidade baseados nos estudos de Berenice Bento, Jimena Furlani ou Guacira Lopes Louro. Converse abertamente sobre a construção sociocultural desses conceitos e como a partir deles podemos compreender a sociedade heteronormativa. Desconstrua a ideia de que há coisas de menino e de menina, que há outras possibilidades de ser, além da ideia binária, ou seja, comente sobre pessoas não-binárias e se tiver alguma pessoa não-binária na turma que queira falar como ela se sente, convide para mediar a conversa e mostrar seu ponto de vista. Não defina o conceito de heteronormatividade, apenas peça para que pesquisem e tragam informações sobre este termo no próximo encontro.

Material: quadro, pincel, caderno de anotações, resumo impresso dos conceitos de gênero e sexualidade (se possível distribuir para cada um).





11ª Etapa

Com o conceito de heteronormatividade em mãos, façam uma tempestade de ideias sobre o que us/as/os estudantes/es trouxeram e dê a seguinte tarefa a ser realizada em grupo: elies/elas/eles terão que em grupo criar uma situação que retrate uma ação de homofobia, pode ser em formato de dança, performance, musical ou dramatização, deixe que usem a criatividade. Dê bastante tempo para que se organizem e façam o roteiro de sua dramaturgia/cena/espetáculo.

Material: à vontade



Última Etapa

Com as atrizes e atores prontos/as/os realize blocos semanais de apresentação primeiro em sua aula, depois leve as apresentações para toda a escola.

Material: à vontade



Sugestões de leituras



BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. - 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. (Sujeito e História)

CASSAL, L. C. B.; BICAIHO, P. P. G. “Não importa ser ou não ser, importa parecer”: pistas sobre violência homofóbica e educação. In: Bortolini, A. (org). Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: Educação, Cultura, Violência e Ética. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão/UF RJ, 2011. p.78-93

FERRERÁ, Taís. Teatro e dança nos anos iniciais. Org. Taís Ferreira e Maria Fonseca Falkembach. - Porto alegre, RS: Mediação, 2012.

FURLANI, Jimena. Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

HODDS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos / Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Interlocuções teóricas do pensamento transfeminista. In: JESUS, J. G. de. et al. Transfeminismo: teorias e práticas. Rio de Janeiro: Metanóia, 2014. p 3-18.

NASCIMENTO, Fernando Augusto do. Teatro e representatividade queer: experiências com a metodologia do drama na escola. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Teatro, Florianópolis, 2019.

PEREIRA JUNIOR, Jurandir Eduardo. Nem homem, nem mulher, gente: trajetória do grupo Dzi Croquettes entre o passado e reflexões no presente. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Teatro, Florianópolis, 2016.

PRECIADO, Paul B. Testo yonqui. Madrid: Espasa, 2008.

3. Aula Linguagem



A língua portuguesa, principalmente em sua parte gramatical, é marcada por uma estrutura machista, embranquecida e elitizada. Refletimos muito pouco sobre suas normas que reforçam e reproduzem estereótipos, estigmas e marcas sobre pessoas homossexuais, por exemplo, gerando por conseguinte, a homofobia. Entretanto, podemos utilizá-la para pensarmos sobre o tema da homossexualidade em sala de aula.

A linguagem é um sistema de comunicação que as pessoas utilizam entre si para interagir. Uma linguagem constitui um sistema de signos de natureza social, de modo que apenas um sistema compartilhado cujas regras são conhecidas por todos, garante uma comunicação eficaz. Obviamente, a linguagem falada é a que vem com maior facilidade em nossas mentes; no entanto, existem outras variantes, como por exemplo, a linguagem não-verbal por meio de imagens e objetos, a linguagem de sinais (A LIBRAS, exemplo), entre outras possibilidades de enviar mensagens para qualquer receptor/a.

A recorrência a linguagem pejorativa é comum nas violências contra homossexuais. É importante destacar a linguagem porque ela apresenta visões de mundo, representações e também, a nomeção do outro por formas negativas ou contrárias à sua vontade, com o intuito de humilhar, discriminar, ofender, isolar, tyrannizar e ameaçar. No caso da escola, o cuidado com a linguagem, com os discursos de estudantes e de professorias/as/es ganha mais relevância, indicando problemas no objetivo do projeto escolar, de formar mentalidades por parâmetros de igualdade:

A linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utilizam esses mecanismos em relação às raças, etnias, classes, sexualidades etc.). Além disso, tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não-dito, aquilo que é silenciado - os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. (LOURO, p. 15, 1997)

Portanto, quando penso em uma aula linguagem, é porque acredito que a linguagem tem esse poder de enviar mensagens não preconceituosas que alimentem toda e qualquer forma de violência, como a homofobia. Nessa aula us/as/os professorias/as/es de língua portuguesa podem propor uma aula de gramática não-binária, por exemplo, convidando professorias/as/es de língua inglesa, que tem elementos para falar sobre isso, já que nesse idioma há elementos não-binários.

Então, como será nossa sugestão de aula linguagem?

Título sugerido para a proposta pedagógica: Você fala minha língua?

Objetivos: Analisar a estrutura gramatical da língua portuguesa quanto ao gênero sexual. Verificar possíveis escritores/as e artistas homossexuais que estiveram presentes na produção de obras literárias, nas artes plásticas e visuais e na música e como as pessoas homossexuais eram retratadas por elies/elas/eles e por outrem. Produzir textos voltados para a temática da homossexualidade e homofobia.

Metodologia:



1 Sugestão

Especificamente com a homossexualidade, pode-se trabalhar o Dicionário Aurélio, disponível para download gratuito na internet. Esse dicionário traz verbetes, gírias, termos associados à comunidade LGBTQIA+. Traga algumas palavras em cartolina e fixe no quadro e pergunte para a turma se elies/as/es sabem o que significa. Quem quiser colocar sua definição, pega o pincel e escreve abaixo da palavra. Depois que todes/as/os participarem, revele o significado. Desconstrua que existe apenas uma forma de se comunicar na nossa língua portuguesa. Converse como foi a experiência em conhecer novas palavras. Pergunte se elies/as/es conhecem outras palavras.





11 Sugestão

Nesta etapa trabalha-se o campo da Literatura, pode-se refletir sobre poesias e poemas construídos por pessoas LGBTQIA+, que são facilmente encontrados na internet, peça para que us/as/os estudantes façam uma busca e traga para ser analisado em sala de aula. Utilize como ferramentas didáticas, também, músicas produzidas por bandas como Legião Urbana, Pablo Vittar, Glória Groover, Caetano Veloso, entre outras/os artistas que produziram músicas que refletem sobre a homossexualidade, homofobia e a diversidade em si. Forme uma roda de debate para extrair o máximo de conceitos e informações pertinentes à Homossexualidade e peça para que eles façam uma pesquisa sobre os termos desconhecidos a serem apresentados no próximo encontro.

Material: à vontade



111 Sugestão

Outra sugestão nesse tipo de aula é analisar as pinturas, quadros, esculturas de séculos passados e de nosso tempo, que retratem papéis de gênero, que falem sobre discriminações diversas tais como a homofobia e pergunte, por exemplo:

- 1) como a homossexualidade era vista na Grécia Antiga?
- 2) Como era vista na Idade Média?
- 3) Como era retratada pelo regionismo nordestino do século XVIII?
- 4) Quem foram us/as/os artistas homossexuais e como eles/elas/eles retratavam a sexualidade?
- 5) Como artistas de outra orientação sexual retratavam ou retratam a homossexualidade? Por que? Em que contexto?
- 6) Como a homossexualidade é hoje retratada nas obras de artes visuais?

Nessa etapa, converse sobre o por quê das correntes literárias não darem tanto valor a obras de artes plásticas e visuais feitas por pessoas homossexuais. Apresente como as artes durante séculos ainda trata mulheres, negros e homossexuais como “coisas” em seu conteúdo, retratando, por vezes, as mais variadas formas de violência sofridas por essas pessoas.

Material: à vontade





1ª Sugestão

Não sendo a última possibilidade de se falar sobre homossexualidade e homofobia em sala de aula pela linguagem, dentro da parte conhecida como produção textual, peça para que us/as/os estudantes tragam jornais, revistas, podcasts, canais do You Tube e afins, com conteúdo voltado para a população LGBTQIA+, em particular, à pessoas homossexuais. Peça para que façam redações com temas atinentes a essa temática. Em formato de crônica, dissertativo, jornalístico, quadrinhos, conto, poesia, poema, etc. Trabalhe também as questões sobre homofobia nesses textos. E peça para que tragam no próximo encontro e debatam sobre aquilo que foi construído nos textos. Nessa etapa, é importante estimular que us/as/os estudantes elaborem também proposições para a construção de uma educação para diversidade.

Material: à vontade

Sugestões de leituras



VIP, A; LIBI, F. Aurélia, a dicionária da língua afiada. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.

Caminhos da pesquisa em diversidade sexual e de gênero : olhares in(ter)disciplinares / Humberto da Cunha Alves de Souza, Sérgio Rogério Azevedo Junqueira (organizadores). - Curitiba : IBDSSEX, 2020. -- (Coleção livres & iguais ; 2)

COI, Jorge. O corpo da liberdade: reflexões sobre a pintura do século XIX. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LEME, Mariana. Histórias das mulheres: artistas até 1900. In: MASP. História das mulheres, histórias feministas. São Paulo: MASP, 2019.

LOURD, Guacira Lopes. **Segredos e mentiras no currículo: sexualidade e gênero nas práticas escolares.** In: SILVA, Luis (org.). a escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOURD, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2>.

LOURD, Guacira Lopes. **Corpo, escola e identidade.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 25, p. 59-76, jul./dez. 2013.

LOURD, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 96p.

MARQUES, Fernando. Violência de gênero e políticas do corpo feminino na pintura europeia: alguns casos de estudo. In: RIBEIRO, Paula; SILVA, Elenita; TEIXEIRA, Filomena. (Orgs.). **Atravessamentos de gêneros, corpos e sexualidades: linguagens, apelos, desejos, possibilidades e desafios...** Rio Grande: Editora da FURG, 2015.

NOCHLIN, Linda. Por que não existiram grandes artistas mulheres? In: PEDROSA,

Adriano; Mesquita, André. (Orgs.). **Histórias da sexualidade: antologia.** São Paulo: MASP, 2017. p. 16-37.



*Pensando numa educação
para diversidade...*



Na Grécia antiga, o berço da civilização, a educação era destinada apenas aos homens, eles eram os cidadãos da época. As mulheres era destinado o espaço de casa, reservado às tarefas domésticas, aos cuidados do lar, dos filhos e marido. Dessa forma, a educação ocidental já “nasce” segregada, uma educação sexista e misógina. Mas, é bem verdade que dos tempos antigos à atualidade, as mulheres vêm ocupando o espaço escolar, seja como alunas ou como professoras; também é verdade que essa inserção da figura feminina nesse espaço trouxe um entrave constante entre meninos e meninas, continuando assim a “guerra dos sexos” que antes era externo e que, agora, acontece dentro da escola (ALMEIDA, 2014).

Na era moderna podemos localizar três tipos de teorias para o campo da educação. No campo do sistema tradicional de ensino - que ainda insiste em nos “assombrar”, a educação se caracteriza pela eficiência, eficácia, qualidade total, racionalidade e produtividade na escola, que deve funcionar como uma empresa. É de responsabilidade da escola a preparação moral e intelectual dos indivíduos para assumirem seu lugar na sociedade de consumo, onde a aprendizagem deve ser avaliada por meio de aspectos quantitativos, notas e memorização. Nesse caso, o/a professor/a deve ser o centro do saber, há uma relação autoritária, técnica e disciplinar, enquanto que o/a “aluno/a” um sujeito passivo, uma tábula rasa, pronta pra ser “preenchida” e “desenhada”.

Para Weber (1991) a ação social tradicional tem como fonte motivadora os costumes e hábitos arraigados principalmente nas relações familiares e que podem ser percebidas, também, na sociedade. Então, me parece meio lógico que as pessoas trazem seus valores, costumes e hábitos tradicionais, e que podem ser, também, conservadores, para dentro da escola - é o que dizem os crítico-reprodutivistas.

Então, é nesse sentido que os estudos críticos e pós-críticos parecem resistir - uma educação que há tempos educa para a classe hegemônica, para aqueles que governam e têm o total poder em suas mãos; na cultura ocidental o educar é para homens e brancos.

De acordo com Paulo Freire (2007), a educação é instrumento de transformação do mundo e das próprias pessoas. A educação reconhece, portanto, a presença do oprimido e do opressor, ao passo que convida-nos a essa libertação, inicialmente pela libertação do opressor que reside em cada um de nós, ou seja, “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação” (FREIRE, 2007, p. 84).

Nesse sentido, a escola deveria ser um espaço socializador dos conhecimentos e saberes universais, um local de articulação entre o ato político e o ato pedagógico; onde as culturas plurais são incorporadas no currículo e a avaliação não serve para subjugar os/as estudantes, mas para obter informações sobre o desenvolvimento da prática pedagógica, para a reformulação e intervenção dessa prática e dos processos de aprendizagem. Há uma relação, então, de ensino-aprendizagem entre professores/as e os/as estudantes, sendo estes últimos sujeitos mais ativos e críticos de sua realidade social.

Para os estudos críticos, a educação deve ser de cunho libertário e emancipatório, mas a dinâmica do espaço escolar atende apenas a uma lógica, que é a de reprodução do capitalismo, baseada no conceito de classe social. Ou seja, a educação escolar, para aqueles, é um “aparelho” a serviço do Estado liberal ou neoliberal.

Entretanto, para a corrente pós-crítica, a classe social não é o fator determinante das desigualdades sociais, mas um dos vários elementos que as ocasionam; portanto, gênero, etnia, raça e sexualidade também são instrumentos usados para oprimir, excluir, marginalizar e discriminar as pessoas.

De acordo com os estudos pós-críticos e Estudos Culturais, os aspectos culturais e os mecanismos de poder, existentes na sociedade, estão presentes no “currículo oculto”, teorizados na perspectiva crítica da educação. Ou seja, as correntes pós-modernas observam que o processo de reprodução do machismo, misoginia, racismo e homofobia - entre outros pontos de desigualdade existentes na sociedade - não se expressam apenas dentro do currículo “oficial”, aquele chancelado pelas normas legais do sistema educacional e regimentos internos das escolas, mas percebem que as desigualdades se manifestam, também, pelas relações sociais na e da escola, nos discursos, no dito e não-dito, nas “pinçadas”, nas escolhas dos grupos de amigos, nas escolhas dos “melhores” da classe, nas premiações de gincana, nos olhares, no afeto ou desafeto, nos livros didáticos ou paradidáticos etc.

Desse modo, de acordo com Sá-Silva (2018, p. 15), “educação é processo, e os produtos advindos passam por renovações porque a cultura humana é movediça, instável e metamorfoseante”. O que significa dizer que trabalhar com uma ideia padronizante sobre objetos educacionais é impossível, simplesmente porque quando falamos de educação, falamos de pessoas e identidades; e pessoas são instáveis, imprevisíveis, elas fervem subjetividades.

Sujeitos são construídos e desconstruídos em minutos, horas, dias, meses, anos; dessa maneira, suas identidades também são “cambiantes, mutáveis, instáveis, porosas, líquidas, etéreas” (Sá-Silva, 2018, p. 15). Qualquer tentativa de padronização de sujeitos, por ações “educativas”, despertará uma força de resistência, tal qual fazem os movimentos sociais, por exemplo. No entanto, janelas se abrirão, janelas que “mostrarão possibilidades diversas de ensinar e aprender e que se desdobrarão em outras entradas e saídas, fluxos que indicarão rumos ainda não pensados por aqueles e aquelas que lidam dia a dia com o ensino e a aprendizagem” (Sá-Silva, 2018, p. 16).

Pensar educação é refletir, também, sobre as nossas práticas pedagógicas, é saber de qual educação estamos falando, em qual tempo, a qual espaço nos referimos. Sobre isso, trago as reflexões apresentadas por Sá-Silva (2018, p. 16):

Pedagogias corretivas produzem pedagogias que não deixam corrigir. Pedagogias padronizantes potencializam pedagogias errantes. Pedagogias do certo e do errado inflam pedagogias relativizantes. A pedagogia vista como a ação de condução dos sujeitos deve ser repensada. Conduzir pra quê? Direcionar por quê? Qual o sentido de homogeneizar as pessoas? Educação para a padronização? Educação para a docilidade estigmatizante? Educação para a exclusão? Educação para a inclusão excludente? Educação para o exercício da separação? Educação para reforçar as distinções entre as classes sociais? Educação para o reforço das desigualdades econômicas, sociais e culturais? Educação para uma vida misógina, racista, homofóbica, xenofóbica? Quais educações estamos (re)produzindo?

Acredito que devemos pensar que a educação seja, sobretudo, uma ferramenta utilizada dentro de um olhar para o diferente, para o contraditório, para o não comum, para aquilo que seja “inadequado”, para a diversidade. Pensar que ela seja a chave fundamental para o rompimento de uma polaridade que nos cerca, principalmente em dias atuais no Brasil, onde estamos divididos em extremos: “certo-errado”, “normal-anormal”, “bom-mau”, “inteligente-burro”, “esforçado-desinteressado”, “lúcido-louco”, “esquerda-direita”, “homem-mulher”, “hetero-homo”, “científico-senso comum”, “flamengo-contra todos” etc.

Reconheço, porém, que a escola tem uma antiga tradição normatizadora e homogeneizadora que precisa ser revista. O ideal de homogeneização leva a crer que os/as estudantes negros/as, indígenas, transexuais e homossexuais devem se adaptar às normas e à normalidade, por meio da repetição de imagens, linguagens, contos e repressão aos comportamentos “anormais” (ser um menino afeminado ou que brinca de boneca, por exemplo); comportamentos, estes, considerados “desviantes” à integração ao grupo, passando da minimização à eliminação das diferenças que, carregadas de estigmas e estereótipos, são vistas, na maioria das vezes, como defeitos. Dentro desse sistema educacional tradicional conservador, espera-se, pois, que o/a discriminado/a (o/a diferente) se esforce e se adapte às regras, para que seja tratado/a como “igual”. Nessa visão, “se o aluno for eliminando suas singularidades indesejáveis, será aceito em sua plenitude” (CASTRO, 2006, p.217). Essa concepção de educação escolar justifica a fala de educadores e educadoras quando, mesmo que reconheça a existência de discriminações dentro e fora da escola, acreditam que é melhor “ficar em silêncio”. Falar do tema seria acordar preconceitos antes adormecidos, podendo provocar um efeito contrário: em vez de diminuí-los, aumentá-los. E, nos silêncios, no “currículo explícito e oculto”, vão se reproduzindo desigualdades:

Há que se estimular os professores e professoras para estarem alertas, para o exercício de uma educação por cidadanias e diversidade em cada contato, na sala de aula ou fora dela, em uma brigada vigilante antirracista, antissexista, anti-homofóbica e de respeito aos direitos da criança e jovens, tanto em ser, como em vir a ser; não permitindo a reprodução de piadas que estigmatizam, tratamento pejorativo (...), o racismo, o sexismo, a homofobia, o adultismo que temos em nós que se manifesta de forma sutil; não se percebe a intencionalidade, mas dói, é sofrido por quem os recebe, então são violências. É marca de forma indelével as vítimas que de alguma forma somos todos nós, mas sempre alguns, mais que os outros, mulheres, negros, transexuais, homossexuais, os mais jovens e os mais pobres”. (CASTRO, 2005, p. 220)

Dessa maneira, acredito que a diversidade, no espaço escolar, não deve ficar restrita a alusões a datas comemorativas (dia do índio, dia de combate à homofobia, dia das mulheres etc.); isso quando não são invisibilizadas. Precisamos avançar nessas discussões, sem reafirmar o discurso de que é mais um assunto para roubar tempo e espaço dos “conteúdos” disciplinares previstos no currículo. Dessa forma, não vejo o currículo como neutro. Ou que sejamos neutros em nossas práticas pedagógicas. A diversidade está presente em cada entrelinha, em cada imagem, em cada dado; nas diferentes áreas do conhecimento, nas relações dos/as professores/as com seus/suas alunos/as ou entre os/as estudantes, quer a gente valorize ou negue sua existência.

Quando a escola não oferece possibilidades concretas de legitimação das diversidades (nas falas, nos textos escolhidos, nas imagens veiculadas na escola etc.), o que resta aos alunos e alunas, senão a luta cotidiana para adaptarem-se ao que esperam deles/as ou conformarem-se com o status de “desviante” ou reagirem aos xingamentos e piadinhas, configurando-se como indisciplinados, ou, como resultado final, abandonarem a escola?

Ao falar de educação para a diversidade, é preciso contextualizar os saberes científicos, a fim de que se possam adotar práticas de ensino que rompam com os cânones teóricos metodológicos e pedagógicos, cancelados sob a égide da perspectiva teórica, fundamentada no modelo quantitativo e cartesiano ou modelo matematizado. É preciso que se compreenda que, quando faço a crítica a esse tipo de modelo, não quero negar sua contribuição para o fazer científico, mas reconhecer os limites que ele comporta para minha pesquisa e estudo.

Dessa forma, a educação para a diversidade pensa a construção de uma nova pedagogia, de uma nova educação, levando em consideração que a educação escolar é marcada por políticas que - historicamente - produziram a exclusão de pessoas em função de suas diferenças, muitas vezes consideradas como anormais pela Ciência.

Compreender a diferença e a diversidade enquanto possibilidade da existência e experiência humana, para além dos cânones científicos, implica, também, desconstruir aquilo que já foi naturalizado, com base no discurso académico. É compreender que esse tipo de discurso é produto da própria experiência humana, portanto, sua produção é carregada de cultura. Então, a educação para a diversidade nos possibilita (re)pensar sobre nossas práticas de ensino; pensar as Ciências e a Educação enquanto ferramentas que geram políticas e comportamentos sociais que resultam em exclusões, marginalizações e sofrimentos.

A escola, por seus propósitos, pela obrigatoriedade legal e por abrigar distintas diversidades (de origem, de gênero, sexual, étnico-racial, cultural etc.), torna-se, então, responsável por construir caminhos para a eliminação de preconceitos e de práticas discriminatórias. Educar, para a valorização da diversidade não é tarefa apenas daqueles/as que fazem parte do cotidiano da escola; é responsabilidade, também, da família, da sociedade, do Estado. É nesse sentido que nos parece conveniente que haja a contribuição positiva da educação não-formal e informal no processo de diálogo sobre a diversidade.

A educação como já vimos é um fenómeno complexo, disperso, heterogêneo, permanente e quase onipresente. Há educação em todas as instituições sociais, pois ela também se verifica em museus, brinquedotecas, bibliotecas, educação à distância, organizações não governamentais, associações de bairros, movimentos sociais, entre outros. De certo modo, quem educa são pais, mães, professores, professoras; entretanto, influências formadoras podem ser exercidas por políticos, jornalistas, poetas, vizinhos, arquitetos, artistas, colegas de trabalho, amigos, vizinhos, e assim por diante.

Esse conjunto de processos, que se convencionou chamar educacionais, contém elementos tão variados que, uma vez estabelecida sua condição comum, é preciso, para continuar falando deles com algum sentido, começar a distinguir uns dos outros. É preciso estabelecer classes, diferenciá-los, segundo os tipos, separá-los, ordená-los, classificá-los, taxonomizá-los.

A educação, de forma histórica, social e cultural, que temos na atualidade, impulsiona dois caminhos totalmente paradoxais: o primeiro é o do conservadorismo, baseado nas ideias de binaridade (homossexual/heterossexual; homem/mulher); o segundo, o da educação que visa uma transformação do indivíduo, respeitando e incluindo socialmente esses sujeitos. Assim, refletimos que, em determinados momentos, seja na autonomia escolar ou através de documentos regidos pelo Estado, as escolas construirão, e já construíram, dois modelos de currículos: um currículo pautado nas ideias doutrinadoras e conservadoras, que visa ser conteudista e de preparação apenas para o mercado, deixando lacunas no conhecimento; e um outro currículo que contemple culturas, sujeitos, espaços sociais, orientação sexual, inclusão e práticas de respeito, formando pessoas não apenas para um mercado de trabalho, mas preparando cidadãos/cidadãs que pratiquem alteridade uns/umas com os/as outros/outras (ALMEIDA; BEZERRA, 2018).

De acordo com Trilla (2008), há muito, a pedagogia vem tentando realizar essa tarefa com mais ou menos rigor. Em muitos casos, a distinção entre os diversos tipos de educação se realizou com o mero acréscimo de um adjetivo à palavra “educação”: educação familiar, educação moral, educação infantil, educação autoritária, educação física etc. Segundo Trilla (2008), foi só a partir do último terço do século XX que os rótulos “educação não-formal” e “educação informal” começaram a se fixar na linguagem da pedagogia. Portanto, o que seria a educação não-formal e informal e por que elas nos ajudam na compreensão da educação para diversidade?

De acordo com Coombs (1975, p. 27) a educação formal compreenderia “o sistema educacional altamente institucionalizado, cronologicamente graduado e hierarquicamente estruturado que vai dos primeiros anos da escola primária até os últimos da universidade”; a educação não formal é “toda atividade organizada, sistemática, educativa, realizada fora do marco do sistema oficial, para facilitar determinados tipos de aprendizagem a subgrupos específicos da população, tanto adultos como infantis”; e a educação informal, “um processo, que dura a vida inteira, em que as pessoas adquirem e acumulam conhecimentos, habilidades, atitudes e modos de discernimento, por meio das experiências diárias de sua relação com o meio”.

Com isso, um planejamento escolar é ideal para se fazer um trabalho de problematização com alunos/alunas sobre as questões da homossexualidade. O planejamento precisa ser reflexivo, processual para atender às expectativas e inserir discussões necessárias. Ele deve estar voltado para a educação, o ensino, alunos/alunas, professor/professores, disciplinas, conteúdos e para a escola em sua totalidade. Toda essa conexão torna o trabalho docente e escolar diferencial na sociedade (PADILHA, 2001).

O planejamento também não pode seguir por um padrão/norma em todas as escolas, embora existam materiais que norteiam um trabalho semelhante. Ele deve estar voltado para a cultura local, para as falas, modos de agir, para os símbolos, que são específicos de cada escola e que configuram o trabalho docente e pedagógico de cada professor/professora. Se no planejamento a discussão de sexualidade, para questões de higiene corporal e saúde, já estão inseridos, ótimo, mas não pode parar nesse ponto. É necessário romper com a indiferença e negação para com pessoas que frequentam o espaço escolar, discutindo, também, identidade de gênero e sexualidade, bem como a orientação sexual dos/das alunos/alunas, duma maneira que não fira a dignidade humana, mas que seja democrática e ética (LIMA e PEZZI, 2019).

Quando o silêncio impera no espaço escolar, frente à problematização da homossexualidade e de outros assuntos ligados a gênero e sexualidade, o lugar de opressão, preconceito e discriminação se configura. As violências existem e os números representam isso. Muitos/muitas estudantes estão submetidos a situações de homofobia na escola pela falta de atenção e de respostas a determinadas perguntas, gerando medo, culpa, ansiedade, exclusão, advindas pelo incentivo da família, escola, religião e Estado (JUNQUEIRA, 2009).

Madureira e Branco (2015) explicam que o combate aos mecanismos excludentes, e que são presentes, muitas vezes, de maneira sutil no interior escolar, serve para criar estratégias de intervenção e tornar as pessoas sensibilizadas ao cuidado do outro no sentido de acolhimento.

Assim, as disciplinas entram como um meio de intervenção, uma vez que podem estar associadas aos saberes conservadoristas e às relações de poder, a partir de suas hierarquizações de conteúdo, fazendo-se necessário (re) pensar os objetivos. Uma disciplina que não se atente apenas a conteúdos específicos, mas que trate temas transversais e multidisciplinares, tende a propiciar saberes que estão além da sala de aula, conectando com a realidade dos alunos/alunas, as suas práticas e orientações sexuais (BARROS e COSTA, 2012).

No Brasil, observamos que o processo de descentralização da educação não descentralizou, de fato, o poder no interior das escolas. Esse poder continua nas mãos do/a diretor/a ou gestor/a, que o monopoliza, faz a pauta das reuniões dos conselhos e colegiados escolares, não a divulga com antecedência; eles/as que autorizam o que será desenvolvido dentro da escola como atividade extracurricular; eles/as que determinam o que será lido em suas bibliotecas etc. A comunidade externa, mães e pais, não dispõem de tempo e muitas vezes nem avaliam a relevância de participarem ou de estarem presentes. Além disso, usualmente, esses pais e mães não estão preparados/as para entender às questões do cotidiano das reuniões, tais como as orçamentárias ou sobre assuntos “polêmicos”, como sexualidade e educação sexual (ALMEIDA; BEZERRA, 2018).

O Supremo Tribunal Federal - STF tomou uma decisão salutar em relação ao Projeto Escola Sem Partido e às falácias de ideologia de gênero, ambos inventados e espalhados pela bancada conservadora e por pessoas que não entendem o papel social da educação. Nesse sentido, o STF derrubou as duas ideias, enfatizando que o direito à igualdade, direito à liberdade de ensinar, aprender, pesquisar e divulgar o pensamento e assuntos necessários a este são importantes para a formação e exercício da cidadania, sendo que é direito do Estado abordar conteúdos de gênero e sexualidade nos espaços formais de ensino (ANDES, 2020).

É, nesse contexto, que os movimentos sociais organizados, em particular, o movimento LGBTQIA+ e os feministas, são fundamentais para o despertar da comunidade nessas questões sociais sobre gênero, sexualidade e homofobia. Os movimentos sociais têm um papel de tornar esse sujeito “passivo” em sujeito ativo na participação política, econômica, cultural e social de sua realidade, de seu bairro, comunidade, cidade, escola etc.

Os Movimentos são elementos e fontes de inovação e mudanças sociais, eles detêm um saber, decorrente de suas práticas cotidianas, passíveis de serem apropriadas e transformadas em força produtiva. Os movimentos sociais são elementos fundamentais na sociedade moderna, agentes construtores de uma nova ordem social e não agentes de perturbação da ordem, como descrevem as antigas análises conservadoras escritas nos manuais antigos, ou como ainda são tratados na atualidade por políticos tradicionais (JOHN, 2010).

Assim, esses movimentos podem suscitar que os projetos políticos escolares sejam construídos coletivamente, rompendo assim com o controle que é exercido pela direção ou gestão da escola, garantindo, portanto, que os princípios democráticos e a equidade sejam respeitados. Entretanto, a escola não pode jogar simplesmente a total responsabilidade para a família, tampouco a família para a escola. O diálogo deve acontecer de maneira coletiva.

A concepção de educação que a sociedade, inclusive a própria escola, precisa ter é uma educação voltada para os compromissos éticos, críticos, a fim de que haja cidadãos e cidadãs que compreendam as culturas, para viabilizar a formação de sujeitos que respeitem a si e aos outros nas dimensões plurais e políticas. O sentido educacional é a aprendizagem, e o foco deve ser o aluno, para que o aprofundamento das habilidades e competências direcionem para uma realização enquanto sujeito, independentemente de suas escolhas.

Dessa forma, a Educação Sexual, como parte do currículo, não deve se atentar apenas às temáticas de saúde, como Infecções Sexualmente Transmitidas, cuidado com o corpo, uso de preservativos, pelo contrário, precisa fazer um discurso com aspectos culturais, sociais e políticos de outros temas como a homossexualidade, enfatizando o respeito por si, pelo/pela outro/outra, sem aconselhamento individual e psicológico, mas que atenda às necessidades reais que os/as alunos/alunas vivenciam (MATA; RIBEIRO, 2011).

Trabalhar assuntos de gênero, sexualidade, como a homossexualidade, não é fácil, principalmente quando o público advém de processos heteronormativos, mas também não é impossível. Os questionamentos iniciais, vindos da leitura de um texto ou pelo compartilhamento de casos, faz-se necessário para chamar a atenção. Explicar que historicamente, cultural e politicamente as pessoas são diferentes facilita ainda mais essa compreensão.

Contudo, o/a professor/professora não pode se atentar apenas a isso, é necessário que busque mais, que promova atividades - debates, discussões em grupo, aulas de campo, pesquisas, leituras - que inove no desenvolvimento dessas atividades, com o intuito de agregar todos e todas, para que nenhum ou nenhuma possa se perder em pensamentos, devido a ideias normativas que insistem em resistir. É importante que o/a professor/a dê continuidade a sua formação, buscando informações que ampliem seu conhecimento para um contexto plural e voltado para seus/suas educandos/educandas, compreendendo as diferenças que existem e a forma de como melhorar as relações quanto a essas diferenças. O Estado e a Universidade precisam ser parceiros nessas formações, assumindo um compromisso coletivo em prol de uma educação para a Diversidade.



Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Alderico Segundo Santos. A presença de Afrodite no Ginásio de Atena: um estudo sobre a sexualidade e orientação sexual no Centro de Ensino “Liceu Maranhense” / Alderico Segundo Santos Almeida. – São Luís, 2014. Monografia (Especialização) - Universidade Federal do Maranhão, Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, 2014.
- ALMEIDA, Anderson Nogueira; BEZERRA, Cicero Wellington Brito. O currículo e o ensino de ciências na contemporaneidade. In: In: SILVA, Jackson Ronie (Org.). Ensino de ciências e educação para a diversidade. 1. ed. São Leopoldo: Oikos; São Luís: Editora UEMA, 2018, p.20-33.
- ALMEIDA, C.D; GUINDANI, J.F; SILVA, J.R. . Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. In: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, ano 1, n.1, jul., 2018.
- ANDES. Vitória unânime do STF enterra a falácia da ideologia de gênero e o projeto escola sem partido. SINDOIF. Porto Alegre: IFRS, publicação 25 abr 2020. Disponível em: <<http://www.andes.sindoif.org.br/2020/04/25/vitoria-unanime-no-stf-enterra-a-falacia-da-ideologia-de-genero-e-o-projeto-escola-sem-partido/>> Acesso em 11 jul 2020.
- BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. O que é cisgênero. Transfeminismo?. 23 mar. 2014. Disponível em: <<http://transfeminismo.com/o-que-e-cisgenero/>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
- BARROS, Suzana da Conceição de; COSTA, Paula Regina Ribeiro. Educação para a sexualidade: uma questão transversal ou disciplinar do currículo escolar? Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, v. 11, n.1, 2012.
- BARROSO, Luís Roberto. Diferente, mas iguais: o reconhecimento jurídico das uniões homoafetivas no Brasil. Revista Brasileira de Direito Constitucional. N. 17, p. 105-138, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. (sexualidade, gênero e sociedade)
- BORRILLO, Daniel. Homofobia: história e crítica de um preconceito. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (Ensaio Geral, 1)
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. A reprodução. Elementos para uma teoria do sistemas de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 6 ed. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2017.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educacional. Lei 9394/96. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/lwescola/leis/lein.>

BRASIL. Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF., 26 jun 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm

BRASIL. Lei N° 7.716, DE 5 DE JANEIRO DE 1989 - Publicação Original. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1989/lei-7716-5-janeiro-1989-356354-publicacaooriginal-1-pl.html>

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. - 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. (Sujeito e História)

CAMMIO, Juliana Aparecida de Oliveira; FURTADO, Rafael Nogueira. O Conceito de Biopoder no Pensamento De Michel Foucault. Revista Subjetividades, Fortaleza, 16(3): 34-44, dezembro, 2016.

CASSAL, L. C. B.; BICAIHO, P. P. G. “Não importa ser ou não ser, importa parecer”: pistas sobre violência homofóbica e educação. In: Bortolini, A. (org). Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: Educação, Cultura, Violência e Ética. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão/UFRJ, 2011. p.78-93

CASTRO, Mary Garcia. Gênero e Raça: desafios à escola. In: SANTANA, M.O. (org) lei 10639/03 - educação das relações étnico raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação fundamental. Pasta de texto da professora e do professor. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 2005.

CERTAU, Michel de. Táticas e estratégias. A invenção do cotidiano. Petrópolis: vozes, 2005.

COOMBS, Philip H. (1975). La Lucha Contra la Pobreza Rural. El Aporte de la Educación no Formal. Madrid: Editorial Tecnos.

CUNHA, Daniel Barcelos da. “Homossexualidade é...”: discursos de professores e professoras de Ciências sobre o tema da homossexualidade. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Federal do Maranhão, 2019.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em: . Acesso em: 26 jun. 2015.

DUMARESQ, Leila. O cisgênero existe. In: Transliteração, 2014. Disponível em: <http://transliteracao.com.br/leiladumaresq/2014/12/ocisgenero-existe/> - Acesso em: 28 ago. 2018.

FACCHINI, Regina. Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FIGUEIRA, Fani G. Reflexões sobre a história. 1ª edição. Campo Grande: Intermeio, 1997

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Leituras Filosóficas. 12ª Ed. São Paulo: Loyola, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura)

FREITAS, Fátima e Silva de. A diversidade cultural como prática na educação. Curitiba: Ibpex, 2011.

FRENETOZ, R. C. et al. Análise de livro didático de Biologia para o Ensino Médio: as abordagens e métodos aplicados ao ensino de Botânica. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 5, Bauru. Atas... Bauru: ABRAPEC, 2005.

FURLANI, Jimena. Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais / Maria Glória Gohn - São Paulo: Cortez, 2010. (coleção época; v. 1)

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos / Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Interlocuções teóricas do pensamento transfeminista. In: JESUS, J. G. de. et al. Transfeminismo: teorias e práticas. Rio de Janeiro: Metanóia, 2014. p 3-18.

JUNQUEIRA, Rogério D. O Reconhecimento da Diversidade Sexual e a Problemática da Homofobia no Contexto Escolar. In: RIBEIRO, P. R. C., SILVA, M. R. S., SOUZA, N. G. S., GONÇALVES, S. V., SOUZA, J. F. (Org.). Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

JUNQUEIRA, R. Diversidade sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas (Org.). Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009.

KAIS, Hailey. O que são pessoas cis e cissexismo? Ensaios de gênero, 2012. Disponível em: <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/09/17/o-que-sao-pessoas-cis-e-cissexismo/>>. Acesso em: 10 jan. 2015

LIMA, Cristiane Pereira.; PEZZI, Flávio. As disputas e as relações de poder presentes na escola: percepção de professores da educação básica sobre discriminação e preconceito étnico-racial. In Diálogos sobre identidade étnico-racial, gênero e sexualidade: caminhos para a transformação. Léia Teixeira Lacerda; Bartolina Ramalho Catanante; Cristiane Pereira Lima (Orgs.) São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

LOURD, Guacira Lopes. Segredos e mentiras no currículo: sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luis (org.). a escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOURD, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2>.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, p. 59-76, jul./dez. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 96p.

MATTA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paula Rennes Marçal. Educação sexual: princípios para ação. *Doxa*, v. 15, n.1, p.75-84, 2011.

MATO, Eliane Rose. *O nome da coisa*. Maringá: UniCorpore, 2011.

MOTTA, Luiz. Et al. *MORTES VIOLENTAS DE LGBTQ+ NO BRASIL*. População LGBTQ morta no brasil - Relatório Grupo Gay da Bahia. Prefeitura do Rio de Janeiro, 2019.

PADILHA, R. P. Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

PINO, Nádia Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*, Campinas, Unicamp, n. 28, p. 149-176, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/08.pdf> - Acesso em: 18 ago. 2018.

PRADO, Marcos Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Preconceitos; v. 3)

PRECHADO, Paul B. *Testo yonqui*. Madrid: Espasa, 2008.

RITOS, Roger Raupp. Conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: POCCHY, Fernando (org.) *Rompenso o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea*. Porto Alegre: Nuances, 2007. P. 27-48.

SÁ-SILVA, J. R. Homossexuais são: revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva queer. 2012. 400f. Dissertação (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

SÁ-SILVA, J. R. et al. Ensino de ciências e educação para a diversidade. Organizador Jackson Ronie Sá-Silva - São Leopoldo: Oikos, 2018.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade: gênero e educação*. Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n. 2, jul/dez, 1995. p. 71-99.

SILVA, Alessandro Soares da. Memória, Consciência e Políticas Públicas: as Paradas do Orgulho LGBTQ e a construção de políticas públicas inclusivas. *Revista Electrónica de Psicología Política*, Año 9 N° 27 - Noviembre/Diciembre de 2011, p. 127-158.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SIQUEIRA, Marcos da Cruz Alves. *Nesta escola não há lugar para bichinhas: diversidade sexual e homofobia*. - 1 ed. - Curitiba: Appris, 2020.

SUSSER, C. A. Kleinian Analysis of Homophobia. *Smith College Studies in Social Work*. V. 68, n 2, p. 203-214, 1988.

TRILLA, Samila. Práticas em Sexualidade e Educação Sexual. In *Sexualidade e educação sexual: práticas, pesquisas e inovações*. Organização Ricardo Desidério, Vinícius Bastos e Virginia Maistro. 1 ed. Londrina, Paraná: Ed. Dos Autores, 2020.

TRILLA, Jaume. Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos. Jaumes Trilla, Elie Ghanem; Valéria Amorim Arantes (org.). São Paulo: Summus, 2008. (coleção pontos e contrapontos)